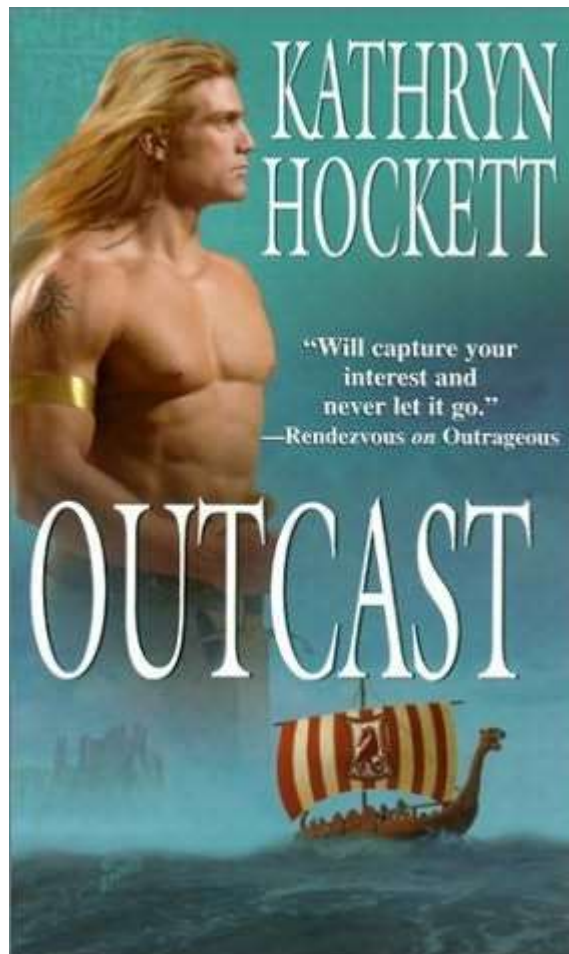


Outcast

Kathryn Hockett



1º livro da série "OS VIKINGS"

O poder de uma paixão

Mesmo sem nunca ter visto o pai, um vice-rei, Érica MacQuarie sempre se orgulhou dele e sonhava conhecê-lo. A oportunidade surge quando Torin, um guerreiro escandinavo e emissário de Ragnar, aporta na Escócia, enviado com a missão de localizar seu filho "Eric".



Ao descobrir que o filho do filho vice-rei viking é na verdade uma filha, Torin prepara-se para levá-la até Ragnar. Porém um grupo de membros do clã, chefiados pelo tio de Érica e sedentos por vingança, o fazem prisioneiro. A última esperança de Torin é que os aguardam... Nem o desejo implacável que os conduzirá a uma grandiosa revelação!

Digitalização: Cris Andrade

Revisão: Valdiléa



Os nórdicos deixaram as terras frias do Norte e chegaram em suas naus que bailavam ao sabor das ondas. Do século VIII ao X os vikings tomaram o mundo de assalto, na procura de terras e tesouros. Exploradores e guerreiros corajosos saíram da Noruega, da Suécia e da Dinamarca, atacaram a Europa e chegaram até Bagdá. Suspeita-se de que tenham atingido a costa do Labrador, na América.

Os vikings adoravam ornamentos vistosos. Seus artesãos eram experientes no trabalho com metais. Esculpiam jóias fantásticas como broches, colares, anéis, braceletes e berloques. Para esse povo, usar jóias de ouro e prata era sinônimo de riqueza e de prestígio. Depois de um ataque bem-sucedido, um chefe ou vice-rei escandinavo não raro recompensava um guerreiro com uma peça valiosa. A joalheria também era usada como proteção, uma espécie de talismã. Muitas peças eram esculpidas com feições de deuses ou deusas.

Os nórdicos eram mercadores astutos, navegadores excelentes, carismáticos contadores de histórias, extraordinários artífices e construtores de navios. No começo tomaram de assalto, mas depois colonizaram a Irlanda, a Islândia, a Groenlândia e metade da Inglaterra. Desfrutavam de uma sociedade aberta e democrática. Eram administradores e legisladores competentes.

A Escócia, ou Alba, como era chamada na época, habitada pelos celtas, pictos e escoceses, também recebeu a visita dos vikings. Os historiadores antigos dividiam os atacantes em dois grupos distintos: os loiros nórdicos e os normandos de cabelos escuros. Mais da metade de Alba foi conquistada, e no final do século IX os nórdicos dominavam as ilhas Oreadas, as Shetland e as ilhas Ocidentais. Em diferentes épocas, a maior parte da Escócia esteve nas

mãos dos nórdicos. A ocupação dos nórdicos continuou até 1264, quando finalmente foram expulsos, exceto das ilhas Oreadas e Shetland.

Os habitantes da Escócia tinham cultura oral e escrita muito rica. Preservavam de maneira extraordinária o parentesco, a raça e os laços sanguíneos. A ligação profunda à terra e à tribo constituiu o alicerce emocional do sistema único do clã escocês. Nele, os homens livres empenhavam sua lealdade aos parentes e ao líder patriarcal, mesmo que isso lhes custasse a vida.

Em nosso romance, uma busca se encontra em andamento das ilhas Hébridas e da Irlanda até a costa da Islândia. Será preciso encontrar os três filhos de Ragnar Longsword, um grande e intrépido chefe viking, cujas conquistas se tomaram legendárias.

A cada uma de suas amadas, Ragnar dera uma pedra preciosa tirada de sua espada. As gemas deveriam ter sido penduradas no pescoço dos filhos logo após o nascimento. Naquela altura os pendentos eram a única chave para solucionar a investigação.

A procura começa na Escócia e reúne dois amantes corajosos e determinados. Uma jovem meio viking e meio escocesa do clã MacQuarie de Ulva e um viking que fora estigmatizado como um proscrito.

Parte I

Herança de Fogo

Capítulo I

As tochas tremeluziam e faiscavam no skaalen, o salão nobre de Ragnar Longsword. Pedacos gigantescos de lenha queimavam na grande cavidade central do recinto imenso. A atmosfera estava impregnada com a fumaça que se desprendia da carne de veado que era assada para a refeição noturna. Nos caldeirões de ferro e de pedra sabão suspensos por tripés borbilhava um ensopado de cordeiro que exalava um aroma delicioso. Sobre as mesas de madeira, havia pães recém-assados de cevada e trigo, além de tigelas com amoras, framboesas e morangos.

Servos azafamavam-se em acender o óleo das lamparinas de pedra-sabão que pendiam do teto, seguras por correntes de ferro.

As chamas refletiam-se nas armaduras, nas espadas e nos machados pendurados na parede. Essas armas feitas de ferro e decoradas com cobre e prata eram os bens mais preciosos de Ragnar. Uma espada ricamente ornamentada era sinal de riqueza e poder. A luz também fazia brilhar os braceletes de prata, os colares, as correntes de ouro e os broches que as mulheres ostentavam, perambulando pelo salão nobre. Mais uma prova da riqueza da família.

Os homens chegavam em grupos, rindo e conversando. Mergulhavam as guampas, copos feitos de chifre, na gamela enorme contendo hidromel. Divertiam-se com concursos de bebida, jogos de tabuleiro e em falar mais alto de que o vizinho. Alguns se entretinham apostando qual dos homens acertaria o alvo, entre os quatro que disputavam o arremesso de machado.

Apesar da euforia, todos os movimentos cessaram quando um viking imponente e orgulhoso entrou no salão. Usava uma túnica castanha bordada em azul e vermelho nas mangas e na barra. A armadura de couro era presa nos ombros com tiras, e no peito, com fivelas. Usava meias escuras e nos braços, pulseiras de ouro e prata. Em cada detalhe, destacava-se a importância de sua posição social. Um chefe. Ou vice-rei, como era considerado.

Ragnar Longsword, um gigante de meia idade e de porte atlético, era o guerreiro mais respeitado da Escandinávia. Era temido das Hébridas até Kiev. A simples visão no horizonte de suas naus, das velas quadradas e proas com formato de dragão, amedrontava os habitantes da costa.

Durante vinte e sete anos Ragnar e seu bando saquearam aldeias, castelos e mosteiros. Os ataques trouxeram riquezas e propriedades a Ragnar e a seus homens. A fama era de homens corajosos, mas sem piedade. Um exército apoiava-o nas ações e no castelo.

— Nesse mundo não existem homens tão corajosos como nós — Ragnar costumava dizer. — Ninguém ousa desafiar-nos em uma luta. Quer estejamos certos ou errados, todos se rendem diante de nós.

Histórias de como Ragnar se pusera ao mar pela primeira vez com sua frota de navios eram contadas um sem-número de vezes. O líder viking, forte e inteligente, provou ser um hábil administrador das terras que subjugava. Entendera que um homem precisava produzir e não apenas destruir. Um conquistador devia aprender com as outras culturas, além de absorver idéias e influências alheias.

Os cabelos, outrora loiro-escuros, estavam grisalhos. A testa era vincada, havia pequenas rugas no canto dos olhos e uma grande cicatriz na face direita. Mesmo assim, era fácil deduzir-se que o rosto de linhas perfeitas fora capaz

de subjugar o coração das mulheres, sempre que desejasse. Na verdade, ainda seria capaz de virar a cabeça de uma dama. Do outro lado do salão, Ragnar reparou que duas belas jovens o olhavam.

— Será melhor Gerda e Helga se acautelarem, ou terão de enfrentar a fúria de Nissa — um homem alto comentou ao aproximar-se de Ragnar e bater-lhe no ombro.

— Nissa não tem motivos para se preocupar. Estou ficando velho. Os bons tempos já estão longe — Ragnar retrucou com um meio sorriso na direção da esposa, uma mulher com cabelos loiros e inúmeras mechas brancas.

— Os melhores dias ainda o aguardam, senhor.

Ragnar virou-se devagar e mirou o homem alto e muito atraente. Era Torin, o filho de Roland. Roland fora um de seus inimigos mais ferozes. Ragnar o condenara por assassinato, covardia e traição.

Roland Thorvaldsson fora um homem sanguinário. Um péssimo vizinho. Um patife imundo e perigoso, selvagem até os ossos. Desobedecera a lei e matara um viking por causa de uma pequena ofensa. Houve suspeitas de que ele espancara e matara a esposa. Ainda assim, ele se recusara a pagar uma indenização por suas transgressões. Desse modo, representara uma ameaça para Ragnar. Roland tinha um poder e um magnetismo que atraíam as pessoas, que o seguiam com lealdade indestrutível. O mais grave fora Roland ter contestado o direito de Ragnar como administrador e tê-lo desafiado publicamente. Ragnar o banira.

Para humilhar ainda mais a família de Roland, Ragnar tomara o órfão Torin sob seu jugo. Não demorou muito e Ragnar acabou por afeiçoar-se ao menino inteligente, quieto e sensato. Observara o desenvolvimento do menino proscrito e, quando Torin abandonara os brinquedos, notara nele a facilidade no manuseio das armas. Ainda criança, mostrara ser um teórico nato. Derrotava os mais velhos e veteranos no hneftafl, um jogo de estratégia.

Ragnar aproveitava a habilidade de Torin no planejamento das batalhas e admitia que o jovem era um excelente estrategista. No decorrer do tempo, Torin tornara-se um trunfo valioso, parte integrante da família de Ragnar e de sua vida.

— Isso é uma lisonja, meu filho — Ragnar encarou-o —, mas eu conheço a verdade, Torin. Qualquer dia desses estarei aquecendo meus pés diante do fogo, enquanto as mulheres se pavoneiam diante dos mais jovens.

Depois de alguns instantes de silêncio, Torin sacudiu a cabeça.

— Esse dia ainda está muito distante.

Pelo menos essa era a esperança de Torin. Não queria pensar no que se comentava. Herlaug, irmão mais moço de Ragnar, substituiria o chefe quando este pendurasse a espada. Herlaug era seu inimigo, um homem cruel que não se cansava de admoestá-lo pelos pecados do pai. Tratava-o como um subalterno e provocava-o, chamando-o de Proscrito.

— Vamos nos sentar e conversar sobre coisas mais agradáveis — Ragnar convidou, ao ver Torin de cabeça baixa.

Os servos passavam equilibrando travessas com montanhas de comida. Por todo lado ouviam-se estalar de línguas, mastigação ruidosa e arrotos, à medida que os alimentos eram saboreados. As refeições eram momentos de descontração.

Após terem os apetites satisfeitos, os vikings jogavam, contavam histórias e escutavam música. Homens importantes tinham seus próprios bardos, que entretinham os convidados e louvavam seus senhores. Dizia-se que o trovador de Ragnar era um dos melhores.

A refeição terminou, os pratos foram retirados e o poeta começou a narrar a história sobre Ragnar, o nobre viking. Sua vida, seus amores e suas conquistas. Suas façanhas eram sempre convertidas em lendas.

O bardo finalmente terminou a canção. Ragnar levantou-se, foi até a barrica e mergulhou o copo de chifre no hidromel. Sua dor de cabeça era tão forte que por pouco não mandara o trovador parar. Só conseguira controlar-se depois de agarrar com firmeza os braços da cadeira. Bebeu o composto feito de cevada e mel com esperança de que a bebida aliviasse a dor.

Os homens continuaram a beber até saciar a sede. Depois os nórdicos começaram a bater com ritmo as canecas na mesa.

— Ragnar! Ragnar! Ragnar! — Era um aviso de que eles desejavam ouvi-lo falar.

Ragnar estremeceu e levantou-se com a mão estendida. A multidão se calou.

— Receio não ser tão poético quanto nosso amado trovador, nem tão bom com as palavras quanto meu prezado amigo Torin. Mas tenho algo a dizer que os deixará encantados.

Ragnar começou a sua própria história. Falou do passado, do presente e do futuro. Afirmou que a jornada deles estava apenas começando e lançou uma teia mágica que manteve todos boquiabertos. Falou de terras longínquas localizadas além do horizonte, perto do fim do mundo.

— Há muitas regiões à espera de ser exploradas. Terras conhecidas apenas por Odin. Terras que... — ele estremeceu com uma pontada mais forte na cabeça — ...serão conquistadas por nós.

Tremendo, Ragnar sentou-se, renegando qualquer sinal de fraqueza. Relanceou um olhar ao redor e percebeu a vista turva. Mil abelhas zumbiam. Consumira grande quantidade de bebida, com esperança de que a dor de cabeça cedesse. Nada adiantara.

Sob o forro alto e abobadado, a escuridão aumentava. As tochas fumarentas tremeluziram e extinguiram-se. As sombras se erguiam, ameaçadoras. As paredes escurecidas pela fuligem aproximavam-se. Vozes indistintas ecoavam em seus ouvidos. Por um momento, imaginou ver Odin no salão. Depois o rosto do pai que o chamava. Para encontrá-lo onde?

Na vida após a morte?

Ragnar levantou-se e teve uma idéia do espanto de todos. Sentiu tontura e as pernas bambas. Deu alguns passos e procurou manter-se firme. Não adiantou. O mundo transformou-se em um grande vazio. A manga longa esbarrou no copo, e este caiu no chão. Ragnar teve o mesmo destino. Desabou no solo duro de terra, inconsciente.

As tochas fumegantes do salão nobre silvavam como se fosse um aviso. As chamas dos fogos maiores tremularam. As sombras reuniram-se em uma dança espectral. A luz foi suficiente para Torin perceber a palidez de Ragnar, que jazia inconsciente no chão. Outros poderiam pensar que o líder passava mal por causa do excesso de bebida. Não Torin.

Ajoelhou-se e pôs a mão no pescoço do líder para sentir a pulsação. Fraca demais e com disritmia. Levantou-lhe as pálpebras. O olhar assemelhava-se a pedra polida.

— Ragnar!

Ragnar piscou, mas não respondeu.

— Será veneno? — Nissa preocupou-se e agarrou o braço de Torin.

Veneno era um meio conhecido, cruel e eficiente de eliminar um rival.

— Veneno?

Torin encarou os que estavam ao redor, mas só viu expressões preocupadas. Nenhuma culpa.

— Ajude-me a chegar até minha cadeira... — Ragnar abriu os olhos. Ao ver Torin hesitar, comandou com voz trêmula: — Isto é uma ordem...

Foi uma luta. Ragnar era um homem grande e pesado, mas Torin ajudou-o a ficar em pé. Orgulhoso, Ragnar insistiu em caminhar sozinho, determinado a não demonstrar nenhum traço de fragilidade.

— Deixem-nos a sós — Ragnar ordenou, e todos se apressaram em obedecer.

Por um momento só se ouvia a respiração irregular do chefe.

— Logo serei chamado a Valhala. — Ragnar revelou a dor forte que o atormentava havia já algum tempo. — Às vezes tenho a impressão de que o martelo de Tor está dentro de minha cabeça. Batendo... batendo...

— Por que nunca nos disse nada?

— E de que adiantaria? O que está me angustiado nunca me deixará, apesar de minhas esperanças em contrário.

Torin, apesar de apreensivo, tentou consolar Ragnar. O amigo fora muitas vezes ferido na cabeça. Seria essa a causa?

— Torin, minha vida está chegando ao fim. Não tenho medo. Irei para Valhala.

A causa de seu temor era outra. A supremacia que conseguira com sua espada poderia despedaçar-se após sua morte. Nissa, sua esposa, não lhe dera filhos. As filhas haviam morrido ainda crianças. Fora uma espécie de maldição.

— O senhor tem homens fiéis que...

— Lutarão entre si mesmos, quando eu não estiver aqui para manter a paz. Por isso, filho, terá de me ajudar.

— Terá de nomear Herlaug como seu sucessor.

— Não.

Por um momento Torin pensou em si mesmo como indicado provável.

— Então, quem?

— Um de meus filhos...

— Mas o senhor não tem filhos!

— Eu tenho!

Ragnar contou-lhe sobre três mulheres magníficas que conhecera durante os ataques que empreendera. Uma era escocesa, a outra de Eire e a terceira, britânica. Jurou que amara as três, mas fora obrigado a abandoná-las, quando tivera de partir. Cada uma delas o presenteara com um filho. Em troca, ele dera a elas um amuleto. Uma pedra preciosa tirada do punho de sua espada cravejada de jóias.

O orgulho brilhava no olhar de Ragnar e diminuiu-lhe a dor.

— Três filhos que não conheci, mas que estiveram em meu coração todo esse tempo.

— Filhos... — Torin não saberia explicar por que a revelação o magoava tanto.

— Eu gostaria de ter voltado e de ao menos vê-los... Ah, como o tempo passou depressa... — Agarrou o braço de Torin. — Antes de morrer, quero reuni-los para decidir qual deles será meu sucessor.

— Tem certeza de que essas crianças nasceram?

— Tanto quanto do ar que respiro. — Ragnar sorriu. — Sei que minhas mulheres foram fiéis a mim. As crianças no ventre delas eram minhas. Ou eu não lhes teria dado os pingentes para pendurar no pescoço dos meninos.

Talismãs protetores, Torin refletiu.

— Eram três pingentes.

— Um para cada uma das mulheres.

— Não. Um para cada um de meus filhos. — Era para ajudá-lo a identificar as crianças quando fosse necessário.

— Havia uma granada, o Olho do Corvo. Uma safira, a Lágrima do Dragão. E um topázio, a Sombra do Lobo.

Ragnar explicou que a missão de Torin seria encontrar os meninos por meio dos pingentes e trazê-los para Hafrsfjord.

Torin refletia, olhando o mar do alto da costa rochosa. Os cabelos ao vento atrapalhavam-lhe a visão, mas ele nem se importou. Quando Ragnar teimava, pouca coisa podia demovê-lo. Mesmo que o próprio Odin julgasse a decisão errônea.

— Ele quer que eu encontre seus filhos...

Uma solicitação simples, mas quase impossível de ser satisfeita. Depois de tantos anos, como localizar os jovens, com ou sem pingentes? Mesmo se encontrasse um, dois ou os três, nada lhe garantia que aceitariam vir para a Noruega com ele.

Uma inglesa. Outra da Irlanda. A terceira de Alba. Essas regiões tinham sido atacadas pelos vikings. Torin estava convicto de que não seria bem recebido. Havia grande possibilidade de ele e seus homens serem atacados, feridos e até mortos em retaliação pelas transgressões passadas. Mesmo assim, não poderia negar um pedido de Ragnar. Ragnar era seu líder e mentor. O amigo estava muito doente. Talvez com perigo de morte.

Como recusar uma missão tão importante para o chefe?

Fitou os penhascos, as campinas e as pastagens. Cismou qual seria seu futuro após a morte de Ragnar.

Como seria submeter-se a outro chefe? Torin lembrou-se de como, ainda menino, fora tratado por Ragnar. No começo as atitudes do patriarca tinham

sido tão gélidas quanto o tom azul de seus olhos. Torin ficara encarregado de tarefas servis de categoria inferior.

Naquela época, Torin só pensava no que acontecera a seu pai. Um homem que fora declarado proscrito não podia comerciar, nem pescar e muito menos juntar-se a uma expedição viking. Nem pedir auxílio em uma hora de necessidade, para si mesmo ou para a família. A proscrição permanente equivalia a uma sentença de morte. Qualquer pessoa poderia matar um proscrito sem incorrer em nenhuma pena.

Quando criança, Torin pensava no pai com frequência. Onde se encontraria ou se estaria vivo. A determinação de redimir o nome de sua família fizera-o cumprir à risca as tarefas que lhe eram destinadas. Sempre encontrara tempo para observar os guerreiros em treinamento. Admirara a habilidade e a bravura de todos. Aprendera o hneftafl, jogo de tabuleiro viking. E com tal maestria que derrotava qualquer um que ousasse desafiá-lo. Tal como no jogo de madeira que usava oito peças entalhadas para proteger o rei, ele protegeria Ragnar contra as ambições alheias.

Torin adorava Ragnar, e este acabara por afeiçoar-se ao rapaz inteligente. Ragnar o ensinara a usar a espada. Em sua determinação obsessiva para agradar o chefe, Torin praticara com vontade férrea. Estaria pronto, quando fosse preciso.

Estava convencido de que o filho de um condenado teria de ser duas vezes melhor em tudo que fizesse e duas vezes mais esperto. Para provar seu valor em dobro, acabara por erguer um escudo ao redor de si mesmo para proteger-se durante a infância. Porque rotulara como fraqueza ter a grande sensibilidade que sempre o incomodara. E não poderia ter-se permitido ceder à mesma.

Por fim, em uma das incursões beligerantes, Torin teve a oportunidade de provar sua perícia. Em meio ao clamor de uma multidão que gritava e fazia estardalhaço na luta de espadas, Torin atingira a masculinidade. Os homens no salão nobre de Ragnar, mesmo sem aceitá-lo, passaram a admirá-lo por sua competência e liderança. As jovens o saudavam com sorrisos e com muito mais. Fascinadas por sua extrema boa aparência, elas se entregavam com paixão. Era um prêmio que Torin aceitava como dever.

Agora tenho mais uma obrigação, Torin considerou. Descobrir o paradeiro dos três filhos de Ragnar. Começaria a jornada na terra dos escoceses e pediria ao amigo Gardar para acompanhá-lo. Gardar era corajoso e leal, e o entendia como ninguém. Como Torin, também era um pensador.

Isso mesmo, levaria Gardar! Ele fora escravo e ganhara a liberdade ao salvar a vida de um dos homens de Ragnar. O mais importante era sua origem celta e dos pictos, o que facilitaria a procura. Torin fizera amizade com o jovem franzino de cabelos castanhos, por saber que ele também se sentia um proscrito. Sob a tutela e a defesa ferrenha de Torin, Gardar acabou por ser aceito. Sem saber como expressar tanta gratidão, tornou-se amigo de Torin. Essa amizade seria valiosa durante a viagem.

Torin voltou ao salão e a seus aposentos. Planejaria a missão nos mínimos detalhes. Já presenciara muito derramamento de sangue e muita matança, mas pretendia viver por muito tempo. O mundo era brutal, mas seria possível sobreviver se tomasse as atitudes corretas. Seu lema seria apreciar cada dia de sua vida.

O Lobo do Mar zarpou três dias depois. As velas brancas e vermelhas enfunavam-se ao vento. Torin juntara seus pertences e aprontara-se com rapidez. Era costume, entre os vikings, levar pouca bagagem quando navegavam. Água e comida suficiente eram o principal. Ele e a tripulação levavam apenas uma espada, um escudo, um elmo e o que pudessem carregar em um saco que tinha um terço do tamanho deles. Quanto menos peso, melhor. A embarcação não tinha cobertura, apenas um espaço aberto. Não havia lugar para estocar itens desnecessários.

Torin pretendia levar apenas a própria tripulação. Mas Ragnar cederia à insistência de Herlaug, que mandara alguns de seus homens. O que irritara Torin. Herlaug era seu inimigo, e a despeito de ser irmão de Ragnar, era um sinônimo de problemas. Torin temia que os motivos de Herlaug pudessem estar encobertos em um desejo de sabotar a missão. Um indivíduo desleal nunca se modificava. Desconfiado, Torin tinha suas dúvidas quanto à tripulação que lhe fora imposta. Esperava que a lealdade, ou a falta dela, não tivesse de ser posta à prova.

Ao lado do leme de madeira, Torin tratou de esquecer suas dúvidas e observou, orgulhoso, a nau baixa e comprida, com a proa alta e fina como um pescoço de cisne. Torin desistira do dragão monstruoso, pois ia em missão de paz. Escolhera a cabeça entalhada de um lobo, como sinal de sagacidade.

A embarcação de Torin era mais apropriada para o comércio e a descoberta de terras do que para a guerra. Tinha uma vela quadrada em adição aos remos. Desfraldada, ajudava a tirar proveito do vento que começava a rondá-los. Era uma nau baixa, o que aumentava sua velocidade. Fácil de manejar, era a embarcação mais versátil do vikings. Podia ser usada tanto para atacar quanto para o comércio da costa.

O navio movimentava-se com as ondas. O casco subia e descia, mas a água não entrava. As laterais das naus vikings eram construídas de tal modo que o navio podia torcer-se uns quinze centímetros em acomodação. Isso reduzia o perigo de partir-se sob um esforço violento. Como era um navio projetado para velejar próximo à costa, o timão fora desenhado para ficar acima do nível do mar, mesmo em águas rasas.

— Eu não o invejo — Gardar declarou. — Halldor será difícil de suportar. Ele o olha com muita raiva.

— Halldor gostaria de estar aqui, no comando da tripulação. Enquanto eu estiver vivo, ele terá de conformar-se em não sair de seu lugar.

Gardar bateu-lhe no ombro.

— Para continuar vivo, será melhor vigiar as costas, amigo. Não seria a primeira vez que Halldor aceitaria ser o executor de Herlaug.

Torin deu de ombros.

— No momento, estou seguro. Halldor deve estar pensando em contar o ouro quando voltar e for recompensado por Ragnar.

Ragnar prometera ser duplamente generoso... se o navio regressasse com um de seus filhos.

— Mesmo assim, tome cuidado.

Torin levou a sério o conselho. A noite caiu e ele observou Halldor pendurar as lamparinas de óleo de baleia. Gardar estava certo. O homem o fitava com olhar ameaçador, como se algo sinistro estivesse por acontecer.

Seria preciso tomar cuidado.

Capítulo II

A brisa soprava no vale e trazia a fragrância das flores do campo. A neblina desaparecera. No céu azul o sol espalhava seu calor e iluminava os dois combatentes que treinavam com espadas de madeira.

— Geordie, pare de lutar como uma donzela! Mais força!

— Donzela, eu? É o que veremos. — O mais baixo dos dois segurou o punho da espada com as duas mãos e atacou furiosamente.

— Isso é agir com imprudência, seu bobo. É preciso manter a cabeça no nível dos ombros e dar atenção ao trabalho dos pés como um dançarino. A agilidade deles é fundamental na esgrima. — O mais alto, o ruivo, fez uma demonstração do jogo de pernas e escapou dos ataques violentos. — Viu só?

— Para quem tem pés grandes não é fácil ser gracioso. — O menor atacou novamente e disse uma imprecisão quando errou o alvo.

— Geordie, modere seu temperamento e suas emoções. — O lutador de cabelos vermelhos foi para a frente e para trás de maneira ritmada e desfechou um golpe. — Ah!

O som de madeira contra madeira tornou-se intenso quando os dois contendores empenharam-se em uma luta feroz para demonstrar quem era melhor. Aquele era o teste de energia e habilidade de que a ruiva Érica mais gostava.

— Sou a melhor esgrimista de Mull e todos sabem disso.

— Mas somente com uma espada de pau.

— Ah! Se eu pudesse segurar uma espada de verdade, provaria a todos que sou a melhor das Terras Altas. —

A espadachim ruiva atacou e atingiu o irmão mais moças com a largura da lâmina para não machucá-lo. — Acertei!

— Ah, é? Aí vai a resposta.

Dessa vez Geordie foi bem-sucedido, mas sua oponente não desistia.

— Não pense que vai me vencer, Geordie!

— Vou!

— Não vai!

— Claro que vou!

Geordie era habilidoso na esgrima, mas Érica tinha mais agilidade. Furioso, Geordie descuidou-se e Érica arrancou-lhe a espada das mãos.

— Essa eu venci! Geordie fez uma careta.

— Tem de prometer que não dirá nada a ninguém. Se os outros souberem que perdi para uma mulher, seria preferível morrer.

— E não foi essa a primeira vez! — Érica deu uma risada melodiosa e desmanchou os cabelos do meio irmão.

— Eu sei.

— Amarre os sapatos.

Geordie curvou-se e trançou os cordões da bota de pele de gamo. Em seguida, sombreou os olhos com a mão e fitou o mar.

— É estranho pensar em nossos parentes que perderam a vida empunhando uma espada. Quantos seriam, Érica?

— Não posso calcular. Centenas, eu diria. E a maioria contra os pictos, os ingleses e os vikings.

Havia sempre um conflito em andamento. Não era de admirar que Érica quisesse estar preparada para defender-se. Primeiro, a guerra fora entre os pictos e os celtas. Cada um tinha seu rei e suas terras, e não queriam partilhar nada. A luta pela supremacia durara quase três séculos. A união sobreveio pelo casamento dos últimos descendentes e não por uma conquista. Alpin foi o filho dessa união. Foi morto em uma batalha, e seu filho, Ciniod Mac, acabou unindo os dois povos sob o nome de Kenneth I, rei de Alba. Naquela altura, foram os nórdicos que mereceram a ira dos clãs por culpa dos ataques sucessivos ao país.

Como alcançar a paz?

Érica observou os braços de mar que cortavam a terra e suspirou. Mull, Ulva e a ilha de Staffa que se divisava à distância, eram habitadas por seu clã muito antes de ela e Geordie terem nascido. Os habitantes de Skye, Mull e outras ilhas Hébridas eram da linhagem dos pictos, com influência dos celtas.

Érica orgulhava-se pelos ancestrais escoceses da mãe. Os MacQuarie eram descendentes do segundo filho de Gregor, filho de Alpin e irmão de

Kenneth I, o famoso rei dos celtas. Gregor MacAlpin, Siol Alpin, era aceito por todos os clãs das Terras Altas como sendo um dos mais antigos. Eles ocupavam lugar de honra na Assembléia de Lordes das ilhas. Érica e seu meio-irmão escutavam desde a infância os recitais dos bardos sobre a genealogia do clã. Antes até do primeiro homem que se estabeleceu na terra.

Érica também tinha orgulho da descendência viking. A mãe afirmara que, sendo filha de Ragnar Longsword, um nobre intrépido, tinha o direito de partilhar dessa glória. Embora sem conhecer o pai, sonhava com a bravura e a boa aparência dele. Rezava para que ele ainda estivesse vivo e que tivesse oportunidade de encontrá-lo.

Érica pensou no pingente que sempre usava. Era um corvo de prata que, no lugar do olho, tinha uma granada. Um talismã para protegê-la. Um presente do pai que ela nunca vira. Fizera o possível para ignorar o escárnio dos membros do clã e usava a jóia com imenso prazer. Era como sentir-se próxima ao pai. Depois da morte da mãe, o pendente adquirira um significado ainda maior.

Puxou o pingente para fora do vestido. Ela mantinha o objeto escondido junto ao coração. Os escoceses tributavam maus presságios ao corvo, um símbolo pagão. Tocou na jóia com reverência. Era como invocar a proteção do pai.

— Sou a melhor dos dois mundos — sussurrou as palavras que a mãe sempre lhe dizia.

Era a maneira como a mãe acalmava as emoções estremecidas da filha, que era sujeita a chacotas por sua origem viking. Érica descobrira muito cedo que não era fácil ser descendente dos nórdicos. Ensimesmada, mirava, sem ver, as ondas espumosas que batiam com fúria na costa rochosa e nos penhascos basálticos.

E foi o guincho das gaitas de fole que a fez voltar ao presente. Um chamado para que todos se reunissem. Um som agudo e enervante.

— O que foi? — Geordie perguntou, receoso.

— Pode ser várias coisas. — Érica abraçou os ombros do irmão e fingiu uma coragem que não sentia. — Voltemos para O salão nobre!

Segurou a mão de Geordie e os dois retornaram pelo caminho esburacado.

Assim que empurraram a pesada porta de madeira e entraram no salão de pedra, assustaram-se com o pandemônio que ali encontraram. O clã MacQuarie preparava-se para um combate. Resmungavam palavras de ódio, enquanto esperavam pelo líder, Coinneach MacQuarie. Brandiam as espadas que refletiam nas lâminas as chamas da lareira.

Com o olhar, Érica procurou o tio por todos os lados. Não o viu. Ansiosa, teve de esperar mais alguns minutos até ele entrar, vindo do recinto adjacente que era usado como câmara do conselho. O rosto dele não disfarçava a preocupação. Foi até a lareira e começou a andar de um lado a outro, coçando a barba e falando sozinho.

Érica analisou o homem alto e forte e refletiu na responsabilidade de alguém que governava o território do clã visando o benefício de todos. Administrava a justiça em tempos de paz e liderava os guerreiros em época de conflitos. Como chefe, tinha de pensar no bem-estar de seu povo que, em troca, prestava-lhe toda assistência em prol da comunidade. E depois da morte da irmã, assumira o encargo de cuidar de Érica e do irmão.

— O que houve?

— Os MacLeod estão armados e reunidos. Com certeza pretendem marchar contra nós.

Uma onda de pavor percorreu o salão nobre.

— Eles foram avistados no horizonte por nossas sentinelas. Apesar da distância que nos separa deles, será melhor estarmos preparados.

— Os MacLeod! — os murmúrios ergueram-se, raivosos. Érica duvidou dos que se vangloriavam de poder derrotar o inimigo com facilidade. Nas lutas contra os MacLeod, os MacQuarie haviam sofrido baixas incontáveis, tanto no povo quanto no orgulho.

Será que ainda não haviam aprendido que não adiantava ficar isolado? E também, por que os MacLeod não os deixavam em paz?

Coinneach levantou a mão e o alarde cessou. Endireitou os ombros e olhou todos de cima, embora fosse apenas um pouco mais alto do que a maioria dos homens.

— Tentamos derrotar os MacLeod com as armas e falhamos. Desta vez teremos de usar toda nossa astúcia.

— Teremos de usar as espadas, isso sim! — alguém gritou.

— O senhor já esqueceu de como eles queimaram nossos campos, roubaram nosso gado e deixaram um rastro de sangue? — outro homem apoiou o primeiro. — Devemos responder a qualquer desafio desses demônios. Olho por olho, dente por dente.

— Coinneach está certo — um terceiro opinou. — Não adianta raciocinar apenas com o orgulho. Temos de pensar nas mulheres e nas crianças. Se formos derrotados em uma batalha, nossas esposas e nossos filhos serão aquinhoados com a maior carga de sofrimento. Nós não estaremos aqui para proteger-lhes a honra.

— Bem, qual a sua sugestão? Não podemos ficar sentados, esperando que eles levem tudo o que desejarem.

Os homens continuaram a discussão. A prima Iona, filha de Coinneach, aproximou-se de Érica e puxou-a para o lado.

— Os MacLeod gostam de encrencas. Eles têm sido uma fonte de problemas para papai, quase tão grande quanto os nórdicos.

— Os MacLeod têm representado dor de cabeça para todos nós — Érica retrucou.

Desde a infância, Iona não perdia a oportunidade de lembrar com desprezo o parentesco de Érica com os vikings.

— Talvez isso não a perturbe. Para quem é só metade MacQuarie, a lealdade fica dividida.

— Pois a prima está enganada. O meu coração é tão leal quanto o seu.

O clã era a coisa mais importante na vida de todos. A existência de uma pessoa e sua identidade estavam ligados ao clã. Ser banido representava perder a auto-estima. Um homem solitário ficaria isolado como a ilha de Staffa.

— Ora, vejam! — Iona franziu o nariz. — Impossível ser tão leal quanto eu. Eu carrego o peso da descendência dos escoceses. Enquanto a senhorita... Todos sabem a história de seu nascimento. Sua mãe foi desonrada. Foi levada contra a vontade por aquele... por aquele...

— Viking! — Érica terminou por Iona. — E não foi contra a vontade. Mamãe me contou várias vezes o quanto era apaixonada por meu pai. Ele foi muito bom para ela.

— Tão bom que a abandonou.

Profundamente irritada, Érica inclinou a cabeça para trás e os cabelos vermelhos esvoaçaram.

— Diga mais uma palavra a respeito de minha mãe ou de meu pai e juro que lhe arrancarei até o último fio de cabelo! Veremos então se Erskin ainda a achará bonita depois disso!

— Duvido que tenha coragem de fazer isso!

— Então experimente provocar-me!

O tom ameaçador de Érica assustou a prima, que se afastou. Era o que Érica desejava. Imaginou Iona careca e deu uma risada.

— Pensou mesmo em arrancar-lhe os cabelos? — Geordie perguntou, com o olhar esbugalhado.

— Seria uma boa lição para ela.

O tio de Érica ergueu a mão mais uma vez.

— Silêncio! Resmungos e discussões não resolverão nada. Escutem! — O falatório cessou e todos prestaram atenção ao chefe. — Nós lutaremos. Mas não poderemos enfrentar a batalha sozinhos. Precisamos nos unir aos outros clãs de Mull e lutar em conjunto.

— Outros? — Vozes a favor e contra se avolumavam.

— Não somos os únicos descendentes de Siol Alpin. Os MacKinnon não apenas moram em Mull, mas são, como nós, da linhagem de Siol Alpin. Precisamos unir-nos a eles. Com essa finalidade, estou preparado para casar um de nós com um deles.

Quem? Era a pergunta que se via em todos os rostos. Coinneach apontou para a filha.

— O quê? — Iona horrorizou-se. — Não! Eu não me submeterei a isso. — Empurrou Érica para a frente. — Pode levá-la em meu lugar!

— Eu? — Érica sacudiu a cabeça. — Iona será uma escolha bem mais adequada. — Sorriu, com vergonha. — Eu ronco.

Geordie deu uma risadinha e levou uma cotovelada da irmã. Coinneach avaliou a filha e a sobrinha. As duas eram donas de uma beleza incontestável. Nariz perfeito, maçãs do rosto altas, olhos grandes e cílios escuros. Cintura estreita e pernas longas que provocavam a inveja das mulheres. O busto bem formado e os quadris esguios era o sonho de todo poeta.

Érica tinha olhos um pouco maiores, e o nariz um pouco mais curto. Os olhos de Iona eram castanhos, e os de Érica, azul-escuros. Érica era bem mais alta de que Iona, um traço da hereditariedade viking.

Coinneach sorriu. Nenhuma das duas era maleável. Mas a determinação de Iona era centrada no egoísmo. A de Érica, na coragem.

As duas usavam arasaid, um traje longo que ia até os tornozelo. Era preso no busto por um broche. Um cordão marcava a cintura. Sob o tecido colorido, usavam vestes de lã fina. O arasaid de Érica estava amarrado de maneira casual, e a barra fora levantada para permitir-lhe liberdade no caminhar. Os cabelos tinham sido amarrados para cima. No nariz, uma mancha de terra.

O assunto foi discutido entre os homens, e depois de algumas controvérsias acabaram concordando com a proposta do chefe. Só faltava escolher uma das jovens.

— Decidi levar minha filha — Coinneach afirmou, irredutível.

Iona empalideceu e Érica suspirou, aliviada.

— Eu não irei! — Iona protestou, chorando.

— A senhorita fará o que eu lhe ordenar! — Coinneach irritou-se com a rebeldia da filha.

— Não! Prefiro morrer afogada! — Em prantos, Iona jogou-se no chão. — E juro que é o que farei!

Aborrecida, Érica rangeu os dentes. Iona fazia aquele espetáculo para comover os presentes. O pior era ela estar conseguindo seu intento.

Os homens a olhavam, penalizados.

Ninguém era capaz de perceber que Iona jamais cumpriria a ameaça? A prima era muito covarde e egoísta. Será que tio Coinneach não enxergava isso?

— Idiotas — Érica resmungou.

— Acalme-se, minha filha. — Coinneach suspirou e levantou a filha. — Entendo que não se sentiria bem entre pessoas que não sejam de seu sangue. O mesmo não se aplica a Érica. Ela tem temperamento mais forte. Por isso ela irá em seu lugar.

— Minha irmã, não! — Geordie gritou, apavorado. Érica não acreditou no que acabava de escutar. E nada poderia fazer.

O salão estava mergulhado na escuridão. Todos dormiam. Érica vagava como uma sonâmbula. Não conseguira dormir. As ordens do tio martelavam em sua cabeça. Um instante, algumas palavras, e fora resolvido que ela teria de se casar. Um acordo que a tiraria daquele ambiente e de perto dos entes queridos.

— Oh, Geordie! Meu pobre irmão!

A mãe morreria primeiro, depois o bebê. Em seguida, o padrasto. Em poucas semanas, ela mesma teria de deixar a ilha de Uiva e o irmão adorador. Passaria o resto da vida com um clã que nem mesmo conhecia.

Olhou ao redor. Queria guardar a imagem na mente para os dias futuros, quando estivesse longe.

Memórias. Tantas memórias.

No centro do salão nobre havia uma lareira alta. Os grandes caldeirões do jantar ainda não tinham sido retirados. Érica perdera a conta de quantas histórias escutara durante a noite, diante daquele fogo aceso. Fadas, duendes, monstros marinhos, feiticeiras e fantasmas. Embora sua família fosse cristã, a vida de lodos era regida por crenças antigas. Outras entidades habitavam Ulva e Mull, ao lado do seres de carne e osso.

Ainda criança, espantara-se com as histórias da Antiguidade. Ali mesmo escutara a música das flautas, harpas e rabecas, lira onde adormecia, embora sempre acordasse na cama. Imaginava se as fadas a haviam trazido para o quarto. Naquela altura seria carregada, mas não pelos duendes.

— Ah, tio Coinneach, como pôde fazer isso comigo?

Érica conhecia o tio e tinha certeza de que ele não a escolhera para livrar-se de uma parente mestiça. Ele a amava, mas o amor pela filha era maior

e não podia vê-la chorar. Ele vivia imaginado que Érica seria uma escolha mais lógica.

Na parede mais afastada havia um tear e várias rocas com lã. Érica deu um sorriso amargo. Lembrou-se de quanto se rebelara, por não querer acompanhar as mulheres nas tarefas diárias. Cozinhar, tecer e costurar a aborreciam. O trabalho da lavanderia sempre lhe parecera uma missão ingrata. Na verdade, desprezava o trabalho feminino e encontrara desculpas para não participar.

Mas no momento, o que não daria para ficar ali, fazendo tudo o que elas faziam! Isso sem falar em Geordie. Eram mais do que irmãos. Eram as duas metades de um todo. Seriam separados. Nunca mais treinariam com espadas de madeira.

— Eu não o verei crescer e tornar-se adulto... — aquele foi o pensamento mais triste de todos.

— Ah, Érica, o que pretende fazer?

Érica virou-se. O olhar torturado do irmão indicava um sofrimento similar ao seu. Como se ainda fosse um menino, Geordie correu para abraçá-la. Furioso, limpava as lágrimas com as costas da mão, inutilmente. Érica, com o olhar nublado, tinha consciência de que era preciso ser corajosa para o bem de Geordie.

— O tio está completamente enganado. Ele deveria ter mandado lona embora daqui. Ela sempre está metida em encrencas e...

— Ela é filha dele! — Érica acariciou os cabelos castanhos avermelhados do irmão. — O que foi decidido é irreversível. Esperemos que algum bem advenha daí. Se alcançarmos a paz, o sofrimento terá valido a pena. — Afastou-se e fingiu uma bravura que nem de longe possuía. — Além disso, sempre gostei de aventuras. Imagine só... Ver uma parte desconhecida de Mull. O território dos MacKinnon.

— Mas... casar-se?

Érica suspirou ao lembrar-se do que sempre afirmara. Que somente amaria um homem que fosse tão corajoso como seu pai, a quem sua mãe tanto amara.

— Acha que não sirvo para nenhum homem?

— Mas que bobagem, Eri! — Geordie riu, apesar das lágrimas.

Érica segurou o irmão pelos ombros e fitou-o nos olhos.

— Prometa-me...

— Que serei o tipo de homem que me ensinou a ser? Prometo.

— O homem que mamãe teria educado, se estivesse viva. Geordie levou-a pela mão até um dos bancos de madeira enfileirados na parede, onde os dois se sentaram.

— Sei que é egoísmo, Érica. Nunca imaginei que ficaríamos afastados. Como viverei sem a irmã que sempre me faz sorrir?

— Tolinho! — Érica apertou-lhe a mão com carinho. — aonde eu estiver, eu o terei sempre no coração e no pensamento. Não quero que se preocupe. Os MacKinnon não me farão mal algum.

— Eles que ousem! — Geordie apertou os punhos com raiva — Se algum deles lhe causar sofrimento, esteja certa de que se arrependerá por isso.

— Se houvesse um outro meio... — Érica apertou o pingente do qual nunca se separava.

O Olho do Corvo, segundo a mãe lhe dissera, era para trazer-lhe sabedoria. Ah, como precisava de um pouco de lucidez!

— Se os MacLeod nos deixarem sossegados, se houver paz, não será necessário nenhum casamento.

— Paz... — Érica acariciou o olho do corvo de prata. — E se eu pudesse conseguir a paz antes mesmo da luta?

Geordie agarrou as dobras do breacan, um tecido xadrez que envolvia a cintura e era jogado por cima do ombro. Apavorou-se ao entender o que a irmã estava pensando.

— Érica...

— Não posso perder tempo. Tenho de apressar-me. — Érica levantou-se. — Depois do acordo selado, depois de tio Coinneach levar-me até os MacKinnon, nada mais poderei fazer. Um contrato não pode ser desfeito e terei de aceitar um noivo desconhecido. Geordie, vou procurar o líder MacLeod e tentar conseguir um armistício.

— Viajar de barco! Poderá ser levada pela cailleach uisge e eu nunca mais a verei.

— Ah, não tenho medo da bruxa dos mares. Além do mais, não estarei sozinha. Levarei comigo um dos filhos dos pescadores, se eu for na embarcação deles.

Decidida, Érica correu para o quarto, seguida pelo irmão, e fez uma trouxa com poucas coisas para a viagem. Um pente, uma calça grossa para usar no caminhos rochosos, um broche, um curraichd para amarrar na cabeça, se ventasse.

— Não vá! — Geordie apavorou-se mais com o que Érica pretendia fazer do que com a idéia de perdê-la para outro clã. — E se eles a ferirem? Eu nunca mais a verei!

— Não vou sumir, Geordie. — Érica não sabia como conseguia dar a impressão de fortaleza interior.

— E se... — Geordie agarrou as mãos de Érica.

— Preciso fazer alguma coisa, mais pelos outros de que por mim mesma. Mesmo com o apoio dos MacKinnon, poderemos perder a batalha.

— O que tio Coinneach dirá quando não a encontrar? Ele sairá a sua procura. Moverá céus e terras até encontrá-la. Será apanhada antes de conseguir afastar-se. Algumas chicotadas serão a única recompensa por sua intrepidez!

— Nada de ruim acontecerá, pode acreditar. Tudo dará certo. — Palavras corajosas.

Érica forçou um sorriso confiante, assoprou a vela e abraçou Geordie.

— Agora volte para seus aposentos e procure dormir. Estarei de volta antes de o sol estar a pino.

Os dois saíram do pequeno quarto e tornaram a abraçar-se. Érica tateou pela escuridão e rezou para ter tomado a decisão correta.

Capítulo III

A linha da costa refletia as cores do arco íris pela incidência da luz solar decomposta. A tão brilhante linhas do litoral oeste de Alba. A viagem transcorreria sem incidentes maiores.

Apreensivo, Gardar continuava ao lado de Torin, atento ao comportamento de Halldor para prevenir qualquer traição.

— Eu gostaria que encontrássemos logo o rapaz. Assim poderíamos voltar logo. Não somente Herlaug pode causar problemas. Os escoceses também são terríveis.

— Principalmente quando empunham uma espada — Torin concordou.

— Eles poderão matá-lo e até a mim, por estar em sua companhia — Gardar resmungou. — Na certa farão as perguntas a um morto. É assim que agem aqueles briguentos. Estão sempre em disputa entre eles mesmos, às vezes por bobagens.

Torin compreendia os motivos da amargura de Gardar. O amigo era filho de uma família nobre e proeminente de pictos que habitara Alba. Até serem convidados por Kenneth I, rei dos escoceses, para um grande banquete onde se discutiriam as pretensões reais. Os convidados foram entupidos de comida e bebida. Mais tarde, quando se encontravam embriagados, foram atacados e esquartejados pelos soldados do rei. O ato de traição teve o efeito desejado. Derrubou toda a competição existente. Kenneth I apoderou-se do reino picto. Aquele fora o primeiro acontecimento que deixou Gardar à mercê dos vikings e da escravidão.

Torin passou os dedos nos longos cabelos loiros.

— Esperemos que eles estejam empenhados em alguma rixa e não percebam a nossa chegada. Será mais fácil encontrarmos o filho de Ragnar antes de sermos apunhalados pelas costas — Torin ironizou.

— Ragnar não pensou no pedido que fez. Por que não conquistar os escoceses primeiro e depois procurar o filho?

— Por que nos arriscaríamos a feri-lo ou até a matá-lo. Ragnar está apostando em minha capacidade de negociação. A espada será usada em último caso.

Gardar flexionou o braço.

— Antes do término da missão, teremos de usar tudo o que estiver ao nosso alcance para sairmos vivos.

— Nós sobreviveremos, meu amigo. Antes da viagem, consultei uma profetisa. As pedras rúnicas foram favoráveis. — Para eles, mas não para Ragnar. — Quero voltar o mais depressa possível. Não confio em Herlaug.

Herlaug presumira que a perda de consciência do irmão fora causada pelo excesso de bebida. Se descobrisse que a saúde de Ragnar se esvaía, não hesitaria em traí-lo.

Gardar bufou, indignado, ao observar a tripulação rude que bebia hidromel e se vangloriava. Metade dos homens fora escolhida por Herlaug. Quando não falavam sobre batalhas, naus ou sobre a própria valentia, divertiam-se fazendo brincadeiras de mau gosto. Sempre sobre o número de mulheres que haviam submetido à força. Um sempre queria ser melhor que os outros. E as mentiras se sucediam.

— Na certa devem estar imaginando qual o lucro que poderão tirar dessa viagem — Gardar deduziu, irritado. — Ou o que farão com as pobres mulheres que encontrarão pelo caminho.

— Não quero confusão com os homens. — Torin franziu o cenho. — A missão tem de ser pacífica. Não permitirei nenhuma demonstração de brutalidade.

Aqueles tripulantes, inclusive os escolhidos por Herlaug, haviam assumido o compromisso de seguir as ordens de Torin, de obedecê-lo e servi-lo até voltar para casa. Torin estava no comando.

— Esperemos que tudo termine bem — Gardar respondeu. Os dois homens estreitaram os olhos na direção da costa oeste que se aproximava. As rochas claras e as muralhas de granito cinza que se erguiam do mar formavam um cenário impressionante. Não era de admirar que Ragnar pensasse em Alba como uma fortificação, uma vez que houvesse encontrado o filho e conquistado os escoceses.

Torin escutara histórias dos animais selvagens encontrados por toda parte. O mar ficava prateado pelo excesso de peixes. As aves voavam sobre as águas litorâneas em bandos que escureciam a luz do sol. Diziam-se que eram vistos rebanhos de gado bravio com júbas iguais às dos leões. Veados medravam pelas campinas.

— Veja! — Gardar apontou um forte de madeira em uma colina e que se destacava acima das muralhas rochosas.

Torin sabia que o local servia como ponto de observação e, em épocas de perigo, era um lugar onde os escoceses se reuniam. Era uma recordação dos conflitos armados que haviam se estendido durante anos.

— Aparentemente, tudo tranquilo. Não há sinal de escoceses protegendo as praias.

Contudo, se prosseguissem rumo à terra firme, o navio poderia ser avistado pelos habitantes das cabanas cobertas de colmo que se enfileiravam ao longo da orla. Gardar fitou Torin, indeciso.

— Iremos em frente. Esconderemos a embarcação nas rochas. O barco foi conduzido até uma enseada semelhante a um

fiorde, bem longe da fortificação de madeira, onde dificilmente seria avistado.

— Iremos juntos, Gardar — Torin comandou.

Gardar praguejou ao levantar o saco cheio com moedas de ouro e prata, braceletes e jóias.

— Claro. Eu terei de ir para carregar o tributo de Ragnar. Torin ignorou a queixa de Gardar.

— O resto da tripulação vai esperar aqui até voltarmos — Torin ordenou aos homens carrancudos que esperavam poder "visitar" a ilha.

Torin tinha esperança de que Eric, o filho de Ragnar, fosse receptivo ao suborno do pai. Era preciso considerar a possibilidade contrária. Afinal, o rapaz fora educado como um escocês e, por isso, seria leal ao povo a que pertencia. Torin conseguiria mudar os pontos de vista de Eric? Ou Ragnar teria de recorrer a outras medidas?

Torin assegurou-se das condições favoráveis da camuflagem do barco e acompanhou Gardar no desembarque. Alcançaram as rochas e caminharam através do emaranhado de plantas marinhas. Havia vários caminhos para atingir o vale. Torin consultou o mapa que Ragnar lhe entregara.

— Por aqui. — Ansioso por atingir sua meta, Torin caminhou a passos largos.

Gardar, sob o peso do saco que levava às costas, esforçava-se para acompanhar a velocidade de Torin. Cansado, parou e baixou o alforje de couro. Pôs todos os braceletes nos braços escondeu os broches na frente da túnica. Aliviado, jogou a carga mais leve para as costas.

— Agora, sim. Poderei acompanhar o apressado.

À medida que avançavam para o interior da ilha, admiravam as pedras cobertas de musgo e líquen. Era um panorama selvagem, diferente. Andaram mais um pouco. As rochas e a areia davam lugar a um oásis de solo fértil, com arbustos castanhos, a mambaras e urzais. Além da mata, vales extensos e verdejantes eram cortados por rios e regatos.

Do alto de uma colina, avistaram homens e mulheres que puxavam os arados. As faixas de terra muito pequenas não comportariam cavalos. Um pequeno rebanho de gado peludo pastava nas encostas.

Para não ser percebido, Torin resolveu caminhar pela floresta. De repente, escutou um som atrás de Gardar. Desembainhou a espada, pronto para a defesa, mas era apenas um pássaro que tivera a refeição interrompida. Com um grito agudo, a ave marinha fugiu dos invasores.

— E se o chefe dos escoceses aceitar o oferecimento de Ragnar com um sorriso e cortar nossas gargantas?

— Ragnar está preparado para essa possibilidade — Torin respondeu, sem demonstrar a própria dúvida.

— Ragnar pode estar, mas eu não estou — Gardar resmungou, deteve-se para recuperar o fôlego e prosseguiu.

A placidez da terra que os rodeava não impediu que se mantivessem cautelosos. Apesar do ruído do bando de gaivotas, prestavam atenção aos menores sons. Até que explicassem os motivos da visita, seriam considerados invasores indesejáveis. E com razão.

Com olhos e ouvidos atentos, Torin surpreendeu-se. Uma pessoa emergiu das folhagens um pouco à frente. A silhueta bem-proporcionada e mechas de cabelos vermelhos esvoaçantes não deixaram dúvida.

— Uma mulher! — Gardar sussurrou o que Torin já constataria e puxou o amigo para as sombras.

Observaram a jovem caminhar na beira de um pequeno lago. Pé ante pé, aproximaram-se mais um pouco.

— É preciso não assustá-la — Torin declarou em um fio de voz.

A jovem devia estar absorta em seus pensamentos, e não percebeu os intrusos. Curioso, Torin deu mais alguns passos cuidadosos e constatou que ela era linda.

— Veja os cabelos! Parecem uma chama.

Os raios de sol deixavam com aparência ígnea as tranças que caíam nas costas.

— Posso ver nos seus olhos em que está pensando — Gardar provocou-o.

— Pois está muito enganado. Viemos até aqui em uma missão de paz. Seguirei as mesmas regras que impus aos outros. — O que não o impediu de esticar o pescoço para ter um melhor ângulo de visão.

Torin avaliou o busto farto, a cintura estreita, a leve curvatura dos quadris e as pernas longas delineadas sob o vestido. Uma imagem sedutora.

— Emprésteme sua capa.

— O quê? — Gardar franziu a testa.

As intenções de Torin eram óbvias: esconder o traje viking |Ob o manto de lã amplo e simples.

— Pode prosseguir, eu o alcanço depois. — Torin trocou o agasalho com o amigo e escondeu a cabeça e os cabelos sob o capuz. — Tenho de fazer algumas perguntas a ela. Talvez ela conheça o filho de Ragnar.

— Ou talvez não. Mas o que me importa isso? Não tenho a menor simpatia pelos escoceses, sejam eles homens ou mulheres. Conheço essa corja. Tome cuidado. Se ela for casada... aposto que o amigo acabará comendo os próprios tes...

Gardar interrompeu o aviso. Torin saía das sombras e encaminhava-se ao encontro da jovem ruiva.

A Ravina Encantada era mesmo um lugar mágico, belo e sossegado. As montanhas e as charnecas cintilavam. A brisa acariciou o rosto de Érica, que havia parado na beira do lago. Seu olhar passeou pela floresta. Os vidoeiros altos, esguios e prateados sempre a deslumbravam. Aquele era seu refúgio. O chão era macio e musgoso, e a cortina de folhagens proporcionava um esconderijo perfeito. Amava as pedras, as árvores e os menores braços de mar. Era seu local preferido, onde podia refletir, longe de todos.

— Muitas vidas já foram desperdiçadas — Érica murmurou. — Terei de fazer alguma coisa para alcançar a paz.

Os MacLeod dariam atenção a uma mulher? Poderia convencê-los de que seria muito melhor evitar mais uma guerra em vez de manchar as rochas e a areia com mais sangue? Suspirou e voltou a admirar a beleza da paisagem.

A ilha de Uiva era um lugar privilegiado, com flores silves-ires, cachoeiras e vegetação luxuriante. Os gigantescos terraços e as colunas de basalto da vizinha Staffa eram lembranças brancas de antigos cataclismos. A familiaridade dos cenários e dos sons sempre alegres emocionavam Érica.

Apesar de muitas vezes ansiar por aventuras e por explorar novos lugares, sentia grande tristeza ao imaginar que teria de deixar tudo isso, se fosse obrigada a casar-se com um MacKinnon para efetivar uma aliança contra os MacLeod. Bem, teria de enfrentar o futuro, mesmo que não fosse bem-sucedida em suas tentativas pacíficas e se tivesse de abandonar a terra que tanto amava.

Pôs a mão por dentro do decote do vestido e tocou no metal frio do pingente aninhado entre os seios. Muitos a desprezavam por sua certeza de que a figura do corvo a protegeria. A prima lona cansara-se de afirmar que tais superstições pagãs a levariam diretamente para o inferno. Mas Érica nunca se separara do amuleto que a fazia sentir-se próxima ao pai.

Bandos de gaivotas e de andorinhas do mar alçavam vôo no céu. O canto dos pássaros da floresta que voavam de galho em galho combinava com a

melancolia de seus pensamentos. Fitou o azul profundo das águas do lago, como se pudesse ler ali o seu destino.

Ela conseguiria, com a sensatez herdada da mãe e a energia, do pai, promover a pacificação nas Terras Altas? Ou sua determinação a deixaria em perigo?

Sem saber que era observada, sentou-se sobre uma pedra grande da beira do lago, tirou os sapatos de pele de corça, enfiou os pés na água e fechou os olhos. Lembrou-se da infância, quando ali se escondia para escapar das provocações da prima ou quando alguém feria seus sentimentos. Era onde experimentava segurança e a certeza de que ninguém conhecia seu paraíso secreto. Ouviu um ruído e abriu os olhos. Voltou-se. Não estava mais sozinha.

Um homem a olhava, parado entre as árvores.

— Quem é o senhor? — Érica não demonstrou o receio que sentia.

— Não tenha medo. — Ele saiu das sombras e aproximou-se devagar.

— Não tenho medo! — O olhar a traiu, quando perscrutou a mata para ver se ele viera com mais alguém.

Felizmente, parecia ter vindo sozinho. Enfrentar um só sempre era mais fácil.

— Eu queria conversar apenas um minuto com a senhorita. Embora se expressasse em gaélico, o sotaque denunciava ser ele um estrangeiro.

— Pode falar. Eu o escutarei. — Érica não conseguia identificar a origem da pronúncia. — Mas não quero que o senhor se aproxime mais.

— Está bem. — Torin se deteve para não amedrontá-la. Por enquanto, ele se contentaria em olhá-la.

— Quem é o senhor?

Sob o manto com capuz, ele usava calça marrom justa, túnica vermelha bordada em tons coloridos e sapatos de couro amarrados nos tornozelos. Os cabelos a surpreenderam. Não eram loiro-escuros como os dos escoceses. Eram loiros, muito claros e longos, ultrapassando os ombros.

— Meu nome é Torin.

Ele deu um passo à frente. Não resistiu à vontade de contemplar aquela beleza ruiva. Supôs que se tratasse da filha de um dos pescadores que deveriam habitar as choupanas que pontilhavam o sopé das colinas. Quem mais ela poderia ser?

Érica pôs a mão na boca e sufocou um grito.

— O senhor é nórdico! — Érica procurou uma maneira de escapar, mas o estranho lhe bloqueava a passagem.

— Não estou aqui para maltratar ninguém. Minha missão é de paz.

— Não adianta enganar-me. Conheço os horrores que sua gente trouxe ao meu povo. Se quer falar, vamos conversar sobre isso.

— Não há motivos para derramamento de sangue. As guerras só têm uma consequência: a morte.

Torin adiantou-se e Érica recuou, com as mãos estendidas para a frente.

— Além disso, jamais me ocorreria lutar, enquanto estivesse olhando para a senhorita.

Torin moveu-se com a cautela e a graça de um predador. Chegou até a beira do lago e parou a poucos passos da jovem ruiva. De perto, ela era ainda mais bonita. Sentiu o coração acelerado, quando ela o encarou. Admitiu que a beldade era corajosa. Qualquer mulher se acovardaria com a idéia de estar diante de um viking.

Érica sentiu arrepios na espinha pela maneira como ele a olhava.

— Onde estão os outros? Eu seria tola em acreditar que tenha vindo sozinho.

— Estão muito longe. — Torin apontou o oceano. — Esperam por mim no navio. Eu quis vir sozinho. Estou à procura de uma pessoa. — Adiantou-se mais um passo.

— Para matá-lo? — Ela o fitou, rancorosa.

— Não. Vim para oferecer riqueza e poder. — Torin estranhou a sensação de familiaridade que o belo rosto lhe trazia. Era como se já houvesse visto o nariz bem-feito, os cílios longos e a boca sensual.

— Por quê?

— Quero levá-lo comigo. — Viu-a estremecer. — O pai dele é viking e quer conhecê-lo.

O estranho estava procurando por uma linhagem mestiça, como a dela. Érica analisou-o com cuidado. Nenhuma mulher deixaria de sentir-se atraída por aquele homem alto, bonito e musculoso. A fisionomia intrépida era completada pela curva das sobrancelhas, que serviam de ornamento para dois olhos incrivelmente azuis que não se desviavam dos dela.

A atmosfera ficou tensa. Era estranho como apenas um olhar podia ser tão excitante. Os olhos dele a acariciavam com uma coragem jamais vista, e a obrigavam a aceitar que uma fascinação inegável os unia.

Érica prendeu a respiração, na expectativa do que se seguiu. Sem dizer nada, o forasteiro puxou-a para perto, enrolando na mão uma madeixa sedosa dos cabelos ruivos. Passou a ponta dos dedos nas faces, no contorno da boca, nas sobrancelhas. Parecia querer certificar-se de que ela não era uma miragem.

— Gostaria de levá-la comigo, quando eu for embora.

— E o senhor acha que eu o acompanharia? Torin tinha confiança em si próprio.

— Se eu tivesse uma oportunidade, acredito que a persuadiria.

Vikings não precisavam persuadir. Eles tomavam o que queriam. Se ela recusasse a sugestão, seria arrastada para o navio, gritando e esperneando? Provavelmente.

— Raptaria, melhor dizendo.

— Não. — Torin acariciou-lhe o queixo com a ponta do indicador.

Érica decidiu que tinha de ir embora quando já era tarde demais. Torin abraçou-a primeiro com delicadeza, e depois com sentimento de posse. Érica não teve tempo de raciocinar.

Falaria àquele homem o que ele obviamente desejava. Inclinou a cabeça para trás e empurrou-lhe o peito com toda a força.

— Solte-me!

Torin não levou a sério o protesto de Érica. Ela foi silenciada por um beijo impetuoso e pelos músculos rijos que a apertavam. Sem ter como protestar, com a boca colada na dele e os braços que a apertavam, foi jogada na relva macia, com o corpo do estranho por cima.

Não permitiria que ele a subjugasse! Érica não duvidava que fosse um homem acostumado a tomar as mulheres que de-java, bem diferente do tímido Jamie a quem ela afastava com um olhar carrancudo ou uma palavra irada.

Mas dessa vez aquele viking se enganava, se achava que a seduziria.

Idiota arrogante.

Imobilizada debaixo dele, Érica comprovou a masculinidade em seu apogeu, o que a irritou ainda mais. Pela conversa das mulheres, não ignorava o que se seguiria, se não tomasse uma atitude.

Que bela "missão pacífica"!

— Solte-me! — Érica tornou a gritar, outra vez em vão.

Ele agarrou-a com urgência ainda maior. Determinada a não ser subjugada, Érica não teve outro jeito a não ser dar-lhe uma joelhada na virilha.

O estrangeiro dobrou o corpo em agonia.

Érica desvencilhou-se dele, ficou em pé e pôs as mãos nos quadris. Ele já não parecia tão seguro de si mesmo. Na verdade, assemelhava-se mais a um perdedor.

— Que mau gênio — Torin resmungou depois de alguns minutos.

Apesar do semblante de dor, ele a fitava com um traço de

O beijo que se seguiu devastou-lhe os sentidos, e ela foi engolfada por um redemoinho de emoções. Arfante e zozza, não reagiu contra o nevoeiro de encantos que a arrebatava. Sensações novas se sucediam a cada segundo.

Érica maravilhou-se com a energia do homem que a segurava nos braços e entregou-se à doce ferocidade daqueles lábios. Por instinto, abriu a boca para que ele desvendasse os mistérios ali existentes, sentindo prazer com as emoções que fervilhavam dentro de si. Era a primeira vez que tinha aquela consciência do próprio corpo.

Torin, maravilhado com a textura suave dos lábios de Érica, procurou o mel que eles escondiam. Com um gemido baixo, trouxe-a mais para perto, e o beijo tornou-se mais exigente, cheio de paixão. Torin acariciou-lhe os ombros e desceu, com intimidade crescente. Seu maior desejo era fazer amor com aquela jovem desconhecida. Ali mesmo. Naquele instante.

— Sua pele é tão macia... — ele murmurou ao afastar os lábios.

Érica sentiu o coração bater em descompasso quando ele abaixou a cabeça e beijou-lhe a curva desnuda do ombro. Desejou que ele nunca mais parasse de tocá-la. Por sua vez, ansiava para retribuir-lhe as carícias.

— Existe uma faísca mágica entre nós — ele afirmou. — Sei que também está sentindo isso. Quero vê-la desnuda, nadar despido a seu lado, fazer amor até que nós dois...

Aquelas palavras e os dedos que a apalpavam trouxeram-na de volta à realidade. Érica concluiu que estava ficando louca. Perguntou a si mesma como permitira que um estranho, e ainda mais um viking, a tocasse com tanta intimidade.

Era a filha de Ragnar e não a concubina de um nórdico! Não admiração irônica, embora estivesse encolhido no chão aos pés de Érica. Torin nunca fora repellido com tanta violência, ainda mais por uma mulher. Suspirou, mais aliviado pela dor que começava a ceder.

— A senhorita não poderia apenas dizer "não"?

— Eu disse, mas o senhor não quis escutar. — Érica encarava-o com olhar desafiador e ódio reprimido.

— Ora, eu não queria escutá-la negar o que ambos desejávamos. — Torin não conseguia deixar de olhá-la. — E ainda quer, apesar do que fez.

O viking era um homem perigoso e de palavras fáceis. Era impossível confiar nele.

— Azar o seu — Érica retrucou, altiva.

— Pode ser mais seu do que meu — Torin zombou, com um sorriso malicioso.

Érica sombreou os olhos e fitou o oceano. Não viu sinal de nenhum navio.

— Onde estão suas embarcações? Escondidas? Ou estão percorrendo a costa e levando o terror para os despreparados?

— Eu não menti quando afirmei ter vindo em missão de paz. — Torin levantou-se devagar, sem deixar de regalar-se com tanta formosura.

Érica não encontrava limites para a arrogância dele. Ouvira falar sobre a maneira como os escandinavos tratavam as mulheres. Ragnar fora diferente. Tinha sido amável e gentil com a mãe dela.

— O senhor veio atrás de nossas mulheres. O senhor não é como meu pai.

— Pelo que fico muito agradecido.

Dizia-se que, nas Terras Altas, havia centenas de lindas jovens, mas no momento, Torin desejava apenas uma. No entanto, o castigo físico o fez pensar duas vezes e desistir de nova iniciativa.

Mas Érica sabia que havia outros vikings com ele. Se aquilo fosse uma invasão teria de se precaver.

— Quantos navios o senhor trouxe?

— Por que não vem comigo e verifica pessoalmente? Se ele a raptasse, como faria para avisar os parentes?

— Ir com o senhor? Está brincando! Descobrirei sozinha o que desejo saber.

Desapontado, Torin entendeu que a jovem falava a sério e que nada a demoveria. Ela não se interessava por ele. O mais estranho era que a determinação da bela ruiva o deixava ainda mais intrigado. E ele não gostava de perder.

— Encontre os barcos se for capaz — Torin respondeu, irritado. — Não perderei mais tempo com a senhorita!

— Ótimo. Espero não vê-lo nunca mais.

A sinceridade da frase atingiu-o com a mesma dor da agressão física. Mesmo assim, Torin fitou-a com esperança antes de se afastar. Teve certeza de que não a esqueceria tão cedo.

Capítulo IV

O Lobo do Mar flutuava na água. No convés, três homens perscrutavam a margem e os arredores. Embora Torin houvesse vindo com intenções pacíficas, uma parte da tripulação não o apoiava.

— Pois eu digo que deveríamos atacar agora, antes que os escoceses sejam advertidos de nossa presença — Halldor declarou.

— Pois eu digo que não! — Audun, um viking mais cauteloso resmungou. — Herlaug foi bem claro quando nós nos reunimos. Teríamos de deixar Torin nos levar até o filho de Ragnar.

Bolli, um homenzarrão que ainda não dera palpite, apressou-se em emitir sua opinião.

— Vamos cumprir as ordens de Herlaug e depois... — ele arreganhou os dentes e bateu na coxa musculosa com o punho fechado — ...o mataremos. Há muito tempo tenho vontade de liquidar o proscrito. Ele sempre parece olhar para mim como se eu fosse um escravo, e ele, o filho de Odin.

— Ragnar preza muito os conselhos dele e por isso Torin se acha importante. — O gigante barbudo estava no leme, substituindo Torin. Ele e Halldor haviam enfrentado algumas rusgas para disputar o comando na ausência de Torin.

— Não seja tolo. Concordo que Torin se acha superior, apesar da traição do pai, mas isso não significa que devemos matá-lo... por enquanto. Ele nos conduzirá ao encontro dos outros filhos. Um por um.

Bolli riu alto e esticou os dedos, um por vez.

— Um... dois... e... e...

— Três! — Halldor Snorrason sacudiu a cabeça diante da estupidez do outro. — Não é à toa que Torin sempre sai vencedor quando o enfrenta em um jogo.

— Pois fique sabendo que ele trapaceia! — Bolli franziu o cenho.

— Nada disso. Ele é sagaz. Mas dessa vez, nós seremos mais espertos de que ele — Audun afirmou. — E quando retornarmos, seremos fartamente recompensados por Herlaug.

— Mas por que não podemos enfrentar alguns escoceses enquanto esperamos? — Halldor rangeu os dentes. — Eles podem não ser tão ricos quanto os monges ingleses ou irlandeses, mas sempre se pode encontrar alguma coisa de valor.

— Não! — Audun mostrou-se intransigente.

— Faz muito tempo que não empreendemos nenhum ataque — Halldor insistiu. — Muito tempo. — Passou os dedos no peito e no ventre proeminente. — Um homem fica sem energia quando passa muito tempo sem exercitar as habilidades guerreiras.

— Nós esperaremos! — Audun decidiu, categórico, embora soubesse que muitos estavam impacientes para desembarcar e cometer pilhagens. — É o que Herlaug espera que façamos.

— Bem, e se eu não quiser acatar as ordens? — Halldor procurou adivinhar, pelas expressões dos homens reunidos, quem estava de seu lado, quem dava razão a Audun e quem seria leal a Torin.

— Então terá de sofrer as conseqüências. — Audun estava disposto a manter o controle do barco, nem que tivesse de dar uma bordoadada na cabeça de Halldor e amarrá-lo.

— Está certo — Halldor desistiu. — Esperaremos, mas não por muito tempo. Apesar disso, Torin não nos impediu de caçar.

Os principais produtos lucrativos eram as peles e os escravos. Halldor avaliou as possibilidades. Naquela região abundavam animais, o que daria uma carga valiosa.

— Não, não impediu — Audun teve de reconhecer.

— Então, vamos.

Os homens pegaram as armas em meio a grande algazarra. Bolli foi o primeiro a descer. Halldor e mais nove se juntaram a ele na praia, e Audun e os outros ficaram para trás.

Érica moveu-se furtivamente até uma saliência de rocha e escondeu-se ao ver a embarcação grande e longa. Inquieta, observou os nórdicos deixarem o navio. Onze grandalhões. Os demais haviam ficado a bordo. Mesmo assim, onze poderiam fazer um grande estrago.

Daquela distância, não se podia ouvir o que diziam, mas foi possível perceber que as vozes não eram amáveis. Aqueles homens eram muito diferentes do viking que encontrara no lago. Também não primavam pela boa aparência. Tinham aspecto grosseiro e fisionomias grotescas, eram cabeludos e desajeitados.

— Tio Coinneach estava certo. Eles são mesmo uns selvagens!

Ao ouvir um dos vikings praguejar, Érica estremeceu e fez depressa o sinal da cruz. Encontrava-se bem acima do navio. Caminhou com cautela para o lado e viu os homens entrarem na mata. Pela primeira vez na vida, amaldiçoou sua descendência nórdica.

As nuvens esconderam o sol e, por instantes, Érica perdeu os vikings de vista. Aquilo pareceu-lhe um mau agouro.

— Preciso avisar tio Coinneach...

O vento balançou as urzes. Um veado saiu correndo da floresta e foi imediatamente derrubado por um machado certo. Mais uma prova da maestria dos vikings quando pretendiam matar.

Érica viu um dos homens tirar o elmo. Os cabelos castanhos estavam desalinhados, a barba descuidada, o rosto marcado por icatrizes. Por instinto, desconfiou que ele devesse ser um homem leal apenas a si mesmo.

Viu-o postar-se de pernas afastadas e punhos cerrados, e depois voltar-se e fitar o navio, desafiador.

O viking do lago dissera que tinham vindo em missão de paz, mas o que ela via naquele momento contradizia a afirmada. Eram selvagens, como todos diziam.

Mas e seu pai? Como seria ele? Teria sido também um pagão â pior espécie? Teria a mãe mentido para ela? Iona teria razão? Sua mãe fora desonrada? Ragnar arruinara vida de sua mãe? Ou ele a amara? Demônio ou herói... Qual os dois termos definiria seu pai?

Mais do que nunca, Érica lamentava a falta da mãe. Precisava de tantas respostas e ninguém poderia fornecê-las. Ela pasma teria de tomar uma decisão. Se revelasse ao tio a presença dos vikings na ilha, certamente haveria um massacre. Se nada dissesse e o nórdico do lago estivesse mentindo, o ataque pegaria o clã desprevenido e haveria uma verdadeira pilhagem.

Deveria acreditar na palavra de um viking?

Érica espiou de novo a embarcação e deu um pulo da rocha até o patamar inferior. Dali iria pelo caminho secreto e atravessaria a floresta. Decidiria quando chegasse ao salão nobre.

Torin encontrou-se com Gardar na beira da ravina.

— De volta tão depressa, Torin? — Gardar tirara os sapatos e esfregava os pés cheios de bolhas, sentado em cima de uma pedra. — Ou a jovem não tinha muito... para dizer ou alguém perdeu o jeito.

Com o amor-próprio ferido, Torin não podia admitir que fora desprezado.

— Ragnar incumbiu-me de encontrar seus filhos e não de perseguir mulheres bonitas.

Era uma verdade frustrante. Conhecera mulheres lindíssimas, mas a fascinação exercida por aquela jovem era inexplicável. Não costumava sentir uma atração física tão imediata. E por um momento tivera a impressão de que a emoção era recíproca. Talvez houvesse desistido muito facilmente.

— Ela o rejeitou — Gardar provocou-o.

Sempre pressentira que um dia Torin encontraria uma oponente a sua altura. Porém o amigo jamais admitiria isso.

— Mudei de idéia — Torin deu de ombros. — Ela era alta demais e muito mal humorada.

— Ora, mas uma mulher irascível seria perfeita para um homem de índole semelhante.

— Não quero falar sobre isso — Torin interrompeu-o. — Quero esquecer, e é melhor que faça o mesmo.

Como esquecê-la, se tinha o rosto dela como que esculpido na mente? Ainda podia sentir no peito a pressão dos seios firmes e o gosto dos lábios carnudos.

Gardar calçou os sapatos de couro e levantou-se.

— Vamos andando. Estou ansioso para que terminemos logo a missão. Assim poderemos retornar, o senhor poderá cumprir sua promessa e eu terei meu próprio navio.

— Bem pequeno — Torin caçoou.

— Como, pequeno? — Gardar arqueou as sobrancelhas.

— Bem, digamos que seja suficiente para carregar algumas peças de tecido de um mercador.

— Muito engraçado.

— Isso, se sobrevivermos aos encontros com os escoceses.

— Primeiro lhes entregaremos os braceletes, as moedas e os broches que trouxemos. Depois lhes prometeremos as moedas de ouro dos cofres de Ragnar. Nessa altura, acredito que eles escutarão sua proposta de paz. — Com um gemido, jogou o saco de moedas nas costas. — Espero que Ragnar esteja decidido a pagar.

— Ele está.

Os dois caminharam em silêncio por algum tempo, até Torin avistar a fortaleza MacQuarie. Imponente em cima de uma colina, parecia supervisionar todo o vale. A torre lembrava um guardião, entre bosques de faias e carvalhos. Era óbvio que fora construída depois dos ataques dos vikings às praias.

A colina era íngreme, escarpada e rochosa. Na base do morro havia uma trincheira, e uma muralha de pedra rodeava toda a área. Ao pé do outeiro e dentro dos limites da muralha, havia construções também de pedra com telhado de colmo. Um portão de guarda limitava o acesso. Fora simples encontrar a cidadela. Dali se seguiria a parte mais difícil, que era estabelecer relações pacíficas com os escoceses por tempo suficiente para encontrar o filho de Ragnar.

Ragnar e Torin haviam discordado quanto aos melhores métodos de encontrar Eric. Ragnar pretendia usar a força, Torin preferia tentar a diplomacia. Ragnar afirmara que o melhor seria raptar Eric debaixo do nariz dos parentes do rapazola. Torin argumentara sobre a dificuldade da tarefa, pois nunca vira Eric. Contudo, ao sentir a vida ameaçada, Torin era obrigado a reconsiderar seus pontos de vista. Não tinha certeza de que não seria morto no momento em que se apresentasse ao clã. Mesmo assim, decidiu enfrentar o risco.

— Vamos!

O castelo de granito cinzento tinha três pavimentos, com uma torre semicircular no lado ocidental de onde se avistava o lago Tuath. A construção sólida suportaria invasões e até poderia frustrar os mais afoitos.

Janelas quadradas e oblongas bem acima do nível do solo sugeriam que o guardas do castelo poderiam usar espadas e flechas para a defesa. Ao chegar mais perto, Torin verificou que a estrutura era bem menor de que lhe parecera a princípio. Não pôde deixar de imaginar as possibilidades de expansão, caso os vikings viessem a estabelecer-se no local.

De repente uma flecha passou a milímetros de sua orelha, assobiando. Um guarda espadaúdo apareceu acima do portão da guarda. Cauteloso, Torin adiantou-se.

— Não se aproxime! — A voz não expressava amabilidade.

Torin ergueu as mãos, num gesto de paz.

— Acabo de chegar de longe para ver seu chefe. Vim em missão de paz.

— Paz? Um viking? Que tipo de artimanha é essa?

— Não se trata de nenhum ardil.

— Veio sozinho? — Um nórdico solitário não poderia ser considerado tão ameaçador.

— Vim com um companheiro. Um homem de cabelos escuros e bem mais baixo que eu.

Gardar saiu das sombras e apresentou-se.

— Um picto!

— O nome dele é Gardar e o meu é Torin Rolandson. Ragnar Longsword enviou oferendas.

Torin enfiou a mão na sacola que Gardar levava às costas. Tirou um punhado de moedas que brilharam ao sol e Gardar ergueu os braços cheios de braceletes.

Um chocalhar de correntes e um ranger de madeira precederam o içamento do portão. Além da muralha, havia instalações para armazenamento, cercados para animais, canteiros, hortas e várias construções de pedra.

Os escoceses teriam aderido às leis da hospitalidade? Por via das dúvidas, Torin tocou no punhal que trazia sob o manto. Em caso de necessidade, poderia defender-se.

— Levarei isto. — O guarda agarrou o saco das costas de Gardar. — E isso... — Ele tirou, um por um, os braceletes do braço de Gardar.

— Ambicioso, o engraçadinho, não é? — Gardar comentou e sentiu a fome aumentar quando viu a lareira onde borbilhava um caldeirão de mingau.

Torin adivinhou que Gardar pretendia experimentar a iguaria e puxou-o pela túnica.

— Mais tarde.

Torin refletiu que as cozinhas de todos os povos eram semelhantes: reunir de recipientes, chocalhar de colheres, caldeirões em cima do fogo, víveres em barricas ou ensacados. O eterno aroma delicioso do preparo das comidas. Em certos aspectos, os vikings, os escoceses, os pictos e tantos outros se pareciam.

Ao chegarem na entrada do salão nobre, Torin avaliou de maneira crítica o ambiente. Ragnar sempre dizia que a moradia revelava um homem. Como seria Coinneach?

Assim como no salão nobre de Ragnar, bancos alinhavam-se nas paredes. Porém os dos escoceses eram cobertos com almofadas de lã bordadas. Nada de madeira crua como os de Ragnar. Das vigas do teto alto pendiam bandeiras coloridas de guerra, inclusive as escarlata com preto. No chão, abundavam tapetes de pele de carneiro. As paredes de madeira eram adornadas com um mostruário vistoso de escudos e vários tipos de armas: espadas de dois gumes, grandes e pesadas, machados, lanças, adagas de lâmina curta, arcos e flechas. Torin não pôde deixar de perguntar-se se os homens que as usavam eram experientes.

— Eu gostaria de levar algumas dessas moças — Gardar referia-se às jovens que ajudavam a preparar a comida. — O que Ragnar faria se eu raptasse todas e as levasse para casa?

— Mandaria cortar-lhe a cabeça. Estamos aqui com outro propósito. Além disso, temos nossas próprias mulheres.

Torin lembrou-se do convite que fizera à jovem ruiva. Mas aquilo não importava mais. Ele não a veria de novo. Pelo menos, era o que supunha... até ouvir um grito de mulher e ver a jovem ruiva atravessar o salão correndo.

— O senhor mentiu para mim! — Érica acusou-o, arfante.

Torin virou-se, boquiaberto.

— O que o senhorita está fazendo aqui? Raivosa e com os cabelos vermelhos caindo pelos ombros nos olhos, ela se tornava ainda mais deslumbrante.

— Meu tio Coinneach é o senhor deste castelo! — investiu a, irada.

Torin disfarçou a surpresa.

— Então talvez a senhorita possa levar-me até ele. — Torin isou a túnica e prendeu o fôlego ao vê-la passar a mão nos belos desalinhados. — Tenho muitos assuntos para conversar com ele.

— E com toda certeza, muitas explicações a dar! — Érica gritou e pôs as mãos na cintura. — Por exemplo, por que seus companheiros invadiram nossas praias armados até os dentes?

Torin maldisse Audun e Halldor. Fora bem claro com eles quando dissera para que se mantivessem escondidos e não causassem alarme.

— Nós carregamos armas para nos protegermos. Não temos planos de ataque.

— Não acredito no senhor! — Ela apontou dois homens altos Bjlle estavam postados a um canto. — Levem-no até Coinneach!

Torin foi empurrado para a frente e abaixado diante de uma Inleira grande entalhada. Sua irritação não teve limites. Viera com intenções pacíficas e estava sendo maltratado. Os escoceses haviam começado a provocação.

— Essa é a medida da hospitalidade dos escoceses? — grilou, tentando soltar-se dos braços que o agarravam. Quando Kagnar ficasse sabendo de como fora humilhado, eles haveriam de arrepender-se.

A algazarra podia ser ouvida de longe. Coinneach aproximou-se pelo corredor, parou na entrada e avaliou o ambiente, de cenho franzido.

— O que está acontecendo?

— Pegamos um viking — um dos guardas que o segurava disse.

Torin praguejou.

— Não fui apanhado. Vim aqui para falar com o líder dos MacQuarie. — Torin reparou que o homem que falara com o chefe usava dois dos braceletes que ele havia trazido como presente de Ragnar.

— Aqui estou! — Coinneach fez sinal para os guardas se afastarem. — Peço-lhe desculpas por nossa falta de cortesia.

— Cortesia? — Érica gritou, horrorizada. — E assim que o senhor recebe quem veio para nos destruir?

Coinneach virou-se para Érica, mal humorado.

— E por acaso são boas maneiras fugir para escapar das obrigações? Ficamos muito preocupados, Érica. Não conseguimos encontrá-la em lugar nenhum.

— Eu já decidi, meu tio. Não me casarei com um homem que nunca vi. Não desposarei MacKinnon. Tem de haver outra maneira. — Virou-se para Torin e rezou para que ele não lhe percebesse o tremor da voz. Vê-lo de novo deixara-a bastante perturbada.

— Minha sobrinha, temo aborrecê-la, mas terá de cumprir minhas ordens.

— Nada disso. Uma mulher deve opinar sobre a pessoa com quem deverá passar o resto de sua vida. Mas não foi por isso que eu saí do castelo.

— Eu sei. — A expressão de Coinneach abrandou-se. — Eu a teria punido por uma atitude tão drástica, mas vejo que não será preciso. Geordie conversou comigo a respeito de seus planos. Tolinha, poderia ter sido ferida... Os MacLeod são tão cruéis como os vikings.

— Nada aconteceu comigo. Não tive tempo de fazer o que planejei. — Érica voltou a atenção para Torin e fitou-o com Olhar acusador. — Em todo caso, serviu para ver o que se passava. Vikings grandes e horrorosos estão percorrendo as praias. E, se quer saber, não me pareceram bem intencionados. Por isso voltei tão depressa. Eu tinha de preveni-lo, meu no. — Érica chegou perto de Torin. — O senhor disse que não tinha intenção de guerrear!

— E isso é verdade! Os homens receberam ordens expressas para não causar nenhum tipo de problema. — Torin fitou Coinneach e depois outra vez Érica. — Não viemos para uma batalha, estamos procurando uma pessoa. Um jovem. Tive instruções para levá-lo de volta comigo.

— De quem se trata? — Coinneach franziu a testa.

— O nome dele é Eric. O nome de seu pai é Ragnar Longsword e o da mãe é Flora Dugald.

Érica sufocou um grito.

— O que o senhor disse? — Nunca poderia imaginar uma coisa daquelas, nem em seus sonhos mais fantásticos.

— Estou procurando por Eric Ragnarsson — Torin repetiu. — Ele descende de escoceses e de vikings, e é filho de um vice-rei. Está na hora de assumir o lugar que lhe pertence.

— Eric Ragnarsson? — O espanto de Coinneach foi grande, mas não chegou aos pés do de Érica.

Tremendo, ela perdeu a fala. O pai procurava por ela e pensava tratar-se de um rapaz. Precisava dizer alguma coisa, mas Coinneach adiantou-se.

— O senhor veio ao lugar certo. Flora, filha de Dugald, era minha irmã. Sou tio de quem o senhor está procurando.

— Então minha meta foi alcançada. — Torin ficou aliviado pela facilidade da primeira missão. — Preciso vê-lo. Tenho uma mensagem para ele.

Uma mensagem! Érica tentou falar de novo, mas o tio apertou-lhe o braço num claro gesto de advertência.

Capítulo V

Érica subiu correndo a escada em caracol rumo a seu quarto. Tirou várias coisas da grande arca de madeira, arrancou itens de vestuário que estavam pendurados nos pinos da parede e enfiou tudo em uma sacola grande. Determinada a não perder a oportunidade de conhecer seu pai, disse a si mesma que nem Coinneach a impediria de realizar o sonho acalentado há lauto tempo.

Partirei com o viking amanhã cedo, quer meu tio deixe ou não! Mesmo que tenha de embarcar como clandestina.

Se fosse mandada para a propriedade dos MacKinnon, tudo estaria perdido. Poderia nunca mais ter outra possibilidade de conhecer o pai.

Sou a filha de Ragnar.

Refletiu no que o nórdico arrogante diria quando descobrisse a verdade.

Ah, como ela detestara aquela atitude de superioridade dela! Na certa achava que as mulheres eram seres inferiores, pois deixara claro que pretendia ter uma conversa entre homens... a não ser quando se tratava de seduzir uma suposta filha de pescador à beira de um lago.

Érica cerrou os punhos ao lembrar-se do olhar intenso e do beijo apaixonado, reações bem diferentes da expressão de espanto quando ele soubera que ela era sobrinha do senhor do castelo.

Quando descobrisse seu parentesco viking, então...

Ah, como ela gostaria de vê-lo humilhado quando lhe contasse que era a pessoa a quem ele estava procurando! Não o filho, mas a filha de Ragnar!

Sou a filha de Ragnar! Repetiu com orgulho.

Fora impedida pelo tio de contar a verdade, quando o navegador revelara sua missão. Entretanto, Coinneach prometera apresentar-lhe em breve o descendente de Ragnar.

Embora surpresa com o comportamento do tio, Érica conservara-se em silêncio. A verdade não poderia ser mantida em segredo por muito tempo.

Érica, que não dava muito importância aos trajes, escolheu um vestido colorido que a mãe tecera para ela no grande tear da sala das mulheres. Pegou um broche e braceletes de ouro, deixou tudo sobre a cama e avaliou o conjunto.

Sim, era adequado para a filha de um vice-rei nórdico.

Também sempre fizera pouco caso da frivolidade de Iona em usar ervas aromáticas para banhar-se, mas no momento seu ponto de vista havia sofrido uma leve guinada. Como iria viajar de navio, não teria oportunidade de se lavar por um bom tempo. Seria melhor aproveitar o fato de estarem no terceiro dia da semana, que era o turno do banho das mulheres. Pegou um velho tecido xadrez de lã que lhe serviria de toalha e ouviu pancadas na porta.

— Érica... Érica! — o tio insistiu.

Erica abriu a porta depressa, ansiosa para falar com ele.

— Por que não me deixou dizer nada? — Ela nem lhe deu tempo de dizer ao que viera. — Sou muito orgulhosa de minhas origens. Quero gritar isso para todo mundo!

Coinneach percebeu imediatamente a sacola sobre a cama.

— Para onde pensa que vai?

— O senhor sabe a resposta. Aliás, o senhor sempre soube que algum dia eu iria sair em busca de meu pai. Agora a oportunidade veio bater à nossa porta e é ele quem está empenhado em me achar.

— Ragnar Longsword quer conhecer o filho.

Se o tio pretendia magoá-la, havia conseguido.

— Está insinuando que meu pai não se importará comigo por eu ser mulher? Não tenho valor por não ter nascido varão?

— Eu jamais pensaria uma coisa dessas. Érica, eu a considero uma jovem muito valorosa e ainda por cima com muitas das qualidades inerentes a um homem. Sabe caçar, é corajosa, sabe lutar e tem vontade própria. Não há nada que não possa fazer... exceto tornar-se um jarl, ou seja, um chefe nórdico.

Aquelas palavras arrefeceram toda a excitação de Érica, e a verdade penetrou em seu cérebro. O pai não procurava pelo filho que tivera com Flora por um sentimento de paternidade recalcado, ou porque desejasse recuperar os anos de afastamento. Ragnar Longsword procurava por seu sucessor. Fora isso que o trouxera de novo à superfície.

— Por que o senhor não quer que eu revele a verdade? Por que meu pai não sabe que sou mulher? Ora, se ele soubesse, não se... decepcionaria.

O tio acariciou-lhe a cabeça como se faz com uma criança.

— Seu pai não podia conhecer o sexo da criança que estava para nascer. Ele e seu bando de vikings deixaram Alba e minha irmã antes de você nascer.

Érica estava confusa. Não fora aquela a história contada por sua mãe. Ela sempre se orgulhara de Ragnar. Dissera que o pai a amava e que não se cansava de embalar o bebê com carinho. Tornava-se evidente que a mãe mentira, talvez para consolá-la. O pai nunca a vira.

— Tem certeza, tio? Ele partiu...

— Isso mesmo. Ragnar foi embora sem ao menos um adeus

— Coinneach respondeu com aspereza.

— Mamãe me disse que ele sempre pensou em voltar... — Érica lutava contra as lágrimas — ...mas que as lutas não cessavam na Escandinávia.

Coinneach sacudiu a cabeça.

— Ele nos atingiu como um verdadeiro demônio. Levou tudo o que tínhamos, inclusive a virtude de minha querida irmã. E depois de satisfazer seus interesses egoístas, foi embora sem ao menos olhar para trás. Mesmo agora ele mandou outra pessoa à procura do filho. — Com ternura, passou os dedos na face molhada da sobrinha. — Tentei ser um pai para a linda menina que nascera.

— Pode ter certeza, tio, de que foi o melhor pai do mundo.

— Érica pôs a mão no braço dele. — A morte de mamãe foi uma tragédia para mim e para Geordie. Ela sempre deu a impressão de ter esperança que meu pai regressasse. Agora entendo que ele nunca pensou em voltar, até que a necessidade de um sucessor o fez considerar o fato de outra forma.

Naquele instante Érica sentiu ódio de todos os escandinavos, principalmente de Ragnar Longsword. Ele destruíra o coração e sua mãe e agora fazia o mesmo com o dela.

— Minha querida, eu achei que seria melhor Ragnar não descobrir que tem uma filha, ainda mais uma tão bela e talentosa. Pensei apenas em protegê-la. Não quero que ele a use como um brinquedo e pense em casá-la com alguns brutamontes anão que não acredita em Deus.

É, mas o senhor pretendia casar-me com um homem que eu em ao menos conheço, só por que Iona se recusou a acatar suas ordens.

— Por outro lado... — Coinneach hesitou e deu uma tossida antes de continuar — ...enquanto Ragnar imaginar que o filho dele está nas Terras Altas, não precisaremos temer um ataque viking.

O acreditava que os ataques recomeçariam quando Ragnar descobrisse que ela era mulher.

— O viking descobrirá e contará a Ragnar quando voltar para a Escandinávia.

Coinneach sacudiu a cabeça.

— Não, se usarmos nossa inteligência. Érica entendeu a que o tio estava se referindo.

— Ele não regressará...

— Isso mesmo.

— E quanto à tripulação?

Os olhos de Coinneach cintilaram.

— Terá de ser eliminada. Não há outra opção. É matar ou ser morto, Érica. Entendeu?

Érica anuiu.

— O que meu pai pensará quando eles não retornarem?

Érica, perturbada, dirigiu-se para a casa de banhos e refletiu que os planos de seu tio eram terríveis. Abriu a porta grande e decorada. Ao pisar no junco fresco do chão, deu graças por ver que as seis tinas grandes de madeira estavam desocupadas. No centro do recinto havia um poço com água disponível para beber e para os banhos.

Encheu os baldes e despejou a água em um caldeirão de ferro que estava sobre o fogo. Esperou um pouco e, com cuidado para não se queimar, carregou o recipiente até uma das cubas e nela despejou o líquido aquecido.

A água quente seria um lenitivo para seu corpo tenso e para o redemoinho que lhe ocupava a mente. Tirou a túnica e levantou as saias para tirá-las, quando escutou o rangido das dobradiças da porta.

O instinto a fez virar-se depressa.

Oh, não! Ele... de novo.

— O senhor! — exclamou ela, ultrajada.

Torin entrou e fechou a porta.

— Parece que meu destino é encontrá-la sempre na beira da água.

— E o meu é de vê-lo farejar atrás de mim! — Érica segurou de encontro ao peito o tecido com o xadrez peculiar de seu clã. Queria esconder o busto e o pingente do qual nunca se separava.

A luz tremeluzente dos archotes deu a ela uma clara noção do homem que tinha pela frente. Desnudo da cintura para cima, usava apenas a calça justa dos vikings. Tinha ombros e peito largos e braços musculosos. Érica admitiu que nunca presenciara tanto vigor e tanta virilidade. Teve a impressão de que seu coração dava um pulo.

— Acredito que tivemos a mesma idéia — Torin sussurrou.

Érica envergonhou-se por ele ter percebido que era analisado.

— O que o senhor está fazendo aqui? — Érica teve raiva de si mesma por perder tempo em olhá-lo. — Hoje é a vez das mulheres tomarem banho.

— Ah, é? — Torin se sentira tão sujo por causa da viagem que seu primeiro pensamento, depois da hospitalidade oferecida pelo chefe MacQuarie, fora tomar um banho. — Eu não sabia.

Érica reconheceu que ele não podia adivinhar os costumes deles nem os horários do pequeno balneário.

Felizmente ela não chegara a despir-se. O mesmo não se podia dizer dele, que nem parecia se dar conta de sua quase nudez. Dava até a impressão de não tratar-se de sua masculinidade.

— Não tem importância.

No silêncio que se seguiu, cada um teve profunda consciência da presença do outro. A atração entre eles era quase tangível. Érica sentia um formigamento em todos os nervos, poros e ossos, e Torin teve de conter-se para não agarrá-la ali mesmo. Até mesmo o ar pulsava com uma inequívoca tensão primitiva e sensual.

Érica entendeu que teria de sair dali o mais depressa possível. Começava a sentir piedade dele pelo que iria acontecer. Mas era assim que tudo funcionava. *Matar ou ser morto*, era o que o tio dissera. Teria de deixar de lado as simpatias e pensar no perigo que os vikings representavam para seu povo.

Coinneach segurou-a pelos ombros e encarou-a.

— É muito comum navios se perderem no oceano.

— Preciso ir. Não posso ficar sozinha com o senhor desse jeito. — Érica virou-se de costas para ele.

— Por favor, não vá. — Torin deu um passo para a frente.

— Fique à vontade na casa de banhos. — Apressada, Érica ajeitou as roupas.

— Não a culpo por estar apreensiva, depois da maneira como me comportei no lago — Torin sussurrou.

A voz dele era doce, envolvente. Érica sentiu o mesmo calor de quando fora beijada.

— O senhor não fez segredo do que desejava.

— Eu não sabia quem a senhorita era. — Torin fitava os seios delineados sob o tecido. Não podia esquecer que ela era sobrinha do chefe do clã, e não a filha de um pescador.

— E quem sou eu? Certamente não o filho de Ragnar Longsword. — Érica ergueu o queixo, petulante, mas a frase de duplo sentido a incomodou.

— A senhorita é uma mulher e parece que fui destinado a encontrá-la. Uma mulher adorável e intrépida.

— E o senhor é um homem de palavras fáceis. Agora, se me permite...

Érica indicou a porta e apertou os lábios. Ele estava muito enganado. Apesar dos elogios, nada mudara.

— Está bem, mas primeiro eu gostaria de esclarecer o mal entendido que houve entre nós. — Torin não desviou o olhar, enquanto se aproximava. — Façamos as pazes.

Érica virou-se, mas Torin alcançou-a e segurou-lhe a mão. Imediatamente foi arrastada pela enxurrada de sensações experimentadas na beira do lago. Era impossível esquecer a pressão daqueles lábios cálidos. O gesto quase

cândido de permitir que ele lhe segurasse a mão fez o coração de Érica disparar.

Ela tentou ignorar aquelas emoções, mas não conseguia duvidar de sua sinceridade nem deixar de lamentar o destino que o aguardava. Qualquer atração que houvesse entre eles seria pura perda de tempo. O viking era um homem condenado, e ela teria sorte idêntica se resolvesse preocupar-se com ele. Puxou a mão, ríspida.

Torin virou o rosto para não ver o busto apertado sob a túnica.

— Não se preocupe. Eu a deixarei tomar banho sossegada. Mas creia em minha sinceridade. Gostaria de encontrá-la ainda muitas vezes.

Fascinada pela dança da luz do archote no perfil semelhante ao dos deuses que ela vira nas iluminuras, Érica lamentou profundamente os planos do tio.

Torin olhou pela janela do quarto que Coinneach MacQuarie lhe destinara. As colinas cobertas de flores e as florestas eram dignas de admiração. Era uma vista magnífica, com os braços de mar cortando os vales como fitas azuis. O rumor da arrebentação lhe era bastante familiar.

— Por isso é que Ragnar se apaixonou por essas terras. O que eu não entendo é por que ele foi embora.

— Porque os escoceses são pessoas difíceis — Gardar alegou e chegou até a janela. — Na minha opinião, assim que descobrirmos o filho de Ragnar, teremos de levá-lo embora daqui o mais depressa possível, antes que sejamos apunhalados pelas costas.

— Impossível. Ragnar deseja que estabeleçamos relações comerciais com os escoceses. O jovem mestiço o ajudará a selar os acordos. Por outro lado, gosto daqui. Alguns dias a mais não farão diferença.

— Ou mais precisamente, mais alguns dias arreganhando os dentes para aquela beldade ruiva — Gardar resmungou. — Pois eu lhe digo, meu amigo, qualquer dia o seu desejo vai matar a nós dois. E isso pode não demorar.

— Não se trata de desejo! — Torin não saberia descrever o que sentia por aquela jovem. — Voltando ao que interessa, Coinneach pareceu-me amigável, sem traços de hostilidade.

— Pode ser que ele não tenha idéias hostis. Mas deveria ter visto como os outros o olhavam. — Gardar pisou em um besouro que estava no chão. — É isso o que farão conosco, se não me escutar.

Torin afastou-se da janela e começou a desempacotar a sacola de viagem: uma muda de roupas, a caneca favorita, um espelho de prata, dois broches

também de prata com formato de cabeça de dragão para prender a capa, uma adaga que usava para se barbear, uma sacola pequena com peças para jogar, entalhadas em marfim e âmbar; e o objeto que mais lhe era caro: um tabuleiro de madeira com diferentes jogos de cada lado.

— Coinneach MacQuarie nunca trairia as regras da hospitalidade. A tradição das Terras Altas proíbe que se mate um homem depois de ter-lhe oferecido hospedagem. É como se fosse uma lei santa dentro da igreja cristã.

— O que, sem dúvida, nós conhecemos bem — Gardar ironizou, recordando-se de todos os monges e sacerdotes que tinham sido arrancados pelos cabelos de seus santuários.

— Ragnar sempre renegou atos selvagens! E eu também!

Gardar desfez sua sacola. Os dois ficariam no mesmo quarto, Torin na cama, e ele, no chão duro.

— Para os escoceses, isso não fará diferença. Para eles, um viking é exatamente igual a outro. Além disso, Halldor não é confiável. À menor oportunidade, cometerá uma bobagem. Escute o que eu lhe digo, temos de agarrar o filho de Ragnar e embora de Alba!

Torin ocupava-se em raspar a barba, hábito adquirido com Ragnar, que era muito vaidoso. A maioria dos vikings preferia barbas enormes.

— Pelo jeito, vamos ficar! — Gardar rosnou. — Maldita ruiva! Ela o deixou cego e aparvalhado!

— Gar... — Torin desistiu de protestar. Gardar estava certo. Confessou a si mesmo que pretendia mudar a opinião da jovem a seu respeito.

— Eu gostaria apenas de poder invocar os poderes mágicos de meus ancestrais para salvá-lo no momento preciso!

Resignado, Gardar esvaziou a sacola em cima da mesa: uma troca de roupas, uma caneca de madeira, bolas coloridos para fazer malabarismo, moedas, e o mais importante, uma flauta feita de osso de perna de carneiro.

A música que tocou era bela, porém triste.

Na entrada do salão, Érica fitou os membros de seu clã que chegavam para as tarefas matinais. O átrio fervilhava com os risos das mulheres e o tagarelar dos homens, todos alegres, felizes.

Como sentir alegria, se as palavras de tio Coinneach obscureciam-lhe a mente como nuvens tempestuosas?

— Durante tantos anos, meu pai...

O quarto que fora destinado aos nórdicos ficava bem embaixo do seu. Ela procurara escutar os sons ou palavras que pudessem esclarecer mais alguns dos

motivos que haviam levado à busca do filho de Ragnar. Esperava ouvir alguma coisa que pudesse evitar uma catástrofe, nada fora perceptível, além de uma melodia lamentosa tocada em uma espécie de flauta.

Por que meu tio insiste em seus planos? Por que não posso simplesmente contar ao viking quem eu sou? Por que Coinneach não desiste da violência? Já não houve mortes em demasia nesta região?

— Chega de pensar no que está para acontecer — recriminou a si mesma. — Ele é um viking e não um MacQuarie. Já matou muita gente.

A decisão já fora tomada. Mesmo que ela não soubesse onde e quando aconteceria o golpe, a vida do viking estava por um fio, e por isso, toda e qualquer oportunidade de conhecer seu pai cairia por terra.

— E terei de casar-me com um MacKinnon, quer eu queira ou não. Pois é assim que tem de ser.

As pessoas sorriram e saudaram-na alegremente. Embora não estivesse de bom humor, a alegria geral acabou por contaminá-la e ela não demorou para descontraí-la.

Ali não imperava uma sociedade feudal. Não havia servos; todos eram parentes e executavam as tarefas necessárias com boa vontade. Mesmo Iona, que era a filha do chefe do clã. Érica aproximou-se das mulheres que preparavam a comida.

O desjejum seria simples: mingau, frutas e peixes. Os homens estavam ansiosos para iniciar as atividades diárias. Érica despejou água no caldeirão com um balde de madeira; mais tarde iria para a ravina. Talvez a beleza do lugar acalmasse suas preocupações.

Deixou a água ferver e jogou dentro a farinha de aveia. Percebeu, de soslaio, o viking que chegava no meio dos outros homens. Mesmo sem fazer nada para atrair a atenção, era impossível deixar de admirá-lo. Alto, loiro, espadaúdo, tinha uma aura de masculinidade que era muito atraente.

Os escoceses usavam breacons de tecido xadrez vermelho e preto. As pontas longas e pregueadas passavam por cima do ombro esquerdo e ficavam presas com um broche. Os trajes eram coloridos. O viking usava cores neutras: a túnica era marrom, e a calça era bege. Apesar disso, todas as atenções se voltavam para ele, inclusive a dela.

Ele é um homem muito bonito.

Mesmo dentro daquele recinto barulhento e lotado, os dois estavam conscientes da presença um do outro. Enquanto trabalhava, Érica sentia a pele queimar sob o olhar do viking.

Com um arrepio, lembrou-se do encontro no lago. Os nórdicos eram conhecidos por sua violência. Aquele homem poderia tê-la forçado à vontade dele, no entanto, não fizera nada disso. Nem trouxera seu bando para atacar a fortaleza.

Por que seu tio o sentenciara à morte? Pelo que poderia ter sido?

Ah, isso era muito injusto... e perturbador.

Sem parar de mexer o mingau com uma vareta comprida de madeira, Érica espiava o estrangeiro de vez em quando. Olhava para outro lado, quando se percebia observada. Gostaria de descobrir que tipo de homem ele era.

No que ele está pensando? Ele sente que está em perigo?

Ou acredita na hospitalidade de meu tio? E quanto a mim? Será que percebeu a atração que eu mesma não quero admitir?

Deixou o mingau cozinhar por meia hora, desfazendo todos os grumos. Mas se distraiu por um tempo e quase o deixou queimar. Tudo por causa da presença do viking na sala!

Na certa foi assim que minha mãe se sentiu quando viu Ragnar pela primeira vez.

Érica procurou motivos que diferenciavam Torin dos outros homens presentes. Seriam os ombros largos? As pernas musculosas? O formato da boca? Os cabelos loiros que tocavam as costas?

Ah, o melhor seria parar de olhar tanto para ele!

O desjejum foi tomado em pé. Érica comeu o mingau com leite de cabra recém-tirado, açúcar, sal, framboesas e coalho. Torin serviu-se de mingau e enfeitou-o com algumas framboesas. Bebeu todo o leite de cabra do canecão, sem saber que o conteúdo era para ser dividido entre os demais.

De longe, Érica percebeu que lona, sorrindo para Torin, se apressava em encher novamente o recipiente. Não pôde deixar de sentir uma ponta de ciúme. Na certa a prima pediria ao pai para que a deixasse usar o viking como um animal de estimação. Imaginou lona amarrando uma corda no pescoço de Torin e passeando com ele pelo castelo.

A lembrança de que Torin iria morrer tirou-lhe o apetite.

— Bom dia. — A saudação alegre de Geordie assustou-a.

— O rapazinho sabe muito bem o que o tio decretou. Os atrasados não terão direito ao desjejum. — Érica piscou e serviu-lhe uma porção generosa de mingau. — Ficaremos de boca calada quanto ao horário, não é verdade?

— Eu não me atrasei por minha culpa. — Geordie estufou peito com orgulho. — Tio Coinneach encarregou-me de espionar o viking e o amigo.

— Como é?

—Ele quer saber quantos navios nórdicos estão aqui, antes... antes...

Érica não queria Geordie envolvido com violência. Ele ainda era um garoto.

— Antes que ele os mate?

— É. — Geordie olhou para o inimigo. — Nunca tinha visto um viking. —
Pensei que eles tivessem chifres.

— Isso é uma lenda, tolinho. Quando os sacerdotes os viram pela primeira vez, pensaram que fossem demônios. Embora ele seja um pouco mais alto, não parece diferente dos outros, não é mesmo?

A curiosidade fez Geordie chegar mais perto. Érica seguiu-o.

— Pensei que todos os vikings usassem barba!

— Com certeza esse deve orgulhar-se de sua boa aparência.

Érica gostava das sobrancelhas de Torin. Não eram cerradas como as de alguns MacQuarie. O nariz parecia esculpido em madeira, a boca... Teve de desviar o olhar depressa. Lembrava-se dos beijos.

— Será que ele sabe jogar shinnie.

Érica não chegou a responder. Geordie saiu correndo e foi perguntar ao estrangeiro. Érica notou que ele dava risada e aceitava o desafio de Geordie. Ansiosos para humilhar um provável inimigo, os homens logo se puseram a postos.

Era um esporte perigoso. Dizia-se que era o jogo de bola, mais tarde chamado de hóquei, mais rápido existente nas Terras Altas e arredores. Para jogá-lo, um homem precisava ter certas aptidões especiais: percepção rápida, mãos firmes, braços fortes, além de agilidade e habilidades de luta.

Érica nem pensou em assistir ao evento ao lado das outras mulheres. Levantou a barra da saia e abriu caminho a cotoveladas para jogar, como fazia desde a infância. Pegou um bastão e alinhou-se com os participantes.

O pátio tinha o aspecto de um campo de batalha. Estar do lado oposto a Torin estimulava-a a vencer. Ele viera atrás do filho de Ragnar... Pois ela mostraria o que a filha de Ragnar podia fazer. Meteu-se no meio do tumulto, a tempo de notar o olhar de surpresa e admiração com que Torin a fitava.

— A senhorita joga tão bem quanto seus homens.

— E o senhor aprende rápido.

— Talvez não o suficiente. — Torin não se enganara a respeito da jovem. Ela era intrigante. — Todas as mulheres de Alba jogam com essa fúria?

— Não. Elas preferem observar. Mas eu sempre... gostei de vencer. —
Érica agarrou o bastão.

— A senhorita sempre vence? Érica riu.

— Na maioria das vezes.

Torin não tinha a menor intenção de ser derrotado por uma mulher. Esmerou-se o quanto pôde. Rápido e forte, corria com graça, golpeando o bastão para a frente e para trás por todo o gramado. Lutou com todos pela posse da bola com uma ferocidade quase irresponsável. Empenhou-se ao máximo, como sempre, para provar aos que o desdenhavam que era capaz de fazer qualquer coisa.

Érica foi obrigada a admirá-lo. Embora ela fosse páreo para Geordie, para Malcom ou até mesmo para Jamie, descobriu que Torin manejava o bastão com a mesma energia com que o tio brandia a espada. Ele e os companheiros do barco deveriam constituir uma ameaça. Seria esse o motivo por que o tio pretendia matar todos? Esse era um caso para se pensar, assim como também as razões que haviam levado seu time a perder.

Érica rangeu os dentes. Se jogassem novamente, poderia redimir-se.

— A senhorita fez uma partida excelente. — Ainda arfando, Torin espantou-se com a mestria e a força em uma jovem tão bonita.

— Se eu houvesse jogado bem, teria vencido. Eu...

— Viu como ele jogou, Érica? — Geordie interrompeu-a. — E ele nem conhecia o jogo!

Geordie começava a gostar de Torin, e Érica não sabia dizer se isso era bom ou ruim.

— Eu aprendo depressa. — Torin deu uma palmada amigável no ombro do rapaz. — Um homem tem de ser forte, mas também tem de usar a cabeça. Gostaria de aprender um novo jogo?

— Que tipo de jogo? — Geordie interessou-se.

— Os escandinavos gostam de jogos de tabuleiro. Tenho certeza de que o hneftafl seria de seu agrado. Um jogador usa oito peças entalhadas de madeira para proteger seu rei de outro jogador que tem dezesseis peças. É um grande desafio. — Torin fitou Érica. — A senhorita gostaria de aprender?

Érica criticou a si mesma pela vontade imediata de concordar. Se fosse esperta, teria de manter-se afastada de Torin e do caminho da tentação.

— Geordie e eu temos muitas coisas para fazer. Geordie puxou-lhe uma mecha de cabelos.

— Érica, não posso fazer minhas tarefas e depois brincar?

Relutante, ela concordou e disse a si mesma que até os vikings deveriam ter coisas mais importantes para fazer. Mas a curiosidade a fez seguir Torin de volta ao salão, onde ele se sentou a uma mesa de canto. Abriu um tabuleiro com quarenta e nove buracos pequenos. Na parte de cima, havia uma cabeça

humana esculpida, na de baixo, a de um lobo. Torin abriu uma pequena sacola e tirou de dentro algumas estátuas em miniatura.

— Tem certeza de que não quer aprender a jogar? — Torin perguntou e segurou-lhe a mão.

— Eu já lhe disse! Tenho trabalho a fazer!

Érica afastou-se, horrorizada pelos arrepios que o toque dele desencadeara. Fingiu desinteresse pelo jogo e foi até uma mesa, onde começou a cortar os vegetais para o almoço. A todo momento olhava por sobre o ombro, para ver o que acontecia.

Imaginara inúmeras vezes estar de novo nos braços de Torin. Não podia negar que ele era um homem muito atraente. Teve certeza de que nenhum guerreiro escocês teria braços tão fortes, um rosto tão bonito e cabelos que pareciam de ouro sob a luz do sol.

Percebeu que ele a fitava intensamente e desviou o olhar, não sem antes perceber o sorriso cativante. Deu um pequeno grito ao cortar o dedo com a faca; estancou o filete de sangue e descobriu que seria impossível manter-se concentrada no que estava fazendo. Não podia tirar os olhos de Torin, que continuava atento às peças que movimentava no tabuleiro.

— Fico imaginando como serão os vikings na cama.

Érica virou-se ao ouvir a voz atrás de si. Era uma das mulheres casadas que ajudavam a preparar o almoço. Aproveitou para dar um espiada no bárbaro, e viu que ele movia as peças no tabuleiro com destreza.

— Que comentário mais desavergonhado!

— E ficar olhando para ele por acaso também não é uma falta de vergonha? E não pense que foi a única a reparar nele. Deve haver pelo menos meia dúzia que estão cultivando maus pensamentos. Posso lhe garantir que muitas mulheres casadas deixariam de bom grado os maridos para se deitar com aquele escandinavo. — Ela escondeu o sorriso maroto com a mão. — Sabe o que dizem sobre homens altos, não sabe?

Érica sabia e corou até a raiz dos cabelos. Ouvira as mulheres falando sobre o que acontecia com um casal entre quatro paredes. Elas não se envergonhavam em comparar o desempenho dos maridos. Umas se mostravam satisfeitas, outras, desejosas. Havia ainda as desanimadas. Não pôde deixar de pensar nas palavras da mulher que fizera o comentário. A imaginação fértil despertou-lhe uma febre de desejos primitivos que a deixou chocada, e ela sentiu uma súbita necessidade de respirar ar puro.

Foi até a porta e deliciou-se com o vento que lhe desmanchava os cabelos. Puxou uma ponta do arasaid sobre a cabeça, à guisa de xale, antes de perceber que não estava sozinha.

— Está tudo bem?

Érica surpreendeu-se. Não o vira e nem percebera passos que se aproximavam.

O coração bateu em descompasso e as palavras morreram na garganta. Érica não conseguia desviar os olhos da profundidade daquele olhar azul. Nervosa, agarrou o tecido que enrolara na cabeça. Torin puxou-o e os cabelos ruivos esvoaçaram desordenadamente.

— Gosto de seus cabelos ao vento. Lembrem-me o fogo. — Torin acariciou-lhe a mão. — Eu gostaria...

— O quê? — Érica mal conseguia sussurrar.

— Que não me visse como um inimigo. Juro que não sou! Torin puxou-a pelos ombros para si e curvou a cabeça, sem conter um beijo ardente.

Érica fechou os olhos e entregou-se às sensações que a invadiam. No mesmo instante lembrou-se de que talvez não tivesse outra oportunidade de beijá-lo antes que o tio pusesse o plano em prática.

— Não!

Érica atirou os braços ao redor do pescoço dele e abraçou-o, sem querer soltá-lo nunca mais. De repente uma certeza derrotou-a. Não queria que ele morresse!

Afastou-se com um repelão e correu de volta ao salão, tropeçando. Teria de salvar a vida de Torin. Teria de convencer o tio a desistir do plano.

Capítulo VI

Érica subiu a escada que levava aos aposentos de Coinneach, sem parar de tremer. Nervosa, encontrava-se diante de um dilema. Era leal ao clã e ao tio, mas não poderia ficar impassível diante da atrocidade que estava para ser cometida.

Parou diante da porta, indecisa. Depois a abriu, sem pedir permissão para entrar.

— O senhor não pode fazer isso, tio Coinneach! — gritou. — Não pode!

Carrancudo, o tio sentou-se. Estivera deitado no chão, na certa repousando. Envergonhada, Érica percebeu que ele abrira o kilt e que havia se deitado sobre o mesmo. Ele prendeu as pontas soltas com o cinto e levantou-se.

— Será que um homem não tem direito a um pouco de privacidade?

O saio plissado e xadrez com as cores do clã não chegava aos joelhos redondos. Resmungando imprecações, o tio prendeu com um broche grande de metal a parte mais comprida que ficara abaixo do cinto e jogou-a por cima do ombro.

— Desculpe-me.

— O quê? — Érica mal conseguia sussurrar.

— Que não me visse como um inimigo. Juro que não sou!

Torin puxou-a pelos ombros para si e curvou a cabeça, sem conter um beijo ardente.

Érica fechou os olhos e entregou-se às sensações que a invadiam. No mesmo instante lembrou-se de que talvez não tivesse outra oportunidade de beijá-lo antes que o tio pusesse o plano em prática.

— Não!

Érica atirou os braços ao redor do pescoço dele e abraçou-o, sem querer soltá-lo nunca mais. De repente uma certeza derrotou-a. Não queria que ele morresse!

Afastou-se com um repelão e correu de volta ao salão, tropeçando. Teria de salvar a vida de Torin. Teria de convencer o tio a desistir do plano.

— Eu não posso fazer o quê? — O mau humor não cedera.

— Matar o viking!

— E quem é que vai me impedir de fazê-lo? — Coinneach desafiou-a. Apesar dos cabelos grisalhos, era um homem imponente e acostumado a ter aceitas suas palavras como lei.

— Sua consciência!

Ele ficou vermelho, fechou as mãos em punho e nada respondeu.

— O senhor conhece muito bem as leis da hospitalidade.

Qualquer pessoa que fosse acolhida sob o teto de um habitante das Terras Altas não poderia ser molestada ou ferida. Não era obrigatório proporcionar abrigo ou proteção, mas uma vez oferecido, a lei era absoluta e incontestável.

— O senhor não pode matar um hóspede dentro das muralhas deste castelo!

— Então teremos de matá-lo bem longe daqui — Coinneach apresentou um argumento lógico.

Érica agarrou com fúria o braço do tio.

— O senhor está planejando uma infâmia contrária às leis divinas! E está fazendo isso por ter ressentimento contra meu pai.

— Tenho muitas mágoas, sim senhora! Contra os demônios que invadem as terras de um homem. E como se fossem uma praga de insetos, deixam para trás um rastro de destruição e morte. — O ódio não diminuía com o decorrer dos anos. O olhar azul cintilava sob as sobrancelhas grossas. — Não permitirei que nenhum viking, mesmo que seja seu pai, se aposses de nossas terras, como aconteceu nas ilhas Shetland e nas Hébridas! Uma jovem não pode entender isso!

— Sempre fui muito amadurecida e entendo tudo muito bem.

— Sou pai e as pessoas de meu clã são como filhos para mim. — O povo das Terras Altas considerava-se como uma família, pois eram os "filhos do líder". — Tenho de fazer o que for melhor para a minha gente, apesar dos argumentos em contrário. — Coinneach agarrou-a pelos ombros, empurrou-a até o corredor e fechou-lhe a porta na cara.

Mais tarde, Érica observou, através de uma janela, o tio sair com um grupo para uma caçada. Torin ia com eles. Então teremos de matá-lo bem longe daqui.

— Não, se eu puder fazer alguma coisa para impedi-lo. — Torin precisaria de alguma ajuda para continuar vivo!

Érica vestiu uma roupa velha, pegou uma manta e desceu. Em geral, na primavera e no verão, andava descalça, mas naquele dia calçou borceguins rústicos feitos de pele de veado, com a parte peluda para o lado de fora. Decidida, saiu atrás dos homens.

Na caçada, os homens podiam usar arco e flecha, mas alguns carregavam espadas e adagas. Era uma oportunidade perfeita para um acidente. Era preciso raciocinar com precisão e rapidez, se quisesse interceder em favor de Torin.

Érica correu até ficar sem fôlego, mas finalmente alcançou os últimos cavalos da fila. As éguas peludas eram equipadas com keisans, cestas jogadas sobre o lombo dos animais para carregar na volta os pássaros e caças de pequeno porte. Os arreios das cavalgadas eram de corda, e as varinhas, de aveleiras. A sela era uma peça de pele de carneiro. Torin vinha mais atrás, apreciando a paisagem, enquanto os outros cavalgam juntos à frente. Mau sinal.

Torin sorriu ao ser abordado e espantou-se ao vê-la portando um arco.

— Uma mulher participando de uma caçada? Algumas mulheres nórdicas praticavam a falcoaria, mas raramente matavam algum animal.

— Depois de conhecê-la, minha impressão sobre a docilidade das mulheres das Terras Altas foi totalmente desfeita.

— Eu caço desde criança. — Érica fingiu não entender a crítica. — Se eu fosse o senhor, tomaria cuidado para não ser caçado.

Torin não se cansava de admirá-la. Usava uma saia semelhante à dos homens, com as pernas longas visíveis sob a barra. Era impossível não olhar para elas.

Uiva era semelhante a um cone achatado. Havia trechos montanhosos e rochas vulcânicas, o solo era poroso e as samambaias cresciam em abundância. Vários tipos de árvores desenvolviam-se no solo alcalino. Havia trechos que davam a impressão de ter sido terraplenado. Vários braços de mar recortavam a vegetação. Era uma paisagem belíssima.

— A caçada aqui será um pouco diferente das que deve conhecer — Coinneach declarou, orgulhoso, ao aproximar-se. Torin teve a impressão de que MacQuarie fitava a sobrinha com raiva. — Nossos animais são gatos-do-mato, musaranhos, morcegos pipistrelo, focas e lontras. Temos cervos, cabras selvagens, lagartos e salamandras. Uiva é um paraíso de peixes e de animais silvestres.

Ele explicou que o salmão era raro, as trutas marinhas abundantes e as enguias, comuns. Caranguejos eram pescados nas costas rochosas e havia muitas ostras nas Hébridas. As vezes, nas praias, podia-se recolher um grande carregamento delas.

— Ostras! Um verdadeiro luxo. Talvez até possamos estabelecer um acordo. Ragnar gostaria de entabular negociações de comércio... — Coinneach não escutava. — Que ilha é aquela? — Torin perguntou a Érica.

— Staffa. — Ela apontou para as colunas hexagonais que se erguiam do mar. — Também é território dos MacQuarie. Mas ninguém tem ido para lá. Dizem que é assombrada.

— Já ouvi falar sobre Staffa. — Torin não acreditava em fantasmas. — Não vai querer me dizer que o filho de Ragnar mora lá.

— O filho de Ragnar? — Érica fitou-o com o cenho franzido.

— Todas as vezes que pergunto a seu tio quando vou conhecer esse rapaz misterioso, ele muda de assunto ou me promete que o conhecerei amanhã. Estou pensando que talvez o jovem Eric seja um fantasma.

Érica teve vontade de contar tudo, mas o tio percebeu a conversa e aproximou-se com o semblante sombrio.

— Se disser alguma coisa a ele, eu o matarei neste instante — Coinneach murmurou na passagem.

Nuvens escuras acumulavam-se na costa. Torin considerou quanto tempo levaria para Tor, o deus do trovão, atirar seus raios luminosos no mar.

— Parece que teremos chuva — indicou o horizonte.

— Espero que seus navios estejam bem ancorados — Coinneach disse casualmente. — O senhor veio com quantas embarcações?

Torin relutou em contar a verdade, porque não acreditava totalmente em MacQuarie.

— Hum... acho que perdi a conta...

— Ou será que não quer dizer? — Coinneach não era nenhum tolo e apontou a caravana em movimento. — Será melhor nos apressarmos.

Eles chegaram na floresta, e cães enormes lideraram o caminho na mata, farejando com desespero. Os latidos ecoaram quando avistaram a presa do outro lado de um riacho mais largo. A um sinal do chefe, um zunir de flechas cortou o ar, derrubando um grande veado.

— Está morto! — Coinneach gritou, triunfante.

Seguiu-se um ribombar de cascos e o chapinhar dos caçadores na água. Torin não os seguiu. Vira um cervo bem maior que o primeiro. Surpreso, percebeu que Érica também o vira. Ela não perdeu tempo e passou a galope na direção do prêmio.

Na floresta, predominavam carvalhos. Em algumas partes havia pinheiros e videiros. Muitas pedras e uma parte de cerrado dificultavam a passagem. Naquele tipo de solo, era difícil vencer uma corrida com os veados.

— O senhor está ficando para trás! — Érica divertiu-se com o desafio.

— Não estou acostumado com esse chão pedregoso! — Torin gritou. — Mesmo assim, estou pronto para uma disputa.

— Não quero que se perca, viking!

Érica galopava por entre as árvores, e os cabelos esvoaçavam, deixando-a com aspecto de uma mulher guerreira. Apesar da energia demonstrada, Torin teve a impressão de que algo a perturbava.

— Aconteceu alguma coisa?

Érica agarrou o arco e saiu em busca do animal que se embrenhara na mata. A intenção dela era afastar Torin dos outros. Depois o conduziria em segurança para o castelo. Daquela vez, ela enganaria o tio.

Érica seguiu as pegadas do cervo e viu que iam dar na barragem escarpada. Torin seguiu-a pela trilha estreita, sentindo intenso prazer em estar na companhia dela. Mesmo sem se toparem, eram envolvidos por uma corrente de tensão.

— A região é maravilhosa. Seu tio deve orgulhar-se dessas terras.

— Sim, muito. Ele está determinado a defendê-las de ataques. Irritava-a a certeza de que se sentia atraída por Torin. Até conhecê-lo, tinha completo

controle de suas emoções, mas quando estava próxima de Torin, seu coração disparava. Por isso teria de ser lacônica com ele e, se possível, nem mesmo deveria fitá-lo.

Torin estava cansado. Parou na margem de uma pequena lagoa, desmontou e sentou-se. Fez sinal para que Érica o imitasse e indicou uma pedra grande e lisa a seu lado.

— Não tenho intenção de liderar nenhum ataque. Eu disse a verdade quando afirmei ter vindo em missão de paz. Ragnar enviou-me com a incumbência de encontrar Eric. Mas devo confessar-lhe que minha paciência está se esgotando.

— Esta é uma ilha grande. Eric está morando com o pai adotivo, de acordo com nosso costume. Vai demorar algum tempo antes que ele retorne.

Érica lutava contra a tensão de ficar ao lado de Torin. Desse modo era impossível pensar e até mesmo respirar. A masculinidade forte desencadeava nela emoções indesejáveis.

— Se me garantir que ele virá logo, serei paciente. Confio em sua palavra.
— Torin afastou-lhe os fios de cabelos do rosto.

Confiar.

Se Torin soubesse que ela mentira, ainda assim acreditaria nela?

Todas as vezes que ele lhe perguntava o nome, ela dizia que o tio proibira intimidades por ela estar prometida ao filho de MacKinnon. Mas Torin insistia, impaciente.

— É Glenda? Jeanne? Shona? O meu nome é Torin! Apenas uma vez diga meu nome. Não me chame de "viking"!

— Mas é o que o senhor é!

Érica ficou gelada ao escutar o zumbido de uma flecha. Ela afastou Torin para o lado, mas não com rapidez suficiente. Gritou, ao vê-lo cair.

Érica curvou-se sobre o corpo amontoado no chão.

— Viking!

De olhos fechados, ele estava quieto demais. Rezou, fervorosa, enquanto procurava o sinal do ferimento.

Oh, Deus, por favor, não permita que ele morra!

Érica abaixou a cabeça sobre o peito dele e escutou o coração bater. A respiração era regular, embora o rosto estivesse pálido. A flecha não o atingira.

Ele batera com a cabeça em uma pedra, quando ela o empurrara. Érica limpou o sangue com a ponta dos dedos.

Quem tentou matá-lo o fará novamente... a menos que eu o leve para algum lugar seguro.

Impressionada pela vulnerabilidade que ele aparentava, Érica foi tomada por um senso de proteção que antes só experimentara por Geordie. Precisava salvaguardá-lo.

Pensou em levá-lo até uma das pequenas cabanas de algum lavrador das proximidades. Mas como carregá-lo?

Érica não sabia explicar onde conseguira forças para jogá-lo por cima do cavalo, mas o importante é que conseguira.

A choupana minúscula era de taipa e coberta de colmo, o chão era de terra. Nunca um local lhe parecera tão abençoado. Poderia mantê-lo seco, se a tempestade desabasse.

As paredes tinham rachaduras. Cerâmica quebrada, pedaços de madeira e palha estavam espalhados pelo chão. A poeira cobria tudo, e Érica começou a tossir quando carregou Torin para dentro. A um canto, viu um colchão de palha. Érica deitou o ferido com cautela.

Afastou-lhe os cabelos do rosto com cuidado e examinou o couro cabeludo. Havia um inchaço do tamanho de um ovo! Por isso ele ainda estava desacordado.

A experiência de Érica em atendimento de doentes era razoável. Um pano molhado traria alívio. Rasgou um pedaço da manta e mergulhou-o na água de chuva acumulada em um barril do lado de fora. Aplicou uma compressa na testa de Torin e sentou-se na beira do colchão. Esperou, esquecida do próprio desconforto.

— Por enquanto está a salvo, viking.

Se a flecha houvesse atingido o alvo, Torin estaria morto. A fidelidade ao clã entrava em choque com os sentimentos de Érica. Não poderia avisá-lo e continuar sendo leal à sua família. E se o avisasse, seu tio poderia correr perigo. Torin poderia esquecer que viera sem intenções de guerrear.

Confusa e dividida por emoções contraditórias, acariciou-o com o olhar e não resistiu à vontade de beijá-lo. Uma homenagem triste ao que poderia ter sido.

Mamãe, agora entendo o que a senhora sentiu e por que arriscou tanta coisa por amor!

Nisso Torin se mexeu e levou a mão à testa.

— Ai... minha cabeça — ele gemeu.

Desorientado, esticou o braço e agarrou-se em Érica, à procura de equilíbrio.

A proximidade do corpo suave de Érica foi desastrosa. O contato entre eles teceu uma cápsula de intimidade que Torin saboreou como nunca.

— Mas que surpresa agradável...

— O senhor bateu a cabeça.

— Eu bateria mil vezes, se soubesse que acabaríamos desse jeito.

Torin fingiu que ainda estava tonto. Agarrou-se novamente em Érica e escondeu o rosto no busto macio.

— Oh...

— O senhor bateu a cabeça em uma rocha — ela repetiu.

Torin teve a impressão de que ela o beijara. Seria mesmo? Suas idéias estavam muito desordenadas. Sentou-se, com a cabeça latejando.

Eles ficaram olhando um para o outro na penumbra da choupana. O ambiente tornava-se quente e tenso enquanto Érica perguntava-se o que ele diria e o que faria.

Torin levantou-se devagar, apoiado na taipa da parede.

— No lago eu lhe perguntei se queria ir comigo para a Escandinávia. Mantenho o convite.

— Como sua concubina?

— Não. Como minha esposa.

A sinceridade na voz dele era inegável. Torin tornou a sentar-se e o colchão afundou com o peso. Acariciou o rosto de Érica, curvou a cabeça e beijou-lhe os lábios com leveza.

Ela entreabriu a boca, num convite para que ele lhe explorasse o interior. Torin atendeu à sugestão e Érica sentiu uma onda de calor percorrê-la da cabeça aos pés. Arfando, retribuiu o beijo, tímida a princípio, apaixonada logo a seguir e agarrada nos cabelos loiros.

Aquele beijo foi a perdição de Torin. O coração batia em descompasso, o calor do corpo de Érica era uma tortura difícil de suportar. Ele a desejara no primeiro momento em que a vira. Agora ali, sozinhos, não teve forças para afastá-la.

Torin segurou-a pelos ombros e puxou-a para si. Érica deixou a cabeça pender para trás e ele sentiu no braço a cascata de cabelos lisos e sedosos.

A chama do desejo envolveu Érica em um turbilhão de receio e excitação. Nunca poderia supor que fosse tão difícil lutar contra uma emoção que lhe fora desconhecida até conhecer o navegador.

Como afastar-se dele? Poderia ignorar a insistência premente de seu sangue? A resposta pronta ao beijo de Torin e a ânsia que não sabia explicar constituíam um forte atrativo. Érica encostou-se ainda mais em Torin e deixou-

se envolver pelo calor das mãos que passaram a acariciar-lhe a curva dos seios, sob o tecido da túnica. Torin afastou os lábios, mas Érica abaixou-lhe a cabeça e tornou a beijá-lo com avidez.

Ela não conseguia entender a necessidade que a consumia. Precisava beijá-lo, tocá-lo, queria ficar para sempre em seus braços. Implorou a Deus para que a ajudasse, pois estava indefesa diante da maré poderosa que a arrepiava inteira.

— Torin — gemeu por entre os cabelos dele.

Érica surpreendeu-se ao escutar os soluços de prazer que ela mesma deixava escapar. Sentiu a cabeça girar, e fechou os olhos, entregando-se à satisfação da proximidade de Torin.

Torin traçou um caminho de beijos do queixo até a orelha e depois pelo pescoço. Não acreditava no gosto doce que sentia. Estava fascinado por Érica, não se lembrava de haver segurado uma mulher com tanto prazer. A ânsia de fazer amor com ela era irresistível, e beijá-la não era suficiente para satisfazer a fome ardente que o consumia.

Além de ser tentadora, Érica correspondia plenamente ao seu calor. Torin tornou a beijá-la, deitou-a delicadamente no colchão velho e acariciou os seios fartos.

Érica encarou-o e o desejo que viu impresso em seu rosto assustou-a. Embora a feminilidade desperta ansiasse por Torin, a lógica de sua mente gritava para que o fizesse parar. Através da névoa de prazer, percebeu que as carícias de Torin se tornavam mais audaciosas.

Oh, céus, teria de impedi-lo de prosseguir! Se lhe permitisse total liberdade, Torin acabaria por encontrar o pingente. O Olho do Corvo! Depois descobriria quem ela era, falaria com Coinneach e tudo estaria perdido.

Torin mudou de posição, afastou-lhe os cabelos do rosto, acariciou-lhe novamente a linha do queixo e desceu até a abertura do vestido.

Érica deu um pulo.

— Solte-me! — forçou-se a dizer. — Tire suas mãos de cima de mim! Eu sou cristã e o senhor é pagão. Acha mesmo que eu iria embora com o senhor?

— O quê? — Torin franziu a testa.

— Eu disse para tirar as mãos de mim, viking!

Torin levantou-se imediatamente. Parou com as pernas afastadas e os braços cruzados na altura do peito. A cabeça doía e ele lutou para controlar as emoções.

— Como sempre, a senhorita demorou para se decidir!

Era absurdo o olhar acusador, como se ele fosse o único culpado pelo que acontecera.

Érica foi a primeira a desviar os olhos. O coração continuava batendo com violência, como se fosse saltar do peito.

— Estou prometida em casamento a um homem do clã MacKinnon. — Uma possibilidade que ela lamentava com toda sua alma.

Aquela notícia foi como uma punhalada nas costas de Torin.

— E por que não me disse antes que havia outra pessoa?

— Porque não havia. Meu tio resolveu casar-me com o filho do chefe MacKinnon para o bem do clã.

— Uma oferenda de sacrifício — Torin escarneceu. — E a senhorita diz que eu sou pagão! Essa não! Pelo menos, uma mulher viking pode escolher seu próprio marido. Elas não são tratadas como... como...

— Nossas mulheres são bem tratadas. Minha mãe costumava dizer que a administração do clã era competência de um homem e que a administração de um homem era competência de uma mulher. — Érica procurou sorrir.

— As mulheres nórdicas são respeitadas. Podem até substituir os maridos na ausência deles.

— Assustando os sacerdotes nos mosteiros?

— Pelo visto, seu tio a instruiu muito bem. Mas se soubesse a verdade, veria que muitas histórias sobre nós são mentirosas.

O que aconteceria se ela lhe contasse a verdade? Que era a filha do homem que o mandara para Alba?

Torin inclinou-se e falou tão perto que a respiração dele esvoaçou-lhe alguns fios de cabelos.

— Venha comigo, jovem sem nome. Não permita que seu tio a faça casar-se com alguém a quem não ama. Acredito que poderei fazer com que venha a me amar.

O efeito de Torin sobre ela era desesperador. Queria abandonar-se em seus braços e esquecer seu tio, o clã e até de quem era. Entretanto, teve de ceder às palavras ásperas.

— Eu jamais lhe diria "sim", viking.

Érica engoliu em seco. Não havia nada que mais desejasse no mundo de que ir embora com ele.

— Não se preocupe, nada mais direi. Até mesmo os vikings têm orgulho. — Torin empurrou a porta e saiu.

Érica queria implorar para que ele não fosse embora, dizer-lhe o quanto o desejava, mas apenas correu atrás dele, com medo de que o matassem na floresta.

Capítulo VII

As flores das urzes cresciam em tufos entre as pedras e brilhavam como jóias sob o efeito da umidade da chuva e dos últimos raios solares da tarde. A beleza selvagem acabou por acalmar o ânimo de Torin e ele parou para apreciar os galos silvestres que ciscavam as folhas entre os salgueiros.

— Depressa, o senhor não deve retardar-se—Érica avisou-o, olhando por sobre o ombro.

Não havia sinal de que estivessem sendo seguidos, mas mesmo assim ela se afligia para levá-lo de volta ao castelo, onde estaria mais seguro. Não chegaram a andar cem metros e foram interceptados por três camponeses, que ao reconhecer de quem se tratava, apontaram as flechas.

— Está perdido, viking? — O de aspecto mais feroz arreganhou os dentes, demonstrando animosidade.

— Não. Nós estávamos caçando. — Torin adiantou-se, sem querer mostrar-se belicoso.

— Pois para mim ele parece perdido, não é, Ian? — o segundo homem insistiu na ironia. — Tão indefeso como uma criança. Ele não está armado.

— Ele não matará um veado com as mãos vazias — o terceiro insistiu.

Os três gargalharam, mas Érica adiantou-se e ameaçou-os com a ira do tio, e os mal-encarados se afastaram e permitiram a passagem.

— Vamos, temos de nos apressar — Érica advertiu de novo. Torin desistiu de discutir e seguiu-a. Diminuíram o passo junto aos portões do castelo.

— Meu tio... está aqui.

Érica achou graça. Receara tanto que ele os seguisse, mas Coinneach chegara antes deles. Pôde ver o resultado da caçada: seis lebres, quatro cervos, um cabrito montês e vários pássaros.

Mas não puderam acrescentar um nórdico na lista, pensou, orgulhosa. Salvara a vida de Torin, mesmo sem ele saber disso. E a expressão azeda de Coinneach era testemunha do quanto ele lamentava o fato, apesar dos cumprimentos que recebia por ter derrubado um gamo a uma distância de mais de cento e cinquenta metros.

Abaixou-se e ajudou os outros a retalhar a carne. Os cachorros latiam, desesperados por causa do cheiro de sangue. Coinneach acalmou-os, atirando-lhes as entranhas, depois levantou-se e fitou Torin com olhar ameaçador.

— Onde esteve, viking? Distraindo-se com minha sobrinha?

— Nada disso, meu tio. — Érica explicou que ele caíra sobre uma pedra e machucara a cabeça.

— Ah, é preciso muito cuidado com os acidentes — Coinneach zombou.

— Não aconteceu nada de grave. Apenas um pouco de dor de cabeça. Já enfrentei ferimentos piores. — Torin observou Érica juntar-se às mulheres que não haviam saído. — O senhor não gostaria de mudar de idéia e, em nome da paz, dar a mão de sua sobrinha em casamento a um nórdico, em vez de um membro de clã rival?

— Casá-la com um viking — ele falou mais para si mesmo. — Acho que só depois de morto. — Deu uma palmada nas costas de Torin, como se o outro estivesse brincando.

— E quanto ao filho de Ragnar? O senhor também terá de morrer primeiro antes de devolvê-lo ao lar paterno? Ou permitirá que ele faça a escolha? — Torin estava impaciente.

— Ah, o senhor conhecerá Eric esta noite. Ele estará presente ao nosso banquete. — Apontou os animais e as aves que estavam sendo preparados. — Espero que seus homens tenham tido a mesma sorte.

— Meus homens?

Torin, entretido com os próprios problemas, esquecera da tripulação do Lobo do Mar. Desejou que houvessem terminado a caçada e estivessem a bordo do navio, aguardando a sua volta. Pretendia zarpar de Alba assim que tivesse encontrado Eric Ragnarsson.

Érica entrou no pátio e escutou os risos. Esquecera que era dia de lavagem de roupas, uma das tarefas de que ela mais gostava. Levantou as saias acima dos joelhos e entrou em uma tina enorme e baixa, onde se encontravam Jeanne e Iona. Outras jovens estavam em tinas próximas, pisoteando com os pés

descalços a roupa suja imersa em água e sabão. Em geral a lavagem era feita na casa de banhos. Mas como a chuva cessara e o sol aparecera novamente, elas haviam trazido as cubas para fora.

— Érica, onde esteve? — Iona fitou-a com um sorriso sai castiço. — Será que minha suposição está correta?

Érica sacudiu a cabeça e desviou o olhar.

— Por acaso é minha carcereira, Iona?

— Alguém deveria ser — Iona respondeu, com raiva. — Assim, pelo menos, a prima não fugiria das obrigações.

— Érica odeia trabalho feminino — Jeanne esnobou. — Talvez ela ache mais interessante velejar com o viking.

— Quem sabe? — Irritada, Érica deu um pontapé em uma saia encharcada.

— Talvez fosse melhor meu pai trancá-la no quarto — Iona comentou.

— Tenho certeza de que nada a agradaria mais, não é, prima? — Érica procurava controlar a exaltação.

Érica engrossou o coro das outras que entoavam uma música vibrante para acompanhar o ritmo com os pés. Foi incapaz de divertir-se. Pensava no que deveria fazer.

Parou de cantar e, mais calma, avaliou a situação. Seria preciso avisar Torin. O perigo não fora afastado, mas não imaginava como preveni-lo sem trair o tio e os outros.

— Meu pai descobriu que o navegador nórdico veio apenas com uma embarcação — Iona falou, de repente.

Érica escorregou e quase caiu. Foi o braço forte de Jeanne que a impediu de mergulhar na água quente.

— Preste atenção onde pisa, querida! — Jeanne preveniu-a.

— É... pode deixar. — Érica concentrou-se na tarefa e calçou furiosamente a roupa ensaboada.

— O que acha do assunto, Érica?

— Do quê? — Érica levantou a cabeça e viu que Érica a olhava.

— Da velha que mora na cabana da colina — Jeanne falou voz baixa e fez o sinal da cruz. — Dizem que ela é uma bruxa!

— Verdade?

— Ela tem sido vista cruzando o lago Tuath em uma casca de ovo, símbolo das bruxas. Jamie disse que a viu transformar-se em uma lebre — Iona explicou e persignou-se.

— Tolices. — Érica não acreditava em feitiçaria, embora não duvidasse da existência de fantasmas, duendes e espíritos da água.

— Ela pode ser uma bruxa boa — Jeanne concedeu —, mas não deixa de ser bruxa. Jamie disse que ela deu a ele uma poção para acabar com a timidez. E funcionou, podem acreditar. — O sorriso foi significativo.

— Ela também deu uma poção para meu pai — Iona comentou em voz alta.

Um poção de veneno?

Érica sentiu os pés queimarem por causa do sabão de cinza com lixívia, e foi a primeira a sair da tina. Enxaguou as roupas, torceu-as e estendeu-as na grama para secar. Pensou em Torin, Na maneira orgulhosa como ele erguia o queixo, seu sorriso e seu olhar. Ele fitava os outros de frente, como se estivesse sempre dizendo a verdade.

E seu tio? Depois de ter sido ludibriado, honraria a oferta de hospitalidade ou ainda estaria determinado a matar Torin?

Torin deduziu que o líder dos MacQuarie pretendia impressioná-lo. Junco e ervas aromáticas, camomila, hortelã, manjerição e prímula haviam sido espalhados no chão. A comida era abundante, inclusive a caça do dia: pato e galo silvestres assados, além de brotos de urzes, carne de veado, ovos de pata, salada de beterraba, cenouras, bolos de mel e framboesas. Caldo de cevada borbulhava em um caldeirão sobre as chamas. A fumaça aromática instigava ainda mais o apetite. O cheiro delicioso de carne assada espalhava-se por todo o ambiente. Travessas tinham sido artisticamente arrumadas com frutas e vegetais.

No sentido do comprimento do salão nobre, havia uma plataforma de pedra em frente à lareira. Era onde se sentava Coinneach MacQuarie, em uma cadeira cuja imponência combinava com a de um chefe. Torin perguntou a si mesmo qual dos jovens sentados ao lado de Coinneach seria o filho de Ragnar.

Seria o trigueiro de dentição proeminente e que falava sem parar? Torin esperava que não. Poderia ser o jovem muito alto, ruivo e carrancudo? Poderia ser o de cabelos escuros que fitava Coinneach como se ele fosse um deus?

Se fosse pela escolha de Torin, não seria nenhum deles. Não pareciam ter qualidades dignas de um vice-rei.

— Acho que é aquele de cara feia — Gardar notou o olhar atento do amigo.

— Não, senhor! Alguma coisa me diz que o filho de Ragnar não está aqui. Se isso for verdade, que tipo de jogo o nosso anfitrião está fazendo?

Coinneach insistira que, naquela noite, a identidade do filho de Ragnar seria desvendada.

— Ele pode não confiar em um viking e pretende fazer um teste antes de revelar quem é o sobrinho.

— Teste?

— Isso mesmo. Lembre-se de que o filho de Ragnar também é importante para o clã. Ao contrário dos vikings, os celtas dão grande importância à linhagem da mãe. O povo de Coinneach descendetes dos pictos e tem um sistema matriarcal. Eric pode muito bem estar na linha de sucessão dos MacQuarie.

— Hum, matriarcado... — Torin tomou um gole da infusão de cevada. — Ragnar imaginou que poderia ser fácil sair de Alba com seu filho, se esse fosse o desejo do rapaz. E se Coinneach tiver outros planos para Eric Ragnarsson?

Torin decidiu esquecer o assunto por um momento e divertir-se. O jantar era de primeira qualidade. Ninguém sairia dali com fome. Ao contrário de outras regiões de Alba muito atingidas pelos ataques vikings, ali as incursões tinham sido pouco numerosas. Ragnar tentara poupar as terras dos MacQuarie na maioria das incursões em Ulva e em Mull.

Torin recostou-se na cadeira, bebeu e comeu. De vez em quando olhava, com esperança de ver a sobrinha de seu anfitrião. Finalmente localizou-a a um canto, isolada dos outros e com semblante preocupado. Gostaria de levar-lhe algum conforto, em vez de observá-la de longe. Várias vezes ela o fitou e em seguida virou a cabeça.

Érica experimentava o peso de uma grande responsabilidade. Inquietava-se com o que poderia acontecer ao enviado de seu pai naquela noite.

Seria envenenado? A feiticeira teria dado uma poção venenosa a Coinneach? Apesar da lei da hospitalidade, Torin seria esfaqueado durante a noite? Seria afogado no mesmo lago onde haviam se beijado? Pior ainda. Seria aprisionado na masmorra mais escura na companhia de ratos e ficaria perdido para o mundo?

Tio Coinneach deixara seus propósitos bem definidos. Não permitiria que o emissário nórdico e o amigo picto se aproximassem do navio. Quanto à tripulação, pretendia usar o gosto dos homens pela caça. Assim se incumbiria de um por um, enquanto estivessem desembarcados. Caçando nas suas terras O navio seria queimado e Ragnar jamais saberia o que acontecera. Pensaria que a embarcação se perdera no mar. Ou então poderia supor que Torin fora atacado pelos dinamarqueses. O tio rira ao imaginar que se os dinamarqueses e os nórdicos se enfrentassem, ficaria livre de dois inimigos ao mesmo tempo.

Torin está sorrindo para mim, sem saber que nada é como parece. Poderia ficar sentada calmamente e testemunhar sua morte? Teria de fazer isso, se o tio só pensava em benefício do clã?

— Ele é meu inimigo — sussurrou para si mesma. Imaginou quantos escoceses tinham sido torturados, aleijados e mortos por aquele viking. Dez? Vinte? Cem? Ou mais?

Mas dessa vez ele veio em paz. E foi mandado por meu pai...

A lembrança do pai e da hereditariedade viking a perturbaram. Era impossível decidir-se nesse conflito de lealdades. A tristeza piorava quando Torin lhe sorria, do outro lado do salão nobre. Érica entrava em luta com a própria consciência.

Em geral Érica tinha muita fome, mas naquela noite, o apetite a abandonara. Não parava de olhar para Torin e procurava adivinhar que tipo de homem ele seria, no que estaria pensando no momento e quais as emoções que permaneciam escondidas em seu coração.

Ficou tensa ao observar Geordie aproximar-se de Torin. O menino falava sem parar, e o mais estranho era que não temia o estrangeiro. Embora Érica não conseguisse escutar a conversa, as risadas dos dois podiam ser ouvidas de longe. Seu coração ficou ainda mais apertado quando Torin curvou-se, pegou uma das crianças no colo e depois carregou-a nos ombros.

Não haveria outra maneira de manter o clã em segurança em vez de casar-me com um MacKinnon e matar Torin? Por que os homens não aprendiam a viver em paz?

Virou-se. Iona estava atrás dela, pronta para o ataque.

— Será que não pode tirar um pouco os olhos daquele bárbaro?

— Não estou olhando para ninguém!

De repente, Érica preocupou-se. Ninguém deveria saber de seu interesse. Desejou ser invisível e voar para fora do salão. Assim seria impossível decifrar o que lhe ia na alma.

— Papai disse que preciso manter-me afastada do viking, mas ele não me parece perigoso. — Iona deu uma risada. — O que impressiona é a sua virilidade.

— Eu nem havia notado...

Iona não era nenhuma tola para deixar-se enganar.

— Notou, sim, e muito. Aposto que está imaginando como seria deitar-se com ele. — Iona virou-se para sair, mas não resistiu a uma alfinetada. — Tal mãe, tal filha...

Se não provocasse, não seria Iona.

A verdade era que Érica vinha pensando em muitas coisas inadequadas a uma donzela. Ansiava pela masculinidade de Torin, embora a razão rejeitasse tais idéias. Procurava esquecer o que acontecera na cabana, mas as lembranças

pareciam estar marcadas em suas emoções. No íntimo, estava convicta de que teria de salvar a vida dele sem trair seu clã.

Mas como?

Prestou atenção em seu tio. Fitou-lhe os olhos azul-escuros e desejou poder ler-lhe a mente. Era impossível saber se ele pretendiam matá-lo de imediato ou se demoraria mais um pouco para decidir o destino de Torin. Nervosa, tocou no Olho do Corvo.

Ah, se a proteção do amuleto pudesse ser transferida para o escandinavo até ele se encontrar fora de perigo!

Não, o amuleto não o salvaria. Ela era a única esperança de Torin, o viking.

A fumaça subia como se fosse uma nuvem. As chamas iluminavam o rosto dos homens reunidos ao redor da fogueira. Os vikings tomavam cerveja e contavam as peles que formavam uma pilha ao lado deles.

— Nós já matamos animais em número suficiente e tiramos suas peles. Nosso lucro aqui foi razoável. Agora sugiro que voltemos nossa atenção para os escoceses. — Bolli lambeu a ponta do indicador e tocou na lâmina do machado. — Afiada para cortar algumas cabeças.

— Ainda não está na hora — Audun respondeu. — Ainda não temos notícias de Torin.

— Pode ser que nem o vejamos mais. — Halldor cuspiu no chão. — Os escoceses podem muito bem tê-lo matado.

— Esperemos que não. Sem Torin, não poderemos encontrar os filhos de Ragnar. E o chefe ficará furioso se voltarmos sem eles! — Bolli tomou um grande gole de cerveja,

— E Herlaug ficaria furioso. Não poderemos matá-los, se não soubermos onde eles se encontram — Halldor filosofou.

Audun pegou um punhado de terra e atirou no fogo.

— Ragnar foi um tolo ao pensar que Torin seria recebido no meio deles como um amigo.

Os outros oito, todos leais a Halldor, permaneciam em silêncio.

— Torin não está morto — Sem Nariz declarou. — Ele está bebendo e comendo no salão nobre dos escoceses, sem nem ao menos lembrar-se de nós.

— Ele nem ficaria sabendo se algumas gargantas fossem cortadas. — Bolli arreganhou os dentes em um sorriso malévolo.

— Saberá, sim! — Audun lançou um olhar mortífero para Bolli e cruzou os braços na altura do peito. — Esperaremos até ter certeza de que algo aconteceu com Torin!

Bolli deu de ombros e afastou-se. Voltou a contar as peles de seu monte.

— Odeio esperar. — Halldor ficou em pé e começou a andar para a frente e para trás diante da fogueira.

— O que há de mal em ficar esperando? — Gundi Cara-Redonda, o mais jovial dos vikings, perguntou. — Aqui não está tão ruim. Temos água fresca dos riachos próximos, frutas, peixe à vontade, pássaros e animais silvestres. Para que tanta pressa?

— Daqui a pouco não teremos mais cerveja — Uff resmungou, preocupado.

— E teremos de remediar isso — Halldor afirmou, fitando Audun. — Os escoceses têm um bom estoque e...

Todos ouviram um barulho na moita atrás deles, um farfalhar e um alvoroço. Apressaram-se a pegar as espadas, mas tratava-se apenas de um animal. Apesar disso, decidiu-se que ficaria de sentinela, enquanto os outros dormiam.

Capítulo VIII

A luz dos archotes iluminava o rosto do bardo que dedilhava as cordas da harpa. Érica escutava a melodia monótona que acompanhava mais um relato sobre os ancestrais MacQuarie, onde abundavam louvores excessivos ao clã. Guarai era o segundo filho de Kenneth MacAlpin, ele contou, um dos chefes de Uiva.

O poeta olhava de tempos em tempos para Torin. Queria ver se o impressionava. Continuou a arenga e relatou por que os MacQuarie tinham lugar de honra no Conselho dos Lordes das ilhas. Falou das viagens pelo mar e da migração até as ilhas. Comentou sobre os heróis da Caledônia. O favorito era Cormac, apelidado de Mor e que se juntara com seus seguidores e três embarcações de dezesseis remos cada, na grande expedição contra os habitantes das ilhas sob poder dos nórdicos.

Érica em geral apreciava aquelas histórias, mas naquela noite nem sequer as ouvia. Nem mesmo prestou atenção quando o picto fez o que pôde para entreter o grupo. Sorrindo, o homem mostrou truques de mágica e disse que herdara o dom dos antepassados. Fingiu que era um elfo, e as crianças riram quando o viram equilibrar-se de cabeça para baixo, depois pular e rolar.

Érica prendeu a respiração, com receio de que ele caísse e se machucasse, mas Gardar tinha desenvoltura e movimentava-se com graça. Deu cambalhotas ágeis e saltos estrela. Logo uma platéia de crianças reuniu-se ao redor dele e

não demorou para que os maiores os imitassem. Até mesmo Torin demonstrou estar encantado.

— Na certa, ele é um duende benfazejo. — Jeannie deu uma risada discreta.

E como sempre, quando via um homem, perguntou em voz baixa se o rapazinho seria ágil e experiente na cama.

— Mas que descaramento! — Iona repreendeu-a e Érica corou.

Gardar jogou quatro ovos para cima, mantendo todos no ar enquanto fazia os malabarismos. A sua perícia provocou aplausos até nos homens mais sisudos do clã. Ele não deixou cair nenhum deles enquanto fazia as evoluções. Quando terminou, fez uma mesura e devolveu-os à cozinheira.

Apesar das momices de Gardar, a atmosfera continuava tensa. A segunda canção do bardo contou a história trágica de um belo homem por quem a esposa de Fingal se apaixonou. Como vingança, Fingal desafiou Diarmaid a matar o javali feroz que assustava a vizinhança. Depois o desafeto teve de andar sobre a carcaça do animal com os pés descalços. Um dos espinhos espetou o pé de Diarmaid e Fingal recusou-se a fornecer-lhe antídoto, mesmo no leito de morte do outro.

Érica lembrava-se de ter ouvido outras histórias sobre Fingal. Os nórdicos evitavam os saques em Staffa porque Fingal usara a ilha como base na guerra contra os atacantes. Uma das grutas de Staffa tinha o nome do antigo herói.

Érica voltou a preocupar-se com Torin. Duvidou que o tio usasse veneno para exterminar o suposto inimigo. Seria uma prova muito gritante da ruptura da lei da hospitalidade. Mas nunca se podia ter certeza. Coinneach lhe dissera uma vez que os vikings tinham leis próprias bem diferentes das dos escoceses. Insegura sobre o que poderia acontecer, continuou a observação. Mentalizou o que Torin bebia e comia e prestou atenção se outros partilhavam dos mesmos petiscos.

Estarei vendo coisas ou Hamich jogou alguma coisa na cerveja?

Por via das dúvidas, Érica caminhou na direção de Torin para impedi-lo de beber.

Torin levantou a cabeça da tábua de trincar carne, endireitou-se na cadeira, fitou Érica e imaginou por que ela estaria tão tensa.

— Olhe para ela, Gardar — falou para o amigo que voltava. — Está tão aflita como um peixe fora d'água.

— Parece que ela sabe de alguma coisa que está para acontecer. — Gardar tocou na adaga escondida sob a túnica. — Ela vem para cá porque alguma coisa está errada.

Érica colidiu com Torin de propósito. Ele ia começar a beber e derramou o conteúdo da caneca.

— Sinto muito — Érica sussurrou.

— Pois eu, não. — Torin impediu que ela pegasse a caneca virada e aproveitou para acariciar-lhe os dedos. — Eu a observei durante a noite inteira e agora tenho a felicidade de contar com sua presença a meu lado. A despeito do que me disse na cabana, acho que tem algum interesse em mim, embora sem querer admitir.

— O senhor está completamente enganado.

— Então por que continuou olhando na minha direção? Ninguém aceitou os pães de aveia decorados com frutas secas trazidos por um servo e Érica recusou-os, por suspeita.

— Não está com fome? — Torin caçoou, mas também não quis nenhum.

Ao lado de Érica, a comida era um fator secundário. Ela estava ainda mais bela que de costume. Precisou de um esforço sobre-humano para não a abraçar quando ela pegou uma ponta da toalha de mesa e limpou a cerveja que se derramara na túnica dele.

Érica fitou os olhos azuis intensos e desejou poder ler a mente de Torin. Ele estivera certo ao afirmar que havia uma magia especial entre ambos. Todas as vezes em que estava ao lado de Torin, Érica sentia-se atraída por uma corrente vibrante de grande potência. Teria de impedir que o matassem, a qualquer custo.

Iona estava certa ao acusá-la de sentir atração por Torin. Admirava-lhe a energia, a coragem e a lealdade que o fizera pôr a vida em risco para cumprir uma promessa. E, sobretudo, a gentileza com que tratava Geordie e as outras crianças. Era surpreendente para um nórdico.

Ele seria carinhoso com uma mulher ou a trataria com rudeza? Isso ela não iria descobrir.

Érica procurou afastar aqueles pensamentos. Torin teria sorte se escapasse da morte e pudesse voltar são e salvo. Ela nunca mais o veria.

O salão nobre ficou em silêncio quando Coinneach MacQuarie se levantou.

— Está na hora de dançar — ele anunciou e fitou Érica com censura, pela proximidade de Torin.

O semblante do tio não escondia o aborrecimento e o olhar feroz era um aviso para ela nada dizer. Érica anuiu seu entendimento.

As taças e os pratos foram retirados do outro lado do salão nobre. Os bancos foram afastados e as mesas de cavalete dobradas e encostadas na parede. Érica fez menção de se afastar, mas Torin segurou-a pela mão. Não pretendia deixá-la fugir.

Érica sentiu tontura. O calor dos olhos de Torin a incendiava. Era como se ele estivesse fazendo amor com os olhos. Estremeceu, apesar do calor.

— Eu gostaria que estivéssemos sozinhos.

Érica não respondeu. Sentiu-se mais aliviada por estarem em meio a tantas pessoas. Enquanto houvesse gente no salão nobre, o viking estaria seguro. Coinneach não o mataria na frente dos outros. Mas assim que todos saíssem, Torin correria perigo, e era imprescindível adverti-lo.

As gaitas de fole começaram a tocar. Primeiro os homens dançaram sozinhos, uma dança enérgica com muitos saltos. Depois as mulheres escolheram os pares. O som das gaitas acompanhava o estrepitar dos pés dos dançarinos. Torin sentiu a coração acelerar no ritmo da música.

— Não quer me dizer seu nome? — Torin aproximou-se para que ela o ouvisse, apesar do barulho da música.

Érica percebeu o olhar duro do tio e desvencilhou-se depressa da mão dele. Iona cochichava no ouvido do pai. Boa coisa não deveria ser.

— Isso não importa — sussurrou. — Escute, o senhor precisa sair daqui.

— Sair? — Torin espantou-se, sem imaginar por que ela estava tão ansiosa.

— Não posso explicar, mas o senhor tem de acreditar em mim.

— Mas sair de onde? — Torin estava confuso. — Do salão, do castelo, de Alba?

— De Alba — Érica confirmou com voz quase inaudível.

Pelo olhar de Torin, ele certamente achava que ela perdera o juízo.

— Não posso ir embora. Preciso encontrar-me com o filho de Ragnar. É meu dever...

— Bobagem! O senhor nunca falará com ele! — Apesar de proibida, a frase fora dita em um ímpeto.

Torin estava atônito pela sinceridade transmitida por ela.

— O que está tentando dizer?

Por que ele tornava tudo tão difícil? Por que simplesmente não pegava seus pertences e sumia?

— Que o senhor não o encontrará.

— Por quê?

— Ele não existe.

— O rapaz morreu? Por que seu tio não me contou?

Érica empalideceu.

— Não posso dizer-lhe mais nada. Por favor, faça o que eu lhe disse... Saia daqui, o mais depressa possível! E nunca mais pense em voltar!

— O que está tentando sugerir?

— Que estamos em perigo — Gardar respondeu por ela.

Torin passou uma vista de olhos pelo salão. Seria imaginação dele, ou haveria uma expectativa macabra entre os que rodeavam Coinneach?

— Nada muito hospitaleiro — Torin resmungou.

— Eles estão em muito maior número — Gardar comentou, irritado com a inércia do amigo. — Teremos de usar a cabeça.

— Eu devia ter adivinhado — Torin recriminou-se e fitou Érica. — Coinneach despistou e não nos levou de imediato ao encontro do filho de Ragnar. O que está acontecendo?

— Acho que Ragnar enganou-se com o sexo de seu filho — Gardar murmurou, desconfiado. — Se o senhor olhar bem para a jovem por quem está tão atraído, saberá o que estou querendo dizer.

— O quê?

— Olhe para ela! — Gardar exasperou-se.

Torin obedeceu e demorou alguns segundos para entender. O perfil... os olhos... o formato da boca...

Por Odin! Como pode ser tão cego e estúpido?

— A senhorita é a filha de Ragnar...

— Sou! — O olhar de Érica brilhava de orgulho.

Torin compreendeu por que ela lhe parecera familiar a princípio. Na verdade, recusara-se a admitir a semelhança. Deu uma tossidela e procurou esquecer a atração que sentia por ela.

— Seu pai encarregou-me de encontrar o filho dele, Eric — Torin procurou falar com a deferência que lhe era devida. — O filho que ele teve com Flora Dugald. Não me disse que tinha uma filha.

— Ele não sabia. Ele deixou Alba antes de eu nascer.

Torin estremeceu diante da própria conclusão. Ragnar não tivera só um filho em Alba, mas também uma filha. Ele fora muito enfático em relação aos planos para o filho.

— Meu navio está esperando para levar a senhorita e seu irmão para Hafrsfjord. O filho de Ragnar será seu sucessor, quando chegar o momento certo. A senhorita poderia acompanhar-me?

— Não! *Geordie* não é quem o senhor está procurando. O menino descende apenas do clã *MacQuarie*. Algum tempo depois de meu pai ter ido embora, minha mãe foi obrigada a casar-se com um primo.

Torin não podia acreditar. Não havia nenhum filho de Ragnar em Alba! A ânsia de Ragnar por herdeiros o fizera presumir uma fantasia.

— Então não existe nenhum filho!

Um silêncio pesado envolveu-os. Pela primeira vez na vida, Torin não sabia o que dizer.

— Por isso não quis me dizer seu nome... *Érica*. Ragnar tinha uma filha. *Eric* não existia. Torin continuava pasmo. Na certa, *Loki*, o deus endiabrado, pretendia fazer uma brincadeira cruel.

As chamas crepitavam na lareira e consumiam as toras ali colocadas. Torin teve a impressão de que os casais se moviam em marcha lenta, apesar da animação da música e dos dançarinos. Somente uma coisa girava em sua mente: a terrível verdade.

A mulher que tanto desejava era a filha de Ragnar.

A ânsia era impossível de controlar. Tinha certeza de que seriam felizes, se pudessem ir embora juntos e dar liberdade à paixão que vibrava entre eles. Mas aquele era o desejo digno de um demente. Não havia escapatória. De qualquer forma estaria condenado. Se conseguisse ludibriar *Coinneach*, teria de enfrentar Ragnar. Era um sonho impossível.

— *Gardar* e eu teremos de fazer o que a senhorita disse. Ir embora!

Era um momento perfeito para sair dali. Os que não estavam exaustos de tanto dançar encontravam-se sonolentos pelo excesso de cerveja ingerida. Até mesmo *Coinneach* parecia um pouco alegre.

— Sigam-me! — *Érica* não poderia permitir que os vikings se perdessem no emaranhado de corredores e fossem apanhados.

Torin gostaria de recusar, mas entendeu que precisava da ajuda de *Érica*.

— Só até a saída da muralha, depois *Gardar* e eu daremos um jeito.

Érica olhou para os lados e viu o tio dançando. Era a hora exata para escapar.

Gardar sugeriu um plano. Ele fingiria passar mal e desmaiar, e Torin o carregaria no ombro, como se estivesse procurando um lugar para o bêbado poder dormir. *Érica* os encontraria na casa de banhos.

Alguns sentinelas receberam uma pancada na cabeça para não impedir o caminho da liberdade para Torin. Devagar e com cautela, ele carregou *Gardar* até o local combinado. Encontraram-se com *Érica* e cruzaram furtivamente o pátio interno, escondidos pelas sombras. Chegaram ao grande portão e o des-

trancaram com o menor ruído possível. Torin apertou a mão de Érica com tanta força que ela estremeceu.

— Eu sempre me lembrarei do que fez por nós. Jamais a esquecerei. — Torin sentiu o tremor, abraçou-a e a envolveu na capa para protegê-la do frio. Não fora um ato premeditado, mas deu grande prazer a ambos.

— Érica... — Torin não pôde resistir à tentação, e acariciou-lhe os lábios com os seus.

Érica não estava preparada para sentir o súbito calor doce que a invadiu quando Torin tocou-lhe os lábios. Nada poderia ter sido mais bem-vindo do que aquele beijo. Era como se estivesse esperando por ele a vida inteira. Ela abraçou-o pelo pescoço e os dois se agarraram com desespero, esquecidos do mundo.

— Por Odin, Torin! — Gardar repreendeu-o em voz baixa, mas com indignação. — Será que perdeu o juízo? Como pode pensar em perder tempo com um beijo, sabendo que os MacQuarie virão atrás de nós a qualquer momento?

Érica deu razão a Gardar e tomou a iniciativa de soltar-se.

— Saiam daqui, depressa! Meu tio não é nenhum tolo. Ele teve ter começado a busca, assim que os viu sair do salão.

Gardar empurrou a porta, e o ranger das dobradiças enormes deixou-os apreensivos.

Érica seria punida por tê-los ajudado?, Torin preocupou-se. Ragnar também não perdoaria uma traição dessa espécie.

— Venha comigo — implorou.

Érica teve a impressão de estar em meio a um sonho. Desde criança, desejava conhecer o pai. Mas o sonho tornou-se um pesadelo. Quatro guardas saíram das sombras, agarraram Gardar e Torin e torceram-lhes os braços para trás.

— Levem-nos daqui! — um deles gritou e empurrou Érica.

O cheiro de mofo no calabouço onde Torin fora atirado era insuportável.

— Isso, porque existe a lei da hospitalidade — resmungou, procurando em vão um meio para fugir.

Gardar fora separado dele, o que tornava a solidão ainda maior.

— Pelo menos, ainda estou vivo — falou em voz alta.

— Por enquanto! — O guarda do corredor balançou as chaves na frente da porta de barras de ferro, mas Torin não entrou naquele jogo de provocação.

Era uma cela exígua, mais uma adega de que uma prisão. O alçapão de pedra e ferro era trancado por fora. Torin conhecia aquele tipo de masmorra,

e era semelhante às que vira em Eire e em outras regiões de Alba. Mesmo que pudesse escalar a parede, não havia como remover a pedra da abertura. Ele se encontrava à mercê de Coinneach MacQuarie.

— Meu pai e meu tio foram mortos pelos vikings — o guarda falou, ameaçador. — Não pode imaginar como ficamos irritados ao vê-lo invadindo nosso salão depois de ter nos pilhado e levado nossas mulheres.

— Eu vim em paz.

— O senhor não sabe o significado dessa palavra!

— Muito menos o senhor, me parece.

Torin achou inútil continuar a discussão e dizer àquele escocês que havia um momento na vida em que todos os homens queriam assentar a cabeça e esquecer os erros do passado. Aga-chou-se, e escutou o barulho das chaves e os passos do homem que se afastava.

Torin perdeu a noção do tempo naquele local desalentador, humilhante e infecto, desconfortável ao extremo. Nas paredes de terra havia aranhas, vermes e besouros. Felizmente não lhe haviam tirado o manto. Longo e grosso, serviria para aquecê-lo do frio e da umidade. Enrolou-se no tecido de lã.

Uma réstia de luz vinda de um archote não muito próximo atravessava a grade de ferro. Isso impedia que a prisão minúscula e horrível ficasse completamente escura.

— Gardar! Gardar, pode escutar-me? — Será que ouvira mesmo um rosário de imprecizações? — Que tipo de homens são esses escoceses? E pensar que eles nos chamam de demônios!

Torin levantou-se e andou de um lado a outro no pequeno espaço de terra batida. Fora preso em uma armadilha. Teria de sair dali! Se ele ou Gardar não voltassem para o navio, Audun, Halldor, Bolli e os outros saberiam que acontecera alguma coisa e viriam atrás dos desaparecidos. E quando isso ocorresse, trariam a morte e a destruição. Era preciso fazer alguma coisa para impedir mais uma desgraça.

Agarrou-se na parede de terra, procurou um ponto de apoio para os pés e tentou escalar o buraco onde o haviam trancado, mas escorregava todos as vezes que estava próximo do alto. Sua única recompensa foram os dedos esfolados, sangrando, e as bolhas.

Tirou o cinto de couro e atirou-o através das barras de ferro em várias tentativas fracassadas. Frustrado, viu o cinto cair repetidas vezes, sem alcançar a marca desejada. Teve a impressão de que as paredes se fechavam sobre ele. Torin nunca se sentira tão impotente.

— É como ser castrado — praguejou alto. — Coinneach sabe como torturar um homem. — O que seria o barulho acima de sua cabeça? — Érica!

Érica foi trazida sem nenhuma gentileza para dentro do salão nobre e largada no chão diante da grande cadeira entalhada do tio. Levantou-se, alisou o vestido e passou os dedos pelos cabelos. Apesar do que acontecera, estava determinada a manter a dignidade.

— Eu esperava que Iona estivesse enganada. Infelizmente não estava. — Coinneach praguejou e descontou sua fúria em uma cadeira que acabou virada. — A sua predileção por nossos inimigos fez com que me desafiasse, Érica.

— Eu não queria que o senhor o matasse!

— Não acha que ele estava esperando uma oportunidade para nos matar?

Érica pensou um pouco, antes de responder.

— Não. Ele me parece um homem de palavra.

O rosto de Coinneach ficou vermelho com tamanha ousadia.

— Os vikings são todos uns canalhas. Percorrem o litoral a seu bel-prazer, saqueiam o que desejam, sem medir conseqüências. — Ele bateu o pé. — Pode ter certeza, minha querida, que esse nórdico não a levará com ele!

— Nem mesmo se isso fosse uma esperança de paz?

— Nem assim. — Coinneach estava irredutível.

Érica sabia que não adiantaria argumentar, pelo menos naquele momento, teria de usar de outros métodos.

— O que pretende fazer com ele, tio Coinneach?

— Deixá-lo ficar na masmorra até morrer. Pelo menos não dissera que iria matá-lo.

— E não pense em interceder, ou a punição recairá sobre ele!

— Sim, senhor. — Érica empalideceu.

— Sob nenhuma hipótese tente manter contato com ele, ou eu mandarei...

— Coinneach fez um gesto como se fosse cortar a garganta.

Érica conhecia o tio e sabia que ele cumpriria a promessa. Por outro lado, não poderia permitir que Torin apodrecesse na masmorra. O lugar era depressivo, frio e úmido. Poucos homens sobreviviam ali por muito tempo. Muitos haviam morrido de tuberculose por causa da umidade, alguns haviam perdido a razão. Um deles conseguira suicidar-se.

Não permitiria que isso acontecesse com Torin.

Alguma coisa, ou alguém, os espiava da moita.

— É muito perigoso ficar aqui — Halldor falou com Bolli. — Senão, como explicar termos perdido três homens?

— Bobagem. Eles devem estar seguindo a trilha de um dos animais que vimos antes. Melhor para nós. Assim diminuirá o número de pessoas para repartir o lucro.

— E serão menos homens para lutar, se for preciso. — Halldor sacudiu a cabeça. — Não estou gostando nada disso. Além do mais, nem sinal de Torin e de Gardar. Devem estar mortos.

— Torin não está morto. — Ingemund era o aliado mais fiel de Torin. — Ele voltará. Ele sempre cumpre o que promete.

— Pois eu digo que ele morreu e que todos morreremos, se não voltarmos ao navio e zarparmos imediatamente!

— Acha mesmo que iremos embora com o rabo entre as pernas só porque alguns homens desertaram? — Audun começava a perder o controle da situação. Tinha certeza de que Torin estava à procura deles. — Eu disse para esperarmos.

— Vamos embora! — Bolli incentivou os outros.

Foi decidido que esperariam mais dois dias. Caso Torin não aparecesse, voltariam para a Noruega.

Capítulo IX

Sentada na beira da cama, Érica estremecia ao pensar na situação difícil de Torin.

— Como meu tio pode falar na crueldade dos nórdicos, sendo ele mesmo um homem tão selvagem?

Nada poderia fazer a respeito. Se o tio descobrisse, mataria Torin. Apoiou os pés no chão frio.

Se pudesse vê-lo apenas por um momento, para ter a certeza de que ele não sofria demais naquele local infestado por ratos...

Fechou os olhos. Viu Torin tão magro que seria possível contar-lhe os ossos. A agonia com que ele a fitava a fez chorar. Por ele. Por si mesma.

Pelo que poderia ter sido, se tudo fosse diferente.

— Érica?

Ela se assustou com o sussurro de Geordie.

— O que houve, querida?

— Eles atiraram o navegador naquele buraco dos infernos. — Ela relatou a história entre soluços. — Eu não quero que ele morra...

— Então, por que desafiou tio Coinneach a favor de um inimigo? — Geordie repreendeu-a com gentileza.

— Tive de fazer o que achava certo. Ele veio em missão de paz, Geordie, não para atacar ninguém. Ele veio à procura de alguém, à minha procura! Ofereceram-lhe hospitalidade e depois foi miseravelmente traído!

— Tio Coinneach fez o que achou melhor para todos. — Geordie procurava defender as ações do tio, ao mesmo tempo que admirava a coragem da irmã.

— Quando quer, ele é mais teimoso de que um bode velho. Geordie casquinou uma risada.

— Isso é verdade.

— Mas eu não podia imaginar que fosse tão cruel. — Érica relatou a ameaça do tio. — Nem mesmo posso saber se Torin está sofrendo. — Recomeçou a chorar, desesperada.

Comovido, Geordie aproximou-se e abraçou-a.

— Por favor, não chore. Tudo vai dar certo.

— Não vai, não. Eles vão matá-lo. Jamais poderei perdoar tio Coinneach.

Geordie acariciou-lhe as costas para acalmá-la, como ela fizera tantas vezes para sossegá-lo.

— Vai perdoo-lo, continuar com sua vida e logo esquecerá tudo isso.

Érica sacudiu a cabeça.

— Não. Eu jamais perdooarei nem esquecerei, porque...

— Porque, como mamãe, está apaixonada por um viking. Érica procurou negar e tentou convencer Geordie de que estava aborrecida por uma questão de justiça e humanidade. Não adiantou. Geordie a conhecia muito bem.

Ele soltou a irmã, jogou-se de costas nos travesseiros, cruzou os braços atrás da cabeça e refletiu um pouco.

— Não adiantará fazer estardalhaço. Tio Coinneach vai endurecer mais ainda. Ele a trancará no quarto e seu sofrimento será tão grande quanto o do viking.

— Concordo. Eu só queria saber se ele está sendo alimentado e bem cuidado.

— Só isso?

Érica percebeu que o irmão estava fraquejando.

— Geordie... querido... será que não poderia fazer um favor para sua irmã? É só verificar de vez em quando...

— Não! — Geordie sentou-se. — Não posso voltar-me contra os meus.

Mas também não podia ver Érica sofrer.

— Não estou pedindo para que desafie ninguém, e muito menos tio Coinneach. É só levar um pouco de comida para Torin, de vez em quando.

Geordie não respondeu.

— Por favor, Geordie!

— Hum, Torin... Quanta familiaridade com ele! — O garoto deu de ombros.

— Não posso mentir. Há alguma coisa nesse seu Torin que me faz gostar dele.

— Então vai ajudá-lo? — Érica piscou para afastar as lágrimas.

Ele cruzou os braços na altura do peito.

— Hum. Talvez sim, talvez não. O que vou ganhar se eu disser sim? — perguntou.

Érica sabia que ele a provocava.

— Eu lhe darei meu pente mais bonito. — Ela desmanchou-lhe os cabelos.

— Faz tempo que está precisando usar um.

Geordie projetou o lábio inferior.

— Não quero seu pente. Não vou usá-lo mesmo.

— Minha caneca entalhada com a cabeça de um javali? Geordie sacudiu a cabeça e impediu a irmã de continuar com os oferecimentos.

— Não quero nada. Vou cuidar de seu viking pelo amor que lhe tenho e pelo amor que sempre me dedicou. — Geordie secou as lágrimas de Érica com a ponta do lençol. — Terei de achar um jeito de persuadir tio Coinneach a mudar de idéia Nobre o viking.

A escuridão e o silêncio eram depressivos. O desalento, incontável. Torin preocupou-se com a própria sanidade. Estaria perdendo o raciocínio? Ou a vida?

— Fui jogado aqui sem um mínimo de decência, para sofrer e...

Para morrer? Torin não queria acreditar que fosse o fim para ele. Recusava-se a aceitar o que parecia inevitável.

O tempo movia-se devagar na escuridão e ele perdera a noção dos dias. Tentou fazer um cálculo aproximado do tempo em que ele e Gardar tinham sido encarcerados. Uns dois dias talvez fosse de noite. O estômago roncando reforçava a conclusão. Imaginou quanto tempo um homem agüentaria ficar in comida.

Bateu na orelha ao sentir uma coceira. Poderia ser uma aranha. Esperava que não fosse venenosa. Sentiu calafrios. A escuridão, o frio e umidade podiam desorientar um homem, ainda mais com aquele cheiro de decadência e morte. Escutou o barulho de água. Não recebera nenhuma gota. Molhou os lábios, disposto a não pensar em fome nem em sede.

— Tem de haver uma maneira de eu sair daqui. Audun e Halldor...

Não confiava naqueles dois. Só em pensar neles, teve vontade de vomitar, apesar do estômago vazio. Mesmo se soubessem onde encontrá-lo, seriam capazes de tirar vantagem do infortúnio dele em benefício próprio.

Frustrado, disse a si mesmo que o pior era a sensação de haver perdido o controle do destino. Odiava ficar à mercê dos outros. Ah, não daria essa satisfação ao escocês infame! Haveria de libertar-se! Por Odin!

Um som leve perturbou sua solidão, um som longínquo de uma gaita de foles. Torin prendeu a respiração e escutou com atenção o lamento.

— Gardar! Gardar! Pode me ouvir?

Uma voz abafada chamou-o através da parede grossa de terra.

— Por que estão tocando as cornamusas?

Pareceu que Gardar respondia alguma coisa sobre uma comemoração. Seus algozes desgraçados deviam estar celebrando sua prisão! Gritou uma imprecisão violenta.

Mais uma vez procurou escalar a parede da masmorra, mas tornou a deslizar para baixo quando já estava quase chegando no alto. Mesmo assim, recusava-se a desistir!

Percebeu um ruído acima dele, levantou a cabeça, julgando tratar-se da sentinela, mas o outro rosto o fitava. Sem barba. Um garoto. Geordie.

— Tire-me daqui! — Torin gritou a plenos pulmões.

— Psiu! Não podemos chamar atenção. Pelo menos, não por enquanto. Vim ajudá-lo, a pedido de Érica.

— Vai libertar-me? — O coração de Torin disparou.

— Não. Não posso ir contra a vontade de meu tio. Mas posso dar-lhe alimento e algo para saciar sua sede.

No momento, aquilo representava um paraíso.

— Só posso demonstrar minha gratidão por meio de palavras. Se eu tiver a sorte de ficar livre, agradecerei de maneira mais adequada.

— Prometi a minha irmã que falaria com meu tio sobre sua liberdade. — Geordie baixou pela abertura da grade um canecão de cerveja amarrado em uma corda. Seguiram-se alguns pedaços de carne de veado dentro de uma pequena sacola de couro.

O rapazote manobrou a descida com cuidado. Não foi perdida nenhuma cerveja e nenhum pedaço de carne. Uma bexiga com água foi descida logo depois.

— Como está Érica?

Torin gostaria de fazer mais perguntas, mas a fome não lhe permitia falar. Encheu a boca com a carne e engoliu tudo quase sem mastigar. Pegou a bexiga de porco e bebeu água. Geordie mandou em seguida outra sacola com framboesas, que foram engolidas com voracidade idêntica. Torin resolveu deixar a cerveja para quando quisesse adormecer os sentidos.

— Érica queria ter vindo pessoalmente, mas ela recebeu um ultimato. Se ela chegar perto do senhor, selará seu destino.

— Meu...

Geordie contou tudo o que sabia.

— Meu tio ameaçou matá-lo, se ela tentar ajudá-lo.

Torin sentiu-se mais animado. Érica não esquecera dele.

— Por isso ela pediu-lhe para vir?

— É verdade. Eu vim porque não suporto vê-la chorar e também... porque não acho que o senhor seja uma má pessoa, apesar de ser um viking. — Geordie fez uma pausa. — Não acho que o senhor seja como aqueles que eu vi na floresta. Torin parou de comer.

— Na floresta?

— Sim. Eles estavam caçando nossos animais para depois esfolá-los. Érica também os viu. Eram grandes e cabeludos. Horríveis.

— Meus homens!

Torin sentiu-se aliviado. Pelo menos Audun e os outros ainda estavam em Uiva, não haviam atacado os escoceses e zarpado. Mesmo assim, aquilo não lhe daria segurança nenhuma, principalmente depois de ouvir o comentário de Geordie.

— Tio Coinneach vai acabar com eles.

— Acabar? — Torin entendeu que, nesse caso, não haveria mais esperança. Percebendo que falara demais, Geordie afastou-se da grade.

— Volte, Geordie! — Depois de alguns minutos, o rapaz voltou a espiar para baixo. — Tem certeza de que Coinneach vai atacar meus homens?

Geordie não precisou responder. MacQuarie não hesitaria em surpreendê-los. Embora com ódio de Coinneach, não queria pensar nas consequências.

— Geordie, acha que poderia localizá-los novamente? E mandar uma mensagem? Diga-lhes para esperarem até eu ser libertado. Enquanto isso, devem ficar navegando na costa.

— De jeito nenhum! — Geordie mostrou-se irredutível. — Não trairei meus parentes, nem falarei com os vikings. Não sou como minha irmã, que está apaixonada pelo senhor!

Geordie saiu correndo e Torin enfrentou novamente a solidão. Mas dessa vez com a fome saciada.

...como minha irmã, que está apaixonada pelo senhor!

As palavras ecoavam sem parar na mente de Torin, e ele sorriu, apesar de sua situação complicada.

Sobre o vale verde, as nuvens de chuva competiam com a luz do sol. Érica abriu o postigo da janela de seu pequeno quarto e espiou o céu pela abertura. Outro dia igual ao precedente. Enquanto ela podia movimentar-se com relativa liberdade e ver o sol, Torin estava condenado a definhar na escuridão. Como poderia dormir pensando nisso? Na noite anterior nem mesmo fechara os olhos. Atormentada pelo que poderia estar acontecendo com Torin, passara horas intermináveis virando-se de um lado para o outro.

— Tio Coinneach! Como o senhor pode ser tão cruel, implacável e teimoso?

Com raiva, tirou a camisola e jogou-a no chão. Um pente e um travesseiro tiveram a mesma sorte, antes de Érica vestir-se.

— Que horror, Érica! — Geordie caçoou ao entrar no quarto. — Que desordem! Mamãe sempre dizia que eu tinha uma irmã de gênio forte.

Érica acalmou-se com a presença do irmão.

— E justificado, neste caso.

Geordie abaixou-se para pegar as coisas espalhadas no chão.

— Acho que ficará mais bem-humorada se eu lhe disser que seu viking está vivo. Eu levei comida e bebida, exatamente como me pediu que fizesse.

Geordie o vira! Érica sentiu-se mais aliviada. Torin estava vivo e recebera alimento, graças a Geordie.

— Levei comida para ele ontem à noite e hoje pela manhã. Ele me pediu para levar metade das coisas para o amigo dele, o pequeno picto.

— Como... estava a aparência dele?

— Ele é forte. — A admiração de Geordie era visível no olhar. — E astuto. Ele vai sobreviver.

— Alguém o seguiu, Geordie?

— Claro que não. Sabe muito bem que posso ficar invisível. — Geordie fez gestos de quem voava. Acho que é meu sangue picto. Por isso os vikings não me viram.

— O quê?

Geordie deu de ombros. Como sempre, falara demais.

— Não se preocupe. Os sujeitos não viram que eu os observava. — Geordie franziu o nariz. — Tem razão. Eles são grandalhões e cabeludos.

— E perigosos! — Érica agarrou Geordie pelos ombros, com o instinto de proteção em alerta. — Não quero mais que chegue perto deles!

— Mas, Érica... — O rapaz fitou a ponta dos sapatos. — Não sou mais nenhuma criança.

Ah, era sim. Ainda demoraria um pouco para ele criar barba. Encontrava-se em um estágio intermediário, nem menino e nem homem.

— Geordie...

— Érica, sou um homem e sei muito bem tomar conta de mim mesmo!

— Nada disso. Não pense que é páreo para eles. Os nórdicos são adversários perigosos até mesmo para nossos guerreiros mais ferozes. — Nem queria pensar na hipótese de algo acontecer a Geordie. — Prometa-me que não irá se arriscar novamente.

— Mas, Érica... tio Coinneach quer...

— Não me interessa o que tio Coinneach quer! Prometa que ará o que estou lhe pedindo!

Geordie quis evitar a promessa e foi até a janela. Deteve o olhar nos penhascos e nas colinas.

— Tio Coinneach disse que logo poderei ter uma espada de verdade — ele tentou mudar de assunto.

— É mesmo?

— Hum-hum. Ele disse também que pelo fato de não ter filhos, eu estou na linha sucessória.

Mais uma vez Érica sentiu uma ferroadada em seu orgulho. Era descartada por ser mulher.

— Hum, então agora ele está comprando o sobrinho?

— Eu jamais serei subornado. — Geordie ergueu o queixo. — Minha lealdade, antes de tudo, pertence a minha irmã.

Geordie teve de provar isso mais tarde. Em pé diante do tio, implorava pela vida do viking.

— Tio Coinneach, eu gostaria de falar com o senhor. — Geordie não escondia o nervosismo. Sempre se sentia menor diante do tio.

— Ah, é? — Sentado em sua cadeira favorita e com os pés em cima da mesa, o tio nem mesmo se dignou a levantar o olhar. — E sobre o que seria, meu rapaz?

— O senhor não pode manter o viking no calabouço, tio Coinneach! — Geordie cometeu a imprudência de fazer o pedido soar como uma ordem.

MacQuarie levantou-se de um salto, furioso.

— Posso e é o que farei! E não será nenhum fedelho que irá me impedir!

— Ele não nos causou nenhum mal! Ele veio em paz e... é corajoso... e eu gosto dele.

Os olhos sob as sobrancelhas espessas estreitaram-se com ódio.

— Foi sua irmã quem o meteu nisso!

Geordie sacudiu a cabeça, mas não conseguiu enganar o tio.

— Foi ela, sim! Érica está com ele no coração!

— Eu gosto dele — Geordie repetiu.

— Gosta a ponto de querer que Érica vá embora com ele? Está preparado para tirá-la de sua vida e nunca mais vê-la? Ou então testemunhá-la definhando de amor por um homem que a abandonará depois de engravidá-la? Geordie, estou fazendo isso pelo amor que tenho por sua irmã. Eu a estou protegendo dela mesma. Se isso significa que o nórdico terá de ser sacrificado... assim será feito.

Geordie entendeu que perdera a disputa. Não queria que Érica deixasse Alba, nem que tivesse uma vida de sofrimentos como acontecera com a mãe deles. Perguntou a si mesmo se o pagão teria de morrer para proteger Érica. Havia ocasiões em que o certo tinha de prevalecer, não importando o custo. Coinneach era seu tio, chefe do clã e a quem jurara lealdade. Mas não havia como negar que ele estava cometendo grave injustiça.

Despediu-se, muito sério, e saiu, descendo os degraus de dois em dois. Seguir a própria consciência seria um ato de traição, mas não havia escolha. Não queria que Torin tivesse uma morte agonizante. Isso mataria Érica.

— Talvez haja um outro jeito...

Os vikings haviam acampado às margens de um regato, onde teriam água para beber e peixes para matar a fome. Incumbiu-se de pescar, afirmando que era capaz de alimentar a todos. Bolli encarregou-se da lenha, e Einar, de colher frutos e raízes comestíveis.

A neblina cerrada obscurecia o sol. Embora fosse o começo da tarde, mal se via luz entre as árvores. A floresta impenetrável remeteu Audun e os companheiros para todas as direções, exceto para o oceano.

— Minha opinião é de que devemos atacar os escoceses agora ou então ir embora — Halldor resmungou.

— E dizer o quê a Herlaug? — Audun escarneceu.

— Para molhar as pernas no mar. Se ele quiser capturar os filhos de Ragnar, que venha pessoalmente!

— Certo! Nunca se deve mandar um tolo em uma missão idiota — Einar interferiu, contrariando suas maneiras geralmente brandas, e anuiu em direção de Bolli.

— Está me chamando de idiota? — Bolli mostrou os dentes e pegou o machado.

— E quem mais poderia ser? Quem foi que insistiu para desobedecer às ordens de Torin e desembarcar?

— E se fui eu, qual o problema? — Bolli avançou na direção de Einar. — E daí?

— Chega! — Audun desembainhou a espada e com ela tirou o machado das mãos de Bolli. — Não quero brigas entre nós! — Fitou os dois com uma carranca de quem pretendia ser obedecido.

Bolli pegou a ferramenta pesada do chão e retalhou as folhagens adjacentes com golpes certos.

— Como quer que não fiquemos nervosos? Torin disse para andarmos e não voltou. Vamos esperar por ele para sempre?

— Alguma coisa deve ter acontecido. Nem mesmo Gardar veio dar notícias. Isso só pode significar uma coisa!

— Torin está morto!

Não demorou para restarem apenas duas hipóteses. A primeira, que Torin os traía e se bandeara para o lado dos escoceses, e a segunda, e mais provável, que fora morto e levado para Valhala. Na mitologia escandinava, Valhala ou ValHall, era o local de repouso eterno para onde iam os guerreiros que morriam como heróis, levados pelas valquírias, as mulheres guerreiras que serviam Odin, o rei dos deuses.

— E logo também estaremos mortos ou desapareceremos na noite como os outros que não voltaram! — Einar não se intimidava para emitir sua opinião.

— Voltar e deixar que os escoceses nos chamem de fracotes pelas costas? — Bolli cuspiu no chão para provar que a idéia era detestável. — Pois eu

digo que devemos atacar com a mesma ferocidade de Arm, o cão dos infernos. Não só devemos matar os escoceses, como também espalhar seus ossos.

— Não seja imbecil. Não podemos atacá-los, estamos em inferioridade numérica. — Audun bateu na testa com dois dedos. — Pelo menos uma vez use a cabeça, Bolli.

— Ficar.

— Atacar.

— Voltar.

Os vikings começaram a discutir e exaltaram-se até que os gritos puderam ser ouvidos a distância.

Geordie aproximou-se com cautela e estremeceu diante da violência dos vikings. Viera espioná-los de novo, para certificar-se de onde era o esconderijo deles. Antes de soltar Torin da masmorra, teria de ter certeza de que ele conseguiria voltar para casa. Não se tratava apenas da missão de salvar o coração de sua irmã. Compreendeu que era imperativo aqueles pagãos sumirem de Alba o mais depressa possível, antes que a brutalidade deles atingisse os MacQuarie.

— Pode ser que tio Coinneach esteja certo. Talvez eles tenham de ser destruídos. Todos.

O que seria impossível. Ao menos um teria de ser poupado, por causa de sua irmã. Quanto aos outros, não se importava se morressem logo. Assim Torin poderia ficar em Alba e viver feliz com Érica para sempre. Não deixarei que ele a leve para a Escandinávia. Nunca! Érica e Torin poderiam ser felizes, se tivessem oportunidade de ficar juntos, o jovem considerou. Torin acabaria se acostumando a viver em Alba.

Geordie esgueirou-se para a frente. Os pagãos continuavam a discutir aos brados. Lembrou-se da maneira suave de Torin falar e achou aqueles brigões ainda mais feios. Torceu o nariz, enojado.

Era difícil entender todas as palavras, mas o nome de Torin era citado com frequência. Na certa era parte integrante dos planos deles.

— Ah, se eu pudesse fazê-los sumir...

Mas como enganá-los? Não poderia lutar contra eles. Ou poderia? Fechou os olhos e entregou-se a um delírio juvenil onde derrotava os bárbaros, um por um. Seria considerado um herói! Haveria um banquete em sua homenagem, os bardos escreveriam histórias sobre seu valor. Depois haveria...

— O que foi isso? — Audun achou ter ouvido um som. Fez sinal para todos ficarem quietos.

Geordie estacou. Fora imprudente. Recuara e batera em um ninho, o pássaro guinchara, repreendendo o invasor, e saíra voando.

Os vikings pegaram as espadas e Audun caiu na risada.

— Está tão feroz que precisa guerrear os pássaros?

— E quem me garante que se trata de uma ave? — Halldor era precavido.

— Não foi nenhum passarinho que carregou nossos companheiros. Tem alguém ali.

Decidido, Halldor foi na direção do ruído, empunhando a espada.

— É um pássaro! — Audun afirmou.

— É o que logo ficaremos sabendo.

Geordie entrou em pânico. Eles o haviam descoberto! Saiu da moita e desatou a correr.

— Peguem-no! — Halldor olhou a silhueta alta e magra que parecia deslizar no solo.

Geordie corria tão depressa que seus pés nem pareciam tocar o chão. Arfantes, Halldor e os outros o seguiam por entre as árvores, pulando obstáculos, afastando o mato.

— Temos de apanhá-lo! Ele estava nos espionando!

Era mais fácil dizer que fazer. Geordie levou-os a uma caçada frenética e desapareceu por entre as árvores.

— Ah, nórdicos idiotas não podem com um escocês e... Geordie praguejou ao bater a canela em um tronco caído.

Atingiu o chão com um forte baque e a dor o imobilizou por alguns segundos. Tempo suficiente para ser apanhado.

— Nós o pegamos! — Bolli gritou, eufórico, e agarrou Geordie pelos cabelos. — O que vamos fazer com ele?

— Mate-o! — Halldor deu de ombros. — Não é o que deveríamos fazer com todos os escoceses?

Bolli levantou o machado.

Geordie fez o sinal-da-cruz e fechou os olhos, esperando que a morte fosse rápida. Porém, o golpe não veio. Descerrou as pálpebras e olhou para cima. Um homem segurava o pulso do algoz.

— Matar, matar, matar! É só isso que sabe fazer? — Audun tentou controlar sua ira. — Morto, ele de nada nos servirá. Vivo, pode ter utilidade.

Bolli encarou Geordie de perto e quase o sufocou com o mau hálito.

— Como? Ele é magro demais para nos ser útil.

— Eu não lhe perguntei nada.

Geordie inspirou fundo e procurou raciocinar, dizendo a si mesmo que tudo daria certo. Mas o olhar estranho daqueles homenzarrões deixaram-no com um pressentimento terrível. Mesmo que sua vida fosse poupada, eles não o libertariam.

Capítulo X

Érica, que detestava tarefas femininas, considerou o encargo ainda mais difícil naquele dia. Sentada em frente ao tear e com o pensamento longe, acabou por cometer um erro. Examinou o tecido e concluiu que teria de desmanchar três carreiras.

A preocupação com Torin ocupava seus dias e suas noites, perseguindo-a como um fantasma. Aquela masmorra horrível seria muito úmida? Ele se encontrava sujeito a alguma doença pulmonar? Geordie estaria levando comida e água suficiente para alimentar dois?

Sorriu ao lembrar-se do que Geordie lhe contara, que Torin dividira a sua parca refeição com o amigo.

Ele era um homem generoso, intrépido e... muito bonitol

— O que foi que disse, Érica? — Iona indagou, do outro lado da sala das mulheres.

Érica corou, ao dar-se conta de que falara em voz alta.

— Eu me recriminei por ter me enganado em alguns pontos. Nada que possa interessá-la, querida Iona. — A raiva não pôde ser disfarçada. Demoraria muito tempo até ela esquecer a responsabilidade de Iona na desgraça de Torin.

Torin Nunca supusera a rapidez com que o coração de uma mulher poderia sucumbir e nem o sofrimento pela impossibilidade de ver o homem amado. Ela o evocava a todo instante... o último beijo... a gratidão por tê-lo ajudado a fugir, que, aliás, de nada adiantara.

Será que ele entendia a falta de visitas? Geordie teria explicado o que acontecera?

— Érica! Tome mais cuidado. Está embaralhando os fios — Iona avisou-a com desdém.

— Eu sei, Iona, querida. Não sou cega. — Érica puxou um fio de lã e rapidamente desembaraçou os outros. — Pronto. Não acontecerá novamente.

— Eu não diria isso! — retrucou, Iona, presunçosa.

Érica irritou-se com a prima, mas teve de dar-lhe razão.

Sempre fora desajeitada quando se tratava de tecelagem. Olhou as outras mulheres e admirou-lhes a perícia com que trabalhavam. Os fios eram dispostos em paralelo a seu comprimento e por entre eles eram passados os da trama. Tudo bem esticado, sem defeitos.

— Com certeza sua falta de atenção deve-se à proximidade do casamento com MacKinnon — Iona continuou a ironia.

— Não haverá casamento — Érica declarou com os dentes cerrados.

Pelo menos enquanto estivesse viva para impedir! Ouvira dizer que Malcom MacKinnon tinha um temperamento horrível, caminhava com os joelhos para dentro e excedia-se no uísque.

— Não foi o que me disseram. Meu pai afirmou que precisamos fazer uma aliança. Mesmo preocupados com os vikings, os MacLeod poderão subir a colina a qualquer momento.

— Iona, querida, se está tão preocupada com um acordo, por que não se casa com MacKinnon? Pelo que estou lembrada, foi sua recusa que mudou o curso dos acontecimentos.

— E pelo que me recorde, meu pai a fez prometer que se comportaria ou então as conseqüências seriam bem piores.

Érica olhou para as mãos durante algum tempo, depois resolveu não dar a lona a satisfação de perceber que estava perturbada. Concentrou-se na urdidura e prometeu a si mesma que não cometeria mais nenhum engano, nem que isso lhe custasse a própria vida.

— Onde está Geordie? — Jeanne interrompeu a atenção de Érica no tear.

— E verdade. Onde ele estará? — Iona piscou para Jeanne, com ares de conspiração.

Com certeza, Geordie fora levar o desjejum para Torin. Érica ignorou a provocação e fingiu um interesse inusitado no arranjos das varetas que serviam de guia na tecedura.

— Onde está Geordie? — Iona insistiu.

— Deve encontrar-se na companhia dos homens — Érica respondeu com indiferença. — Onde mais poderia estar?

Iona fitou a porta e depois Érica.

— Concorde que o lugar adequado seria mesmo com os homens. Mas é que ele sempre fica a sua volta, como se os dois tivessem mil segredos.

Érica deixou cair o fuso e pegou-o depressa. As palavras de Iona poderiam significar uma suspeita.

— Não existe nenhum segredo. Meu irmão está se tornando um homem e sua vida começou a mudar.

— Tem razão. Mas nem por isso ele deixou de andar colado na sua saia e de conspirar iniquidades.

Iona suspeitaria das andanças de Geordie no calabouço?

Érica ficou tensa.

— O que está querendo insinuar, Iona, querida?

— Imagine só — Iona abaixou a voz, fingindo receio de ser ouvida. — Meu primo teve a audácia de dizer a meu pai que ele deveria libertar o viking. O que me diz de uma coisa dessas, Érica, querida? — O sorriso não poderia ter sido mais malicioso.

As mulheres se voltaram para Érica, acusadoras, esperando que ela negasse a alegação de Iona. O que não aconteceu.

— No meu modo de pensar, o viking foi enganado. Essa também deve ser a opinião de Geordie. Não acho errado dizer o que se pensa nem pedir clemência por alguém.

— Mas por um bárbaro? — Jeanne fechou as mãos em punho. — Eles tiveram clemência quando mataram meu marido? Ou meu filho? Olho por olho e dente por dente!

Érica estava muito nervosa. Iona conseguira o que sempre desejava: causar-lhe problemas.

— É o que dizem — Érica respondeu com voz trêmula. — A mim parece que se seguirmos essa trilha, não demoraria muito e acabaríamos cegos e mascando a comida com as gengivas.

Érica ficou em pé, largou o fuso na cadeira e afastou-se, ouvindo o comentário maldoso de Iona.

— Que pressa em ir embora! Deve ser o sentimento de culpa de estar debandando para o lado do inimigo. Mas o que se poderia esperar de alguém que tem o sangue contaminado?

A farpa atingiu o objetivo. Mais do que nunca, Érica precisava ficar sozinha. Não tanto pelo que Iona dissera, mas porque precisava entender as emoções que a perturbavam. Precisava respirar ar puro.

Fechou a porta da sala das mulheres e caminhou até o pátio. A brisa suave acariciou-lhe o rosto. Parou durante alguns momentos como se estivesse em transe. O chilrear dos pássaros pareceu aliviar-lhe a tensão.

Tenho sido uma covarde. Fiquei com tanto medo das ameaças de meu tio, que nada fiz para salvar Torin.

Isso teria de mudar, mesmo sob o risco de ser severamente punida por sua desobediência. Se não poderia ser feliz com Torin, pelo menos teria paz de espírito de saber que ele se encontrava são e salvo em sua terra de origem.

Como faria para libertá-lo sem ser vista? E como Torin poderia fugir sem ser perseguido? Os outros vikings ainda estariam esperando por ele? Bem, isso não importava. Ele encontraria um jeito de ir embora de Alba.

Ocultou-se nas sombras. Algumas pessoas conversavam nas redondezas e Érica esperou que se afastassem. Entrou no depósito, pegou uma pequena pá, uma escada de corda e dirigiu-se para a masmorra.

O silêncio era tão profundo naquele cubículo que Torin podia ouvir o estômago roncar. Preocupava-o a ausência do irmão de Érica. Sentado no chão, abraçou os joelhos. Era impossível esquecer o desalento. Lamentava-se pelo que poderia ter sido.

Seus pensamentos rodavam em círculos concêntricos. Encontrara uma mulher a quem poderia amar e a perdera. Encontrava-se preso em um buraco imundo dentro da terra, sem possibilidades de escapar. Não encontrava nenhuma maneira de mudar seu triste destino. Odin e os outros deuses pareciam tê-lo abandonado.

Quem poderia supor que ela fosse a filha de Ragnar?

Apertou ainda mais as pernas e descansou a cabeça nos joelhos. Érica, a valquíria de cabelos vermelha que invadira seu mundo por uma porta estranha do destino. Ela o intrigara, não somente pela beleza, mas também pela coragem, graça e inteligência.

A voz dela parecia sussurrar em seus ouvidos.

— Érica...

— Torin!

Era a voz de Érica! Não se tratava de imaginação. Alguma coisa lhe dissera que ela não o abandonaria.

— Érica!

— Shh! Ainda há dois guardas no corredor. Eles poderão vir a qualquer momento.

— Conseguiu a chave?

— Não. Devem estar com meu tio. Acho que vou ter de desenterrá-lo. Isto é, cavar a terra em volta da grade.

O ruído de staccato indicava o que Érica estava fazendo. Logo apareceu um círculo de luz acima de sua cabeça e a grade foi solta. Torin levantou-se, esticou as mãos para cima e piscou por causa da luminosidade. Érica jogou a escada de corda e tocou nos dedos dele.

— Sinto por não ter vindo antes. Será que vai me perdoar?

— Perdoar o quê? Agora eu a tenho a meu lado! — O olhar de Torin teve o efeito de uma carícia, e em instantes ele saiu do buraco.

Érica abraçou-o pelo pescoço, saudando a liberdade, e beijou-o. O beijo rápido demonstrou uma ternura comovente.

— Não podemos perder tempo — ela declarou, de encontro aos lábios dele.

— Não posso deixar Gardar para trás!

— Claro que não. Sei que nunca o abandonaria.

Érica pegou a escada de corda e a pá e apressou Torin até a cela de Gardar. Torin cavou a terra, jogou a escada e não demorou para Gardar sair da prisão.

— Vamos. — Torin bateu amigavelmente nas costas do amigo.

Os três atravessaram furtivamente uma passagem escura. Receavam acender até mesmo um toco de vela. Torin tropeçava a todo instante, mas prosseguia, confiante. Chegaram a um campanário e Érica afastou um painel de madeira. À frente estendia-se, um corredor impenetrável.

— Este é meu segredo. Meu e de Geordie. Era por aqui que meu pai se encontrava com minha mãe. — Érica suspirou. — E por aqui ele a deixou.

— Eu jamais a deixarei. Venha comigo, Érica! — Torin abraçou-a e sentiu-a estremecer.

Ah, se ela pudesse nunca mais sair de perto de Torin! Era seu maior desejo, mas não podia deixar Geordie....

— Não posso.

— Então este será o adeus...

Torin beijou-a e Érica sentiu novamente a onda avassaladora, doce e quente que teve origem no ponto onde os lábios dele tocaram nos dela. Zonza, agarrou-se em Torin e procurou pensar apenas no beijo, pelo menos por alguns instantes. O momento foi doloroso. A escuridão do local escondeu as lágrimas que deslizavam pelo rosto de Érica.

Érica teve certeza de que a despedida tinha sido a mais difícil de sua existência. Era como se cada palavra lhe arrancasse um pedaço do coração.

Ela ficou-se imóvel, sem forças para reagir, observando as sombras de Torin e de Gardar que se afastavam.

Torin não andara nem quinhentos metros e já sentia falta de Érica, da fragrância de seus cabelos, da suavidade dos lábios e do calor do corpo delgado.

Fora um idiota em desistir dela tão facilmente, recriminou-se. Jamais se perdoaria por tê-la abandonado.

— O que está acontecendo? Por que está andando tão devagar? — Gardar fez sinal para Torin apressar-se. — Será muito mais perigoso tentarmos escapar à luz do dia. As sentinelas poderiam ver-nos. O tempo urge!

Torin parou e estreitou os olhos por sobre o ombro, com esperança de ver pela última vez a silhueta de Érica.

— Mas eles também não vão supor que pretendemos fugir com o sol a pino.

— Porém, assim que descobrirem o que fizemos, iniciarão um caçada. Nessa altura teremos de haver percorrido, pelo menos, mais da metade do caminho da Noruega. — Gardar cutucou o amigo.

Torin caminhou mais depressa e parou novamente. Aquela seria a última oportunidade de olhar para trás.

— Acha que eles desconfiarão que Érica nos libertou?

— Quem é que poderá saber? — Gardar esquivou-se da resposta. — Vamos embora!

Torin suspeitou que a resposta deveria ser positiva. Coin-neach era muito esperto, deduziria que Érica estava envolvida com os prisioneiros desaparecidos. Quem mais os libertaria? O que aconteceria com ela? Qual a pena para quem desobedecia o chefe?

— Isso mesmo. — Gardar suspirou, exasperado. — Eles saberão. Mas estamos livres. E isso é tudo o que importa no momento. — Cutucou Torin mais uma vez para que ele se movesse.

Torin seguiu Gardar, aproveitando as sombras e correndo por entre as árvores. Mas Érica não lhe saía do pensamento, e bela orgulhosa, com os cabelos ruivos esvoaçando sobre os ombros como uma manta de chamas. Até onde suportaria o castigo?

Imaginou-a em meio a uma horda de guerreiros, ouviu-a gritar ao ser arrastada pelos cabelos rumo à masmorra, a mesma da qual ela o libertara. O pensamento causou-lhe náuseas.

Teriam coragem de fazer isso com ela? O que ele sabia sobre a conduta dos escoceses em casos extremos?

— Espere!

— O que foi, de novo? — Gardar irritou-se. — Está ficando louco? Temos de continuar correndo.

Torin empurrou-o.

— Vá na frente. Diga a Audun e aos outros para ficar de prontidão para zarpar.

Gardar nem precisou perguntar o porquê da mudança de planos.

— Vai voltar para buscar Érica.

— Vou!

Torin não encontraria outra alternativa. Não poderia deixá-la. A despeito da gravidade das circunstâncias, não pôde deixar de sorrir. Viu a si mesmo arrancando Érica das garras do tio e jogando-a sobre o ombro. O que os MacQuarie pensariam disso? Seria um ótimo enredo para as canções dos trovadores durante muito tempo.

— Torin... — Gardar sabia que não adiantaria argumentar.

— Eu o encontrarei no navio.

— Quer dizer, se ainda estiver com a cabeça em cima do pescoço.

— Não tenho medo!

— Pois fique sabendo que eu temo por sua sorte! Por favor, vamos cumprir a missão de Ragnar primeiro. Se ela o ama de verdade, esperará até que venha buscá-la mais tarde.

— Ninguém pode me entender.

Como Gardar poderia imaginar quais eram os sentimentos de Torin? Durante um longo tempo ele fora um proscrito pelo crime que o pai cometera. Com Érica, sentira-se novamente um ser normal que era amado por si mesmo.

— Mesmo que eu tenha de tirá-la à força, não sairei de Alba sem ela.

— Ah! Os homens pensam que são donos do mundo, mas estão enganados! As mulheres é que mandam.

Gardar foi para a frente resmungando que seria bem feito para Torin se acabasse de novo no calabouço.

Érica abriu a porta com o coração pesado. Ficara algum tempo no alto da colina, para ter certeza de que Torin e Gardar não tinham sido seguidos.

— Ele está em segurança...

Torin tinha ido embora... e uma dor lancinante apertava-lhe o peito.

Nunca se sentira tão solitária. A vida era injusta, e o destino, amargo. Alguma coisa estivera ausente de sua existência até ela encontrar Torin e ele a beijar. E tudo voltara ao que era antes. Um grande vazio.

— Torin...

O som do nome dele era um tormento. Nunca mais o veria. Ele voltaria à Noruega e se esqueceria dela. Enquanto isso, ela morreria um pouco a cada dia.

— Ah, vejam quem encontrei! — A voz aguda de lona foi como uma bofetada e a assustou. — Onde está Geordie?

Érica nem queria pensar em envolvê-lo na libertação dos prisioneiros.

— Eu não o vi a manhã inteira.

— Ele não foi visto por ninguém. — Apesar da presunção costumeira, lona parecia preocupada. — Parece até que desapareceu.

— Tio...

— Papai também não o viu. Assim como nenhum dos homens — comentou.

— Geordie!

Alguma coisa estava errada! Érica saiu correndo e procurou por todos os cantos, sem resultado.

Entrou em pânico ao lembrar-se da conversa que tivera com o irmão, na qual ele revelara ter espiado os vikings, escondido na moita. Teria ele cumprido a promessa de não repetir a imprudência?

Geordie foi rodeado por mais de cinquenta homens de penetrantes olhos azuis, dentro de uma nau viking. Só poderia haver um motivo para isso. Seria vendido como escravo!

— Não! — O grito agudo poderia ser ouvido a quilômetros. O medo e o ódio deram-lhe forças. Lutou contra os dois gigantes que o seguravam pelos pulsos e soltou-se. Correu para a popa, viu as águas revoltas, fechou os olhos e preparou-se para pular. Não ficaria mais um minuto entre aqueles hereges belicosos.

— Peguei! — Halldor alcançou-o antes que pulasse para a morte. A força do perseguidor fez Geordie escarrapachar-se no convés de madeira.

— Largue-me! Largue-me! — ele gritou, sem lembrar-se de que a maioria dos vikings não entendia o idioma gaélico.

Mas ele os entendia muito bem. A mãe ensinara aos dois filhos a língua estranha dos nórdicos.

— Vamos matá-lo? — Bolli, como de costume, tinha sede de sangue. — Herlaug disse que poderíamos...

— Não! Precisamos dele.

Epara quê?, Geordie perguntou-se. Pelo menos, de imediato, sua vida não corria perigo.

— Ragnar quer o filho.

O mais feio dos feios adiantou-se.

— Esse é o filho de Ragnar? Ele é tão insignificante...

Seguiu-se uma cacofonia de apartes. Cada um queria dar seu palpite.

— Silêncio! — O que parecia ser o líder ergueu a mão. — Será o filho de Ragnar se afirmarmos que é!

Geordie engoliu em seco.

Audun arreganhou os dentes.

— Pela primeira vez, Halldor e eu estamos de acordo. — Piscou para um dos companheiros e depois assumiu um ar sombrio. — Torin está morto. Os escoceses o mataram.

Houve nova explosão de imprecensões vikings diante da notícia. As ameaças de vingança contra os MacQuarie horrorizaram Geordie, mas o líder viking tratou de acalmá-los.

—Torin foi morto, mas, só depois de conduzir-nos ao jovem Eric. — Audun tornou a piscar para outro comparsa.

— Mas eu não sou... — Geordie começou a dizer a verdade, mas pensou melhor.

Os dois bárbaros sabiam perfeitamente que ele não era o filho de Ragnar. Mas isso também não lhes importava. Eles pretendiam mentir.

Enquanto eu concordarem entrar no jogo deles, continuarei vivo!

A verdade aterradora deixou Geordie esperançoso. Érica acabaria por descobrir o que lhe acontecera. Ela conseguiria tirar Torin do calabouço e os dois viriam libertá-lo.

Capítulo XI

Érica andava de um lado a outro no salão nobre, rezando para que suas suposições a respeito de Geordie estivessem erradas. Gostaria de acreditar que Geordie escutara seus conselhos e mantivera-se afastado dos vikings. Porém começava a achar que sua intuição estava certa, pela ausência prolongada do irmão.

— Iona, é preciso dar o alarme. Espalhe a notícia de que Geordie desapareceu.

— Sumiu ou está escondido? — Iona ironizou, com as mãos nos quadris. — A prima o mimou muito. Por isso ele é cheio de vontades.

— Ele é intrépido e tem vontade própria. — Érica sempre defendia o irmão, pois ambos tinham temperamentos semelhantes. — Só isso.

— Mimado, eu repito. Mas eu lhe digo uma coisa, Érica. Se ele estiver por aí fazendo alguma traquinagem, pode contar que ele levará uma surra da qual jamais se esquecerá. Eu lhe prometo isso, Érica.

— Geordie já passou da fase de brincadeiras infantis. Alguma coisa aconteceu com ele. Vá logo, o que está esperando? — Érica gritou ao ver que Iona hesitava.

Érica pegou uma espada e correu para a floresta até o local onde Geordie lhe dissera ter visto os vikings. Com as mãos em concha ao redor da boca, gritou o nome dele o mais alto que pôde. A voz perdeu-se no vento e não houve resposta.

— Ele não pode ter desaparecido, a menos...

Oh, não!

Viu ao longe um pedaço de tecido em um galho de árvore. Correu até lá, arrancou o pano rasgado e examinou-o. Era vermelho com xadrez miúdo de verde e preto. Ela reconheceu as imperfeições da capa que tecera para Geordie.

— Não!

Encontrou sinais de luta e um pedaço de couro a pouca distância da árvore, por um momento, temeu o pior. Geordie devia ter sido agarrado enquanto espionava os vikings. Eles poderiam tê-lo matado...

Oh, Senhor!

Érica respirou fundo e procurou acalmar-se. Não encontrou marcas de sangue, pelo menos pôde afastar a idéia de assassinato. Precisava manter-se calma para raciocinar. Imaginar o pior não resolveria o problema. Bem, teria de pensar em uma coisa por vez. Antes de mais nada, verificaria se a escuna dos vikings ainda se encontrava ancorada na enseada. O próximo passo dependeria do que descobrisse.

Escolheu um caminho pela mata que era pouco utilizado e escalou uma ribanceira escarpada e rochosa em direção ao mar. O trajeto foi demorado, pois era uma subida estafante e perigosa. Uma tempestade começava a formar-se. O vento fustigava-lhe o rosto e os cabelos atrapalhavam-lhe a visão. Estremeceu ao olhar para baixo. No fundo, o oceano esbravejava, espumante, de encontro ao paredão de rocha onde ela estava empoleirada. Um passo em falso e despencaria rumo à morte. Mesmo assim, não desistiu. Daquele ponto privilegiado pode avaliar o que estava acontecendo.

Estreitou os olhos para enxergar ao longe, perscrutou a região finalmente enxergou oviking. Ondulando na superfície dos vagalhões, ela se afastava da costa. As gaivotas voavam em círculos e davam guinchos estridentes.

Era horrível aquela sensação de impotência. O navio deixava Alba e ela não podia saber se Geordie estava a bordo. Desesperada, apertou a espada de encontro ao peito.

— Tarde demais...

O que poderia fazer? Quem a ajudaria? Com certeza, não tio Coinneach. Ele ficaria tão furioso quando descobrisse a Inga dos dois prisioneiros que nem mesmo se preocuparia com o desaparecimento de Geordie. Ele a castigaria, talvez até com a prisão, e ela perderia toda possibilidade de ajudar o irmão.

Érica concluiu que estava entregue à própria sorte.

— Geordie! — Fez o sinal da cruz e voltou pela saliência do penhasco, com o vento a favor.

Na base do despenhadeiro, atravessaria uma trilha que beirava na floresta. Parou, inspirou fundo e rezou para estar enganada. Geordie apareceria a qualquer momento. Mas não foi Geordie quem surgiu ao longe.

— Torin! — Ele não caminhava para o oceano, voltava pela ravina. — Torin!

Espantada e absorta em não perdê-lo de vista, desequilibrou-se, uma pedra sob seus pés despencou, bateu na encosta e caiu no mar. Érica deu um grito e agarrou-se a uma árvore.

Torin ouviu e olhou para cima. Uma mulher estava em perigo. Sem perda de tempo, correu na direção do som. Ao chegar mais perto, viu os cabelos longos e vermelhos que esvoaçavam, enquanto a jovem lutava para não cair no precipício.

— Érica!

Torin subiu a colina rochosa, ignorando o perigo que corria. Só pensava em salvá-la.

O vento era muito frio. Geordie estava encolhido junto a um monte de peles próximo ao cadaste de popa. O navio oscilava de um lado a outro, para cima e para baixo. Tremendo, cobriu-se com uma das peles.

O que acontecerá comigo?

Os vikings não planejavam nada de bom para ele. Sua única esperança era conseguir apoio dos homens que eram de opinião contrária à dos três ogros. Se usasse a cabeça e não agisse com impetuosidade, poderia tirar proveito da má vontade entre eles, e depois os outros o ajudariam.

Ouviu o barulho do açoite ritmado dos remos longos na água e a canção melancólica entoada pelos nórdicos. Devia ser para invocar a proteção dos deuses. Geordie pensou em como eles eram diferentes dos escoceses.

Tirou uma mecha de cabelos dos olhos. Os fios pegajosos lembraram-lhe que não se tratava de um pesadelo, mas sim de uma triste realidade. Acordaria na manhã seguinte dentro daquela galera, entre homens estranhos.

— Ah... Érica...

Levantou-se, foi até a amurada da embarcação e fitou a linha da costa. Viu um homem baixo e moreno correndo na praia, talvez querendo alcançar o navio. Geordie reconheceu-o imediatamente. Tratava-se de Gardar, o picto que viera com Torin.

Um lampejo de esperança estimulou o coração do rapazote.

Alguém precisava ficar sabendo do que acontecera, só assim poderia ser resgatado.

Sua capa se rasgara no momento da luta com os vikings. Geordie arrancou mais um pedaço do tecido e acenou com ele na direção do homem moreno.

Érica preparou-se para morrer. Olhou para baixo. Se não a matasse, a queda lhe renderia muitos ossos quebrados e um aleijão para o resto da vida. O que seria de seu irmão?

— Não vou cair! — A teimosia sempre fora sua perdição. Naquele momento seria usada para manter o pé na beira do precipício. Ela era ágil e forte e, desde criança, estava acostumada a subir nas árvores mais altas. — De jeito nenhum.

— Érica!

A voz de Torin foi o catalisador do estímulo para continuar viva. Apesar da certeza da morte que a invadira antes, encontrou forças para segurar a mão estendida dele e apoiar os dois pés na saliência do rochedo.

— Não olhe para baixo! — ele comandou.

Torin desobedeceu a própria ordem e quase caiu. Deslocou uma pedra solta com o pé e, de salvador passou a resgatado.

— Não se preocupe, eu não o deixarei cair! — Érica agarrou o cinto dele e segurou-o até ele se equilibrar.

Torin caminhou na direção de Érica e puxou-a de encontro ao peito. E quando a beijou, envolveu-a nas sensações já familiares para ela. Érica colou o corpo no dele, procurando a segurança e a paixão daquele abraço. Por um momento, sentiu-se amada e segura.

Mas apenas por alguns minutos.

— Meu irmão desapareceu — Érica explicou, ainda abraçada com Torin. — Não o encontramos em nenhum lugar. — Receio que esteja naquela nau que acabou de zarpar. Torin seguiu o olhar de Érica.

— O navio... — ele praguejou, sem tirar o olhar do horizonte. — Eu avisei Audun para esperar por mim. — Irritou-o pensar que fora desobedecido e de repente teve de concordar com o que Érica lhe dissera. — Acredita que Geordie pode estar naquele barco?

— Acho que sim. — Érica contou sobre o que Geordie vira e que encontrara evidências de luta. — Tenho o pressentimento de que ele foi raptado. Não seria a primeira vez que prevejo o perigo para Geordie.

— Então o único recurso será segui-los.

Mas como pôr em prática essa idéia? Navios não caíam do céu.

— É muito longe para nadar, jamais os alcançaríamos.

— Sei onde conseguir um bote. É bem menor que o navio viking, mas não deixa de ser uma embarcação. Venha. — Érica segurou-o pela mão.

Érica e Torin correram por um bom tempo. Chegando à beira do mar, foram até uma praia rochosa e depois até um lugar bastante isolado. Ali, escondido dentro de um bosque, estava um pequeno barco feito com estrutura de vime e cobertura de pele de gamo.

Era muito menor do que Torin supusera, mas era o que estava à mão. Ajudou Érica a entrar no bote e tomou o lugar junto ao leme.

— Creio que enfrentaremos uma tempestade em pouco tempo. Será preciso que nos apressemos. Teremos de alcançá-los antes que as ondas se tornem muito perigosas.

Érica disse a si mesma que tudo daria certo. Iriam até o navio de Torin, ele assumiria o posto de comando e haveria um final feliz. Geordie ficaria em segurança, salvo por Torin. A partir daí, tio Coinneach teria de esquecer a própria ira ou então bateria com a cabeça na parede.

Contudo, quando a costa de Ulva começou a afastar-se, o otimismo de Érica deu lugar a uma grande inquietação. Desde criança ouvira contar histórias sobre estranhos habitantes do oceano, cavalos e touros marinhos que encantavam viajantes incautos.

Estariam esses monstros aguardando para apoderar-se do pequeno barco que balançava como um brinquedo ao sabor de ondas enormes? Érica repreendeu-se pelos pensamentos pagãos e persignou-se.

— Está com receio?

— Não — ela mentiu, sem saber que o medo estava à mostra em seu semblante.

A cada instante, Érica olhava por sobre o ombro, perscrutando as águas sombrias à procura de um sinal das feras marinhas. Mas nem pensaria em voltar, mesmo se visse algo estranho. Precisava ter certeza de que Geordie estava dentro da nau viking. O bote continuava a avançar, um ponto minúsculo na imensidão do oceano. Pediu a Deus que lhe desse coragem para prosseguir.

A embarcação precária subia e descia, ia de um lado a outro. Érica e Torin continuaram na caçada marinha até escurecer completamente e as estrelas começarem a pontilhar o céu. Um denso nevoeiro cobria o horizonte.

Alcançar o navio viking não era tão fácil como Érica pensara.

— Nós os perdemos!

— Não!

Érica não aceitava derrotas. Pegou as pás de madeira e começou a remar em um frenesi até os braços ficarem doloridos. Sem condições de movê-los, teve de desistir e chorou copiosamente.

Torin limpou as lágrimas que deslizavam pelo rosto de Érica.

— Nem tudo está perdido. Por enquanto Geordie está a salvo. — Torin orientou-se pelas constelações conhecidas. — Eles devem estar pensando que Geordie é Eric.

— Oh, não!

Torin amaldiçoou Audun por sua cobiça. Em vez de obedecer ordens, quisera aproveitar a oportunidade de entregar pessoalmente o filho de Ragnar.

— Quando encontraram Geordie, devem ter pensado que se tratava de Eric Ragnarsson.

— Eles estão levando Geordie ao encontro de meu pai!

— Isso mesmo. — Torin não poderia jurar que o assunto seria resolvido com tanta facilidade. — Ragnar incumbiu-me de uma missão pacífica. Levar o filho para ele.

— O que acontecerá se descobrirem que não se trata de Eric?

— Talvez o tragam de volta.

Torin mostrou-se mais confiante do que na verdade se sentia. Não desejava preocupá-la ainda mais. Quando Audun des cobrisse o engano e Geordie perdesse a utilidade para eles, poderiam vendê-lo como escravo.

— E se não o fizerem?

Torin segurou-lhe o rosto entre as mãos.

— Prometo que o trarei de volta a Alba. — Esperava poder cumprir a promessa. — Há uma colônia nórdica nas ilhas Hébridas. Iremos até lá, pegaremos um navio com tripulação e sairemos atrás de Geordie.

As palavras de Torin acalmaram Érica que puxou os remos para dentro do bote e aconchegou-se nos braços dele. Contando estrelas, agradeceu a paz momentânea que a invadia.

Érica e Torin não se importaram com a bruma intensa e fria que os rodeava. Abraçados embaixo do manto grosso de Torin, compraziam-se com o calor dos corpos unidos.

— Não pode imaginar como eu me senti perdido ao vê-la pendurada na saliência do rochedo — Torin sussurrou. — Até aquele momento, eu não havia compreendido sua importância na minha vida.

— Quando eu o vi afastar-se, tive a noção exata de um vazio que jamais seria preenchido — Érica respondeu no mesmo tom e beijou a mão que lhe apertava o ombro.

— Voltei por ter entendido que não poderia viver sem sua presença. Eu queria levá-la comigo, nem que tivesse de carregá-la nas costas.

Érica sorriu, deliciada.

— E teria conseguido?

Apesar da pouca luminosidade, os olhos deles brilharam de desejo.

— Ainda duvida disso?

Torin provocou-lhe a orelha com a ponta da língua e Érica arrepiou-se. Encostou-se ainda mais, quando Torin continuou a carícia úmida na lateral do pescoço.

— Como um guerreiro sabe ser tão terno? — O pulsar da circulação acelerada chegou a ensurdecê-la. Não havia como ignorar a excitação que a invadia.

— A fonte de inspiração está a meu lado.

— Ah, Torin...

Érica agarrou-lhe a nuca com as duas mãos e pressionou-se contra o peito dele. Não havia como ignorar o calor, a energia e a tensão de Torin que aumentavam a cada segundo. Estendeu a mão, tocou-lhe o braço e admirou-lhe a força.

Torin gemeu quando ela passou os dedos levemente em seus ombros. Escondeu o rosto nos fios sedosos dos cabelos ruivos e inalou a fragrância silvestre.

Érica fechou os olhos e entreabriu os lábios, como se fossem pétalas de uma flor, à espera do beijo que foi tão desesperado quanto a fome que ambos sentiam. O gosto da boca, dos lábios e da língua de Torin era inigualável. E outros beijos se seguiram em uma investida violenta.

Ela não poderia imaginar que sensações tão intensas e quentes estivessem abafadas por tanto tempo. E que só aumentavam na mesma medida em que a paixão de Torin crescia. Ambos experimentavam a satisfação do contato, da carícia, dos braços e das pernas encostados, dos dedos que se entrelaçavam e soltavam para explorar terrenos desconhecidos.

Os beijos se sucediam, cada vez mais intensos e audaciosos. Érica correspondia, trêmula. Sua inexperiência era largamente compensada por um instinto explosivo de feminilidade. Ela nem mesmo notava o vime e o couro que lhe machucavam as costas, só estava consciente do corpo alto, musculoso e retesado contra o dela.

— Érica...

A ânsia era dolorosa para Torin. Jamais desejara uma mulher daquela maneira violenta. Era como um sonho que se tornava realidade.

Ele abriu-lhe o corpete, deslizou a palma quente por dentro do vestido e cobriu uma parte do seio com a mão em concha. Provocou o mamilo até sentir o botão róseo endurecer. Com as duas mãos, puxou o vestido para baixo e desnudou Érica até a cintura.

— Magníficos... — Torin prendeu a respiração ao contemplar os seios fartos e firmes.

Entre os seios viu um corvo de prata com uma granada incrustada. O olho enorme parecia repreendê-lo pela ousadia.

— O Olho do Corvo... — Torin sentiu-se hipnotizado. Depois lembrou-se do que Ragnar o encarregara de fazer e tirou as mãos. Como podia ter esquecido de quem Érica era filha? — Ragnar...

— Ragnar é meu pai, um homem de carne e osso, e com desejos iguais aos de todos os homens. Se não fosse ele, eu não estaria aqui. — Érica afirmou. — Não acredito que ele fosse desgostar-se com nossa felicidade.

— Nem eu.

Torin curvou-se e beijou-lhe os seios com veneração. Fascinado, iniciou uma tortura sensual com a língua. Rodeou os mamilos, mordiscou-os, deixou-os retesados e deliciou-se com a pele macia que os rodeava. Érica contorcia-se debaixo dele. Para Torin, nada se comparava à expressão de desejo que via no rosto da jovem.

Agarrada na nuca e nos cabelos de Torin, ela gemia, entregue aos prazeres de ser amada.

Torin tirou-lhe o vestido pela cabeça e Érica experimentou a carícia da brisa noturna. Ela sentia a pele pegar fogo nos lurares onde Torin encostava. Em instantes, uma fogueira de desejo ameaçou consumi-la. Torin sentiu-a

tremer, imaginou que fosse por causa da atmosfera noturna e agasalhou-a melhor com o manto pesado.

— Não estou com frio — Érica murmurou. — É por desejá-lo tanto que... — Agora entendia o que Torin sentira. Se soubesse disso antes, não o teria rejeitado.

— Érica!

Torin estremeceu e afastou-se por um instante. Tirou as próprias roupas e foi a vez de Érica comprazer-se com o que se descortinava à sua frente. Ombros largos e bronzeados, peito amplo, estômago reto e pernas bem formadas que não poderiam ser esquecidas. Érica esticou os braços e alisou os ombros vigorosos e os músculos peitorais. Delineou as duas cicatrizes que descobriu no corpo dele.

— Consequência de alguma batalha? — Teria sido contra os escoceses?

— Um lembrete constante para que eu seja mais esperto e forte que meus oponentes. — Desconfiou do que ela estava pensando. — Eu as consegui na luta contra os dinamarqueses.

Felizmente não foi com nenhum de meus parentes.

Torin entrelaçou os cabelos dela nos dedos, abaixou um pouco a cabeça e mordiscou-lhe os lábios.

— No momento, acho melhor esquecer as batalhas — ele comentou e puxou-a mais para perto.

Deitados de lado, de frente um para o outro, Érica experimentou a força do físico rijo que lhe apertava o corpo tenso.

Torin tornou a beijá-la. Procurava a suavidade do interior da boca. Deitou-se sobre Érica e ela disse a si mesma que jamais sentiria frio enquanto ele a cobrisse com o manto da paixão. Correspondeu ao beijo do amado com ansiedade igual à dele. Mas os beijos não lhe pareceram suficientes.

— Torin... faça amor comigo — Érica pediu em um sussurro.

— No devido tempo...

Torin acariciou-lhe o corpo e maravilhou-se com a textura suave da pele de Érica. Ambos se contorciam e essas ondulações os envolviam em uma maré de desejo.

Érica estava tão desesperada quanto Torin, embora sem saber ao certo o que a aguardava. As mulheres sempre comentavam. Umas eram favoráveis à intimidade com os maridos, outras renegavam e cumpriam as obrigações matrimoniais por não haver alternativas, e um terceiro grupo era completamente indiferente.

Pelas sensações experimentadas até o momento, Érica teve certeza de que não se arrependeria do que estavam fazendo.

Torin tornou a beijá-la e adiantou-se com cuidado, movimentando-se dentro dela. Érica arqueava-se de encontro a Torin, expressando sua paixão.

Gemendo, Torin atendeu livremente aos apelos de sua masculinidade. Érica enlaçou-o com as pernas, certa de que não suportaria mais a ânsia da qual era tomada. O êxtase veio em seguida e a noite rompeu-se em milhares de estrelas cadentes. Os espasmos sobrevieram e ela arranhou as costas do amado. Torin atingiu o ápice de olhos fechados, gritando o nome de Érica.

Os dois continuaram abraçados por algum tempo, entregues a beijos e carícias suaves, incapazes de terminar aquele momento mágico.

— As mulheres escocesas são sempre assim fogosas? — Torin brincava com o lóbulo da orelha de Érica.

— Acho que os cabelos vermelhos nos tornam incandescentes.

Torin achou graça. Não era à toa que Ragnar falava com tanto ardor da mãe de Érica. Se fosse parecida com a filha, devia ter sido uma mulher sensual. Uma parceira perfeita para Ragnar.

Érica estremeceu, dessa vez por causa do frio. Aos poucos um fog gelado envolveu o pequeno barco. Torin massageou-lhe o corpo com movimentos lentos e precisos. O desejo entre eles reacendeu, mas Torin sacudiu a cabeça e ajudou-a a vestir-se.

— Acho melhor eu prestar atenção para onde estamos indo.

— Torin levantou a cabeça e espiou o céu. — Pelas barbas de Odin, o vento está voltando! Eu esperava chegar às Hébridas antes de o mar ficar muito encapelado, mas acho que não teremos tanta sorte. — Beijou-lhe os lábios levemente e vestiu-se. Agasalhou-a com seu manto e manteve-a bem perto dele.

— Está com medo?

— A seu lado, não tenho receios. Posso ajudar a remar?

— No momento, não. Mas terá trabalho quando a tempestade nos atingir. Até lá, procure dormir um pouco.

Estavam sozinhos em um bote no meio do oceano, ameaçados por uma tormenta, e Torin esperava que ela dormisse?

— Não posso. — Érica acariciou-lhe os lábios com um beijo. — Eu preferia que fizéssemos amor.

Torin sentiu-se tentado, mas precisava manter-se alerta.

— Depois que a tempestade passar e alcançarmos as Hébridas... — Torin fitou-lhe o corpo, recordando o próprio prazer. Uma expressão de incrível

ternura cruzou-lhe o rosto. — Érica, depois que tudo estiver resolvido e encontrarmos seu irmão, quero que partilhe de minha cama, de meu nome e de minha vida. Quero entregar-lhe as chaves de minha casa e de meu coração. As chaves que a proclamarão como minha esposa.

— Chaves?

— Um costume viking. — Torin abraçou-a e estremeceu. — Oh, não posso ceder novamente à tentação!

Érica estendeu-se no barco e, embalada pela oscilação, acabou por adormecer. Atento às condições meteorológicas, Torin contentou-se em observá-la com ternura.

Um borriço de água gelada atingiu o rosto de Érica e acordou-a. Estirou os braços e as pernas com movimentos vagarosos. Sentiu um corpo quente a seu lado e abriu os olhos. Lembrou-se do que acontecera. Torin estava junto dela.

— Eu pensei que tivesse sonhado — ela sorriu, feliz.

— Nada disso. Tudo é real. Estamos perto um do outro e eu jamais a deixarei. — Torin curvou-se e beijou-a, acariciando-lhe os cabelos.

— Onde estamos? — Érica sentou-se e fitou o mar branco de névoa que os rodeava.

— Eu gostaria de saber. Acredito que perto de Mull. Torin procurou demonstrar uma calma que nem de longe

sentia. O vento começava a soprar e poderia afastar a neblina densa. A tempestade ameaçava ser ainda mais violenta do que ele supusera a princípio, o que não representaria um grave problema se estivesse em um navio e não em um bote. A agitação das águas e o cheiro no ar deixavam-no apreensivo. Apertou Érica nos braços, talvez para protegê-la do que estava por vir.

— O que houve, Torin? Por que essa preocupação?

— Enfrentaremos um vendaval. Temos de estar preparados, «penas isso. — Torin acariciou-a e prometeu a si mesmo que a protegeria, mesmo se tivesse de arriscar a própria vida.

— Odeio tempestades! Quando eu era criança, minha mãe contava que elas eram causadas por enormes animais marinhos que urravam. Mesmo assim, não tenho medo quando estou em seus braços. — Ela acariciou-lhe o rosto. — Sinto-me segura a seu lado, meu amor.

— Érica! — Torin tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-lhe os lábios entreabertos.

Érica correspondeu ao beijo com o mesmo encantamento da noite anterior. Abraçou-o pelo pescoço e entrelaçou os dedos nos cabelos claros e molhados, ansiosa para fazer amor mais uma vez.

— Uma pena que esteja tão frio esta manhã. Eu adoraria ficar nua em seus braços novamente.

— Verdade? — Torin afagou-lhe os seios. Érica estava tão colada nele que era impossível manter o bom senso. — O frio não é problema para aqueles que se amam. Espere um instante.

Torin levantou a própria túnica e o vestido dela e acariciou-lhe a pele nua com a sua. Percorreu as mãos ansiosas dos ombros, até as coxas, passando pelo ventre macio e os seios fartos.

— Viu como posso mantê-la aquecida?

— Delicioso.

Érica arqueou-se de encontro a ele, imersa em sensualidade. Torin desencadeara nela um prazer que ela nem imaginara que existisse. Um desejo que só poderia ser aplacado ao lado dele. Seu mundo passara a ser o dele.

Fechou os olhos quando Torin beijou-a com paixão e entregou-se à satisfação de estar nos braços do navegador.

— Ah, minha querida, eu a amo tanto — ele murmurou e tornou a beijá-la com ardor.

Depois afastou-se e olhou em volta, à procura de sinais de terra.

A tempestade!

Criticou a si mesmo por sua falta de atenção, sabendo que a borrasca se aproximava.

— As feras marinhas estão iradas? — Érica procurou fazer graça, mas não pôde esconder a apreensão.

— Iradas e ameaçadoras. Érica, teremos de enfrentar o temporal. Agarre-se na lateral do barco, aconteça o que acontecer, entendeu bem?

— Sim! — O coração de Érica bateu mais acelerado ao entender o risco que corriam.

— Mesmo se alguma coisa acontecer comigo, faça o que estou lhe dizendo. Estará a salvo enquanto se mantiver dentro do bote. Ele é sólido e flutuará em quaisquer condições, não se esqueça disso.

Torin não disse que se ela caísse, estaria condenada. E ele também, se ficasse sem ela!

Érica anuiu e segurou-se em Torin com toda força, rezando para que o vendaval e as ondas turbulentas sossegassem depressa. Ah, como desejava estar em solo firme! Nunca amara tanto as terras dos MacQuarie em Mull.

O pequeno barco oscilava de um lado a outro por cima das ondas gigantescas. Torin, inquieto, olhou por sobre o ombro.

— Odin não vai me abandonar. — Torin afastou-se de Érica e pegou os remos que estavam no fundo do bote.

— O que houve, Torin? — Érica apavorou-se.

Nervosa, sentiu a coragem abandoná-la, mas Torin confiava nela e em sua bravura.

— Estamos fora da rota e na direção da costa. Terei de consertar o desvio.

Os rochedos basálticos cinza-escuro pareciam atraí-los.

Staffa! Érica conhecia o perigo que representava soçobrar e ser jogado sobre aquelas rochas pontudas. Staffa era uma ilha que todos evitavam.

— O que posso fazer para ajudar?

— Apenas ficar quieta.

— Não vou ficar impassível e ser engolida pelas ondas. — Érica engatinhou até onde estava Torin, disposta a ajudá-lo com os remos.

Uma onda violenta a fez escorregar, bater na lateral e desequilibrar o barco.

— Érica!

O mar traiçoeiro se erguia, espumando, dos dois lados da modesta embarcação. O barulho violento da água fazia o bote vibrar.

— Érica! Você está bem?

— Estou. Torin, o que vamos fazer?

— Afastar-nos das rochas. Tentarei virar o barco... Nisso o barco soçobrou e Érica foi atirada na água escura e gelada.

— Torin!

Às cegas, ela flutuava e estendia os braços para encontrá-lo naquela imensidão escura.

Não, aquilo não podia estar acontecendo...

— Torin! — ela o chamou entre tragadas de água. Inspirou fundo e mergulhou para procurar sob o barco. Nem sinal de Torin! O medo que sentia por ele era uma agonia.

— Torin!

Lutando contra as ondas, ela tornou a procurar ao redor. Torin temera tanto por ela e fora ele quem desaparecera. Érica batia os braços e as pernas. O mar era implacável e cerceava a luta pela sobrevivência. Rezou para que Torin não perdesse a coragem e que estivesse nadando rumo à costa. Não queria acreditar que a morte fora o destino dele.

Oh, Deus, permita que ele esteja vivo!

Outra onda enorme encobriu-a. Érica engasgou e engoliu água salgada.

Abençoado São Miguel!

A vida acabara de despontar para ela. Como poderia viver sem Torin?

Por favor, meu Deus, lembre-se de nós!

Como em resposta às suas preces, a corrente marinha mudou de direção e Érica percebeu que seria levada rumo à praia. Teria de poupar forças para sobreviver e deixar-se levar pelas ondas. Procurou controlar a respiração e relaxar. Não permitiria que o oceano ameaçador e gelado saísse vitorioso. Era uma mulher forte, descendia dos MacQuarie e dos vikings.

Deixou-se levar pelas ondas gigantescas e quando elas passavam, nadava em direção à terra. Os rochedos de Staffa eram grandes e ameaçadores ao longe. Quanto mais lutava, maior a distância ficava. A água gelada roubava-lhe a coragem, e estava cansada demais para prosseguir. Se houvesse alguma fada marinha, seria capaz de invocar o auxílio dela. Murmurou uma prece por Torin e outra por si mesma.

Bateu o pé em uma rocha. Nem tudo estava perdido! Só precisava de mais um pouco de perseverança e energia física. Teria de lutar para sobreviver, não poderia desistir.

Sentiu-se agarrada e puxada para terra firme.

Torin? Ela nada enxergava. A água salgada queimava seus olhos.

— Torin!

Uma silhueta embaçada aparecia na frente dela. Com grande esforço, sacudiu a cabeça e estreitou os olhos. Em meio à cegueira parcial, percebeu uma sombra ameaçadora.

Nem chegou a correr em meio às pedras. Desmaiou.

Capítulo XII

Uma canção misteriosa e inquietante ecoava na escuridão. Érica não conseguia abrir os olhos.

— Por favor, ajude-me... — murmurou.

Teve a impressão de estar andando com dificuldade por um túnel escuro, à procura de luz. Uma sombra a esperava na saída. Torin? Torin? Torin...

A melodia estranha e triste que mais parecia um lamento levou o amado para longe. Era um uivo!

As bruxas marinhas! E cantavam para enfeitiçar! Érica quis gritar, mas sua garganta parecia estar em chamas. Uma imagem enganadora daquelas magas velhas, metade mulher sedutora e metade cabra.

Lembrou-se de ter visto uma sombra assustadora. Era preciso correr, fugir, mas era impossível mover-se. Ela queimava, a bruxa tentava assá-la viva.

A melodia sinistra recomeçou. Érica tapou os ouvidos, mas não adiantou. As feiticeiras procuravam atrair um parceiro humano e levá-lo para as profundezas do oceano.

Torin!

— Não, ele é meu! — ela gritou com voz rouca, balançando a cabeça de um lado para outro.

As visões de Torin se sucediam. Torin deitado nas rochas rodeado por um enxame de seres sobrenaturais que cantavam.

Descontrolada, ela avançou sobre as figuras. Nunca mais veria Torin, elas o manteriam cativo.

— Por favor...

Entreabriu os olhos e viu uma silhueta indefinível curvada sobre ela.

— Durma! — uma pessoa aconselhou e tocou-a com delicadeza.

Érica sentiu muito calor. Ou seria frio? O mal estar era grande, mas não havia como lutar contra isso. De maneira inconsciente, esticou a mão e agarrou-se em... um braço?

— Vai ficar boa! — Parecia uma promessa.

Outra vez a melodia sussurrada e Érica adormeceu.

Acordou deitada de costas e enrolada em peles. Abriu os olhos e sufocou um grito. Um homem mantinha-se em vigília a seu lado. Era pálido, tinha barba e fisionomia bondosa.

— Quem...

— Shh. É preciso recobrar as forças.

Érica inspirou fundo e avaliou o desconhecido. Os cabelos loiro-escuros tinham mechas brancas e alcançavam os ombros. Tinha nariz proeminente e maçãs do rosto altas. Pequenas rugas rodeavam a boca e o canto dos olhos.

— Onde... estou? — Érica murmurou e procurou enxergar o recinto onde se encontrava.

— Minha ilha!

— Sua... — Érica estremeceu. Não era um quarto, mas uma caverna dentro do rochedo e iluminada por uma tocha.

— Na verdade, eu tenho usado este lugar como se fosse meu. Minha jovem, eu a tirei do oceano e a trouxe para cá para poder tratá-la.

Érica lembrou-se. Ele era a sombra ameaçadora.

— Minha garganta... meu peito...

— Não se preocupe. Tive de fazê-la expelir toda a água dos pulmões. Parecia ter engolido o mar inteiro. — Abriu uma pequena sacola de couro e tirou de dentro uma raiz seca, um almofariz e um pilão. — Vou preparar algo que servirá para melhorar a dor na garganta.

Érica sacudiu a cabeça. Não confiava inteiramente nele. Talvez ele quisesse ministrar-lhe uma poção sonífera.

— Não! Estou bem melhor! E eu... — interrompeu-se. — Essa música! — Érica estremeceu. — Parece... um coro de espectros.

— É o ruído do mar que ecoa nas cavernas como um canto. É a gruta musical. A melodia me acalma, mesmo estando acostumado a ouvi-la. — O homem ficou em pé, caminhou devagar para a frente e cutucou as brasas de uma pequena fogueira. — Está com frio?

— Estou.

Érica tentou sentar-se, mas a tontura a fez deitar de novo. Estava muito cansada. Vieram-lhe lágrimas aos olhos quando se lembrou de Torin.

— Não havia alguém comigo? — Apesar da esperança, o homem negou. — Nem um sinal?

Oh, Torin!

Nunca mais o veria. A felicidade fora muito efêmera. Por que ela se salvara e ele não? A idéia de ter perdido Torin desencadeou uma torrente de lágrimas. Virou-se de lado e chorou convulsivamente.

Em vão, o homem procurou consolá-la.

— Ele se foi! — Érica contou, entre soluços, a história de como haviam se perdido na tempestade. — Não poderei viver sem ele.

— Pare com isso! — O homem agachou-se e sacudiu Érica pelos ombros. — O pranto não lhe fará bem. Eu sei, acredite em mim. Chorei um oceano de lágrimas e de nada adiantou. Elas não melhoraram minha dor.

— Sua dor? — Érica limpou os olhos. A expressão triste daquele homem lembrou-lhe uma alma perdida. — O que houve?

Ele sacudiu a cabeça.

— O senhor está sofrendo pela morte de alguém? Parece tão solitário...

A súbita tensão e o olhar de desalento respondiam à pergunta de Érica. Algo acontecera com aquele homem, mas ela não queria pressioná-lo com mais perguntas, por enquanto. Ele lhe salvara a vida. Teria de respeitar a vontade dele.

O mar tornava-se cada vez mais gelado. Torin tentou ignorar o desconforto e forçou a si mesmo a continuar na procura de Érica. Ele a vira subir e cair na água, quando uma onda gigante virara o barco. Ela simplesmente

desaparecera. Embora houvesse mergulhado inúmeras vezes, não a encontrara. Assim mesmo, não desistiria.

Torin inspirou fundo e mergulhou novamente. Deslizou por baixo da água até os pulmões estarem a ponto de explodir e voltou à superfície. Nadou mais algum tempo e continuou a busca. Por fim, teve de admitir a derrota. Fora vencido. As forças o abandonavam.

Com a cabeça para fora da água, olhou em volta e notou estranhas formações rochosas altas, com a aparência de um castelo.

— Uma ilha!

Isso significava pessoas e barcos. O que se traduzia em ajuda dos pescadores que na certa habitavam o local para procurar Érica. Uma vez juntos, haveriam de rumar para as Hébridas, conforme o combinado.

Torin não saberia dizer por quanto tempo ficara dentro da água. Os braços doíam, as pernas estavam entorpecidas e a respiração ficava difícil. No entanto era preciso encarar a possibilidade de aquele oceano gelado servir-lhe de túmulo. A roupa pesada arrastava-o para baixo, mas a memória de Érica trouxe-lhe novo alento.

A morte não haveria de ganhar daquela vez! Desafiaria o mar, seria o vencedor e encontraria Érica! Resoluto e com as forças renovadas, nadou para a frente até que uma coisa sólida arranhou-lhe os pés.

Com um derradeiro esforço, venceu o trajeto final até o terreno pedregoso. Tropeçando, andou poucos metros e deteve-se para observar a maré que subia. Se não tomasse cuidado, poderia ser arrastado de novo para trás.

— Não posso parar agora.

Arrastou-se por entre as rochas denteadas e as gramíneas escorregadias. Era preciso encontrar ajuda para recomeçar a busca. Andou sem parar. Manchas pretas dançavam diante de seus olhos, mas ele se recusava a desistir. Não lutara tanto para nada. Exausto, parou e olhou em volta.

Rochas e mais rochas, enormes colunas de basalto, penhascos e cavernas. Nenhum sinal de vida ou de vegetação, nada de barcos, nem uma só choupana. Uma imensidão de nada. Estava abandonado em uma ilha deserta. A única possibilidade de sair dali seria atirar-se no mar e tornar a nadar...

Deixou-se cair, incapaz de dar mais um passo. O desapontamento e a desilusão tiraram sua coragem. Sentiu-se um inútil. Com um suspiro, cessou a luta.

Por certo perdera a consciência, pois começou a escutar música. Que pensamento mais ilógico! Aquilo era impossível. Se tivesse forças, teria dado risada.

Música! Vozes espectrais, sinistras e abafadas pelo vento, gemendo.

Estaria morto?

Levantou a cabeça devagar. Na certa, não se tratava de Valhala. O inferno? O reino dos deuses? Todas as histórias que ouvira contar voltavam para aterrorizá-lo.

— Não!

Procurou acalmar-se. A cabeça doía muito. Se estivesse morto, não sentiria dor.

Prestou atenção ao som estranho. Viria da esquerda? Ou da direita? Da frente ou de trás? Perscrutou o nevoeiro denso. Nada. Apenas a água escura e a bruma que rodopiava. Fechou os olhos e entregou-se à escuridão convidativa.

Sentada nas pedras úmidas e frias e abraçando os joelhos, Érica continuava com o olhar fixo na arrebentação. Passara os últimos dias imersa em grande pesar. Desalentada, inspirou o ar marinho. A lembrança dos momentos em que haviam feito amor não lhe saíam da mente. Era estranho pensar que o oceano lhe trouxesse memórias tão felizes e outras tão trágicas.

Tirou dos olhos os fios de cabelos que esvoaçavam com a brisa. Não conteve as lágrimas ao pensar no momento em que a onda violenta tragara a sua felicidade.

Ah, Torin!

A solidão e o vazio eram enormes. Uma parte de sua alma estava morta. E Geordie? Como poderia ajudá-lo?

Os dois a quem eu mais amava já se foram...

As ondas espumantes atingiam com fúria os despenhadeiros rochosos. A imensidão marinha era uma recordação terrível de seu desamparo e de sua tristeza.

Ah, como gostaria de poder sair daquela ilha deserta e voltar para casa! Porém, fora condenada a ficar ali, ao lado de um homem estranho e silencioso que não lhe inspirava confiança completa.

Nem mesmo podia explicar aquela apreensão. Embora houvesse lhe salvado a vida, havia ocasiões em que ele se comportava de maneira esquisita. Falava sozinho e demonstrava uma fascinação obsessiva a respeito do corvo de prata. Nunca dizia nada sobre si mesmo, nem revelara a própria identidade. Era uma situação confusa e enervante. Érica admitia que, se não fosse por ele, teria morrido. Ele lhe oferecera abrigo na caverna, providenciava alimentos e

procurava consolá-la com palavras de conforto. Às vezes, era uma companhia agradável. Simpático, gentil, bondoso. Porém as mudanças de humor eram assustadoras.

Havia momentos em que ele não saía de perto dela. Em outros, desaparecia. Na verdade, não sumia, ia em busca de madeiras lançadas na costa para a fogueira. Podia vê-lo recolher cada vareta como se fizesse parte de um tesouro. Era auto suficiente no sentido exato do termo. Contudo Érica ficava penalizada por ele não ter família nem pertencer a nenhum clã. Quem seria aquele homem e por que viera parar ali?

Todas às vezes em que Érica tocava no assunto, ele respondia com evasivas e preferia fazer-lhe perguntas.

— Eu me chamo Érica e estou à procura de meu irmão que foi raptado — ela respondera na primeira indagação.

Contara sobre sua infância, sobre as brincadeiras de Geordie, o amor que tinham pela mãe. O homem dera um sorriso trêmulo. Ele parecera apoiá-la quando soubera de seu amor por um viking e como o libertara. Mas empalidecera, aterrorizado, ao ouvir o nome de seu pai, Ragnar. Em vão, Érica tentara descobrir os motivos de atitude tão estranha. De novo o homem se enclausurara em seu mundo particular.

O que torturava aquela pobre alma?

Érica levantou-se com a aproximação do estranho e sorriu com simpatia.

— Espere, deixe-me ajudá-lo. A carga deve estar muito pesada.

— Não pesa muito, mas é desajeitada. — Ele agradeceu e entregou-lhe algumas peças. — Vi muitos mariscos. Assim que eu acender o fogo, irei buscar um punhado deles. Será uma boa variação para substituir um pouco o peixe e as plantas aquáticas.

Érica daria qualquer coisa por um pedaço de carne de veado. Só comia peixe e mais peixe. Repreendeu-se pela ingratidão. Sem aquele homem, estaria passando fome.

— Eu o ajudarei a recolher os mariscos. Meu tio costumava dizer que se eu não fosse mulher, seria um ótimo pescador.

O homem deu um sorriso triste, talvez atingido por alguma lembrança. Espalhou os pedaços de madeira na rocha para secar. Érica fez o mesmo e ao levantar a cabeça viu-o olhar de novo o pingente.

— O senhor está muito interessado nisto. Por quê?

— É curioso a senhorita usar no pescoço um símbolo celta de infortúnio e morte, embora tenha dito que é cristã.

— Eu já lhe contei que meu pai era viking. Ele pediu à minha mãe para que eu o usasse. — Lembrou-se de quantas vezes fora criticada por sua insistência em usar o amuleto. — Para os vikings, o corvo é o símbolo da sabedoria.

Lembrou-se da mãe ter-lhe dito que o deus Odin levava dois corvos, um em cada ombro. Durante o dia eles voavam sobre o mundo e, quando voltavam, contavam ao deus tudo o que acontecia.

— Sabedoria... — O eremita franziu o cenho.

— Minha mãe dizia que Hugin era o pensamento, e Munin, a memória. Esses eram os nomes dos dois corvos de Odin.

O homem fez o sinal-da-cruz, como se temesse o demônio.

— Por que o senhor está tão interessado neste amuleto? O homem hesitou por um instante, perdido no tempo.

— Há muito tempo, vi outro pingente como esse.

— Um corvo?

— Não. Era um lobo, e trazia uma pedra amarela.

— Onde?

— Em um mosteiro em Eire.

Ele parecia ter encerrado o assunto. Saiu na frente de Érica e ocupou-se em acender o fogo.

Érica disse a si mesma que não permitiria que o assunto morresse. Sua curiosidade sobre o eremita era muito grande, queria saber se ele era um sacerdote e se cometera algum pecado.

Ela o seguiu a pôs a mão no ombro dele.

— Diga-me, por favor, o senhor é um homem santo? Por favor, não vá embora. Eu não lhe farei nenhum mal. E nem poderia. O senhor salvou-me a vida.

Érica nunca vira tanto sofrimento nos olhos de alguém.

— O passado não volta e é melhor não falar sobre isso. Alguns me consideram morto e é melhor que continue assim.

— O senhor deve ter uma família, parentes que sentem sua falta...

Ele sacudiu a cabeça e suspirou.

— Esqueça, não tenho ninguém.

— Sinto muito.

Érica ficou penalizada. A intuição lhe dizia que aquele homem sofrera uma grande injustiça. Excluído do seio de seu clã? Por quê? Havia muitos motivos para ser exilado. Desobediência, rebeldia contra as normas, agressão contra os membros do clã. O sistema de justiça de um clã era administrado por um breve, um homem respeitado que aquinhoava os bons e distribuía punições por má

conduta. Teria seu salvador sido condenado por um crime? O que o pobre homem fizera?

— Não tenha pena de mim, estou contente com minha vida.

— Talvez eu possa ajudá-lo. Tenho com o senhor uma grande dívida de gratidão.

Ele a fitou como um animal ferido.

— Eu já lhe disse, minha filha. Não posso voltar.

Ele a chamara de "minha filha". Mais uma vez, aquele homem fizera parte de alguma ordem religiosa, como monge ou sacerdote. Ele poderia ter-se apaixonado por uma mulher e desistido de seus votos. Ou alguma coisa poderia ter acontecido com a mulher amada. Assustou-se ao ver o homem levantar a mão, como se temesse o demônio.

— Vá embora! Eu não o quero aqui, vá embora!

Érica seguiu o olhar do homem. O que ele teria visto? Um fantasma?

Atônita, não acreditou nos próprios olhos. Nunca um espectro seria tão bem-vindo. Levantou-se e caminhou devagar rumo à visão.

— Torin!

Torin não ousou piscar, com receio de que ela desaparecesse na bruma que rodeava a ilha. Teria ficado louco? Ele prendeu a respiração, incrédulo. Érica, ali?

— Érica? — Entender que se tratava de uma realidade era como um elixir para renovar as energias. Antes amaldiçoara a ilha árida e o destino que o trouxera até ali. Agora os abençoava. — Érica...

Ela assemelhava-se a uma deusa de cabelos de fogo sob a luz pálida daquela manhã nebulosa. Torin observou-a com atenção para ter certeza. O pescoço delicado, o perfil gracioso e o nariz arrebitado, o rosto perfeito e a curva do busto. Era mesmo Érica.

— São Miguel abençoado, pensei que estivesse... — Érica sentiu a garganta ressecada.

Ela o fitou, hipnotizada por aquele olhar que refletia a própria ansiedade. Seu coração disparou, enquanto Torin se aproximava devagar, como se temesse estar contemplando uma visão. No mesmo instante estava nos braços de Torin, sem poder respirar por causa do abraço apertado. Ela nem mesmo se incomodou. Nada mais importava a não ser a segunda oportunidade que lhe era dada para ser feliz. Talvez Staffa fosse mesmo uma ilha mágica. Afinal, trouxera de volta seu amor.

— Quando eu não a encontrei mais... — Torin escondeu o rosto nos cabelos dela.

— Eu morria um pouco cada vez que mergulhava e não o encontrava.

Esquecida de que não estavam sozinhos, enfiou a mão por dentro da camisa de Torin e estremeceu ao sentir-lhe o calor da pele. Antes de que Torin pudesse beijá-la, foram interrompidos pelo pigarrear do ermitão.

— Um viking. O senhor veio com outros companheiros? Pela expressão do homem, era evidente que estava assustado pela presença de Torin.

— Quem é ele? — Torin quis saber, desconfiado das roupas rasgadas e dos cabelos compridos e desalinhados.

— Eu não sei, mas ele salvou minha vida. Por isso eu lhe serei eternamente grata. — Érica soltou-se de Torin e foi até o homem mais velho. — Ele me puxou para fora do oceano e deu nova vida a meus pulmões.

Torin suspirou.

— Então, se isso aconteceu, sou profundamente agradecido ao senhor. — Torin fez uma mesura. — Torin Rolandsson, às suas ordens.

— Torin... Roland... Ragnar! — O homem pronunciou as palavras como se estivesse se referindo aos augúrios do mal e saiu correndo.

— Pegue-o, Torin! Não o deixe fugir!

Érica ajudou Torin na perseguição do homem assustado. Correram por cima das pedras escorregadias, atravessaram o leito de um pequeno regato entre as rochas e passaram pela caverna musical. Torin só conseguiu agarrá-lo por uma perna quando o homem tropeçou e caiu.

— Não! Não me mate! Não me mate! — Os gritos dele eram de uma pessoa aterrorizada.

Era uma criatura patética. Talvez fosse louco.

— Matá-lo? Eu juro pela espada de Odin que não farei uma coisa dessas! Juro que o tratarei com bondade. Tenho com o senhor uma dívida de gratidão pela maneira bondosa com que tratou a mulher que eu amo.

— O senhor não vai me maltratar?

— Claro que não! — Torin soltou-o, para comprovar suas boas intenções. — Viu? O senhor nada tem a temer de mim.

O homem se ajoelhou, tremendo.

— Eu... eu pensei que o senhor tivesse vindo para vingar-se. Vingar-me?

— Quem é o senhor?

— Um homem que procura a paz e a solidão — foi a resposta evasiva. — Por favor, deixe-me ir embora. Nunca fiz mal a ninguém.

— Então, por que essa história de vingança?

Os olhos azuis do homem encheram-se de lágrimas.

— Eu gostaria de esquecer o sofrimento dos últimos anos. Eu me referia à vingança divina.

Érica horrorizou-se.

— Deus não procura vingar-se. Ele ama e perdoa. O senhor sabe disso. — Ajoelhou-se ao lado do homem e abraçou-o pelos ombros. — Por favor, conte o que aconteceu e por que o senhor sofre tanto. Falar talvez o liberte daquilo que o está torturando.

O homem fechou os olhos. Durante alguns minutos ficou imóvel, repassando as memórias.

— Eu fui um sacerdote no mosteiro Armagh, em Eire. Eu era jovem e tolo em minha ambição e em meu orgulho. — Suspirou. — Eu pensava ser dono do mundo. Nem me lembrava do Deus ao qual servia. Pensava que poderia viver duas vidas, uma para mim e outra para Deus. Conheci uma mulher. — Fechou os olhos, lembrando de seu rosto.

Torin jamais entenderia o costume cristão do celibato imposto aos religiosos. Na crença viking não existiam tais restrições. Os seguidores dos deuses escandinavos Odin, Frei, Tor e Loki não se privavam da companhia das mulheres.

— Uma mulher a quem o senhor amou. Não vejo mal algum nisso.

O ermitão arregalou os olhos.

— Colleen era casada.

O caso mudava de figura. Entre os vikings, em geral a punição para o adultério era a morte.

— Ela pertencia a outro homem.

— Sim. E a um homem tão cruel que lhe aplicava surras para divertir-se.

— Que brutamontes! — Érica revoltou-se. — Ela deveria ter lutado contra ele.

— Colleen era muito doce e gentil, o que tornava a situação ainda mais terrível. Uma noite ele quase a matou com sua brutalidade. E eu tirei a vida dele com minhas próprias mãos.

Torin bateu-lhe no ombro com simpatia.

— Eu teria feito o mesmo se alguém causasse sofrimento a Érica. Não tem do que envergonhar-se.

— Mas isso não é tudo. Fugi do mosteiro e de Eire com receio das conseqüências. Pensei somente em minha reputação. Um ano mais tarde eu soube que a minha bela Colleen havia sido julgada pelo crime e condenada à morte. Ninguém acreditou nos juramentos de inocência dela. Minha covardia e meu egoísmo causaram a morte da pessoa a quem mais amei no mundo.

— E foi o que o trouxe até aqui. — Érica compadeceu-se da triste história do homem.

— Eu abandonei meu hábito e vim para esta ilha em um esforço para punir a mim mesmo. E acabei cometendo outro crime. Eu não estava no mosteiro quando ele foi invadido pelos vikings. Meus companheiros foram mortos. Eu não estava lá para proteger... — O eremita calou-se, com receio de ter falado demais.

— Continue — Érica pediu.

— Não posso. — O homem fitou Torin com desconfiança, como se o culpasse pelo que acontecera.

— O senhor disse ter visto uma pessoa com um pingente parecido com o meu — Érica interveio.

— Um pingente igual ao seu? — Torin adiantou-se. Teria de saber do que se tratava. Se fosse um dos que Ragnar se referira, o objeto o levaria a um dos filhos dele. — Senhor, diga-me do que se trata.

— Não.

O homem tapou os ouvidos para não escutar mais perguntas, mas Torin abaixou-lhe as mãos com gentileza.

— O pingente era um dragão com uma pedra azul?

Érica ficou confusa.

— Do que está falando, Torin?

O ex-sacerdote sacudiu a cabeça.

— Não era um dragão.

— Então era um lobo com o olho ambarino.

O olhar do eremita foi a confirmação.

— Então, era o segundo pingente!

Érica arregalou os olhos. A verdade não poderia ser outra. Seu pai tivera outros filhos com diferentes mulheres. Sua mãe não fora o único amor de Ragnar.

Torin lamentou não ter-lhe contado a história antes.

— Érica, existem mais dois amuletos. Seu pai deu um a cada filho.

Então Ragnar tinha seus preciosos descendentes masculinos. Érica concentrou toda sua raiva em Torin.

— Por que não me revelou a história?

— Eu tentava protegê-la.

Érica fitou Torin com olhar acusador.

— Proteger a mim? Da verdade?

— Érica... — Torin tentou abraçá-la, mas foi repellido com violência.

— Não me toque! Sei que teria ido embora sem me contar nada, não é?

Érica deu as costas para Torin. Tudo começava a se encaixar e o homem solitário que já fora monge era uma peça integrante do enigma.

Torin não se aproximou de Érica. Esperava que a raiva dela cedesse. Enquanto isso, fez companhia ao ermitão que dizia chamar-se John. Depois da confissão, o ex devoto já não se retraía tanto. Falar sobre o que acontecera abrandara-lhe um pouco a dor. Uma simpatia mútua estabelecia-se entre os dois homens.

John confidenciou que sabia onde encontrar um velho navio viking. Não se tratava de um navio grande. Era um knorr, um pequeno barco mercante.

Com a ajuda de John, Torin poderia deixar a embarcação em condições de enfrentar o oceano e sair em busca de Geordie. Depois de encontrá-lo, iriam ao mosteiro de Armagh para procurar o rapaz que usava o pendente mencionado por John. Se tivessem sorte, o objeto ainda estaria ornando o pescoço do verdadeiro dono.

— Este deve ter sido um belo navio — Torin comentou com John, enquanto tentava arrancar tachas velhas do casco. — Como chegou aqui?

John corou.

— Era um navio usado para transportar objetos furtados de Alba e de Eire para o Norte.

Torin limpou o suor da testa.

— O que aconteceu com os ocupantes?

— Todos mortos. — John parou de martelar. — Teremos de arrumar alguns pedaços de madeira cobertos de betume para firmar as junções.

— Como eles morreram?

— O alcatrão faz maravilhas e torna o barco impermeável.

— Como eles morreram? — Torin insistiu.

— Foram mortos por seu próprio povo. — John contou que vira a batalha de longe. — Todos os tesouros do navio foram pilhados depois de os homens serem mortos. A embarcação foi deixada à deriva. Nadei até lá e trouxe o barco, pensando em usá-lo algum dia. — Pela primeira vez, John deu um sorriso. — Fico feliz por tê-lo feito, assim poderei prestar-lhe um favor.

— E se o senhor precisar dele?

John sacudiu a cabeça.

— Ficarei com o bote de vime. Para mim, é mais do que suficiente. — John começou a remodelar as cavidades do remo com um cinzel.

— Tem certeza de que não deseja vir conosco?

— Não posso. Prometi a Deus que ficaria aqui como uma penitência por meu grande pecado.

— Isso aconteceu há muito tempo. Seu Deus não concedo aos homens uma segunda chance? — Torin concentrou-se fixar a vela, mas notou que John refletia sobre suas palavras.

— Talvez algum dia eu saia de Staffa, porém, ainda não é o momento. — John fitou Érica, que se ocupava em fazer peixe para jantar. — Além do mais, eu seria um intruso.

Torin observou Érica e depois o mar.

— Embora estejamos estremecidos, eu a amo demais. Os cristãos falam de paraíso. Para mim, o paraíso seria poder segurá-la nos braços eternamente.

John sorriu pela segunda vez.

— Esse desejo poderá se concretizar, meu filho. Rezarei para que fiquem juntos, para que tenham muitas alegrias e alcancem o Paraíso em um navio como este.

Parte II

Jornada do Coração

Capítulo XIII

O navio mercante reformado deixou a ilha de Staffa para trás, bailando sobre as ondas. Imóvel e silenciosa, Érica comprazia-se com o vento que soprava por seus cabelos.

— Quanto tempo vai durar essa sua raiva? — Torin perguntou depois de um longo tempo.

Érica virou a cabeça devagar.

— Por que não me disse nada sobre meus irmãos? Por acaso o plano era aplacar seus desejos, abandonar-me, sumir para deus sabe onde e assim agradar meu pai?

Odin era testemunha de que não fora isso o que Torin pretendia.

— Não! Eu acabaria lhe contando.

— Quando? Depois de haver presenteado meu pai com seu precioso herdeiro e recebido a ansiada recompensa?

Torin sacudiu a cabeça.

— Eu lhe contaria quando saíssemos de Staffa, ou seja, agora.

— Quanto meu pai está lhe pagando para percorrer os confins do mundo atrás de seus filhos?

— Não sou mercenário, Érica. Eu admiro seu pai e fico satisfeito em poder honrar um pedido dele.

No passado, ela também teria honrado Ragnar, mas naquele momento, experimentava apenas o desapontamento da traição. Flora Dugald fora uma entre muitas. Não era de se admirar que seu pai a houvesse esquecido por tanto tempo...

— Érica...

Ela o fitou por alguns instantes e resolveu analisar a embarcação. As laterais tinham recortes pequenos e quadrados por onde se projetavam os remos. Os orifícios ficavam na parte dianteira e na popa do barco. Havia seis fileiras de bancos. No meio, um mastro segurava a vela dourada com um lobo preto e apoiava-se em uma viga transversal. Os vikings costumavam acumular suas riquezas ao redor do mastro. Havia barricadas de madeira, água e provisões para a curta viagem.

— Estou em um navio viking. Estou indo para a Escandinávia. Mas nada foi como eu sonhava...

— Érica, sinto muito pelo que aconteceu e pela maneira como foi. — Torin acariciou-lhe levemente o ombro. — Mas não lamento ter aportado em Alba e tê-la encontrado. Acredite ou não, conhecê-la mudou minha vida e fez com que eu compreendesse a importância do amor.

Torin entregou-lhe uma pele para deixá-la mais confortável. Érica aceitou, sem olhá-lo, e sentiu que sua raiva diminuía.

— Sabe, nunca pensei que pudesse encontrar uma mulher perfeita, e tenho uma a meu lado. Nós fomos felizes nos poucos momentos em que estivemos juntos, mas agora tremo em pensar que podemos perder tudo isso por causa de um mal-entendido.

Érica estava cansada. A pele era convidativa.

— Nossa felicidade foi apenas uma ilusão...

— Nada disso! Foi muito real! — Torin faria qualquer coisa para provar isso.

— ...e não passou de um sonho. Érica deitou-se sobre a manta de pele. O balanço da nau deixava-a sonolenta. Antes de adormecer ainda teve tempo de imaginar qual seria a reação do pai ao descobrir que tinha uma filha. Jurou a si mesma que jamais se deixaria dominar. Entraria no salão de cabeça erguida e provaria seu valor; salvaria Geordie e o arrancaria das mãos de seus raptos, mesmo que um deles fosse Ragnar em pessoa!

Torin contemplou Érica adormecida e depois o azul do oceano infinito. Embora fosse um navegador experiente em mar aberto, não havia nada para guiá-lo. Nem sinais de terra, nem mapas, nem carta marítima. Nada além das estrelas e de sua inteligência.

Érica espreguiçou-se no leito de peles sob o sol da manhã e abriu os olhos. Aconchegou-se na cama macia e improvisada e pensou que nada poderia ser melhor de que aquilo.

Inalou o aroma refrescante do mar, suspirou e deitou-se de costas. Por um instante chegou a esquecer que iam em busca de Geordie. Pobrezinho! Haveriam de encontrá-lo!

Lembrou-se dos momentos de tempestade e do receio que o navio afundasse. Mas nada acontecera, devido à solidez da embarcação e à energia de Torin que permanecia atento no convés. O sentido de direção dele era surpreendente. Para ela parecia impossível não se perder naquela imensidão sem referências.

— Está com fome? — Torin perguntou com voz terna.

Érica fitou-o e negou com um gesto de cabeça.

— Está enjoada?

Na verdade, Érica sentia os efeitos da oscilação do navio, mas não desejava demonstrar fraqueza.

— Não.

— Então, coma. É preciso manter as forças.

O alimento consistia de carne e peixe secos e pão sem fermento. Nada lhe apetecia.

— Coma ao menos um pedaço de pão — Torin insistiu. — Por favor...

Érica aceitou, sem fitá-lo.

— Quanto tempo falta para chegarmos às Hébridas?

— Não muito.

Torin viu-a estremecer por causa do vento, tirou a capa e envolveu Érica com ela, tocando-lhe as mãos com as suas.

Érica afligiu-se com as memórias excitantes. Torin descortinara diante dela um mundo novo de alegria e emoção. Os beijos dele deflagravam

verdadeiros incêndios em seu interior. Sob as mãos dele conhecera delícias tão extraordinárias quanto inimagináveis.

Seria impossível esquecer aqueles momentos em que seus corpos e almas se uniam, mas teria de sufocar os sentimentos que a todo instante ameaçavam aflorar. Para isso, seria preciso manter distância de Torin, pelo menos até que Geordie fosse encontrado, embora houvesse momentos em que resistir à atração exigia uma energia sobre-humana.

Torin afagou-lhe o rosto.

— Encontraremos Geordie e o levaremos de volta para Alba. Os últimos acontecimentos haviam mudado sua vida para sempre, embora não fosse por culpa de Torin. Érica precisava de um tempo para refletir.

Torin sentiu aquela incerteza e beijou-lhe a testa, antes de voltar aos deveres de navegação. O vento insuflou a vela e o barco prosseguiu com maior rapidez. Mesmo assim, Érica desejou que a velocidade fosse maior.

A magnificência rochosa das Hébridas pelos menos garantia que ainda estava em Alba, embora muito longe de casa, Geordie refletiu, saudoso.

— Venderemos as peles aqui. Se nada dissermos a Herlaug, não teremos de repartir o lucro — o mais feio dos vikings il ninou.

— Por que não vendemos o garoto?

— Bolli, eu lhe cortarei a língua se o ouvir dizer isso mais uma vez. Não quero repetir meu plano de novo. Teremos de levá-lo a Herlaug. Ele decidirá o que fazer. Como ele é um simplório, pegaremos nossa recompensa e sairemos em busca do outro filho de Ragnar.

— Torin está morto e ele era o único que conhecia o parati no dos demais herdeiros.

Halldor deu um tapa na cabeça de Bolli.

— Seu estúpido! Acha mesmo que eu pretendo procurar os filhos verdadeiros de Ragnar? Pegaremos dois jovens mais ou menos da mesma idade dos filhos dele e os levaremos de volta a Herlaug.

— Ah! — Bolli arreganhara os dentes estragados.

— Por enquanto só temos esse fedelho. — Halldor bateu na cabeça de Geordie.

Talvez pudesse aproveitar-se da cobiça dos brutos, mesmo que ele não os agradasse, Geordie refletiu.

A costa recortada tornava difícil o desembarque, mas a perícia do homem chamado Audun fez o navio atracar com tranqüilidade.

Geordie foi atrás dos outros, um tanto trôpego por causa da posição agachada em que tivera de ficar durante muito tempo. Disse a si mesmo que

Érica viria em seu encalço assim que soubesse do que acontecera, mas seria preciso deixar pistas para que ela pudesse segui-lo.

A embarcação percorria as águas do Atlântico Norte. Aquela zona marítima era conhecido de Torin, por isso a jornada tornou-se mais rápida e menos angustiante. Torin estreitou os olhos diante dos pontos de referência já familiares. Navegara por essa rota uma ou duas vezes quando procedera de ataques a Eire e a Alba, fatos que naturalmente não comentaria com Érica.

— Odin seja louvado! Estaremos em Stornoway em um piscar de olhos. — Torin planejava alcançar a ilha mais setentrional da cadeia Hébrida que era ocupada pelos nórdicos. Ali renovariam o estoque de mantimentos e sairiam rumo ao mar do Norte.

À medida que se aproximavam do destino, o céu parecia mais azul, a água mais clara e a vegetação longínqua mais verde. Muitos pássaros sobrevoavam as ilhotas que despontavam no mar aqui e ali. O cenário costeiro teve um efeito calmante na angústia de Érica. Pressentia que em breve encontrariam Geordie vivo, com boa saúde e em condições de voltar para casa.

O que ela faria? Iria para Alba com Geordie ou ficaria na Escandinávia com Torin? Emocionalmente dividida, não encontrava resposta. Amava os dois.

Torin observava Érica de maneira disfarçada. Seu coração parava toda vez que a via, e a ansiedade costumeira vinha tona. Seria totalmente impossível esquecer a imagem de Érica ... momentos de paixão e o corpo adorável apertado de encontro ao seu.

Por que atormentar-se tanto? Por que simplesmente não a possuía à força? Não, não poderia tomar uma atitude tão rude. Tivera a sorte de contar com o amor de Érica e não queria correr o risco de perdê-lo. A raiva de Érica acabaria por amainar e ele poderia reclamar-lhe a afeição.

— Logo Geordie estará de volta ao lar e sua aflição não passará de um pesadelo.

Era essa a esperança de Érica.

— Será que eles não farão nenhum mal a ele?

Torin conhecia a maneira de Halldor pensar. Ele procuraria uma maneira de lucrar com o garoto.

— Tenho certeza que não. Para eles, Geordie vale muito mais vivo que morto.

— O pobrezinho deve estar tão amedrontado...

Sem refletir, Torin segurou-lhe a mão, beijou a palma e pressionou-a no próprio rosto. O gesto de amor e compaixão deixou-a atônita. Quem poderia supor que um viking fosse capaz de tanta ternura?

— Farei o que estiver a meu alcance para trazê-lo de volta com segurança.
— Eu sei. — Érica fitou-o com seriedade. — Não estou mais com raiva. Entendi que meu pai incumbiu-o de encontrar seus filhos e é isso que vem fazendo com galhardia.

Torin teria de contar-lhe toda a verdade. Érica merecia saber.

— Seu pai está doente. Ele quer ter certeza de que todos os seus bens não cairão em mãos erradas.

— Papai está doente? — Não poderia perdê-lo antes mesmo de o conhecer. — Não pode ser!

Torin gostaria de suavizar o golpe.

— Ele vem desmaiando com alguma frequência, e nós não sabemos se essas crises são graves.

Um trovão interrompeu-o e Érica fitou o céu. Um temporal estava em formação.

— Procure refugiar-se, vai chover forte.

O único refúgio era uma pequena cobertura no meio do convés. Torin levou-a até lá.

A chuva pesada batia na lona acima deles com uma fúria assustadora. Somente poderiam almejar não ficar encharcados, se ficassem abraçados sob a cobertura precária.

Torin nunca alegrou-se tanto com uma tempestade em alternar. Aconchegados, era possível sentir o calor do corpo de Érica e o aroma refrescante de sua pele. A atração que Érica exercia sobre ele era incomum e maravilhosa. O desejo o invadia com a mesma rapidez com que o relâmpago rasgava o céu, e o sentimento ultrapassava a paixão.

— Isso são lágrimas ou é a chuva? — Torin cariciou-lhe o rosto com suavidade.

— As duas coisas. — Ela chorava pelo pai e pelo que poderia ter sido. — Eu... eu gostaria tanto de conhecê-lo...

Torin abraçou-a. Era assim que gostaria de ficar para sempre.

A chuva foi embora tão depressa como chegou. A água gotejava do mastro e da vela, caindo no deque de madeira. O céu voltou a brilhar na paisagem úmida. As gotas de chuva paradas faiscavam como brilhantes.

Érica supôs que o sol fosse um bom augúrio. Os fatos teriam um final feliz e seu relacionamento com Torin se resolveria de maneira favorável.

— Eu havia esquecido de como um aguaceiro tão forte pode aparecer e desaparecer tão de repente.

Ambos se ajoelharam, como se louvassem a Deus, sem querer afastar-se um do outro.

— Torin...

O som distante de uma trombeta interrompeu-a, Érica sentiu arrepios.

Torin apanhou um chifre longo e recurvado, inspirou profundamente e levou-o aos lábios. Assoprou três vezes, e o som forte ecoou pelas redondezas..

— Deixe-os saber que viemos em paz.

A embarcação fora vista no horizonte por um olheiro. Homens, mulheres e crianças corriam para saudar os heróis que retornavam. Cães, igualmente excitados, seguiam os donos. Um navio era um acontecimento, ainda mais um navio mercante que devia estar cheio de novidades.

— Eles não sabem que não trazemos nenhum tipo de carregamento — Torin sorriu —, ou não estariam tão animados.

Torin atracou a embarcação com segurança na península.

— Venha.

Ele sentiu Érica estremecer e imaginou-a em um vestido de seda que haveria de ser complementado com o pingente do qual ela nunca se separava.

— Eu lhe comprarei uma coisa, e outra para mim. Precisamos trocar de roupas.

— Um presente? — Érica arregalou os olhos, curiosa. — De que se trata?

— Um vestido feito de um tecido suave ao toque e brilhante como se fosse um sol. E tão leve que nem mesmo se sente no corpo. Chama-se seda.

Érica examinou a si mesma. Mesmo sem ser exigente, sabia que sua aparência não era das melhores. Os cabelos estavam despenteados e, sob a ação da atmosfera salgada, o desastre era total. Esfregou as olheiras e desejou ter dormido por mais tempo.

— Vestida deste jeito, eu o envergonharei.

Torin entendeu que ferira, sem intenção, os sentimentos de Érica.

— Envergonhar-me? Jamais, Érica.

Érica se destacaria sempre entre todas as mulheres, com os grandes olhos azuis, os cabelos vermelhos esvoaçantes e o nariz erguido com orgulho. Era muito bonita, mesmo com os trajes amarrotados e sujos.

Torin puxou-a de encontro ao peito e Érica sentiu as batidas rápidas do coração dele. Torin não resistiu ao impulso e beijou-a com paixão. Ficaram abraçados por um momento.

— Vamos — Torin soltou-a.

Érica endireitou os ombros, ergueu o queixo e ostentou na fisionomia toda a coragem que não sentia. Ser rodeada por um bando de vikings não era uma

idéia muito agradável. Apesar dos joelhos bambos, seguiu Torin pela prancha de desembarque que ele jogara.

Torin orgulhava-se do destemor que Érica demonstrava. Admitiu que ela era uma mulher de fibra. Érica nem piscou quando foram cercados por inúmeros nórdicos barbudos.

— É bom estar em terra firme outra vez.

Érica não era da mesma opinião. Para ela, o lugar era barulhento, sujo e cheio de gente. O cheiro de peixe impregnava a atmosfera. Os habitantes locais fitavam-na com espanto. Notou que havia várias pessoas ruivas, homens e mulheres.

Seriam escoceses?

Torin afastou-lhe as mechas de cabelos do rosto, segurou-a pelo braço e levou-a por um atalho escondido atrás de barriletes. Logo um homem aproximou-se. Era moreno, gordo e completamente calvo. O bigode fino era longo e curvado nas pontas e os olhos negros eram astutos e ameaçadores. Ele cruzou os braços musculosos e desnudos na altura do peito.

— Muhar!

— Torin, o que está fazendo aqui?

— Estou tentando encontrar meus homens e meu navio!

— Eles desapareceram? — Muhar coçou a cabeça.

— É uma longa história. — Torin descreveu *Geordie*, com esperança de que Muhar pudesse prestar-lhes auxílio. — Por acaso viu o garoto?

Muhar sacudiu a cabeça.

— Se bem conheço Halldor, ele o fará valer ouro.

Érica estremeceu ao pensar em *Geordie* sendo vendido como escravo. Perguntou a si mesma se Muhar não seria um comerciante de escravos.

Torin segurou-a novamente pelo braço e levou-a para longe do careca gordo. Caminharam em silêncio, enquanto percorriam as tendas dos mercadores em Stornoway.

Torin comprou para Érica um vestido de seda verde-esmeralda e outro de lã castanha, uma túnica e uma capa marrom. Depois usou a astúcia de barganha para adquirir as próprias roupas.

— Torin! Torin!

Era um companheiro que navegara com ele até Eire e voltara.

— Lief!

A efusão foi grande. Tapinhas nas costas, risos, assuntos de homem. Torin não demorou a convencer Lief a velejar até Kaupang em perseguição a Audun e os outros. Lief conhecia mais cinco homens que poderiam ir com eles.

Érica sentiu-se constrangida na presença do estranho que a fitava com a testa franzida.

— Quem é ela? — Lief não resistiu a perguntar. Torin abraçou-a.

— O nome dela é Érica.

— Uma beldade ruiva. — Lief adiantou-se e foi empurrado por Torin.

— Ela é filha de Ragnar.

— Ragnar! — O homem fez uma mesura com a deferência devida a uma rainha.

— Estamos procurando o irmão dela. — Torin notou o espanto do outro. — Trata-se de uma longa história. Eu lhe contarei tudo quando embarcarmos.

Torin sentiu-se aliviado e otimista. Fora mais fácil do que imaginara reunir uma tripulação. Virou-se para partilhar a alegria com Érica, mas ela estava pálida e com o olhar arregalado.

— Veja aquele pedaço de tecido — ela apontou.

Um retalho de lã vermelha com xadrez miúdo em verde e negro balançava ao vento, pendurado em um galho de árvore.

Quanto mais convivia com aqueles homens, mais Geordie os desprezava. Eram gananciosos, estúpidos e cruéis. Especialmente Bolli. Vangloriar-se era o passatempo predileto deles. Tocou na gargantilha de ferro com que o levavam de um lado a outro como um cão e odiou-os mais ainda.

— Não queremos que fuja — Audun explicou e amarrou a ponta da corrente. — Quando estivermos de volta ao navio, nós tiraremos isso.

Geordie revoltou-se. Se eles o tratavam como animal, agiria como se fosse um. Ele os faria de tolos quando tentassem fazê-lo passar por filho do chefe viking.

Geordie largou-se e caiu de quatro.

— O que ele está fazendo? — Furioso, Halldor puxou a torrente das mãos de Audun.

— Ele só está fazendo graça. — Audun fez sinal para Halldor não puxar o garoto.

— Como diremos que ele é filho de Ragnar, se ele age como um cachorro?

Bolli adiantou-se, com a espada em riste.

— Devíamos cortar-lhe a cabeça.

Audun empurrou o homenzarrão para o lado.

— Logo terá oportunidade de fazer isso, assim que recebermos a recompensa de Herlaug. — Bateu na cabeça de Geordie. — Eu tirarei a gola, se prometer não fugir. Promete?

Geordie fitou-o e concordou com um gesto de cabeça. Penou no que Torin faria se descobrisse como aqueles homens o estavam tratando.

Por favor, encontrem-me...

Durante toda a viagem por mar, Geordie olhara para trás, na esperança de ver Torin e Gardar em outro navio no horizonte, mas as esperanças foram afogadas, uma por uma.

Por favor, encontrem-me...

Érica sempre lhe dissera que um pensamento forte atraía outros pensamentos. Geordie fechou os olhos e tentou guiar Torin até onde os vikings pretendiam levá-lo.

Capítulo XIV

A embarcação zarpou e a viagem seguiu, dessa vez tripulada por seis vikings musculosos. Embora irritada pela intromissão que lhe roubara a intimidade com Torin, Érica admitiu que os nórdicos barbudos acrescentavam poder e velocidade à viagem. O mais importante era eles serem homens em quem Torin confiava.

— Lief salvou minha vida inúmeras vezes — ele lhe dissera. — Quando todos me evitavam e me tratavam como um proscrito por causa do meu pai, ele me estendeu a mão em amizade.

— Então ele realmente merece toda consideração — Érica respondera.

Naquela altura, em pé na proa, os dois homens trocavam impressões e mostravam-se atentos às condições do tempo e do oceano.

Torin insistiu para que fossem até Kaupang, um porto nórdico para onde se dirigiam os mercadores com carregamentos de peles, marfim de morsas e escravos. Torin pressentia que Audun, Halldor e os outros aportariam ali antes de seguir para Oslofjord.

— Alguma coisa estranha deve estar acontecendo — ele confiou a Lief. — Suspeito de que Audun tenha intenção de levar o menino para Ragnar e assim cair nas graças do chefe.

— Audun deve estar pensando que os escoceses o mataram, Torin. Por isso acha que não haverá ninguém mais para revelar a verdade.

— A vida do rapaz correrá perigo quando não tiver mais utilidade para Audun. Teremos de encontrá-lo!

Lief apontou Érica com um gesto discreto de cabeça.

— E quanto à beldade ruiva? Não pensa em levá-la de volta à família, não é?

— Quero me casar com ela.

Lief ergueu as sobrancelhas.

— Isso se Ragnar não tiver outros planos para a filha recém-descoberta.

Torin rangeu os dentes.

— Eu farei de Érica minha mulher com ou sem a aprovação de Ragnar. Ela será minha única recompensa.

O navio fez o trajeto acompanhando o trecho do litoral habitado pelos escoceses e rodeou a extremidade sudeste em direção a seu objetivo, uma região de tundras e montanhas escarpadas a oeste e pastos a leste.

— Érica... — Torin aproximou-se e acariciou-a com o olhar. Estava deslumbrante, vestida com as roupas novas.

— Sim, Torin?

— Estamos nos aproximando da região normanda. — Torin apontou para a costa onde abundavam altos penhascos rochosos.

Érica notou o ar mais frio de que em Uiva. O céu estava nublado e sombras acumulavam-se no deque. Estremeceu.

— Não tenha receio. — Torin acariciou-lhe as costas.

— Não é por mim. Temo por Geordie. — Érica fechou os olhos e tentou evitar uma imagem do rosto apavorado do irmão, sem sucesso.

— Geordie está vivo. Se não estivesse, não teríamos achado o pedaço de tecido.

— Ele está procurando nos orientar, mas deve estar aterrorizado. Meu pobre irmão...

Torin seria capaz de entender seus sentimentos? Ela sempre protegera Geordie e agora ele se encontrava indefeso, à mercê de um bando de homens gananciosos. Érica estremeceu novamente e Torin a cobriu com o manto.

— Aqui a temperatura é mais baixa de que em Ulva. — Torin procurou aquecê-la.

Era uma região gelada e estéril. Penhascos escarpados de pedra surgiam dos dois lados como se fossem verdadeiras muralhas de rocha. As montanhas eram recortadas por golfos estreitos e profundos. Eram os fiordes, segundo Érica ouvira dizer.

Era uma região pouco povoada, quase sem árvores e muito fria. A vegetação devia ser escassa por causa das grandes canoas que atravessavam os canais navegáveis, embarcações muito maiores de que a de Torin.

— Ali está Kaupang.

Kaupang encontrava-se situada nas margens de uma baía onde ilha, bancos de areia e canais estreitos se confundiam, o que tornava arriscada a aproximação de saqueadores. Ataques de surpresa dificilmente seriam bem-sucedidos. Torin explicou que o movimento comercial restringia-se ao verão. Em Kaupang os mercadores negociavam seus produtos em tendas descobertas e com paredes de turfa. Algumas vezes as barracas eram cobertas com tecidos de velas procedentes das embarcações vikings.

O mercado situava-se do lado oeste da entrada para Oslofjord. Aquela parte da pequena baía era um complexo de casas e oficinas com poços às margens do canal. Era um local conhecido pelo trabalho com bronze, ferro e prata, era um centro importante para a venda de um dos produtos nórdicos mais famosos: a pedra-sabão. Esta era usada na confecção de caldeirões, lamparinas, panelas, teares e tigelas. Era também um perfeito substituto para a madeira.

Uma vez desembarcados, Torin e Érica misturaram-se à multidão de compradores. A cidade estava envolta na névoa da manhã, o ar pesado era frio e úmido, o cheiro, desagradável, de corpos suados, plantas mortas e dejetos de animais.

Pessoas lotavam as ruas estreitas, e os passos na calçada de madeira ecoavam com grande ruído. Kaupang concentrava tanta gente que daria para povoar as regiões mais desertas. Érica nunca vira tantos homens e animais reunidos em um espaço tão pequeno. Havia indivíduos de todas as raças, tipos e tamanhos, desde os vikings loiros e de pele clara até pessoas de pele escura como a noite.

Havia homens com mantos e correntes penduradas no peito. Alguns usavam peles e chapéus altos, outros usavam elmos vikings e espadas de folha larga. As mulheres trajavam vestidos finos sob túnicas de lã. Algumas usavam tecidos brilhantes e coloridos. Érica prestava atenção em cada rosto e espiava cada canto. Nem sinal de Geordie.

— Se ele ao menos houvesse deixado para trás mais um pedaço de pano! — Torin comentou com Lief e deu ordens para que os demais procurassem evidências por toda Kaupang, nem que fosse necessário utilizar métodos mais drásticos.

Érica e Torin foram até o centro da cidade. Perguntavam a todos que encontravam sobre um rapaz que correspondesse à descrição de Geordie.

— Muitos são bastante mal-encarados. Será que se pode confiar neles?

— Não, mas não temos outra alternativa. Se Geordie estiver aqui, teremos de achá-lo antes que o navio levante âncora novamente.

Era um cenário caótico. Compradores e vendedores negociavam em uma dezena de idiomas diferentes. Os homens lotavam os passeios de tábuas e davam encontrões uns nos outros sem se desculpar. Érica não viu nenhum escocês.

Torin passou a manhã investigando. Desanimado, pensava em desistir, quando foi abordado por uma senhora idosa.

— Eu vi a criança. — Ela estendeu a mão para avisar que a informação não era gratuita.

Torin hesitou. Gastara tudo o que possuía para barganhar por roupas em Stornoway. Tinha consigo apenas um anel que lhe fora dado pelo pai.

— Tem certeza do que está afirmando?

— Tenho.

Torin fitou a mulher, Érica e novamente a mulher. Por causa de Érica, teria de sacrificar a lembrança do pai. Mostrou o anel para a anciã.

— Saiba de uma coisa... Se a informação for falsa eu tomarei o anel de volta, nem que tenha de dar a volta ao mundo e cortar-lhe o dedo.

A mulher sorriu, satisfeita.

— O senhor não terá necessidade de fazer isso. — Ela enfiou o anel no polegar. — Vi o menino há pouco. Estava com um colarinho de ferro no pescoço e era arrastado como um escravo ou um cachorro... — Ela deu de ombros.

— Arrastado! — Érica horrorizou-se e sufocou um soluço com o punho fechado.

— Onde eles se encontravam? Leve-me até lá.

A velha senhora andava devagar, e por uma ou duas vezes Torin teve de empurrá-la para a frente. Finalmente chegaram a uma fileira de barracas que vendiam roupas para vikings abastados: peças de linho, chapéus enfeitados com peles e mantos grossos de lã.

— Veja, Torin! — Érica apontou os dedos trêmulos na direção de um pedaço de lã na ponta de uma espada.

— Eu estava certo. Eles vieram para cá. — Torin vasculhou a área e subiu em um pequeno monte para ter melhor visão do mar e da costa. — Ali!

Érica subiu correndo e deu um grito.

— Geordie!

Com as mãos amarradas e uma gargantilha de ferro no pescoço, o rapaz estava sendo conduzido de volta para um navio por um gigante viking.

— Bolli! — Torin berrou, espumando de ódio.

Sem pensar no perigo das pedras soltas, Torin desceu correndo a colina e disparou atrás de Geordie e dos captores.

Érica apertava e desapertava as mãos. A distância, viu a luta feroz que se travava entre Torin e um dos vikings. Dava a impressão de que Torin seria o vitorioso, até que outro homenzarrão juntou-se à briga. O mais alto segurou Torin por trás, enquanto o outro tentava estrangulá-lo.

Horrorizada, Érica viu Torin desabar no chão.

Torin levou a mão ao pescoço, procurando respirar. Quando olhou para cima e viu Geordie fitando com admiração, sentiu-se um tolo inútil. Viera salvar o garoto e acabara nas mãos dos Canalhas. Era demais para quem pretendia ser um herói. Ainda assim, não desistiria.

— Eu tinha certeza de que o senhor viria em meu auxílio — Geordie comentou.

— Deixe o garoto em paz, Audun — Torin ordenou, incentivado pela semblante de adoração do rapaz. — Ele não lhe fez mal algum.

Audun bufou com ar de pouco caso.

— Não estou com ele por vingança, mas sim por causa de lucro.

— Está enganado, Audun. Ele não é o filho de Ragnar! Halldor caiu na gargalhada.

— O engano é seu, camarada. Isso não tem a menor importância.

Então ele não se enganara. Os sujeitos usariam Geordie para inventar uma mentira.

— Ragnar não é tolo. Pela idade do garoto, entenderá que O menino é muito novo para ser seu filho.

— Ah, Ragnar nada tem a ver com isso — Bolli interferiu.

— Então, o que... — Torin sacudiu a cabeça para afastar uma súbita tontura.

— E uma pena que o senhor sempre-tão-presunçoso não tenha sido morto pelos escoceses. Isso teria me poupado o trabalho — Audun explicou e deu um grito. — Bolli, mate-o!

Bolli aproximou-se, mas hesitou com a espada a meio do caminho. Torin levantou-se e parou com as pernas abertas em posição de ataque.

— Estou desarmado, Bolli. Se me matar, será condenado. Há várias penalidades para quem mata um viking nato. Por isso Audun e Halldor deixaram a tarefa a seu encargo.

— Ah, é? — Bolli abaixou a espada, franziu o nariz e apertou os olhos, tentando raciocinar.

— Mas que grande besteira! — Halldor zombou. — Ele é como o pai. Um proscrito. Mate-o!

— Se me matar, Bolli, pagará com a vida por isso! Veja! Érica descia a colina com os companheiros de Torin para ajudá-lo. Ao ver Lief e os outros, Bolli saiu correndo. Fortalecido pelo auxílio, Torin não perdeu tempo.

— Entregue-me o garoto, meu navio e meus homens!

— Vamos com calma, Torin. Os homens agora são meus. Eles farão o que "eu" mandar. — Audun ordenou para que todos retornassem ao navio.

Torin fitou-o de soslaio e imaginou quantos lutariam a seu lado. Cinco homens desertaram e se aproximaram de Torin formaram uma barreira humana, mas Audun escapou por outro lado.

Os leais a Audun correram a toda velocidade, nadaram e escalaram o navio de volta.

Furioso, Torin viu-os levantar âncora e zarpar.

A embarcação menor saiu em perseguição ao navio de Torin, e suas velas douradas enfunaram-se ao vento. As ondas piadas do mar do Norte faziam a embarcação oscilar em demasia. Novamente Érica teve a impressão de navegar em um brin-quedo de criança.

Torin comandava a tripulação, e os homens azafamavam-se tom cordas e mastros. A mudança dos ventos, o formato das ondas e as nuvens escuras denunciavam uma tempestade iminente. Ele tirou de debaixo da camisa a aventurina que trazia pendurada no pescoço. A pedra de quartzo mudava de amarelo para azul-escuro quando era segura no ângulo certo sob a luz do sol. Um navegador no meio do oceano podia procurar a posição exata do sol e assim calcular a localização do navio.

Torin praguejou. O temporal dificultaria alcançar o outro hm co, que saíra bem à frente. O pior era a certeza de que Audun alldor não pretendiam levar Geordie para Ragnar. Depois de interrogar os marinheiros, ficara sabendo que os dois entregaram o garoto para Herlaug, o irmão ambicioso e desonesto Ragnar.

Audun, Halldor e Herlaug formavam uma trinca perigosa, Torin estava determinado a não permitir que triunfassem. Traria Geordie de volta e faria com que os três pagassem pelo que haviam feito.

— Odeio tempestades. — Érica rangeu os dentes ao lembrar-se do que já enfrentara.

Torin amaldiçoou Aegir, o deus dos mares, e procurou Érica.

Uma onda gigante atirou-os para o outro lado da embarcação, Érica tossiu e engasgou. Nem chegou a recuperar o fôlego uma massa de água gelada atingiu-os. Desesperada, Érica agarrou-se em Torin, colando seu corpo no dele. Mesmo naquela situação crítica, sentir os seios de Érica em seu peito o deixou excitado. Quando resgatassem Geordie e ficassem sozinhos, faria amor com ela até a exaustão.

— Tudo dará certo — ele sussurrou-lhe no ouvido e esperou poder cumprir a promessa.

Levantou Érica nos braços, pegou um rolo de corda e foi até a viga de madeira mais próxima.

— Érica, terei de amarrá-la para evitar que caia no mar outra vez.

Se fosse antes, Érica teria discutido. Mas aprendera a conhecê-lo e confiava cegamente nele. Torin a amarrrou pela cintura, e embora a corda a machucasse, não protestou quando ele a deixou atada na madeira em forma de "T" e voltou para o comando dos homens.

Era como se o oceano tivesse vida própria e os odiasse. Atirava o barco para a frente e para trás. A tripulação lutava para sobreviver. Cordames soltos estalavam e davam vergartadas ao sabor do vendaval. Érica não duvidava que de um momento para outro a nau emborcasse no mar violento.

Segurando o mastro com toda a força, agradeceu a Deus por Torin tê-la amarrado.

Era impossível tirar os olhos de Torin. Sem demonstrar nenhum traço de medo, ele se moveu pelo barco, aceitou detalhes e tomou o lugar na proa. Quando a tempestade desabou, Torin nem mesmo estremeceu. Também não perdeu o controle quando um de seus companheiros foi arremessado na água. Ordenou que os homens atirassem cordas no mar para resgatar o viking.

Se meu tio visse Torin agora, ficaria admirado em constatar tanta coragem e energia. Talvez entendesse por que o amo e por que não poderei abandoná-lo, mesmo que seja banida de Alba para sempre.

Os homens içaram o náufrago da água e congratularam-se la vitória com demonstrações de efusão. Ver Torin entre eles eu a Érica uma nova perspectiva do homem por quem estava apaixonada.

O temporal amainou e Torin desatou os nós que prendiam Érica à viga. Abraçou-a e afastou-lhe os cabelos molhados do rosto.

— Nem mesmo o oceano poderá nos impedirá de encontrarmos Geordie.

— Confio nisso, Torin.

A inteligência e a perícia de Torin eram surpreendentes. Ele possuía uma habilidade fora do comum para decifrar os sinais da natureza. A maneira dos pássaros voarem, o amanhecer e o pôr-do-sol, o modo como o vento brincava com as ondas. Torin seria capaz de determinar um caminho reto que os conduziria até seu destino.

Apoiada no mastro principal e no que lhe restava de coragem, Érica observava o oceano implacável. Embora tentasse sorrir, estava muito apreensiva. E se as boas intenções de Torin em nada resultassem? Se não pudessem alcançar Geordie antes de ser tarde demais? E se...

Tantas dúvidas deixavam-na em pânico e com dor de cabeça. Teria de ser paciente. Era preciso acreditar que o bem derrotaria o mal e, sobretudo, ter confiança em Torin.

Torin preparou o barco para uma atracação segura. Era uma tarefa que demandava grande maestria, pois as rochas erguiam-se na água e alongavam-se por toda a costa.

A nau deslizou pelo fiorde e logo os penhascos rochosos foram substituídos por uma região arborizada. Érica teve a impressão de que se tratava de uma aldeia, diante do agrupamento de habitações comunitárias que emergiam por entre as nuvens.

A vela foi enrolada e os remadores ficaram junto aos remos. Na popa, Torin soprou a trompa curva três vezes. Era um sinal de que o navio vinha em paz. O som foi respondido por outra trombeta proveniente do alto da colina, que os saudou com boas-vindas. Assim que o barco aportou, uma multidão apareceu para saudá-los, tal qual acontecera em Stornoway e em Kaupang. Com uma diferença... Ali as pessoas eram muito mais amistosas.

— Estamos em casa — Torin comentou.

Érica suspirou. Aquela terra gelada não representava um lar para ela. Apesar de ansiosa por caminhar outra vez em terra firme, estava apreensiva pelo que a aguardava. O barco chegou a poucos metros da margem. Como em Alba, havia muitos pescadores. O peixe devia ser o principal produto alimentício da região. O oceano era muito importante para os vikings. Eles tiravam do mar o seu alimento, navegavam e até construíam seus abrigos com vista para a imensidão de água salgada. Érica notou várias habitações nas encostas das colinas, algumas até no alto dos rochedos.

— Os vikings têm de ter um andar seguro — Érica comentou.

Torin riu e enlaçou-a pela cintura.

— Somos como as cabras. — A embarcação atracou e Torin apertou Érica com mais firmeza. — Segure-se!

Torin pulou com ela até o chão. Havia muita gente em volta e eles tiveram de caminhar lentamente. Os homens faziam questão de bater nas costas de Torin e as mulheres fitavam-no com olhares cobiçosos. Apesar de tanta adulação, Torin conservava um certo distanciamento, como se quisesse proteger-se de alguma coisa.

Seria do sofrimento? No passado, aquelas pessoas o teriam desprezado?

Torin segurou Érica pela mão e caminhou pela costa, seguido pelos companheiros de jornada. Procurava seu navio. Érica teve de correr para acompanhar as passadas rápidas dos homens.

— Eles têm de estar em algum lugar. Não podem ter desaparecido. A menos...

Torin nem queria pensar na possibilidade de ter errado em suas previsões. Se Audun não houvesse trazido Geordie até ali, poderia ter ido até Hedeby para... vendê-lo como escravo.

— Torin! Veja! Estão ali! — Lief agarrou a espada.

Érica estreitou os olhos e também viu o navio. Ignorou as ordens de Torin de permanecer onde estava e seguiu o grupo de vikings que se dirigiam até um ajuntamento de casas.

Geordie foi empurrado e puxado até um grupo de edificações de madeira que eram chamadas de anexos. Havia um estábulo para abrigar o gado nos dias frios de inverno, celeiros para estocar a forragem, uma cavalaria, uma ferraria e uma casa de banhos.

— Vamos terminar logo com isso, pegar a recompensa e dar o fora daqui — Halldor grunhiu. — Se bem conheço Torin, ele não tardará em vir atrás de nós, ansioso para estragar tudo.

— Vamos entrar — Audun ordenou e conduziu Geordie até a casa maior.

Era o skaaalen, o salão nobre onde se cozinhava e se faziam as refeições, e onde aconteciam as festas e os jogos.

Geordie permaneceu na sombra, petrificado.

O que aconteceria quando descobrissem que não descendia de vikings nem era filho de nenhum vice-rei?

Havia uma lareira enorme no recinto maior da residência principal. Das vigas do telhado de duas águas pendiam correntes que suportavam caldeirões enormes sobre o fogo.

Seria verdade que os vikings cozinhavam os inimigos no óleo fervente?, Geordie perguntou-se. Deus permitisse que não! Mas ao deparar-se com o gigante loiro que tinha o rosto marcado por cicatrizes, temeu pelo pior.

— O senhor queria os filhos de Ragnar. — Audun empurrou Geordie para a frente. — Eis aí um deles. Um bastardo, metade escocês, metade viking!

— Filho de Ragnar? — Herlaug examinou Geordie de perto, nariz contra nariz. — Mas ele é um nanico! Muito menor do que eu pensei que fosse.

Embora Audun e Halldor houvessem comprado roupas caras e acolchoadas para o rapaz, ele não escondia a inocência de adolescente.

— Ele é o mais novo. — Nervoso, Halldor andava de um lado a outro enquanto falava. — Nós seguimos Torin, apesar das ordens de permanecer no

navio. Quando descobrimos a identidade do garoto, nós o seqüestramos e o trouxemos para o senhor.

Herlaug cofiou a barba.

— Eu queria os três.

Audun interpôs-se entre Herlaug e Halldor.

— O senhor os terá, um de cada vez. Pague por este e enviaremos os outros dois.

— Por que eu tenho a impressão de que estou sendo enganado.

— Como assim? — Halldor deu mais um empurrão em Geordie. — Como pode pensar em uma coisa dessas, quando arriscamos nossas vidas para ajudá-lo a ser o sucessor de seu irmão?

— E quanto a Torin?

— Está morto — Halldor mentiu. — Bolli o matou.

Halldor trocou um olhar eloqüente com Audun. Era preciso terminar logo com as negociações. Teriam de estar longe dali, de preferência em alto-mar, quando as mentiras fossem descobertas.

Herlaug não escondeu a irritação.

— Morto? Seus idiotas! Eu lhes disse para matá-lo depois de descobrir o paradeiro dos outros dois!

— Foi o que fizemos — Audun assegurou ao ambicioso união do jarl. — Iremos para a costa leste da Inglaterra assim que recebermos nossa recompensa.

Audun estendeu a mão e Herlaug depositou-lhe na palma dois pequenos sacos com moedas de ouro. Bolli e Halldor também foram recompensados.

— O que vai fazer com o garoto? — Audun perguntou depois de algum tempo.

— Matá-lo! — Herlaug apontou Bolli para executar a tarefa.

— Não! — Geordie gritou, disposto a revelar a verdade. — Não sou o filho de Ragnar! — Falou na língua dos vikings.

Halldor ficou estupefato. Ao longo de toda a viagem, o garoto mal dissera duas palavras. Nem ficaram sabendo que ele falava a língua deles.

— Nem mesmo sou parente dele — Geordie continuou. — Eles estão mentindo para o senhor. Querem ficar com seu dinheiro.

— Mentindo? — Herlaug ergueu as sobrancelhas espessas. — Isso é verdade, Halldor?

— Eu juro que ele é filho de Ragnar!

Bolli ergueu a espada.

— Não sou! Sou jovem demais. Pergunte a Ragnar quando seus filhos foram gerados e o senhor verá que está sendo enganado.

Herlaug fitou Audun, Halldor e Bolli. Pelo olhar deles, concluiu que o garoto dizia a verdade. Sem dizer nada, Herlaug tirou a espada da mão erguida de Bolli e, com um golpe certo, decepou a de Halldor. Com um baque assustador, a mão e a pequena sacola com dinheiro caíram no chão de terra batida.

— Eu deveria tê-lo matado — Herlaug comentou com frieza, olhando para Audun.

Não houve tempo para mais nada. O ruído de madeira quebrada sacudiu o ar. Geordie viu o brilho das espadas erguidas, o rosto de Torin e deu um grito de alívio.

— Canalhas!

Torin atirou-se para a frente, e um combate terrível teve início. Só se ouvia sons de aço contra aço. Audun caiu e Torin atirou seu corpo inerte na direção de Bolli, derrubando o grandalhão. Érica pegou uma espada do chão e juntou-se à luta.

— Chega! — Herlaug levantou a mão direita, comandando o final da contenda.

Hesitante, Torin concordou, mas sem largar a espada.

A um canto, Halldor estava caído, segurando o pulso decepado. Não tivera tempo de gritar. Herlaug atravessou seu peito com a espada, depois executou Bolli e Audun com a experiência de um carrasco.

— O senhor os matou! — Torin teve certeza de que Herlaug executara as mortes com o objetivo de esconder a perfídia.

Herlaug apontou para a mão jogada.

— Eu os castiguei pelo que fizeram. Meu irmão vai me condecorar por isso. Eles eram traidores. Trouxeram esse pobre garoto e mentiram, Dizendo tratar-se do filho de Ragnar. Érica adiantou-se depressa e libertou Geordie das correntes da gargantilha. O abraço dos dois foi tão apertado que os impediu de respirar. Ela sussurrava palavras de carinho e alisava-lhe os cabelos longos. Graças a Torin, pudera recuperar o irmão e em perfeitas condições de saúde.

— Geordie... Geordie...

— Como soube que ele não é filho de Ragnar? — Torin perguntou.

Herlaug tentava agir como se estivesse a favor de Torin, mas o olhar de ódio não podia ser disfarçado.

— O próprio garoto contou.

— E disse a verdade. Ele não é o filho de Ragnar. Mas e se fosse, Herlaug? Torin sabia muito bem que Herlaug o mataria. O problema Deria convencer Ragnar da verdade.

— Eu teria recebido o menino de braços abertos. Afinal, me tornaria tio dele. Érica começou a falar e Torin aproximou-se depressa. Se sabendo da vontade de Érica de revelar que era filha de Ragnar Torin temia o risco que ela correria, se o fizesse. Herlaug nunca fora confiável. Jamais seria.

— Torin, quem é ela? — Depois da situação mais calma, Herlaug percebeu a presença de Érica.

— Ela é a irmã de Geordie e minha futura esposa!

Capítulo XV

Torin notou que a beleza de Érica provocava grande admiração quando eles entraram no salão nobre de Ragnar. Caminhava com o vestido de seda verde esmeralda, arrancava suspiros cobiçosos dos homens e olhares invejosos das mulheres. Boatos espalhavam-se depressa, ainda mais quando o informante era Herlaug, conhecido criador de intrigas. Todos deviam estar sabendo que Torin trouxera uma noiva para casar-se.

Sem dúvida, Érica se tornaria o foco de conversa em todas as casas, e era o que Torin queria. Quanto mais as pessoas ficassem curiosas, mais permaneceriam atentas e menos possibilidades Herlaug teria para fazer-lhe algum mal.

Se todos a achavam diferente, Érica estava igualmente irada com os conterrâneos de Torin, especialmente com as mulheres, em comparação com as escocesas. As nórdicas usavam vestidos longos de cores vivas: amarelo, azul e verde. Poucos eram castanhos. Muitos eram plissados e com mangas curtas, outros, sem mangas. Entretanto, nenhum era tão bonito quanto o que ganhara de Torin.

Como entre os escoceses, os tecidos eram tingidos com corantes vegetais. Os trajes eram amarrados no pescoço com fitilhos. Por cima vestiam túnicas de lã presas com broches ovais de bronze com correntes onde eram pendurados os mais estranhos objetos, entre eles, facas, agulhas e pentes. Algumas usavam capas.

Era costume dos escoceses as jovens solteiras amarrar as saias entre os joelhos para dançar com maior facilidade. Érica lembrou-se de que a medida provocava aplausos de alguns visitantes, enquanto outros condenavam a prática como sendo pagã. Os cabelos delas eram presos na nuca e cobertos com um lenço em geral muito feio. Ela nunca concordara com isso e sempre deixara os seus soltos.

Torin percebeu o constrangimento de Érica por estar sendo observada e apressou-se em seu auxílio. Segurou-a pela mão e atravessou o ajuntamento de curiosos, ignorando as perguntas sobre quem ela era e de onde viera.

— Nós dois conversaremos mais tarde.

— Mas eu quero falar agora. — Érica estava confusa por não poder revelar ao pai a sua verdadeira identidade e por que viera até a Escandinávia. — Como está Geordie?

Torin foi até um canto mais isolado.

— Está ótimo. Lief resolveu protegê-lo. Foi com ele até a casa de banhos e vai dar a ele uma das roupas de seu filho mais velho. E também lhe ensinará alguns jogos vikings.

Érica apertou o braço de Torin.

— Por que não posso revelar a meu pai quem eu sou? — Sonhara milhões de vezes com aquele encontro. — Esperei tanto tempo por isso...

A conversa se repetia novamente.

— Se dissermos a ele que é sua filha, Ragnar contará a Icrlaug, e não poderemos conter a ânsia traidora de seu tio. Será preciso manter segredo pelo menos até sabermos por que ele tem tanto interesse em encontrar os descendentes de Ragnar. Érica riu.

— Ora, Herlaug jamais se preocuparia com uma filha do limão. Acredito que ele não daria a menor importância para uma mulher.

— Pois eu dou, e muita. A minha Érica é a coisa mais importante do mundo para mim. — Torin acariciou-lhe o pescoço.

No centro do recinto havia uma lareira alta em cima de uma plataforma. As chamas estavam acesas. Nas paredes laterais do salão alinhavam-se bancos que serviam para sentar ou dormir. As inúmeras mesas podiam ser afastadas para criar mais espaço ou usadas para as refeições quando havia muitos hóspedes.

— Está com fome, Érica? Meu estômago está roncando.

A fome não saciada era algo que deixava as pessoas mal-humoradas.

— Estou esfomeada!

— Com a notícia de que cheguei aqui com a futura esposa, na certa teremos uma multidão para jantar. Por isso talvez a feição demore um pouco.

— Futura esposa? — Érica cruzou os braços na altura do peito. — Não me lembro de ter sido pedida em casamento.

Por um momento, Torin temeu ter sido presunçoso. E se ela recusasse?

— Eu pensei... eu esperava...

Érica abraçou-o pelo pescoço.

— Que eu dissesse sim? Mas é claro que eu aceito!

Torin beijou-a na testa.

— Eu te amo! Quero que o mundo inteiro a veja e saiba que é minha. — Inclusive Ragnar, que provavelmente ficaria furioso.

Torin imaginou Érica sentada em frente ao tear, tecendo para a família que iriam constituir.

Os dois caminharam até a parede mais afastada onde havia uma cadeira bem mais alta que as demais. Era entalhada com figuras geométricas e florais que eram as representações dos deuses nórdicos.

— Odin é nosso deus principal — Torin explicou. — Tor é filho dele e provoca os trovões com seu martelo. Loki é mal vado e o caluniador dos deuses. Frei é o responsável pelas chuvas e Fréia, sua irmã, a mais celebrada das deusas.

Érica enrugou a testa.

Poderia aceitar que Torin idolatrasse deuses pagãos e amá-lo pelo que ele era, sem tentar impor regras de crenças, idéias ou sentimentos? Seria feliz em deixá-lo ser como sempre fora? Sua mãe dera total liberdade a Ragnar? Entendeu que teria de fazer o mesmo ou estaria perdida.

— Esta é a cadeira de seu pai e...

Torin não terminou a frase, pois Ragnar entrou no salão, vociferando.

— Ah, finalmente o encontrei, Torin! Por que chegou feito um ladrão sem ao menos vir falar comigo? E onde está meu filho que deveria tê-lo acompanhado?

A voz retumbante assustou Érica. Se pudesse, correria para um esconderijo. Observou o homem loiro, forte e musculoso caminhar em direção a Torin. A cabeleira espessa tinha muitos fios grisalhos e o rosto trazia as marcas do tempo. Era impossível deixar de notar a semelhança entre pai e filha.

— Meu pai... — ela sussurrou para si mesma.

Estranho que ela o imaginara mais jovem, sem a testa vincada, sem as olheiras pronunciadas e sem a tristeza no olhar. Mesmo assim, amou aquele rosto. O que mais desejava no momento era jogar-se em seus braços. Ragnar nem mesmo a fitou com atenção ao perguntar de quem se tratava.

— Ela é de Alba — foi a resposta evasiva de Torin.

— Isso eu já imaginava. Mas quem é ela?

— É a irmã de um jovem... um garoto... que foi raptado de Iha e trazido para cá por Audun, Halldor e Bolli. Eles roubaram meu navio, enquanto eu era mantido prisioneiro. Esta jovem corajosa libertou-me.

— Hum. — Ragnar mostrou-se mais interessado. Aproximou-se de Érica, rodeou-a, analisou-a de alto a baixo e acenou numa aprovação. — Uma boa

escolha. É bonita, parece ter constituição forte e adequada para gerar muitos filhos. Quer saber? Ela me lembra a minha mulher de Alba. — Suspirou com um olhar longínquo. — Ela era tão ardente... Acho que fez uma boa escolha, Torin.

— Eu sei. — Torin acariciou o rosto de Érica e beijou-a. — eu sei.

Ragnar tratou Érica com a deferência devida a uma confiada.

— Sente-se a meu lado. Gostaria de ouvir falar sobre Alba. Tenho muito boas recordações de lá.

Torin sentou-se do outro lado de Érica, para que ninguém duvidasse de seus direitos.

— Agora que recuperei o navio e a tripulação, zarparei novamente. Encontrei um sacerdote que disse ter visto o pingente ambarino em Eire.

— O lobo... — Ragnar inspirou fundo. — Faz tanto tempo... — Segurou as mãos de Érica. Os dedos de ambos eram longos e finos. — A senhorita é de que região de Alba?

— De Ulva.

— Eu deveria ter suposto isso mesmo. Foi para onde mandei Torin à procura do corvo de prata.

Érica piscou para impedir que as lágrimas escapassem diante da menção do talismã precioso. Ragnar fitou-a com atenção, mas o olhar magnético não demonstrou ter reconhecido nenhum traço da antiga amante.

— Eu amei muito uma mulher de Ulva. É uma longa história,

— Quem sabe o senhor possa contar-me algum dia.

— Algum dia — Ragnar repetiu e tornou a apertar a mão de Érica.

O afeto tomou conta do coração de Érica. O pai pareceu-lhe gentil, simpático e compreensivo, bem diferente do que diziam dele.

Toras de pinheiro ardiam na cova central do salão. A atmosfera estava impregnada com o cheiro do cervo que era assado em um espeto sobre o fogo. Caldeirões de ferro e de pedra sabão estavam suspensos em um tripé sobre as chamas. Neles borbulhavam caldo e ensopado de carne.

As pessoas riam e tagarelavam. Um grande número de homens acotovelava-se para ficar perto de Ragnar. Por certo que riam escutar o que acontecera durante a viagem de Torin.

Alguns homens e mulheres, que usavam roupas de cores sombrias sem tingimento, andavam de um lado a outro, ocupados com suas tarefas. A maioria limitava-se a ficar sentada, esperando. Isso jamais ocorreria em Alba, onde todos trabalhavam e a ociosidade não era bem vista.

Ragnar fez sinal para que o escaldo pegasse a harpa. Ele dedilhou as cordas do instrumento e cantou as sagas dos heróis. Aqueles homens tinham

sido aventureiros orgulhosos que aspiravam à glória. Guerreiros excelentes, haviam enfrentado para honrar o nome viking. Quando relatou as vitórias contras os escoceses, a multidão aplaudiu, exceto Érica, que estava horrorizada.

Sou uma tola. Eu havia esquecido que essas pessoas são inimigas de meu povo.

Ragnar apertou a mão de Érica ao perceber-lhe o pavor, quando os escoceses eram mencionados.

— A luta é necessária e pode ter boas conseqüências. Muitas Vezes, por meio dela se alcança a paz.

A sinceridade de Ragnar era incontestável.

— Os escoceses também querem a paz — ela sussurrou. — Meu tio...

Érica disfarçou e tomou um gole de hidromel, lembrando-se que deveria manter sua identidade em segredo.

Ela odiava segredos. Queria dizer logo toda a verdade e contar ao pai como sempre ansiara por conhecê-lo e ouvir de seus lábios que amara sua mãe e que também amava a filha. Queria contar-lhe como fora criada e como sabia manejar uma espada. Gostaria que ele se orgulhasse da coragem da filha, mas desejava sobretudo ser acarinhada em seus braços e falar com ele horas seguidas, na tentativa de recuperar o tempo perdido.

Espiava Ragnar com o canto dos olhos, sorrindo ao notar as pequenas semelhanças entre ambos: a maneira de franzir o nariz quando ria, o jeito de inclinar a cabeça quando estava intrigado, a postura altiva, os olhos, o nariz, a testa e até as orelhas eram semelhantes.

Teve a impressão de que não existira todo aquele tempo desde seu nascimento até o primeiro encontro com o pai. Seu coração estava repleto de amor por ele.

— Então está mesmo pensando em tornar-se esposa de um viking?

— Quero me casar com Torin — Érica retrucou e ficou tensa ao vê-lo apontar para duas mulheres.

Uma delas era a irmã de Ragnar e a outra, a esposa, que se apresentou como Nissa.

A mulher alta de cabelos loiros matizados de branco ostentou uma carranca que deixava claro sua antipatia pela intrusa inconveniente de quem gostaria de livrar-se.

Érica anuiu, sem se deixar abater pela fria acolhida.

— Não ligue para ela — Ragnar cochichou no ouvido de Érica. — Nissa implica com todas as mulheres. A beleza dela feneceu e ela receia que eu me interesse por outra. Ela a enxerga como uma rival.

Coitada. Ela nem sonha que nada tem a temer, pensou Érica.

Ragnar bateu com a faca na mesa. Era o sinal para o início da refeição. Torin explicou-lhe que o patriarca também anunciava o final da mesma.

— Os pratos são retirados, mesmo dos que ainda não terminaram de jantar. Portanto, trate de comer depressa.

Ragnar deu risada, bem-humorado. Torin dissera que Ragnar se encontrava doente, o que não parecia ser uma verdade Ragnar aparentava apenas bastante cansaço.

— O que está esperando? Coma logo! — Ragnar apontou o prato de Érica como um pai severo.

Ela observou que as refeições entre os vikings transcorriam em clima alegre e barulhento. Contavam histórias e vangloriavam-se. Érica obedeceu, lembrou-se do que Torin lhe dissera e comeu em silêncio. Além da carne de veado, havia frango, ganso, coelho, peixe, queijo e mingau de cevada. Entretida com o jantar, não notou que a observavam.

— Cuidado com aquele homem — Torin advertiu-a. — É Herlaug.

Érica fitou o homem alto, musculoso e de peito largo. Cicatrizes eram visíveis nos braços, no rosto e no peito. Herlaug era dado a violências.

Meu tio.

E o homem para quem os vikings pretendiam entregar Geordie.

Herlaug.

Haveria de lembrar-se daquele homem.

Érica espiava o teto alto e abobadado, através da escuridão. As sombras eram ameaçadoras. Deitada no colchão de palha encaroçada, refletiu que no quarto minúsculo somente cabia a cama. Nem mesmo uma cadeira.

Ah, se Torin surgisse por aquela portinhola!

— Érica... — ele chamou com carinho.

Ela não respondeu, embora quisesse jogar-se nos braços dele e confessar-lhe seu grande amor.

Torin acariciou-lhe os cabelos. Admirava-se de encontrar tanta meiguice em uma jovem tão determinada. Érica inspirava-lhe um redemoinho de emoções, paixão mesclada com ternura.

Gostaria muito de dizer-lhe como se sentia, mas viu que ela adormecera. Reconheceu que ela tivera um dia estafante e deitou-se a seu lado; apoiou-lhe a cabeça no ombro e fechou os olhos.

Era inusitado o senso de proteção que experimentava em relação a Érica. Acariciou-a com o olhar e deteve-se no busto que subia e descia com o ritmo da respiração. Encantou-se com as curvas iluminadas pelos raios do luar. Érica tinha um corpo perfeito.

Sentia uma ternura palpitante e grande tensão. O corpo de Érica era cálido e os cabelos eram perfumados. Um ao lado do outro, formavam um casulo de intimidade muito prazeroso. Sua paixão era temperada com um sentimento terno. Desejava ficar abraçado com ela até o fim da vida.

Torin tocou-lhe o rosto. A pele era tão aveludada quanto as pétalas de uma rosa.

— Eu gostaria que o tempo parasse — sussurrou.

— Eu também. — Érica descerrou as pálpebras.

Eles se entreolharam, silenciosos e tensos. Até a atmosfera pulsava com expectativa. Imóvel, Érica imaginava o que ele diria e faria.

Torin segurou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a. Pressionou-lhe, lábios e forçando-os para que se abrissem.

Acariciou-lhe o rosto e tirou-lhe os cabelos da testa com muita leveza. Como uma flor que se abria ao sol, Érica moveu os lábios de encontro aos dele. Era um contato maravilhoso.

Torin afastou-se, sorrindo.

— A minha futura esposa causou uma impressão muito favorável em Ragnar. Ele não fala em outra coisa — afirmou com voz meiga e rouca, e beijou-a sob a orelha.

— E ele, em mim. — Érica também sorriu. — Ele é um dos dois vikings que eu amo.

— E quem é o outro? — A malícia era evidente.

Érica aproximou-se mais, enquanto Torin lhe explorava aquele ponto sensível. No silêncio que os rodeava, seus gemidos aumentavam de volume. O calor envolvia seus sentidos e causava-lhe tontura. Ela fechou os olhos e entregou-se ao prazer de ter o amado tão perto.

Abraçou-o pela nuca e entrelaçou os dedos nos cabelos loiros.

Torin abaixou a cabeça e tornou a beijar Érica, dessa vez, de maneira mais ousada, exigente. Érica entreabriu os lábios em um convite irrecusável.

Torin explorou-lhe o interior da boca com intensidade e sem pressa. O aquecimento que aumentava resultou em um fogueira interna. Arfando, Érica

correspondeu ao beijo. O prazer fazia seu corpo formigar e ela procurou aproximá-lo ainda mais.

O coração de Torin martelava com o aumento da ansiedade de Érica. Era muito difícil deixar de beijá-la. Com a cabeça atirada para trás, a cascata de cabelos vermelhos caía sobre o braço dele e fazia-lhe cócegas.

— Eu te amo — Torin sussurrou e mordiscou-lhe o lábio inferior. Só pensava em satisfazê-la.

A tortura de Érica aumentava. O beijo de Torin provocava uma certa fraqueza, uma angústia que a deixava alucinada, enquanto ele lhe acariciava os seios.

Eles se entregaram ao ritmo dos carinhos sensuais. Braços, pernas e dedos entrelaçados e ansiosos por sensações.

O desejo palpitava e fazia Torin sofrer. Nenhuma mulher o deixara naquele estado. Era como um sonho esperando para tornar-se realidade.

Apesar disso, Torin não queria se apressar. Abriu o traje de dormir de Érica e segurou-lhe os seios desnudos com as mãos em concha. As carícias fizeram Érica emitir sons guturais e os mamilos endurecerem como botões de rosa.

Érica arqueou o corpo de encontro a ele, imersa em espasmos de tensão inenarráveis. Torin desencadeara nela uma fome incontrolável de desejo até então desconhecido e que implorava para ser aplacado.

Torin passou os dedos levemente pelos ombros, estômago e abdômen e prosseguiu no suplício alucinante.

— Ah, Torin...

As carícias de Torin continuaram nas coxas e na parte mais íntima da feminilidade de Érica, que não conseguia controlar as ondas de tremor intenso. Torin beijou-lhe os lábios com volúpia, entregou-se ao prazer do beijo, do carinho especial e da proximidade. Sem se conter mais, tirou-lhe o vestido e viu-a estremecer por causa do ar frio da noite. Afastou-se por um instante e tirou as próprias roupas. Érica disse a si mesma que a imagem dos ombros e peito largos e bronzeados, do abdômen reto e das pernas bem torneadas jamais sairia de sua mente.

Torin deitou-se e Érica não se cansava de acariciá-lo e de apreciar a maciez da pele do amado. Ele entrelaçou os dedos nos cabelos de Érica e puxou-lhe o rosto mais para perto. Deitados de frente um para o outro, Érica sentiu um prazer enorme no contato com o físico musculoso e quente que a pressionava. Torin queria gravar na memória o aspecto, a textura e a calidez de

cada centímetro do corpo de Érica. Ansiava por repetir a alegria mágica da qual haviam compartilhado em alto mar, na pequena embarcação.

— Torin... por favor, faça amor comigo.

Torin aqueceu-lhe a pele arrepiada com o calor das mãos. Estendeu-se sobre Érica e ondulou os quadris entre as pernas provocando ímpetos de desejo.

Érica teve consciência de que se acendia uma faísca no âmago de seu ventre e um fogo intenso ameaçou devorá-la. Teve a impressão de que passara a levitar por cima de chamas reluzentes. As investidas rítmicas despertaram uma sensação, diversa de tudo o que conhecera. A quentura tornou-se insuportável e quando ela imaginou que morreria antes do prazer, sobreveio a explosão.

Torin gemeu. O sangue palpitava em suas têmporas. A intimidade de Érica era estreita e úmida. Maravilhosa. Ele agarrou-lhe as nádegas com mais força e investiu com energia. Érica apertou-o com as pernas e no momento do êxtase, a Boite se desintegrou em milhares de estrelas minúsculas. Ela enterrou as unhas nas costas de Torin, quando os espasmos de sucederam.

Torin murmurou o nome de Érica várias vezes, quando alcançou a realização. Teve certeza de que nunca tivera uma experiência tão extraordinária. O coração continuou disparado e a respiração, arfante.

Eles permaneceram abraçados, mesmo depois da intensidade da paixão ter cessado. Estavam sem coragem de aceitar que o momento mágico terminara. Acariciaram-se, deslumbrados. Érica sorriu quando Torin massageou-lhe o corpo com movimentos suaves.

Érica adormeceu, feliz, entre os braços de Torin.

Capítulo XVI

Érica admitiu que um mundo inteiramente novo se descortinava a sua frente. No início não se sentira bem-vinda no salão nobre de Ragnar, mas logo descobriu que viver entre aquelas pessoas não era tão difícil nem tão desagradável como ouvira contar.

Antes de mais nada, aprendera que os nórdicos eram pessoas semelhantes aos MacQuarie. Podiam diferenciar-se pelos costumes e pelas vestimentas, mas como sua mãe sempre lhe dissera, os seres humanos eram todos semelhantes. Os nórdicos não eram brutais, como lhe parecera a princípio. Eram corteses uns com os outros e leais aos familiares. Nem poderia criticá-los pela pouca misericórdia que demonstravam para com os inimigos. Os escoceses também usavam de brutalidade diante de clãs rivais.

A terra era árida, bem diferente do verde luxuriante de Alba. Os vikings viviam de maneira rústica. Talvez esse fosse um dos motivos que os levavam a desbravar os mares em busca de uma vida melhor. Ali, assim como em Alba, as pessoas tinham de ser fortes. Eram os que sobreviviam. Por isso não tinham

paciência com fraquezas. Érica disse a si mesma que teria de provar a eles que era destemida, enérgica e orgulhosa. Ela também seria uma sobrevivente.

Nos dias que se seguiram, a vida de Érica entrou em uma rotina. Assim como fazia no salão nobre de seu tio, resolveu ajudar a cozinhar e a lavar. Sendo uma estranha, não achou certo esquivar-se das tarefas típicas da mulheres, embora nem todas se ocupassem com as mesmas.

Trabalho era o que não faltava. Preparavam-se duas refeições diárias, pela manhã e à noite. Pareceu a Érica que os vikings não eram tão disciplinados como os escoceses. Não se sentavam formalmente ao redor do fogo, nem dedicavam o primeiro pedaço de carne ao chefe do clã. Comiam quando tinham fome, a menos que se tratasse de uma festa especial, quando se sentavam em bancos ou cadeiras ao redor de uma mesa enorme.

— Venha aqui, Érica — Gerda chamou-a. — Eu lhe mostrarei como preparar algo delicioso.

Érica aprendeu a fazer e a assar pães sem fermento. Outra mulher chamou-a para picar vegetais que foram despejados em uma caçarola grande. Os vikings preferiam cozinhar os alimentos em vez de assá-los. Érica resolveu inovar. Picou pedaços de carne cozida e misturou-os ao caldo de vegetais, o que tornou o cozido similar ao que estava acostumada.

— Mas que idéia maravilhosa! — Gerda cumprimentou-a e provou a iguaria. — Carne e vegetais na mesma panela! Gostei muito.

Encarregaram Érica de cortar pedaços de favos de mel para serem levados à mesa.

— Assim poderão ser passados no pão — Gerda explicou e deu o exemplo prático. — Experimente.

Os vikings apreciavam muito o mel. Até faziam dele uma bebida fermentada semelhante à que era feita pelos escoceses com cevada.

Érica executava uma tarefa após a outra. O curioso era que não se aborrecia nem um pouco. Sentia-se útil e até mesmo se distraía com o tagarelar incessante das outras enquanto traba lhavam. Se não conversavam, cantavam. Érica logo aprendeu as melodias e as entoava com voz afinada.

O aroma de pão assado espalhava-se pelos corredores e misturava-se ao do cozido que borbulhava no caldeirão de ferro. O trigo era moído em um moinho manual. A massa era misturada em uma gamela de madeira e assada em tabuleiros de ferro por cima das chamas. Fazer pães também era uma tarefa diária. O pão de cevada sem fermento tinha de ser comido quente, ou se tornava duro e rançoso.

Aos poucos, Érica ambientava-se entre os nórdicos. Apesar das restrições quanto a sua origem, ela era tratada com bondade. Quando Torin lhe apresentara as mulheres da casa, Érica tivera a impressão de que os nomes delas não passavam de uma mancha confusa de sons estranhos. Naquela altura, já associava cada rosto a um nome específico.

Engraçado, mas estou começando a me sentir em casa. Cada homem importante dirigia a própria habitação comunitária de madeira e impunha tarefas aos homens a ele subordinados. Sua esposa, ou quem quer fosse por ele designada, era responsável pela administração das incumbências do lar.

Homens e mulheres, pela diversidade de trabalho, somente se encontravam no horário das refeições. Os homens sentavam-se em uma das extremidades da mesa e as mulheres na outra. Érica tinha pouco contato com Torin durante o dia, mas à noite, quando faziam amor, o prazer recompensava a espera e a solidão.

Exceto pela cor dos cabelos, Érica assemelhava-se às nativas. Vestia um camisão de linho e por cima uma túnica longa de lã imã enfeitada com galões coloridos e duas fivelas de bronze cingindo o busto. Do estoque de tecidos de lã e linho de Torin, Érica fez duas camisas longas, uma túnica e uma capa. Preferiu guardar as sedas luxuosas do Leste para uma ocasião especial.

Nissa só usava seda e não raro vangloriava-se disso. Talvez tivesse medo de ser roubada. Usava dois broches de ouro dos quais pendiam várias correntes. Nas extremidades das mesmas havia tesouras, chaves, um pente e uma caixa de prata onde guardava seus pequenos tesouros. No pescoço trazia uma corrente com uma pequena caixa também de prata. Preso a esta, uma argola com uma faca e uma enorme quantidade de anéis de ouro. Além desses, Nissa usava tantos outros que Érica admirava-se de como a mulher podia erguer as mãos.

Érica logo entendeu que as roupas e os ornamentos dos vikings eram usados para demonstrar a riqueza. A posição social e o sucesso eram medidos pelos bens e não pelos atos de coragem.

Até os deuses pareciam ostentar as posses. Valhala, o palácio de Odin, tinha seiscentas e quarenta portas e um trono de onde ele podia vistoriar o universo. Tor, o deus dos trovões, viajava pelos céus em uma carruagem puxada por carneiros, empunhando um martelo de ouro que causava os raios. Fréia acompanhava Odin nas batalhas e tinha o direito de trazer para seu próprio palácio metade dos guerreiros mortos.

Um grito interrompeu os pensamentos de Érica, que se encontrava amassando pão. Nissa tinha um temperamento terrível, no entanto só o

demonstrava na ausência de Ragnar. Berrava as ordens, espezinhava os servos e surrava quem ousasse não obedecê-la de imediato. Criticava as outras mulheres, a quem acusava de mal vestidas. Naquele momento, era Brccua, uma jovem criada, quem sofria com seu desprezo.

— Ela está cada vez mais parecida com Hela, a filha de Loki — Rhianna sussurrou, ao lado de Érica.

Érica aprendera recentemente que Hela comandava o reino da morte. Diziam que era metade viva e metade em decomposição. O rosto, pescoço, ombros, busto, braços e costas eram de tecido vivo. Da cintura para baixo era azul, de carne putrefata. Comparar Nissa com Hela não era nenhum elogio. Embora os homens ali não temessem uma morte honrada, muitos deles tinham pavor de perecer de maneira ignóbil. Desse modo seriam mandados para o terrível reino da morte.

— Não sei por que Ragnar não se decide a bani-la! — Breena tampou os ouvidos com as mãos. — Por que as outras mulheres deixam que ela mande aqui?

Nissa era mestre na arte da intimidação.

Érica deu de ombros e lembrou-se dos conselhos da mãe.

— Talvez seja melhor não discutir.

Breena e Gerda eram as únicas que não temiam Nissa. A mulher era arrogante, sovina, maldosa, vingativa e obsessiva por ver suas ordens cumpridas à risca.

Até mesmo Herlaug se aborrecia com ela. Signe ria quando ela mostrava as garras. No passado já tentara domesticá-la.

Érica conhecia o idioma nórdico, por isso pôde fazer grande amizade com Morga e Rhianna, que sabiam ler as pedras com caracteres rúnicos. Rhianna se tomara de amores por Geordie e resolvera protegê-lo.

A mãe de Érica lhe explicara o poder das pequenas pedras quadradas que tinham símbolos e das quais Rhianna nunca se separava. A vidente insistiu em consultar as pedras a respeito futuro de Érica. Ela as chamava de oráculo antigo.

— Ajudada pela minha intuição, posso ler o futuro pela maneira como as pedras caem. Por isso quero ajudá-la, Érica.

Érica não estava convicta de que desejava saber o que lhe ia acontecer. Parecia-lhe que previsões futurólogas estavam em desacordo com os ensinamentos cristãos.

— Não sei se eu gostaria disso. Rhianna arregalou os olhos azuis.

— Além da dádiva do fogo, as runas são as mais preciosas a moça afirmou, solene. — Elas constituem o legado sacro de Odin. O nome dele significa vento e espírito.

Érica ouvira Torin falar de Odin, o mais poderoso dos deus nórdicos. Como deus da guerra, era ele quem dirigia as atalhas e decidia quem deveria morrer ou viver. Seu poder era assustador.

— Durante nove noites ele ficou pendurado em Yggdrasil, árvore do mundo, ferido por sua própria lança, atormentado pela dor, pela fome e pela sede. Estava sozinho, mas viu as estrelas ao longe, e elas lhe devolveram a energia perdida. Aprendi a usar as pedras e poderei ser útil aos que pensam que podem andar em mim — ela falou para si mesma.

Os caracteres rúnicos eram muito importantes para os vikings. Eram gravados em amuletos, taças, armas e nas proas dos navios. Érica lembrou-se de um deles, que parecia um chifre de cervo que estava gravado em um dos amuletos de Torin, e perguntou a Rhianna do que se tratava.

— É Algiz, o protetor dos guerreiros.

Érica observou Rhianna esparramar as pedras em uma toalha branca, murmurando palavras ininteligíveis. Depois selecionou três, uma por uma, e arrumou-as em ordem de escolha, da direita para a esquerda, com a parte não gravada para cima. Três, o número mágico, era importante.

Rhianna virou uma por vez, sussurrando palavras de descontentamento.

— Não gosto disso!

Uma das pedras em particular pareceu não agradá-la, a que ela chamou de Hagalaz, dotada de forças destruidoras. Rhianna estalou a língua e sacudiu a cabeça. Érica estremeceu.

— Vê esta pedra branca? É chamada a pedra do destino. O significado dela é desconhecido, imprevisível, pelo menos no momento. Sinto o perigo em meu coração. — Rhianna apontou outra. — Esta é Nauthiz. Significa constrangimento, necessidade e dor. Nada bom. Sua vida não será fácil aqui. — Rhianna fechou os olhos. — Tome cuidado, muito cuidado. Há um homem que representa perigo.

Mesmo sem acreditar no poder daquelas pedras, Érica estremeceu com a advertência.

Desanimado, Geordie remexeu na comida do prato. Sentava-se diante de Érica, no horário do desjejum.

— Quero ir para casa. Érica apertou-lhe a mão.

— Fique tranqüilo, nós iremos. Tenha paciência, Torin está reunindo uma tripulação que não irá traí-lo. Além dos reparos na embarcação, ainda é preciso fazer um estoque de alimentos.

— Eu irei sozinho? Érica surpreendeu-se.

— Mas que pergunta! Claro que não! Eu irei junto. Não o deixaria fazer um trajeto desse sozinho.

Geordie franziu o cenho.

— O que eu queria saber é se vai ficar lá ou se pretende voltar com Torin.

Érica fizera aquela pergunta a si mesma inúmeras vezes, dividida entre o amor que dedicava ao irmão e à paixão por Torin. Fora criada como uma MacQuarie, tinha forte sentimento de lealdade a seu clã. Ao mesmo tempo, começava a conhecer seu pai e queria ficar com ele.

Na noite anterior, o ato de amor com Torin alcançara níveis inacreditáveis de prazer, e ela entendera como sua vida seria vazia sem o amor de Torin. Não podia imaginar-se casada com nutro. Se ficasse em Alba, seu tio poderia ordenar que se ca-sasse com MacKinnon, para fortalecer a segurança do clã.

— Eu te adoro, Geordie.

— Mas gosta mais de Torin. — O ciúme era claramente perceptível.

— Eu amo os dois. Mas são amores diferentes... É como se Torin e eu fizéssemos parte de um todo e... não pudéssemos ser separados. Entendeu?

Geordie mordeu o lábio inferior.

— Eu a ouvi prometer que nunca me deixaria. Disse que ficaríamos juntos para sempre e que me protegeria.

— Algumas vezes as promessas têm de ser rompidas — Ragnar falou com suavidade. — Ainda mais quando se trata de assuntos do coração. — Bateu de leve no ombro de Geordie. — Algum dia entenderá o que quero dizer.

— Não vou entender nada por que não me apaixonarei! — Geordie afastou-se da mão de Ragnar. — Isso causa muitos problemas.

Ragnar deu uma risada.

— Tem razão, meu rapaz. Mas os momentos de felicidade fazem o amor valer a pena.

— Não se Torin despedaçar o coração de Érica ao abandoná-la como aconteceu...

Érica cutucou o irmão.

— Chega! Falaremos disso depois.

— Depois. Odeio essa palavra! — Geordie franziu o nariz

— Ela me lembra de mamãe. — O menino suspirou. — Sinto tanta falta dela...

— A julgar pelos filhos, ela deve ter sido uma mulher refinada — Ragnar declarou. — Como ela era?

Érica respondeu antes que Geordie o fizesse.

— Bonita, bondosa, gentil e muito inteligente. Ragnar segurou o rosto de Érica e virou-o para si.

— Se a filha se parece com ela, devia ter matado Fréia de inveja!

Geordie alterou-se.

— Érica não se parece com ela! Eu é que pareço! Minha mãe disse uma vez que as meninas se parecem com os pais e os meninos com as mães.

Ragnar desmanchou os cabelos de Geordie.

— Isso é verdade, meu rapaz. — Ragnar encarou Geordie por alguns segundos e afastou o olhar, como se algo o incomodasse. — Não sei por quê, mas seus olhos me trazem recordações... Bem, por acaso já andou sobre a água, Geordie.

— Como disse?

— No gelo, para ser mais exato. Amarramos chifres nas botas e deslizamos no gelo. E o que chamamos de patinação.

— Fitou o filho de Lief. — Olaf, por que não vai com Geordie até o lago e lhe mostra como patinamos? Embora já tenha começado o degelo, ainda há uma camada grossa na superfície para suportar o peso de seu corpo.

Olaf ficou feliz em aceitar a incumbência, e Geordie satisfeito em tentar algo que lhe pareceu fascinante. Os dois garotos saíram correndo do salão.

— Vejo que tem um grande afeto por seu irmão, Érica.

— É verdade. Cuidei dele desde que era um bebê. Sempre o protegi. — Érica fitou a porta como se pudesse vislumbrar Geordie através dela. — Por isso torna-se tão difícil levá-lo de volta a Alba e ir embora sozinha.

— Então decidiu mesmo casar-se com Torin. Isso é muito bom. — Ragnar sentou-se ao lado dela. — O garoto está se desenvolvendo. Com o passar do tempo, ele se tornará cada vez mais independente. Isso não quer dizer que deixará de amar a irmã. Minha jovem, esta é a hora exata para procurar a felicidade e estabelecer sua vida conosco, aqui na Escandinávia. Gosta muito de Torin, não é mesmo, Érica?

— Eu o amo com todo meu coração. Mas aqui não passo de uma estranha. Não estou acostumada com certos hábitos. Serei sempre uma forasteira. Ragnar acariciou-lhe a mão.

— Então nós teremos de fazer com que se sinta em casa.

— O senhor já está fazendo. — Érica sentiu forte afeição por ele.

— Torin lhe contou sobre o pai dele?

— Nem uma palavra.

— Ele foi banido por seus crimes, e Torin, quando criança, teve de suportar as conseqüências. Ele também se sentiu como um forasteiro, embora fosse viking de nascença. Para meu pesar, descarreguei minha raiva no garoto até que aprendi a gostar dele. Por isso tenho agradecido todos os dias à deusa Fréia por Torin ter encontrado uma noiva tão admirável.

Ragnar levantou-se e estendeu uma mão para Érica.

— Venha, tenho algo para mostrar-lhe. Acredito que irá agradá-la.

Ragnar conduziu-a até um caminho onde várias casas pontilhavam os campos verdes.

— Observe aquilo.

Ragnar apontou três homens que construíam uma casa de madeira, uma réplica da moradia de Ragnar, em tamanho menor. A distribuição interna era semelhante das outras que Erien conhecera. No centro do salão havia uma espécie de lareira aberta e comprida; uma pequena área para cozinhar em uma das extremidades do recinto e na outra, um espaço para fiação. Uma pequena construção anexa serviria de oficina.

Em volta da casa havia um passeio de madeira, por onde se chegava às duas entradas. Como as demais moradias, teria um telhado de turfa.

— Meu presente de casamento.

— Nossa casa! — Sem conter a alegria, Érica atirou-se no pescoço do pai e abraçou-o. Imediatamente lembrou-se de que ele não tinha ideia de que ela fosse sua filha. Afastou-se depressa.

— Está bem. — Ragnar deu um sorriso largo. — Não acredito que Torin ficará enciumado. Se fosse antigamente, ele poderia ter razão de pensar que eu a roubaria dele...

De repente Ragnar apoiou-se em Érica, que imaginou ele estivesse com tontura. Torin lhe contara sobre as dores de cabeça e os desmaios de Ragnar.

— O senhor está bem?

Ragnar esforçou-se para agir como se estivesse, mas não conseguiu esconder a expressão de dor.

— Acho que o sol atrapalhou minha visão — ele disfarçou o problema.

— A minha também.

Érica levou-o de volta até a habitação central. No caminho colheu gataria e hortelã pimenta, que levou no avental.

— Farei uma infusão com estas folhas. Isso o fará sentir-se melhor. — Érica não o deixou protestar. — Por favor, quero ajudá-lo.

As duas ervas eram usadas em Alba para males de cabeça e também acalmavam as dores.

— Bem, se isso lhe agrada, experimentarei sua poção. — Ragnar a deteve, depois de andar mais um pouco. — Talvez por você ser de Alba, não sei... mas sua fisionomia me lembra uma pessoa.

— Quem? — Érica prendeu a respiração.

— Há muitos anos, quando eu era jovem e impulsivo, conheci em Alba uma bela mulher de cabelos castanho-avermelhados, olhos verdes e um sorriso capaz de abrandar o mais duro dos corações.

Érica teve vontade de perguntar-lhe muitos detalhes do passado, mas não o fez, ao perceber a presença de Herlaug a pouca distancia deles.

— Como no seu caso, o chefe do clã a prometera em casamento ao líder de outro clã para estreitar os laços de união em tempos de guerra. Mas Odin quis que eu encontrasse essa mulher depois de eu ter deixado uma esposa em casa. No começo, foi ela quem me procurou, mas logo acabamos apaixonados. Ela deu-me um filho.

Érica espantou-se com a confissão e, com uma pontada no peito, teve de acreditar nas provocações de Iona.

— O senhor era casado?

— Com uma mulher que eu não amava e que também não me amava. Para mim isso não importava, pois os vikings podem ter várias esposas. — Apontou Herlaug. — Meu irmão tem três. Ainda assim espalhou suas sementes por toda a Escandinávia. Eu sou diferente. Em minha vida amei apenas três mulheres e, à minha maneira, fui fiel a cada uma delas.

— Três? — Sua mãe fora uma delas. Entretanto Ragnar fora o amor da vida de sua mãe. Isso era perturbador. — O senhor... teve outros filhos?

Ragnar estremeceu.

— Cada uma deu-me um filho. E como um idiota, deixei todas para singrar os mares. Mas com a ajuda de Torin, estou procurando reparar meus erros.

Como se fosse possível corrigir um erro desses, Érica pensou com amargura.

Mesmo assim, segurou na cintura do pai ao vê-lo cambalear. Ragnar estava doente e ficando velho. Como não perdoá-lo?

— Torin contou-me sobre sua incumbência.

Ah, pai, olhe para mim e enxergue a verdade! Olhe para mim e me ame! Apesar de termos ficado tantos anos afastados, acredito que será possível estabelecer laços de afetividade entre nós.

— Um tarefa que me manterá jovem pela ansiedade, embora eu esteja no outono da vida. — Ragnar suspirou e fitou as nuvens brancas. — Uma das valquírias está dirigindo a carruagem através do céu. Logo ela virá atrás de mim para levar-me a Valhala.

— Não creio... Isso vai demorar, e muito. O senhor é um bem forte.

A idéia de o pai morrer antes de saber quem ela era triste tinha que a contar a verdade.

— Ragnar... preciso dizer-lhe algo. Eu...

— Um navio mercante! — Excitada como uma criança, Nissa saiu da casa, limpando no avental as mãos sujas de farinha, correu até o marido e puxou-o pela mão. Foram pela trilha explicita que atravessava a escarpa rumo ao mar.

O som das trombetas, do apito de chegada e das respostas, e as velas coloridas infladas ao vento criavam um sentimento de excitação que era contagioso. Érica seguiu-os até a orla do par. O navio foi ancorado pela tripulação, que desceu na água rasa, carregando baús e barricas. Érica sombreou os olhos com uma das mãos para ver melhor.

— Gardar? — Ela não tinha certeza de que fosse ele. Mas o homem aproximou-se mais um pouco. — Gardar!

Com um grito de alegria por vê-lo são e salvo, Érica correu até ele.

— Érica? — Estupefato, Gardar perdeu a voz por instantes. Jamais sonhara em encontrá-la na Escandinávia. — O que está fazendo aqui?

— Viemos atrás de Geordie. A tripulação de Torin o raptou.

Gardar torceu as mãos.

— Eu sei. Eu sei. Quando o navio passou por mim, eu o vi acenar. Nadei para tentar pegá-lo, mas a água estava gelada demais e não consegui alcançá-lo. Para chegar às ilhas Hébridas, roubei cavalos e barcos. Ali utilizei uma das oferendas de paz de Ragnar. Subornei o mercador dono deste navio para vir com ele.

— Onde está Torin?

— Aprontando a embarcação para navegar.

— Ele vai em busca do garoto?

Érica teve vontade de abraçar Gardar pela preocupação sincera que ele demonstrava. Desistiu, ao lembrar-se de que os abraços tinham sido suficientes para aquele dia.

— Geordie está aqui. — Érica resumiu rapidamente os acontecimentos. — Virá conosco quando formos levar Geordie para casa?

— Para Alba?

Érica teve a impressão de que as lembranças dos escoceses não o animariam para aquela viagem.

— Torin vai levar Geordie de volta. Meu tio ficará tão aliviado ao ver meu irmão, que nem pensará em uma luta. Pelo menos por um tempo. Caso eu esteja enganada, pode ter certeza de que os homens que nos acompanharem o farão mudar de idéia.

Gardar pensou um momento.

— Hum. Torin pode não saber, mas ele precisa de mim. Além disso conheci uma jovem em Alba, também nascida entre os pictos como eu. Talvez possamos trazê-la conosco.

Eles foram até o salão nobre. Gardar sentiu o cheiro da comida que era preparada e passou a língua nos lábios.

— Gardar! — A alegria de Torin foi imensa. — Juro por Odin que minha alma ganhou vida nova ao vê-lo! Eu duvidava que fosse encontrá-lo do lado de cá de Valhala... — Abraçou o amigo com euforia. — Receei que houvesse virado comida para os peixes, ou caído em alguma armadilha, ou que os escoceses o tivessem apanhado. Agora estou tranqüilo. — Deu uma piscadela. — Ainda bem que chegou a tempo para o casamento...

Capítulo XVII

Um clima de festa pairava no ar. Todas as mulheres, inclusive Nissa, tomaram parte no planejamento das festividades. Nissa não chegava a ser amável, mas pelo menos deixara de lado as hostilidades, talvez fosse por sentir que, uma vez casada, Érica não representaria nenhuma ameaça.

Ragnar presenteou Érica com um vestido de noiva que comprara em Kaupang. Para não ficar para trás, Torin brindou-a com uma camisola de seda. Embora a transparência da mesma fosse escandalosa, Torin provocou Érica, dizendo que seria perda de tempo vestir, para em seguida remover a peça diáfana. Érica ficou encantada com a suavidade do tecido.

— É feito com o casulo da larva de um inseto chamado bicho da seda. Eles tecem o fio por obra e graça dos deuses Torin explicou com um sorriso. — Esse azul claro combina m seu olhos.

O vestido de noiva também era de seda, bordado no corpete na barra com fios coloridos. Fitas também coloridas e tecidos nos teares de Ragnar decoravam as mangas, que eram esvoaçantes.

Depois da refeição matinal com cereais e frutas, Érica foi para a casa de banhos com duas escravas. Elas a banharam, lavaram seus cabelos e untaram-na com óleos perfumados. Durante todo o processo, entoavam fórmulas cabalísticas. Por lei de aceitar esses costumes pagãos, Érica fechou os olhos e fez o sinal da cruz. Não pretendia contrariar Deus.

A água quente da tina foi um bálsamo para a ansiedade de Érica. Sorriu ao lembrar-se do que seu povo dizia, que os vikings eram selvagens imundos. Aprendera sem demora como eram falsas aquelas afirmações. A higiene era fundamental entre os nórdicos.

Veio ainda na memória o momento em que Torin a encontrará na casa de banhos em Alba. Embora se controlasse ao máximo, sentira-se atraída por ele, assim que o vira. Em pouco tempo, passariam a pertencer um ao outro, de acordo com as leis vikings.

Érica saiu da água. A lareira encontrava-se acesa. Para o povo de seu futuro marido, a água e o fogo eram elementos purificadores. As duas mulheres enxugaram-na diante das chamas.

Naquele instante, Torin enfiou a cabeça dentro do recinto, ansioso por ver Érica, mas foi severamente repreendido pela mais velha das duas escravas. A mulher ordenou que ele saísse e vestiu Érica com uma túnica, amarrando-a

pela cintura. Escovaram-lhe os cabelos até ficarem brilhantes. Érica usaria os cabelos soltos, somente um arco de ouro para mantê-los afastados para trás. A partir do dia seguinte teria de usar um coque e um lenço. Entre os vikings, as mulheres casadas escondiam os cabelos, um costume que Érica pretendia mudar.

— Vai mesmo se casar com Torin? — Geordie entrou em seguida, esperançoso para alterar a opinião da irmã.

— Acha que eu poderia mudar de idéia, querido? — Érica condoia-se ao extremo por ter de magoá-lo. — Eu amo Torin. Além do mais quero retornar casada a Alba. Tio Coinneach não irá me impor um matrimônio com Malcom MacKinnon. Geordie pegou no colo um cabrito que acabava de entrar na de banhos e acariciou-lhe a orelha.

— Não tem medo da reação de nosso tio quando ele descobrir que o enlace não contou com a aprovação dele?

— Não. Também não me importo com o que ele diga ou pense.

A verdade era outra. A idéia de ser condenada ao ostracismo e de nunca mais poder ver os entes queridos a deixava temerosa.

— E se ele a proibir de pôr os pés em Mull ou Ulva de novo?

— Bem... aí o rapazinho terá de dar um jeito de vir visitar-me. — Érica abraçou-o, com cabritinho e tudo. — Ah, Geordie, entenda, por favor! Não estou trocando seu amor pelo de Torin.

— Então, o que está fazendo?

— Estou tentando realizar um sonho que acalentei desde pequena. Embora eu não soubesse, nunca fui feliz em Alba, Ali não era o meu lugar. Sou muito independente para obedecer normas absurdas. Por exemplo, não aceitaria casar-me com MacKinnon só porque tio Coinneach assim decidiu. Isso não aconteceria aqui. As mulheres vikings escolhem seus maridos, eu escolhi Torin.

Ao contrário do que acontecia em Alba, onde se seguia a fé cristã, na Escandinávia os casamentos eram passíveis de ser feitos. As mulheres nórdicas podiam pedir divórcio se apartassem do marido ou se ele fosse infiel. Na ausência do marido, a esposa administrava a herdade e as plantações e ainda era elogiada por seu desempenho.

Geordie afastou-se e começou a andar de um lado para outro Não entendia como a irmã podia desprezar tantos anos vividos ao lado dos MacQuarie.

— Érica, a sua ascendência é escocesa, assim como a minha. Não se dará bem aqui.

— Geordie, não se esqueça de que meu pai é nórdico. Aliás, a maioria não se cansava de lembrar-me do fato.

— Ah, Iona e todos os outros de mente estreita... — Geordie riu quando o cabritinho começou a mascar-lhe a camisa. Mas também havia os que a amam, como eu!

— Eu sei, Geordie. Eu também o amarei até o dia de minha morte e sentirei muito sua falta. Entretanto, uma coisa é certa. Somente eu sou responsável por minha felicidade.

— E é o que eu mais lhe desejo, de coração. Emocionados, os irmãos voltaram ao salão de mãos dadas.

— O que eu mais sentirei falta é de nossas lutas de brincadeira — Geordie fez graça para descontrair o ambiente. — Bem... logo terei autorização para lutar com espadas de verdade.

— Não vai demorar muito...

Érica admitiu que Geordie se desenvolvia a olhos vistos. Crescera muito nas últimas semanas.

Na porta do quarto, uma das escravas mandou Geordie embora e levou Érica para dentro. Vestiu-a com uma camisã leve de seda plissada, por cima drapeou o traje de casamento. Com dois broches grandes, prendeu nos ombros os laços do vestido. As mangas curtas do camisã apareciam por baixo da veste. Érica fez questão de usar o Olho do Corvo no pescoço. O amuleto não fora responsável apenas por sua sorte, trouxera Torin para sua vida.

Uma das escravas apresentou-lhe um molho de chaves penduradas em uma corrente de ouro.

— Este é o símbolo de sua condição de mulher casada.

Eram as chaves dos depósitos e das adegas. E do coração do marido, conforme Torin dissera.

A corrente foi presa em um broche onde havia três triângulos interligados. Torin chamara aquilo de volksnot e afirmara que era a representação dos três mundos em que os vikings acreditavam. E também que era uma maneira de viajar entre os três.

Três outras correntes foram presas no vestido. Ali foram penduradas uma faca, tesouras e uma caixinha para agulhas. Todas as mulheres casadas usavam ornamentos semelhantes. Pela primeira vez, Érica não se sentiu deslocada.

A escrava foi até a casa de Herlaug, escondida nas sombras. Ignorou o olhar de raiva do guerreiro e estendeu a mão com a palma virada para cima.

— O senhor disse que me pagaria se eu encontrasse alguma coisa interessante.

— Disse?

Herlaug divertia-se em espetar morangos e framboesas de uma tigela de prata e em comer as frutas diretamente da ponta da faca.

— Sim, senhor! Disse ainda que eu deveria ser seus olhos e seus ouvidos na casa de Ragnar. E mais, que me libertaria, se eu fizesse um bom trabalho de espionagem.

— Hum... — Herlaug ergueu as sobrancelhas. — Deixe-me pensar...

A mulher cruzou os braços na altura do peito, em posição de desafio.

— Hoje descobri algo que vale uma caneca de prata cheio de ouro.

— Ragnar está morto!

Herlaug espetou cinco frutos de uma só vez e cortou o lábio ao passar neles a língua.

— Nada disso. Ele está bem melhor com a poção que a mulher ruiva vem lhe ministrando.

— Melhor? — Herlaug deu vazão a seu ódio e jogou o punhal em um ponto a poucos centímetros da cabeça da serva. — Por todos os deuses, juro que ele é o homem mais duro de matar! Mulher, trate de encontrar uma maneira de acabar logo com ele ou vai se arrepender do dia em que nasceu!

Sem piscar, ela arrancou o punhal da parede de madeira.

— E o senhor se arrependerá se tocar em um só fio de meus cabelos. Eu nada lhe direi e o senhor não ficará sabendo o que descobri.

A escrava tornou a estender a mão. Herlaug grunhiu e encheu a palma encardida com moedas.

— Fale de uma vez, mulher! — Pela expressão do rosto de Herlaug, ele sugeria que era bom que as informações fossem interessantes. Senão...

— O que o senhor acha do fato de a noiva de Torin ostentar no pescoço o Olho do Corvo?

— O quê?! — Herlaug engasgou e tossiu. Seria possível? Ou não? — Então ela deve ser...

— A filha de Ragnar!

— E Torin acha que poderá me prejudicar, casando-se com ela! Aquele proscrito pensa em tornar-se vice-rei! — Herlaug desfiou uma série de ofensas pesadas e depois deu uma gargalhada. — Deixe-o pensar à vontade!

Érica impressionou a todos com a beleza e a graça com que se conduzia. O vestido esvoaçante combinava com as mangas de fitas. Torin estava

boquiaberto. Ele vestia uma túnica azul bordada em ouro, calça castanho-amarelada e botas de couro. Como sempre, muito atraente.

— Acreditaria em mim, se eu dissesse que é a mulher mais bonita que já conheci?

— Eu diria que é um grande galanteador.

A cerimônia teria lugar na encosta de onde se divisava o oceano. Torin lhe dissera que a maioria das cerimônias e festividades eram feitas ali. Os dois carregavam ramos representando a fertilidade. Torin levava um galho de freixo, símbolo do homem, e Érica, um de olmo, que significava a feminilidade. Juntos, desceram o declive.

— Pois eu diria que nada é mais verdadeiro. — Ragnar aproximou-se, abraçou-a e beijou-a no rosto. — Eu a levarei até o skuldelev.

Ragnar conduziu-a pelo caminho pedregoso até a beira da água, onde uma pequena embarcação decorada com fitas e bandeirolas coloridas estava à espera deles. Quatro escravos, sentados sobre canastras, seriam os encarregados dos remos. Ragnar beijou-a na testa, ajudou-a a entrar no barco e afastou-se. Ele e Torin a encontrariam mais tarde.

Os cabelos de Érica esvoaçavam enquanto a pequena embarcação subia a linha da costa. Uma multidão acenava boas vindas na praia de calhau, e Érica mantinha a cabeça erguida, orgulhosa. Todos diziam que ela parecia uma deusa flutuando no fiorde.

O barco finalmente chegou a seu destino e Érica desembarcou. Ragnar e Torin vieram a seu encontro, e Torin segurou-lhe a mão.

Ragnar, patriarca e autoridade maior daquele reino, recitou os votos sob a sombra de uma árvore. Os noivos repetiram as frases. Érica refletiu que a cerimônia não era tão diferente dos ritos cristãos. Ela tomou um gole de vinho e a taça foi passada para Torin.

O que pensaria tio Coinneach quando descobrisse que a sobrinha se casara com um homem que ele mandara encarcerar na masmorra? Ele a expulsaria para sempre, ou apenas até aplacar sua ira?

— Que Torin sorrisse para todo o sempre e traga muitos filhos a seu lar — Ragnar desejou os votos com seriedade.

Érica corou ao fitar Torin, e ele pôs três anéis nos dedos da noiva.

— Três anéis significam que sou um homem muito rico — Torin explicou em voz baixa. — Porém nunca me senti tão rico como agora. Tenho diante de mim meu maior tesouro. Minha esposa.

Érica fitou-o com amor quando ele inclinou a cabeça para beijá-la diante de todos. Tomou-a nos braços e carregou-a por um pequeno trajeto, conforme

era o costume. Assim ninguém duvidaria de que Érica se tornara companheira dele para sempre. Depois deixou-a no chão e eles apreciaram o resto da cerimônia a uma certa distância dos demais.

Torin e Érica voltaram à casa que haviam recebido como presente de Ragnar, em meio a aplausos, gritos e comentários maliciosos. Sentaram-se em duas cadeiras enormes, como se fossem rei e rainha. Aceitaram os cumprimentos dos que desejavam compartilhar da alegria deles. Sucederam-se os cantos, as danças e os demais divertimentos.

Torin acompanhou as músicas e Érica admirou-se de ouvir uma voz tão afinada.

— Eu não sabia que cantava tão bem.

— Há muitas coisas a meu respeito que lhe são desconhecidas — Torin cochichou e mordiscou-lhe a ponta da orelha. — Mas não tardará a descobrir.

Érica fitou-o, emocionada por tanto amor. Gostaria muito que todos se retirassem para que pudesse ficar a sós com o marido.

Finalmente o momento chegou.

— Muito bem! Saiam todos agora! — Torin aparentou estar irado.

Todos obedeceram, fingindo-se indignados. Geordie ficou para trás.

— Sua irmã estará segura a meu lado, Geordie. Eu lhe prometo.

— Não quer que eu fique de guarda? Torin negou com um gesto de cabeça.

— Mas eu lhe direi o que poderá fazer. Chame Olaf e vigiem o navio. Partiremos amanhã, e eu não gostaria que nada atrapalhasse nossos planos. Já sabe o que fazer, caso algo estranho aconteça, não é?

— Claro que sei! Vigiar o navio? — Geordie bateu palmas, eufórico. Nunca se sentira tão importante.

O garoto disparou porta afora, chamou Olaf e deixou os noivos a sós.

— Finalmente!

Depois do desabafo, Torin levou Érica até a cama e abaixou-lhe o vestido de noiva até a cintura. Beijou-a no ombro e no pescoço. Despiu-a bem devagar e, com os olhos, mãos e lábios, saboreou o prazer de tê-la a seu lado. Acariciou-lhe os seios fartos e disse a si mesmo que a esposa estava ainda mais bela do que antes.

Como se isso fosse possível...

Érica estremeceu e puxou a túnica do marido, ansiosa por sentir-lhe a pele nua.

— Parece que hoje é a nossa primeira noite juntos. Torin ajudou Érica a tirar suas roupas mais depressa. Ela acariciou-lhe o peito rijo, querendo que ele

experi-mentasse o mesmo calor de ansiedade que a incendiava. Os gemidos guturais de Torin foram sua recompensa.

A intensidade do amor que compartilharam fez Érica esquecer o mundo que a rodeava. Outra vez se amaram e Torin deu asas a todo poder e a toda virilidade de sua paixão.

Foi a noite de núpcias que Érica sempre imaginara. Um amor que sobrepujava os demais sentimentos, ao lado do homem de sua vida.

Os primeiros raios de luz que se infiltravam pela janela anunciaram o raiar do dia na casa de Érica e Torin. Um galo cacarejou do lado de fora. Érica espreguiçou-se e tocou no corpo sólido a seu lado. Torin.

Seu marido!

E pensar que, tempos atrás, aquelas duas palavras a deixavam apavorada...

— Marido... — Érica disse em voz alta, aconchegando-se no calor e na energia do corpo masculino.

Escutou a respiração de Torin, e seu coração bateu em descompasso ao recordar-se da noite anterior. Diante de Torin, nuas reações eram instantâneas e seu corpo adquiria vida. Sob as mãos os lábios do marido, ela se perdia em ondas de calor que nem sequer imaginara que pudessem existir.

A despeito da intensidade da paixão que os consumira, Torin fora muito gentil. Não se apressara e soubera apreciar os momentos preliminares. Não se cansara de admirar-lhe em voz alta a pele sedosa, que acariciava com movimentos quase imperceptíveis. A leveza fora semelhante a toques das asas de nina borboleta e incendiara-lhe todos os poros.

A espera fora insuportável quando Torin tocara a parte mais sensível do corpo de Érica. Ele a possuía de maneira tão gentil que parecera um sonho. Mas não fora...

— O que me deixa mais feliz, minha querida esposa, é a certeza de que teremos a vida inteira para desfrutar de tanto prazer — Torin murmurara-lhe ao ouvido.

— Marido... — Érica repetira.

Ah, como Iona ficaria invejosa, se soubesse.

Érica apoiou-se em um dos cotovelos e fitou Torin com ternura redobrada. Adormecido, ele parecia muito mais jovem e vulnerável. Em nada lembrava os temíveis nórdicos que haviam aterrorizado primeiro Eire e depois Alba. Foi a vez de Torin aconchegar-se de encontro à esposa. Esparramado na cama, parecia imune às preocupações terrenas. A fisionomia plácida revelava um homem plenamente satisfeito.

Érica fechou os olhos e sorriu. De repente, cozinhar e tecer não lhe pareceram tarefas tão abomináveis. Faria o possível para ser uma boa esposa. Isso não significava que se contentaria em esperar Torin nos períodos em que ele estivesse no mar. Pretendia acompanhá-lo, de qualquer maneira.

Érica abriu os olhos, assustada. Havia um odor estranho...Fumaça?

— Torin...

Ele acordou e acariciou-lhe o quadril e as coxas.

— Hum... Já imaginou? Abrir os olhos todas as manhãs e encontrá-la a meu lado? — Torin mordiscou-lhe o lóbulo da orelha.

Érica afastou-o.

— Torin, estou sentindo cheiro de fumaça!

Torin bocejou.

— Deve ser da cozinha.

— Não é! Ainda não acendi o fogo e como somos os únicos ocupantes desta casa...

Érica pulou da cama e vestiu o camisão plissado. Engasgou com a fetidez dos gases tóxicos.

— A casa está pegando fogo!

Érica despejou a água do cântaro sobre as labaredas. Torin agarrou os lençóis e com eles bateu no fogo que se alastrava.

— Érica, vá embora daqui! É muito perigoso!

— Não! — Ela apanhou outro lençol e imitou o marido no combate às chamas.

— Vá chamar os escravos! Sozinho não poderei debelar o incêndio. — Torin queria que Érica se afastasse dali.

Érica não argumentou, apesar da ansiedade para ajudar. Abriu a porta e correu rumo à casa do pai. Nem percebeu que era observada, até deparar com Herlaug e seu eterno sorriso malévolos.

Sentiu-se aliviada em vê-lo, embora não gostasse dele.

— Veja! A casa está pegando fogo. Torin está tentando controlar as chamas, mas precisa de ajuda.

A expressão de Herlaug a enervava. Era um escrutínio muito desagradável.

— Estou vendo.

— Por favor, ajude-o. Ajude-nos!

Imóvel, Herlaug continuou a fitá-la com olhos frios e cruéis. Talvez procurasse ler-lhe a mente.

Teria desconfiado de sua identidade? O que ele sabia? Érica enfureceu-se com a falta de cooperação de seu tio.

— Bem, se o senhor recusar-nos seu auxílio, encontrarei outra pessoa disposta a fazê-lo. Com sua licença!

Érica virou-se, mas não chegou a dar dois passos.

— Agora!

Ela foi agarrada por trás. Tentou desvencilhar-se dos agressores, sem sucesso.

— Não adianta lutar — uma mulher murmurou. — Será pior para a senhora.

— Ela deve valer um monte de prata! — um dos homens exclamou.

Érica começou a gritar, mas foi logo amordaçada. Ao virar a cabeça tornou a surpreender-se: diante dela estava uma das escravas que a ajudara a vestir-se. Em segundos, entendeu o que se passara... A mulher vira o pingente, e ao descobrir-lhe a identidade, contara para Herlaug.

Implorou com o olhar para que a mulher não agisse contra ela e pediu à escrava para que a deixasse vestir-se. No seu traje de noiva havia uma corrente de ouro onde estavam penduradas tesouras e uma pequena faca. Esperto, Herlaug impediu que a mulher atendesse o pedido.

— O senhor vai me matar?

Érica não queria morrer. Uma sequência de rostos passou diante de seu olhos: Geordie, Torin, seu pai.... Os três precisavam dela. Outra vez procurou saltar-se, mas quanto mais esperneava, com mais força eles a seguravam.

Encarou o rosto pretensioso de Herlaug e a verdade veio à tona.

— Foi o senhor quem ateou fogo na casa!

Ele previra que Torin, em sua vontade ingênua de protegê-la, a mandaria afastar-se do perigo.

— Claro que fui eu! — Herlaug afirmou, cheio de si. — Eu me encarregarei de livrar-me de minha dileta sobrinha, e Torin morrerá queimado. Admita que foi um plano engenhoso.

— O que o senhor pretende fazer?

Érica procurava uma maneira de escapar. Se pensavam em vendê-la como escrava, Torin viria em seu socorro... se sobrevivesse!

Enquanto Herlaug e a mulher discutiam como deveriam agir, Érica libertou uma das mãos e arrancou a corrente do pescoço. A peça caiu no chão com um ruído fraco que não foi notado pelos inimigos. Rezou para que Torin vencesse o fogo, encontrasse o Olho do Corvo e soubesse onde procurá-la.

Os que viram as labaredas assustadoras correram para prestar auxílio. Com a ajuda dos servos, Torin atirava baldes de água para apagar o fogo.

— Como foi que isso aconteceu? — Ragnar aproximou-se.

— Não sei. — Torin tossiu, engasgado com a fumaça. — Minha única preocupação é acabar com o incêndio, sem provocar vítimas.

Ragnar tirou a capa e juntou-se aos que lutavam contra as chamas. Não demorou muito e os guerreiros venceram o fogaréu.

— Ragnar, onde está minha mulher? — Torin olhou ao redor. Nem sinal de Érica.

— Eu não a vi.

— Pedi a ela que fosse buscar ajuda. Pensei que tivesse vindo com o senhor.

— Eu não a vejo desde ontem à noite. — Ragnar preocupou-se. O uivo distante de um lobo aumentou as apreensões.

— Érica! — Torin chamou a esposa com as mãos em concha.

Ragnar fez o mesmo do outro lado, mas não houve resposta. Agarrou Torin pelo braço e franziu os sobrolhos.

— Não seria a primeira vez que lobos...

— Não. — Torin não acreditou nessa hipótese. — O fogo os teria afugentado.

Uma suspeita insinuou-se na mente de Torin. Primeiro o incêndio... depois o desaparecimento de Érica.

— Ragnar, onde está Herlaug?

Ragnar deu de ombros.

— Não vi meu irmão hoje.

— Algo me diz que ele se encontra por trás disso.

Ragnar não suspeitava das intenções sempre malévolas do irmão.

— Mas que absurdo, Torin!

Os dois foram em direção à casa principal e Torin limpou a fuligem do rosto.

— Ragnar, tenho de confessar-lhe algo. Érica é...

— Olhe! — Ragnar gritou, sem crer no que via e levantou um objeto do chão. — O pingente!

— Deixe-me ver! — Torin arrancou o Olho do Corvo da mão de Ragnar e examinou-o com dedos trêmulos. — Érica jamais teria se separado disto, a menos que... Ela o conservava como seu maior tesouro.

— O que está dizendo, Torin? — Ragnar agarrou-o pelo ombro. — O que está acontecendo?

— Érica é... sua f... filha! — Torin gaguejou.

— Minha filha? Mas como? Por quê?

— Eu lhe contarei toda a história, assim que encontrarmos minha mulher!
Torin agachou-se e examinou cuidadosamente as pegadas no chão e outras marcas que sugerissem em que direção Érica fora levada.
— Torin, escute!
Torin ergueu a cabeça.
— Uma trombeta! — O instrumento de sopro foi tocado várias vezes. —
Geordie!
O menino procurava avisá-lo de que o navio estava sendo roubado. Usava os sinais que Torin lhe ensinara.
— Vamos!
Ragnar e Torin correram para o salão e pegaram as espadas penduradas na parede.

Capítulo XVIII

A atmosfera tranqüila da enseada sugeria uma atmosfera de paz que se mostrou ilusória. De repente, Ragnar, Torin e mais dez guerreiros surgiram do nada.

— O... O... Odin! — Torin gritou e escalou a amurada do navio.

Assombrada, Érica viu o marido e o pai virem a bordo de modo não convencional. Com as espadas e os machados em riste, assemelhavam-se aos vikings que haviam aterrorizado castelos e mosteiros. Os homens de Herlaug foram atacados antes mesmo de entender o perigo que os ameaçava.

Berros ecoaram. Herlaug não teve tempo de perceber que fora encurralado.

Érica viu Torin erguer a espada.

— Não! — Ragnar não queria nenhum dano impingido ao irmão, apesar dos crimes cometidos. — Herlaug, ordene a seus homens que se rendam imediatamente! Ou eu deixarei Torin fazer o que tiver direito.

Herlaug mentia, mesmo quando apanhado em flagrante.

— Ragnar, eles não são meus homens. Ouvi gritos e vim atrás do som. Sou inocente nessa história. — Herlaug ergueu as mãos e os demais depuseram as armas. — Não é o que está pensando...

— Isso será decidido da maneira habitual — Ragnar afirmou, categórico.

Em uma reunião, seriam ouvidas testemunhas e decidir-se-ia pela culpabilidade ou não de Herlaug.

— Torin! — Érica correu para abraçar o esposo. — Nem sei o que teria acontecido, se não houvesse encontrado o pingente!

Torin acariciou-lhe os cabelos.

— Foi Geordie quem lhe salvou a vida. Nunca imaginei que Herlaug tivesse coragem de roubar meu navio, achei que ele ambicionasse apenas as propriedades de Ragnar. Mas Geordie foi esperto. Ao pressentir o perigo, assoprou a trombeta. — Torin apontou Ragnar em pé na popa. — Ele já sabe.

— Ah, Torin, estou muito feliz por isso! — Mesmo sem ter dito nada ao marido, Érica decidira contar a verdade ao pai antes da viagem para Alba.

Apoiada no braço de Torin, aproximou-se de Ragnar.

— Acho que, no íntimo, eu sempre soube — Ragnar sussurrou, hesitante. — A atração terna era irresistível. Só laços de sangue podem explicar isso.

— O senhor não... está desapontado por eu não ser homem? — Érica fitou-o com intensidade e não viu sinal de aborrecimento. — O senhor queria um filho que o sucedesse no comando.

Ragnar fitou os dois com carinho.

— Eu não me surpreenderia se logo vierem os netos para honrar meu trono. — Ele segurou-lhe a mão. — Como está sua mãe?

Érica abaixou a cabeça, relutante em ser a portadora da notícia.

— Mamãe... morreu.

As palavras atingiram-no como um golpe violento.

— Não pode ser!

Daquele momento em diante, Érica não teria mais dúvidas do amor de Ragnar por Flora Dugald. Rangendo os dentes, Ragnar não conseguia esconder os olhos úmidos.

— Como foi isso, Érica? Quando?

— Depois que o senhor foi embora, tio Coinneach forçou-a a se casar com um primo. Ele dizia que não era correto uma mulher viver sozinha. Geordie foi o fruto da união. Alguns anos depois, ela ficou novamente grávida, mas depois do parto, mamãe e o bebê morreram.

— Por Odin!

— Ela era uma mulher maravilhosa. — Érica mordeu o lábio para não chorar. — Me fez muita falta... mas agora temos um ao outro.

Ragnar abraçou a filha com muito carinho.

— Tantos anos... O que faz um homem levar um tempo enorme para entender a verdade? — Fitou Torin de relance. — Por que não me contou antes?

— Eu receava pela segurança de Érica. — Torin explicou suas suspeitas em relação a Herlaug. — Acredito que Herlaug estava também por trás do rapto de Geordie. — Tirou o pingente de Érica de uma pequena bolsa de couro amarrada na cintura. — Arrumei o fecho, Ragnar, e concedo-lhe a honra de devolvê-lo ao pescoço de sua filha.

Érica levantou os cabelos da nuca para que o pai, emocionado, executasse a tarefa. Sem o amuleto, ela se sentira despida.

— Papai, eu soube da existência de mais dois amuletos.

— Temos muito o que dizer um ao outro, não é mesmo?

Pai e filha concordaram que seria preciso uma longa conversa para se conhecerem melhor.

— O navio está pronto para zarpar — Torin lembrou-os.

— Mas justamente agora terão de partir? — Ragnar sacudiu a cabeça, mas desistiu de interferir ao ver o olhar determinado de Érica. — Está bem, minha filha. Deixaremos a conversa para a volta.

O navio derivava suavemente sobre as ondas e as velas zumbiam. A Escandinávia ficava para trás. Érica observava a nau romper o mar de espuma e refletia sobre a estranheza do mundo. Ela voltava para Alba, mas não para sua casa. Seu lar passara a ser o de Torin.

— Está arrependida, Érica?

Torin interpretara mal o distanciamento da esposa. Era perturbador imaginar que ela pudesse mudar de opinião e decidisse ficar em Alba. Por ter sofrido muitas rejeições em sua vida, ele aprendera a ocultar os receios e os sentimentos. Ela o ajudara a superar a solidão e o endurecimento das emoções. Érica era uma mulher incomum. Corajosa, honesta e leal, era portadora de um profundo senso de generosidade. Apaixonada, entregava-se sem reservas.

Representava, sem a menor sombra de dúvida, a mulher ideal para qualquer homem.

— Como eu poderia me arrepender do tempo maravilhoso que passamos juntos? — Érica murmurou e foi abraçada por Torin. Apoiou a cabeça no ombro do marido. — Sinto apenas pelo tempo perdido. Mas agora que estamos juntos e que encontrei meu pai, estou plenamente satisfeita.

A não ser pela idéia de ter de deixar Geordie.

Torin pareceu ler-lhe a mente.

— O menino ficará bem. Farei as pazes com Coinneach e devemos visitar Alba de tempos em tempos. Ragnar me disse que pretende estabelecer um intercâmbio comercial entre as duas regiões.

Érica fitou Geordie do outro lado do convés. O garoto jogava dados com Olaf, de quem se tornara muito amigo. Os dois usavam uma barrica como mesa e sacos de cevada como assento.

— Se os homens de nosso povo tivessem a mente tão aberta quanto a desses dois meninos, a paz não seria apenas um tema para debates — Érica refletiu.

Ela desejava, acima de tudo, que as disputas entre os escoceses e os vikings tivessem um fim. Talvez, então, pudesse aspirar à paz de espírito.

— Acredito que Geordie está começando a simpatizar comigo — Torin confidenciou-lhe. — Esta manhã, ele admitiu, sorridente, que os vikings não são más pessoas.

Érica apontou uma miniatura de embarcação nórdica de madeira que estava aos pés de Geordie e que fora entalhada por Ragnar.

— Papai tomou-se de amores por Geordie depois de haver descobrir de quem ele é filho. Papai afirmou que meu irmão parece muito com minha mãe. Deu-lhe a peça de presente como recordação do tempo que passou entre os vikings.

As lembranças para Érica seriam o rugir do oceano, o som das ondas batendo no casco do navio e os gritos das gaivotas. Inspirou o aroma salino e entendeu que jamais esqueceria as aventuras que enfrentara ao lado de Torin.

Por sua vez, o marido lhe dissera que pretendia afastar-se das viagens marítimas por algum tempo. Ansiava para voltar e reconstruir a casa incendiada por Herlaug. Ao lembrar-se do tio, Érica não pôde deixar de refletir que Herlaug inventara uma história de sua inocência com o talento de um bardo.

— Sabe de uma coisa, Torin? Achei que Herlaug fosse capa até de incriminar-me. Não me admiraria se ele dissesse que eu o havia raptado!

— Ragnar sempre foi indulgente em excesso com o irmão mais novo. Mais uma vez, Herlaug escapou de um castigo mais do que merecido. Porém não faltará ocasião para que encontre sua "recompensa".

— Quando voltarmos, terei uma conversa com meu pai. Eu o avisarei para ser mais cauteloso. Nesse meio tempo, tudo o que desejo é estar a seu lado.

— Ah, se estivéssemos a sós!

Torin suspirou e sentiu nas veias o fluxo sanguíneo acelerar, quando Érica se encostou mais um pouco. Não via a hora de voltar para a Escandinávia, onde começariam uma nova vida. Fechou os olhos e lembrou-se da noite de núpcias. O termo "ardente" aplicava-se com perfeição para descrever Érica. Nunca fora amado com tamanha intensidade.

Ah, como a amava! Ele a admirava e a desejava. Seus sentimentos mais ternos eram reservados para Érica. Queria tocá-la e ficar para sempre a seu lado.

Torin não se lembrava de ter se sentido tão feliz e abençoado. Estavam em pé na proa, abraçados. Os cabelos de ambos esvoaçavam ao vento e, nos lábios, havia o gosto de sal.

Era o verdadeiro espírito da paz.

Parte III

Regresso

Capítulo XIX

À medida que o Lobo do Mar se aproximava, a ilha de Ulva começava a surgir com maior nitidez em meio ao nevoeiro. Alba estava cada vez mais perto.

Para Geordie, em pé no convés, era a volta para casa. Érica, a seu lado, não partilhava daquele sentimento. Seu lar seria onde estivesse perto de Torin.

— Ah, querido, sentirei tanto a sua falta... — Érica afirmou e desmanchou os cabelos do irmão de maneira carinhosa. Lamentava que demoraria muito até que pudesse repetir esse gesto fraterno.

— Eu também morrerei de saudade, Érica.

Geordie agarrou-se na irmã e, embora chorar não fosse coisa de homem, molhou-lhe a frente do vestido com as lágrimas.

— E Torin... — o garoto engoliu um soluço. — Preciso dizer a tio Coinneach que os vikings não são selvagens como ele sempre apregoou... apesar do que fizeram no passado.

— Meu pai disse que deseja a paz — Érica falou em voz baixa. — O resto compete a tio Coinneach.

Temendo a reação do tio, Érica sugeriu a Torin que escondesse o navio entre as rochas, mas Torin recusou o pedido com veemência. Fugira da

fortaleza de MacQuarie uma vez e não pretendia repetir o feito. Estava na hora de adultos se sentar a uma mesa para falar de paz.

O navio atingiu a costa ao anoitecer, e o timoneiro guiou-os até as rochas. Foi uma atracação tumultuada por causa do excesso de pedras. A nau ancorou e Torin levou Érica nos braços até pisar em solo firme. Geordie seguiu-os carregando um elmo, uma espada e o presente de Ragnar.

Érica imaginara que a volta a alegrasse mais. Havia verde por todos os lados e uma deliciosa fragrância de flores do campo. A névoa estava iluminada pelas cores fortes do pôr-do-sol: azul-escuro, púrpura e rosa.

— Torin, tem certeza de que deseja prosseguir com sua idéia? Eu poderia levar Geordie sozinha.

— E sujeitar-se a ser punida por ter-me deixado fugir da masmorra? — Torin sacudiu a cabeça. — Não. Não quero arriscar-me a perdê-la, meu amor.

Érica entrou e Jeanne foi a primeira pessoa a quem ela viu. A moça, sentada diante do tear, levantou a cabeça e arregalou os olhos.

— Érica! Pensávamos... temíamos... Ah, Deus escutou nossas preces! Ei-la de volta! — Jeanne abraçou-a, embora nunca houvessem sido muito íntimas.

— Vim por pouco tempo.

— E por quê? — Os olhos de Jeanne pareceram prontos a saltar das órbitas ao ver quem acompanhava Érica. — Pelo amor de Deus!

— Torin é meu marido! Nós nos casamos segundo as leis nórdicas. Sei o que está pensando... que não nos unimos sendo a doutrina cristã. Mas posso afirmar que há um compromisso mais profundo de que um simples juramento: o amor que existe entre duas pessoas.

Jeanne fitou Torin de alto a baixo e compreendeu por que rica o amava.

— E o que Coinneach dirá quando souber?

— Meu tio terá de entender...

Jeanne não teve tempo de fazer outros comentários, porque Geordie entrou fazendo um estardalhaço e foi abraçado com entusiasmo pela parente.

— Meu Deus, Geordie, como você está alto! Acho que cresceu uns vinte centímetros!

— Que nada, é que estou com uma postura mais ereta. Aprendi isso com Ragnar. Ele explicou que um homem tem que manter os ombros para trás, cabeça para cima e o olhar para a frente.

— Ragnar? — Jeanne fitou a espada e o elmo, e estremeceu. Acho melhor guardar isso antes que seu tio veja.

Naquele momento, escutaram Coinneach voltar de uma inspeção nas terras, acompanhado de seus homens. Érica reconhecia que estava com medo. Seu tio entenderia a decisão de pisar-se com Torin e de retornar para a Escandinávia? — Érica! — Coinneach entrou. Boquiaberto, empalideceu. — Minha sobrinha! Pensei que os vikings a houvessem raptado feito o mesmo com Geordie!

— Geordie foi levado por vikings rebeldes sob o comando de Herlaug, o irmão de Ragnar. Torin e eu fomos atrás deles e, como o senhor pode perceber, nós o trouxemos de volta. — Érica fez um relato sucinto do que acontecera. Ocasionalmente, fitava Torin com adoração. — Depois Herlaug me raptou para vender-me como escrava e mais uma vez, Torin apareceu para me salvar.

Coinneach MacQuarie brindou Torin com expressão de simpatia.

— Então eu lhe devo meus agradecimentos. — Coinneach segurou na mão de Érica e notou os dedos enfeitados.

— O que quer dizer isso? — espantou-se.

— Estou usando anéis.

— Ora, não sou cego e vejo muito bem do que se trata. Érica considerou que seria melhor contar tudo sem demora.

— Enquanto estávamos na Escandinávia, esperando a conclusão dos reparos no navio que Torin fazia... nós nos casamos.

Érica pensou que o tio fosse explodir.

— E o que faremos com MacKinnon?!

— Eu não queria me casar com ele...

— Não queria? — Coinneach espumava, vermelho de raiva— Está me dizendo que terei de forçá-la a casar-se?! Durante alguns instantes, Érica teve a impressão de que o tio iria atirar-se sobre Torin.

— Tio Coinneach, estou casada com Torin e o amo. Creio que foi amor à primeira vista e o senhor já sabia disso, ou desconfiava. Ou pelo menos, era o que mais temia.

— E o que o amor tem a ver com essa situação? Eu a prometi ao filho de MacKinnon. Não pode querer que eu passe por um velho tolo. — Coinneach ignorava o desejo do coração dela. — Agora vamos acertar as coisas. Talvez não seja muito tarde para eu manter minha palavra.

— Não posso me casar com MacKinnon — Érica insistiu. — Já estou casada.

— Pelas leis nórdicas? Ah, os vikings ignoram regras de conduta! Eles são pagãos, idolatram falsos deuses. Como ousa falar-me dos preceitos deles?

— Estou casada — Érica repetiu. — E amo muito meu marido. — Sentiu que Torin lhe segurava a mão com força.

Com a face crispada, Coinneach apertou o peito. Érica temeu tê-lo matado.

— Tio, por favor... procure entender. Estou feliz na Escandinávia. Casei-me com Torin, encontrei meu pai e...

— Acho que minha irmã deixou-lhe a cegueira como herança. Mas eu a farei criar juízo.

— Minha mãe amou Ragnar até o dia de sua morte.

— Ela foi a rameira de um viking. 'Tal mãe, tal filha', é o que todos dirão! — Coinneach estremeceu e gritou. — Teria sido melhor se não tivesse voltado! Eu preferia imaginá-la morta!

— Tio Coinneach! — Érica fitou-o, incrédula. — Será que não lhe basta saber que estou feliz?

— Por favor, tio — Geordie resolveu interferir. — Torin poderia ter-se escondido e Érica poderia ter-me trazido de volta ao castelo. Mas eles foram corajosos. Vieram até aqui, mesmo sabendo que o senhor os receberia com amargura. — Por favor — repetiu —, deixe Érica ser feliz e... ao menos... escute o que Torin tem para lhe dizer.

Coinneach fitou todos com frieza.

— Eu deveria bani-la, Érica, e nunca mais permitir sua volta.

— Não! — O grito foi estridente. — Não há razão para me punir!

Coinneach ignorou-a.

— Além disso, eu deveria mandar o herege de volta à masmorra, de onde ele não deveria jamais ter saído.

— O senhor não fará isso!

— Pois é o que farei!

Coinneach chamou os homens, que se apressaram a rodear Torin e a empurrá-lo pelo caminho que uma vez trilhara.

Ele deveria ter escutado Érica. Mas tivera esperança de terminar de vez com o derramamento de sangue. Viera a Alba com espírito pacificador e acabara como prisioneiro, outra vez.

Terminara exatamente no ponto de partida! Torin enfureceu-se. Estava de volta às aranhas e aos ratos.

O mau cheiro do calabouço continuava insuportável.

— Eu juro, Coinneach MacQuarie, que se arrependerá pelo que está fazendo! Pagará bem caro por isso!

— Casarei Érica com MacKinnon, nem que seja a última coisa que eu faça na vida. Quando minha sobrinha estiver bem longe daqui, eu o deixarei sair.

A promessa cortou o coração de Torin.

— Ela é minha esposa! O senhor não tem o direito de fazer isso!

— Tenho todo o direito do mundo. Preciso zelar pelo bem-estar de minha sobrinha.

— Pois trate de esconder-se, Coinneach! Quando eu o encontrar...

Torin foi arremessado para dentro do buraco negro. O clangor da portinhola de ferro interrompeu as ameaças.

A prisão minúscula era familiar para Torin, uma cela acanhada cuja abertura superior fora trancada com a pequena porta de ferro e pedras.

Coinneach jurara mantê-lo prisioneiro até que Érica estivesse casada. Seria usado como joguete para pressionar Érica a cumprir ordens.

— Se tiver o comportamento de uma boa moça e for para a cama com seu marido, eu soltarei o viking traidor — Coinneach fizera o jogo.

— Então farei o que me pede — Érica retrucara e fitara Torin com amor.

— Tenho outra escolha? Desposarei Mac-Kinnon, mesmo sem o amar. Meu coração lhe pertence, Torin. Agora e sempre, meu único e querido amor!

— Não! — O grito de Torin parecia o de um animal ferido. Largou-se no chão e abraçou os joelhos. Quando pequeno, assim que ficava durante horas, depois que fora tratado como proscrito. Nem naquela época sentira tanta dor como agora. Balançou-se para a frente e para trás, lutando contra as garras invisíveis que lhe dilaceravam o coração. Érica lhe pertencia, e haviam-na roubado dele!

Torin perdeu a noção do tempo. Vegetava no calabouço. O espaço era apertado, opressivo e lúgubre, um buraco dos infernos. O desconforto que sentia não era nada se comparado à dor que lhe retalhava o coração. Olhou para cima, desesperado. O sofrimento fez com que tivesse uma visão.

— Érica...

— Torin! — Era a voz de Érica, e não se tratava de imaginação.

A grade foi aberta e apareceu um círculo de luz. Torin levantou-se, esticou o braço e tentou acariciar o rosto que via acima de sua cabeça.

— Implorei a meu tio para que me permitisse vê-lo pela última vez... antes das bodas — Érica esticou os dedos e roçou nos dele com ternura — ...para dizer-lhe o quanto amo.

— Érica, não se case com MacKinnon!

— Não posso agir de outra forma!

— Está fazendo isso por minha causa. Não me importo com as ameaças de Coinneach. Por favor! Não...

— Torin...

O suspiro de Érica veio carregado de profunda dor. O que ela mais desejava era ser abraçada pelo marido e sentir-lhe os lábios, mas a realidade seria bem diferente. — Vim para desejar-lhe felicidades. É só o que posso...

— Jamais serei feliz, se não a tiver a meu lado.

Érica forçou uma risada.

— Imagine só se um homem bonito ficará sozinho, com tantas mulheres dispostas a caçá-lo! Não vai demorar nada e logo me esquecerá. — Pensar nisso era como morrer aos poucos. Assim mesmo, conseguiu dar um sorriso pálido.

— Nunca!

— Eu também não o esquecerei! Tio Coinneach me mandará para um castelo no Sul. Ele receia que eu mude de idéia.

— Não! — Torin ficou na ponta dos pés e agarrou a mão de Érica. — Ah, se eu ao menos pudesse sair daqui!

O rosto de Coinneach substituiu o de Érica.

— Sair? Se fosse o senhor, não pensaria nisso tão cedo. É uma pena, Torin, mas vai perder o casamento. É que estou sendo muito criterioso com os convites. Para mim é mais do que suficiente ter de agüentar a presença dos MacKinnon! — Coinneach gargalhou com a própria pilhéria, mas o riso foi interrompido por gritos próximos.

— Os MacLeod estão se aproximando do castelo!

— Os MacLeod!

O clã MacLeod parecia um bando de formigas. Escalaram a colina, marcharam através do pântano, cruzaram as terras dos MacQuarie, limítrofes com as deles. Nos gorros redondos e sem abas traziam ramos de turfeira. Ninguém deveria ignorar que se tratava do poderoso clã dos MacLeod!

O som estridente e ritmado das gaitas de fole não mantinha em segredo as intenções dos guerreiros. Assim mesmo, um grito de guerra aterrorizante ecoou dentro da noite, para não deixar dúvidas sobre o ataque feroz que se seguiria.

— Coinneach, deixe-me sair daqui! Permita-me reunir meus homens! Poderemos ajudá-lo. Por favor...

Torin teve a impressão de falar para ouvidos moucos. Mas, de repente, o rosto de Coinneach reapareceu na abertura.

— Não se voltará contra nós, Torin?

— Eu lhe dou minha palavra que não!

Capítulo XX

Lutar ou fugir.

As duas únicas alternativas. Érica tinha certeza de que o tio lutaria pela honra, apesar da inferioridade numérica dos MacQuarie. Segurou o braço de Torin para adiar o inevitável.

— Tome cuidado! — ela pediu ao amado.

— As armas! Às armas! — Com o grito de guerra, Coinneach acabou com a hesitação de Érica.

O guerreiro escocês fulminou Torin com o olhar, enquanto os parentes arrancavam das paredes escudos, espadas e sabres. Por instantes, Torin suspeitou que Coinneach iria trancafiá-lo de novo na masmorra.

— Eu lhe prometi que ficaria a seu lado, senhor! Sou homem de uma palavra só.

Coinneach MacQuarie murmurou uma impreciação violenta e virou de costas para Torin, que procurava uma arma em condições. Optou por uma espada antiga e pesada. Teria de proteger Érica. Acima de tudo, não permitiria que nenhum mal lhe acontecesse.

Gritos cortaram o ar.

Torin abriu caminho entre os guerreiros envolvidos em uma luta sangrenta, ignorando o clangor do aço das espadas. Encontrou Érica ameaçada por um MacLeod, encostou-a na parede e improvisou um escudo com o próprio corpo. Com um brado de alerta, desembainhou a espada e feriu o oponente.

— Vá buscar os outros! — Érica viu-o hesitar e tomou-lhe a espada das mãos. — Posso tomar conta de mim mesma! Fui eu que ensinei Geordie a esgrimir.

Érica evitou mencionar que até aquela ocasião somente usara armas com lâmina de madeira. A espada de metal parecia-lhe incômoda e pesada.

— Não!

Torin não queria deixá-la, apesar da insistência de Érica.

— Meu tio e os outros enfrentarão uma batalha dura. Assim mesmo acabaremos perdendo. Vá, depressa! Se meus parentes morrerem, não haverá chance de conseguirmos a paz!

Torin titubeou antes de dirigir-se rumo à porta.

— Estarei de volta o mais rápido possível.

— Não posso acreditar que minha sobrinha tenha confiança em um viking — Coinneach resmungou. — Ele irá embora naquele maldito navio. Eu não deveria tê-lo tirado de debaixo da terra.

— Torin voltará. — Essa era a maior certeza de Érica.

Ela observou o grande número de homens que se empenhavam em combates ferozes, atacando, ferindo e matando. O tinido de aço contra aço ecoava pela colina. O tio teve de defender-se de um MacLeod bem mais jovem que ele.

— Saia daqui, Érica! — o tio ordenou. — Esconda-se! Não seja teimosa!

— Não sou nenhuma imbecil. Sei me defender.

Érica tirou um escudo da parede e usou-o para proteger-se da melhor maneira possível, enquanto atacava com a espada. Surpreendeu-se com a própria força. Consciente de que teria de ajudar os parentes, manteve um adversário acuado até desfechar-lhe um golpe e vê-lo cair.

O número de MacLeod que invadia o salão era cada vez maior. Érica não soube precisar há quanto tempo lutavam. Pareceu-lhe uma eternidade. Eram dois MacLeod para cada Mac-Quarie. Olhou por sobre o ombro. Seu clã nunca precisara tanto de ajuda. Até mesmo Geordie se juntara no combate aos agressores.

Onde estaria Torin?

— Veja, Érica! — Geordie apontou. — Ali!

Os guerreiros nórdicos desciam a colina como um grupamento de vingadores irados. Sacudindo espadas e machados, atacaram os MacLeod com ferocidade inusitada.

Diante daquela demonstração de brutalidade, muitos MacQuarie fugiram, apavorados.

— Vikings! Protejam-se!

Enuresposta ao alarme, unubando de jovens correu para dentro do salão.

— Vikings! — O mesmo brado soou atrás das portas onde uma multidão espiava os acontecimentos.

Ato contínuo, sucederam-se aplausos de alegria, quando os MacQuarie perceberam que os pagãos haviam chegado para ajudá-los.

Torin e Coinneach lutaram lado a lado, e uma grande alegria resultou da cumplicidade. A maré da batalha havia mudado de direção. Os MacLeod, que haviam chegado com a pompa de agressores, começaram a bater em retirada.

A batalha foi breve e destruidora. Cadeiras e mesas estavam reviradas, no salão, feridos jaziam largados a par com os mortos. O resultado final foi a vitória dos MacQuarie.

Naquela noite houve uma grandiosa comemoração no salão nobre. Os escoceses e os vikings sentaram-se à mesma mesa, em honra da nova aliança.

— Nunca imaginei que pudesse ficar satisfeito em ver os vikings — Coinneach afirmou, rindo. — Hoje o senhor salvou muito mais do que nosso orgulho. — Bateu nas costas de Torin amigavelmente, como se o entendimento entre eles fosse rotineiro. — Estenda minha gratidão a seus companheiros. Assim poderemos estabelecer uma amizade sólida.

— Verdade, tio Coinneach? — Érica insistiu no assunto. — Torin pretende estabelecer não só uma coexistência pacífica entre nosso clã e o povo dele, mas também uma rota marítima de comércio entre as duas nações.

— Comércio? — Coinneach sacudiu a cabeça, esquecido da amizade florescente.

— Tio, eu pude comprovar as mercadorias maravilhosas que os vikings trouxeram dos portos orientais. O senhor não vai acreditar, mas vi um tecido tão suave como as pétalas de uma flor. Além das mais diversas especiarias...

— Nós temos armas e também itens sem objetivos bélicos.

— Torin não pretendia implorar. Afinal os escoceses lucrariam com os produtos nórdicos.

— Não posso responder agora. — Coinneach coçou a barba.

— Preciso pensar.

— E quanto à sua sobrinha?

Por um momento, pareceu que as hostilidades iriam recomeçar.

— O que há com ela?

— Eu a amo e ela me ama. Isso será suficiente para que o senhor a reconheça como minha esposa, sem que seja preciso descarregar sua fúria sobre ela? — Torin faria qualquer coisa que Coinneach lhe pedisse. — Érica me ama, mas também ama Geordie e o senhor. Não a castigue por estar seguindo o coração.

O olhar distante de Coinneach fez Torin supor que o tio de Érica estivesse recordando o passado. Finalmente o homem se levantou.

— O senhor concordaria em casar-se com Érica sob os ritos do cristianismo?

Sem pestanejar, Torin anuiu com um gesto de cabeça.

— Érica e eu estamos casados pelas leis de meu povo. Se esse pedido a fizer feliz, farei a vontade dela.

Com certeza, Odin não ficará com ciúme.

— Então podemos começar os preparativos. — Coinneach fez o anúncio e cochichou com Érica entre risos. — Será que poderei convencer MacKinnon a aceitar Iona? Acho melhor eu me apressar, antes que ele descubra o mau gênio que ela tem.

Feliz, Érica atirou os braços ao redor do pescoço do tio. Seus pesadelos haviam terminado. O que mais ela poderia desejar?

Um casamento na região das Terras Altas era um acontecimento demorado, feito com esmero e cheio de rituais. Érica foi conduzida até a casa de banhos, onde fora preparada uma banheira com água quente. Toalhas grossas tinham sido penduradas em um mancebo diante do fogo para aquecê-las. Várias criadas encarregaram-se de tirar-lhe a vestimenta.

— Ah, como eu a invejo... — uma das mais jovens confessou, sem esconder a atração que sentia pelo noivo de Érica.

— Nunca vi homem mais bonito, nem em Ulva nem em Mull — outra arriscou o palpite.

Jeanne franziu o nariz.

— O mesmo não se pode dizer em relação aos outros.

— Não sei, não. Aquele mais magro de cabelos ruivos não é de se desprezar.

Érica entrou na banheira e suspirou de prazer ao ser envolvida pela água tépida. Estirou-se no comprimento da tina, enquanto lhe ensaboavam os cabelos. Tentou descontraí-la, mas foi impossível. Nem mesmo o casulo agradável da água conseguia acalmar os batimentos do coração ou fazê-la esquecer do turbilhão que sentia no estômago. Duas cerimônias... Ninguém poderia negar que ela e Torin pertenciam um ao outro!

— Ah, os homens... São todos um demônio! — Jeanne enxaguou-lhe os cabelos e afirmou que se faziam suposições sobre uma gravidez iminente. — A maioria aposta que será um menino. Dizem que Torin aparenta virilidade. — A moça estendeu-lhe uma toalha.

— Não se trata de mera aparência. — Érica fechou os olhos e lembrou-se da última vez em que estiveram juntos.

Elas pararam de tagarelar quando duas servas mais velhas entraram. Vinham trazendo o vestido de Érica, feito em tecido amarelo-pálido ricamente bordado. Um xale branco preso com um broche de ouro era o complemento do

traje e um cinto de couro com correntes de bronze acentuava a cintura delgada. Como era o costume, permaneceria descalça.

— O dia ensolarado será perfeito para a boda.

— E para a perfeição do noivo.

As jovens recomeçaram a falar e a rir, como se elas fossem as noivas. Pentearam e escovaram os cabelos de Érica até deixá-los brilhantes como fogo. As jovens solteiras prendiam os cabelos em um coque, as casadas podiam usá-los soltos. Como Érica não podia ser considerada solteira, fizeram-lhe tranças apenas dos lados, deixando soltos os cachos atrás.

— Está muito bonita, Érica. — Iona não resistiu e teve de elogiar a prima.

— Parece uma rainha! — uma das criadas extasiou-se. Érica parou diante do espelho de aço polido e estudou o próprio reflexo. Beliscou as bochechas para deixá-las rosadas e molhou os lábios para fazê-los brilhar. Então saiu do quarto.... Estava na hora. Desceu a escada e entrou no salão.

— Ah, minha sobrinha, que visão magnífica está nos proporcionando! — Coinneach MacQuarie era todo sorrisos, em pé, ombro a ombro com Torin.

Pegou uma taça das mãos de um servo e ofereceu-a a Érica.

— Beba.

A taça adornada com um ramo de alecrim e fitas coloridas mais parecia uma oferenda pagã. Érica tomou um gole da bebida condimentada e imaginou qual teria sido a noiva da tribo celta que havia segurado aquele objeto antigo. Ofereceu a taça para Torin com um sorriso e explicou a ele que se tratava de uma peça que atravessara gerações, desde o primeiro chefe do clã MacQuarie.

— Nós a entregaremos de presente a nosso filho, quando ele se casar — Torin apressou-se a dizer e recebeu de Coinneach um forte tapa nas costas, à guisa de cumprimento.

O chefe MacQuarie fez um gesto de cabeça que indicava estar na hora de começar o casamento. Levantou-se, empurrou a cadeira para trás e ficou em pé em cima da mesma. Ergueu um brinde com a taça nupcial e um grupo de foliões expressou sua alegria. Érica encantou-se com o fato de ver que a tripulação de Torin compartilhava animadamente das festividades.

Na região das Terras Altas observava-se o hábito dos noivos cavalgarem um formoso cavalo capão. Érica e Torin foram até a estrebaria. Fizeram o pequeno trajeto até a capela do castelo, que ficava do outro lado do pátio, montados em um animal de crina comprida, Torin na frente e Érica atrás dele. No lombo do cavalo, em uma algibeira de couro, estava o dinheiro do casamento guardado por dois guerreiros musculosos que caminhavam um de cada lado do

eqüino. Uma trupe de músicos tocava flauta e harpa, acompanhados por cornamusas. Érica sorriu ao ver que Gardar fora incluído.

Torin ajudou Érica a desmontar e fez sinal para que sua tripulação os seguisse. Mas a capela era pequena e os homenzarrões tiveram de esperar do lado de fora. Érica teve a impressão de que alguns estavam inquietos, talvez por recordar dos lugares santos que já haviam destruído.

— Esperem aqui. Não nos demoraremos.

Érica entrou. Orgulhosa, aceitou a vela acesa entregue pelo sacerdote. O celebrante fez algumas perguntas formais, como se ela era maior de idade, se ela e o noivo juravam não ser parentes consanguíneos, se os pais consentiam no casamento... e o mais importante, se ela e noivo se casavam por livre e espontânea vontade.

— Então adiante-se, minha filha. Nós os uniremos pelo mais sagrado dos votos.

Érica caminhou pela nave lateral até onde o sacerdote se encontrava e ajoelhou-se aos pés de Torin em um gesto de submissão.

— Levante-se!

Juntos, encararam o pároco e repetiram os juramentos solenes. O ministro religioso espargiu água benta sobre eles e rezou a missa complexa. A cerimônia prosseguiu sem percalços e aproximou-se do final. Érica nem se lembrava mais do que dissera, tinham sido palavras balbuciadas em uma língua estranha. Durante o tempo todo, agarrada no crucifixo de madeira, rezou para que o enlace significasse paz duradoura entre os MacQuarie e os nórdicos.

Juntaram as mãos direitas em uma troca dádivas: a feminilidade e a futura maternidade de Érica pela lealdade e proteção que Torin lhe oferecia. Torin pôs a aliança de ouro abençoada que a protegeria do ataque dos demônios em três dedos de Érica, um por vez.

— Com este anel eu a tomo como esposa, com este metal precioso eu a honrarei e com este dote eu a contemplarei — Torin recitou alto, repetindo as instruções de Coinneach.

— Uma prova de amor e fidelidade — o padre completou. A solenidade chegava ao fim. O noivo recebeu o beijo de paz do sacerdote e ajoelhou-se para transmitir o beijo à noiva.

Os noivos voltaram ao salão e presidiram o banquete de casamento, que consistia de carne de carneiro fria, aves, queijos e bolos. Foi servido uísque e ergueram-se brindes ao casal.

Depois do banquete, seguiram-se as danças ligeiras e movimentadas. Os recém-casados lideraram os convidados. Os vikings tomaram parte no festival e Érica divertiu-se ao ver lona dançando com os nórdicos a quem tanto criticava.

Tochas iluminavam os degraus da escada em caracol que conduzia à câmara nupcial. Uma multidão alegre e falastrona acompanhou os noivos até o dormitório.

O rito central do enlace era a bênção do quarto e do leito de Érica e Torin. Era preciso afastar qualquer maldição que pudesse comprometer a fertilidade do casal e também evitar a mácula do adultério feminino. O noivo e a noiva deitaram-se na cama sob olhares atentos de parentes próximos. Coinneach também os fitava, em expectativa.

— É costume entre os escoceses ver-nos em cima do colchão, antes de irem embora. Assim não se poderá negar que o casamento será consumado — Érica explicou para Torin.

— Mas eles irão embora, não é?

Érica riu.

— Claro que sim. Eles respeitarão a nossa privacidade. Dito e feito. O casal foi deixado a sós. O leito nupcial, símbolo decisivo no matrimônio, representava o que estava em jogo: o poder dentro da vida pessoal e sobre a mesma. A crença nas Terras Altas era que a honra, o casamento e a existência de uma pessoa eram para o bem do clã e de todos.

O sacerdote falara sobre a morte e sobre a anulação do enlace. Em caso de morte, o sobrevivente não estaria livre para casar-se com irmãos ou outros parentes do morto, parentes por afinidade, interditos por quatro graus canônicos e consanguíneos por sete.

— Vão na Santa Paz de Deus...

Torin ficou deitado em silêncio, para recuperar-se da tensão do momento. Depois, devagar e com grande ternura, iniciou o jogo amoroso que haveria de culminar com a satisfação de seu maior desejo.

Murmurou o nome da esposa e escondeu o rosto nas mechas acobreadas e sedosas de seus cabelos. A fragrância delicada de flores era inebriante. Ele depositou uma trilha de beijos pelo pescoço e colo macios. Impaciente, livrou-a das roupas.

As mãos de Torin estavam em toda parte e o toque delas incendiava o desejo de Érica. Ela se contorcia, imersa na sensação gloriosa despertada pelo marido. Quando finalmente ficou nua, Torin, arfando, fitou-a com paixão.

— Eu te amo, meu tesouro... — Reverente, tocou-lhe os seios com gentileza e suavidade, até que os sentiu intumescidos.

A exploração parecia ser feita com centenas de plumas. Érica fechou os olhos diante do encantamento. Mesmo sem olhar para o marido, via o físico musculoso, os olhos azuis, os cabelos claros. Um belo homem. O que mais a encantava era a ternura que vinha mesclada com tanta energia. Érica acariciou-lhe o peito com movimentos sensuais. Ouviu-o prender a respiração e tomou coragem para continuar.

Torin segurou-lhe a face e beijou-lhe as pálpebras, as maçãs do rosto e a boca.

— Érica... Érica... — Torin chamou-a infinitas vezes.

— Fico muito feliz por agradá-lo e também porque me agrada. — Érica deslizou os dedos pelos ombros, pela nuca e agarrou-se nos cabelos dourados, enquanto ele a beijava com ardor.

Depois de alguns momentos, Torin afastou-se e tirou a camisa pela cabeça. Depois livrou-se da calça e da túnica. Desnudo, deitou-se de lado e puxou-a de frente para ele. Ambos se acariciavam com suavidade, extasiados um com o outro.

Érica não se cansava de admitir o imenso prazer de estar despida ao lado de Torin. Em questão de segundos, sentiu o calor interno aumentar. A respiração tornou-se mais difícil. A dor da ansiedade causava prazer e sofrimento. O corpo formigava, dos seios à virilha. A sensação palpitante aumentava ao mesmo tempo que Torin lhe acariciava o ventre e a penugem macia entre as pernas.

Érica entregou-se a um abandono selvagem. Gemendo, continuou a alisar o corpo másculo.

Eram iluminados por três velas. Érica tinha pele clara, quase translúcida; Torin tinha a tez mais escura. Ele se ajoelhou ao lado da esposa e beijou-lhe os seios, mordiscando os mamilos até Érica estremecer. Sussurrou palavras de amor e resvalou os dedos entre as coxas.

— Faça amor comigo, Torin, por favor — Érica implorou em um fio de voz.

Torin pressionou-lhe os lábios com fúria, enquanto investia sem pressa, mas com vigor. Ao sentir a maneira como ela se entregava sem reservas, teve certeza de que o amor era o verdadeiro significado da vida, a única coisa no mundo que tinha valor. Fechou os olhos e imaginou por que sempre dera prioridade a coisas muito menos importantes.

Juntos, trilharam o caminho do prazer. Érica teve certeza de que, sem Torin, jamais seria uma mulher completa. Abraçou-o com paixão, os corações batendo no mesmo ritmo, os lábios colados em um beijo profundo e os corpos

se abandonando à dança sensual do amor. Érica sentia-se inebriada com o calor de Torin e com sua rigidez. Envolveu a cintura dele com as pernas e arqueou o corpo.

— Torin!

Houve uma explosão de êxtase e os dois fundiram-se em um só. Amor.

Não havia outras palavras para descrever o momento.

Devagar, voltaram à terra e os corações retomaram aos poucos o ritmo normal. Torin fitou o rosto da esposa e afastou-lhe os fios de cabelos dos olhos.

— Durma — ele murmurou, abraçado com Érica.

No dia seguinte, partiriam para a Escandinávia. Mas aquela noite lhes pertencia.

Érica suspirou, aconchegou-se no marido e aninhou o rosto no peito largo. Torin acariciou-lhe brandamente as costas, até ela adormecer.

Capítulo XXI

Torin descansava o braço sobre o abdômen de Érica. Estavam deitados juntos. Definitivamente casados. O som da respiração do marido trouxe a Érica sentimentos de paz e satisfação. Tinham sido unidos pelas leis de dois povos. Ninguém poderia negar-lhes o direito à felicidade.

Érica acariciou-lhe os ombros e lembrou-se da paixão abrasadora da noite anterior. Como era delicioso ficar abraçada com ele... Como era maravilhoso ser casada com ele!

— Érica? — Torin agradecia a bênção de tê-la nos braços. Os cabelos dela pareciam um manto vermelho espalhado sobre o travesseiro.

Érica encostou a cabeça no ombro de Torin e enrodilhou-se mais na curvatura dos músculos fortes. Estremeceu ao pensar em como estivera perto de casar-se com MacKinnon.

— Está com frio?

— Não. Eu estava pensando em como quase fomos separados. Pode-se dizer que temos uma dívida de gratidão para com os MacLeod por aparecerem naquela hora. — Érica deu uma risada marota. — Isso deu a tio Coinneach a oportunidade de pensar em outra coisa além da raiva que sentia de você.

— Mesmo que os MacLeod não tivessem aparecido, eu teria encontrado uma maneira de resgatá-la. Jamais me conformaria em perdê-la. — Enquanto falava, Torin acariciava o quadril e a perna de Érica.

Minha para sempre! Pensou.

— Eu seria uma morta-viva se tio Coinneach houvesse cumprido a ameaça. — Érica suspirou, satisfeita. — Agora tenho certeza de que acordarei todas as manhãs a teu lado.

Saber que Torin era seu marido e que pertencia a ele deixava-a feliz. Torin era muito mais do que qualquer mulher poderia desejar.

Ele deslizou a ponta dos dedos da curva do pescoço até a pele macia sob os joelhos e voltou, passando pelo abdômen liso. Com as mãos em concha, segurou os seios e apertou-os suavemente.

— Nada se compara à suavidade de uma mulher...

— Somente a virilidade de um homem.

Érica não se contentava em apenas receber prazer, queria doar também. Com essa idéia em mente, acariciou-lhe os antebraços e a rigidez do físico musculoso.

— Ah, como adoro ter suas mãos sobre mim! — Torin deu um suspiro profundo.

Érica prosseguiu, centímetro por centímetro, animada com a reação positiva.

— Ah... — Torin emitiu um som gutural.

Érica abraçou-o pela nuca e beijou-lhe os lábios. Em instantes, eles rolavam na cama de um lado a outro, até que Torin se posicionou sobre o corpo dela. Érica gemeu de prazer, certa de que jamais se cansaria daquelas sensações inebriantes.

Uma forte batida na porta interrompeu-lhes o deleite.

— Pelas barbas de Odin! Quem pensaria em perturbar um homem em seu leito marital? — A imprecação foi abafada pela mão de Érica.

— Tio Coinneach, se tivesse alguma coisa em mente. — Érica pressionou com força o corpo contra o do marido. — Se o ignorarmos, ele acabará indo embora.

A esperança de ambos não se concretizou. Batidas fortes se sucederam.

— Érica? — Não havia dúvida possível. Era a voz de Coinneach MacQuarie. — Sei que está aí dentro! — Ouviu-se um gargalhar abafado. — Diga a seu marido que quero conversar com ele!

Torin mordiscou a orelha de Érica.

— Espero que ele não tenha resolvido trancar-me de novo na masmorra — sussurrou.

— Se ele fizer isso, terá de me prender junto! — Érica traçou uma linha imaginária na clavícula de Torin.

— Érica! — Coinneach insistiu.

Érica fitou a porta, Torin e de novo a porta. Não havia como ignorar o tio.

— Meu marido está dormindo!

— É mesmo? — Escutou-se um riso baixo e sarcástico. — Já é de manhã, Érica. Tenho negócios para cuidar e eles envolvem seu marido. Diga-lhe...

— Dizer-me o quê? — Torin não escondeu o aborrecimento. Ragnar seria incapaz de interromper um par de recém-casados. Coinneach era um homem surpreendente.

— Queira fazer o favor de vir até meus aposentos sem demora — Coinneach respondeu. — Temos de tratar de alguns acordos... isto é, se o senhor ainda estiver interessado em comerciar.

Torin resmungou e saiu da cama, contrariado. Enfiou a calça, os sapatos de couro, a túnica, o cinto e o calção largo. Foi até a porta e abriu-a com raiva. Coinneach não estava no corredor, mas seus passos podiam ser ouvidos descendo a escada. Sempre resmungando, Torin seguiu-o e logo foi saudado com pouca simpatia.

— Os cachorros! — Torin tentou acalmar os dois animais grandalhões que rosnaram à sua aproximação.

Com os pêlos da nuca eriçados e mostrando os dentes, os cães deixavam claro que não perdoariam um passo em falso.

— Calma... calma... — Torin passou bem devagar por eles.

— Parece que ninguém se preocupou em explicar aos cachorros que os vikings e os escoceses de Mull e Ulva não são mais inimigos.

— Gardar! — Era óbvio de onde ele viera. A roupa estava amarfanhada, e o olhar, envergonhado.

— Hum, será que teremos outro casamento em breve? — Torin perguntou, cutucando-lhe o ombro.

Gardar corou.

— Bem, ela já disse "sim", mas... mas...

— Ela não o acompanhará até a Escandinávia.

Gardar anuiu.

— Eu... eu... terei de ficar aqui.

Embora perturbado por perder o amigo para os MacQuarie, Torin entendia os sentimentos de Gardar.

— Talvez eu possa chegar a um entendimento com o tio de Érica e fazê-lo entrar como parte do acordo. — Torin reparou no olhar espantado de Gardar.

— Espere e verá.

Torin fez sinal para Gardar segui-lo. Começaram a caminhar e os dois animais ferozes rosnaram, ameaçadores.

— Talvez não tenham sido alimentados — Gardar comentou e apressou-se.

Os dois amigos entraram em um recinto enorme e encontraram Coinneach sentado em uma cadeira de espaldar alto. Olhava à frente, como se não houvesse percebido a chegada dos dois.

— Estamos contentes com a vida que levamos nas Terras Altas. Meu povo é autônomo, independente e orgulhoso. Ao mesmo tempo, dependemos uns dos outros. Somos como uma família que não gosta de estranhos. Temos segurança e somos bem alimentados. A vida aqui é simples e bucólica.

— Não duvido de que o senhor esteja satisfeito — Torin interrompeu-o.
— Mas se abrir o coração e a mente, poderá dobrar seu contentamento.

— E aumentar nossa população como fizeram ao norte de Alba, com estrangeiros misturados aos nativos? — Coinneach sacudiu a cabeça. — Não é isso o que eu quero. Estamos isolados e por isso não temos acesso a bens mundanos. Mas somos homens livres.

— E assim deverão permanecer. Tem a minha palavra de honra. Nem Ragnar nem eu traremos estranhos para cá. Queremos comerciar e não colonizar.

Torin sabia que Ragnar era muito mais comerciante de que conquistador, ou alguém afeito a pilhagens. Nos seus ataques, interessava-se muito mais pela prata de que pela luta.

— Isso diz o senhor. — Ambos se entreolharam, avaliando a determinação aparente nas fisionomias. — Existe um rio de sangue entre nós.

Torin anuiu.

— Espero que, juntos, possamos construir uma ponte sobre esse rio. Se não com amizade, pelo menos com alguma medida de entendimento.

Coinneach ficou em silêncio por algum tempo e depois suspirou.

— Muitas vidas já foram desperdiçadas... em vão.

— Concordo inteiramente.

— Acredito que o senhor seja um homem confiável, pois cumpriu sua palavra e auxiliou-nos quando os MacLeod atacaram. E quanto aos outros?

Torin pigarreou.

— O perigo de traição sempre existe... — Lembrou-se de Herlaug — ...mesmo entre os mais chegados. Temos a oferecer-lhe madeira para a construção de navios e ferro para a confecção de armas e ferramentas. — Torin Rolandsson cruzou os braços na altura do peito e encarou Coinneach sem pestanejar. — Protegerei as Terras Altas como se fossem meu próprio lar.

— Não posso duvidar que o senhor ama minha sobrinha e confio em sua palavra. Porém tenho minhas preocupações...

— Os tempos mudaram — Cardar interveio. — Embora eu não tenha razão para simpatizar com os vikings, sei que eles são como a maré. Ninguém os segura. Mas sempre temos muito o que aprender, mesmo com os inimigos. — Fitou Coinneach com ar significativo, como a lembrá-lo do que os escoceses haviam feito com os pictos. — Aprendi isso muito cedo.

Coinneach praguejou.

— Somos os senhores das ilhas. Não precisamos de mais nada. Entenderam?

— O senhor é quem sabe. — Torin fez menção de sair. — Não se fala mais nisso.

— Espere um pouco, ainda não terminei.

A um gesto seu, dois guardas bloquearam a saída, mas foram dispensados.

— O que o senhor quer de nós? — perguntou com um leve sorriso. — Além de nossas mulheres, é claro.

Torin apontou para o traje de Coinneach.

— Tecidos. A trama é firme, e o colorido, belo.

Coinneach estufou o peito com orgulho, como se fosse o responsável pelo trabalho.

— Nossas mulheres usam plantas de Ulva e Mull para a tintura. Esse segredo é delas.

A base inicial do comércio nórdico fora o âmbar, uma resina fóssil proveniente de uma espécie extinta de pinheiro do período terciário, sólida, amarelo-pálida ou acastanhada, transparente ou opaca. O mar trazia o âmbar em pedaços grandes. As mulheres vikings gostavam do brilho dourado dos colares de contas feitas de sucino. A pedra, quando esfregada, adquiria carga magnética muito apreciada. A propriedade era rotulada como mágica.

— Nós trocaremos âmbar pelos tecidos.

Gardar, que sempre trazia no pescoço um colar de âmbar para efeito de proteção, exibiu a peça.

Coinneach, com a testa franzida, examinou a resina.

— Isso e mais alguma coisa.

— Âmbar e madeira para os navios.

— Aceito!

— Nosso povo ama tudo o que vem do mar — Torin explicou. — Lembro-me do dia em que o senhor me convidou para caçar... — quando pretendiam matar-me. — O senhor me disse que aqui havia peixes em abundância.

Mais uma vez, Coinneach demonstrou orgulho.

— Isso mesmo. Temos salmão, trutas-do-mar de várias espécies, caranguejos, enguias, ostras...

— Comercializamos peles para vestimentas, pele de baleia e de foca para fazer cordas náuticas. Usamos ossos de baleia e marfim de morsa com os mais diversos desenhos.

— Pagãos?

— Temos cruzes entalhadas para os cristãos. Coinneach tornou a dar um sorriso discreto.

— Bem, então vamos iniciar o comércio proposto por Ragnar.

MacQuarie puxou uma cadeira e fez sinal para que Torin se sentasse. Gardar preferiu sentar no chão, aos pés do amigo. Torin disse a Coinneach que Gardar estaria autorizado a agir em seu lugar e a administrar o prosseguimento do acordo. Ficaria encarregado das balanças quando houvesse necessidade de trocar moedas, prata ou outros materiais preciosos.

Gardar entendeu a intenção de Torin de mantê-lo em Alba.

— Sempre quis ter filhos — Coinneach falou de repente —, mas nunca fui atendido em minhas preces. — Tenho Geordie, é claro. Mas imagine se algo acontecer ao rapaz. Será um caos! A única esperança de continuar minha linhagem é através da próxima geração. — Apertava e desapertava os dedos das mãos. — E eu o encarregarei de uma missão. Um dos compromissos do casamento com Érica é que o primeiro filho varão usará o sobrenome MacQuarie.

Torin deu um pulo da cadeira.

— Meu filho terá seu nome!

— É o que eu disse. — Coinneach levantou o punho, ameaçador. — A paz tem seu preço. Não sou um homem simplório. Ragnar conseguiu a filha, e o senhor, uma bela esposa. Os senhores terão lucro em comerciar conosco. E

quanto a mim? — O suspiro foi profundo. — Espero que essa união me dê lucro idêntico ao de Ragnar.

Torin fitou a porta. Esperava ser levado para o calabouço a qualquer momento. Que Odin se encarregasse dos MacQuarie. Sentia-se preso em uma armadilha. Antes do enlace não houvera nenhuma menção desse tipo de acordo.

Coinneach viu a expressão de Torin e abrandou o tom de voz.

— O pedido não é incomum. Se perguntar a Érica, ela lhe explicará o nosso costume de apadrinhamento. Os filhos crescem no lar de outros para aprender e fortalecer o clã.

Aagitado, Torin andou de um lado a outro, sem parar. Ragnar jamais concordaria com o pedido de MacQuarie, mesmo se o acordo houvesse sido firmado antes do casamento. Torin batia o punho fechado na palma da outra mão, para controlar a raiva. Tinha vontade de gritar que estava sendo ultrajado. Mas teria de conter-se, pois o resultado seria devastador: perderia Érica para sempre.

— O senhor pretende punir Ragnar, é isso?

Coinneach não respondeu. E nem precisava. O queixo travado foi a resposta. A postura rígida do corpo deixava claro que não recuaria no assunto.

— Pois esteja certo de que o castigo se estenderá a Érica e a mim.

Quando tivessem um filho, Érica seria forçada a escolher. Ou ficaria com o marido na Escandinávia ou ficaria em Alba com o filho. Mesmo assim, Torin acabou concordando com os termos impostos.

Assim que Torin lhe contou o ocorrido, Érica subiu até as ameias do castelo e deixou que o vento resfriasse um pouco o rosto afogueado. Não podia acreditar que seu tio fosse capaz de uma maldade daquelas. Lembrou-se da história do rei Salomão contada pelo sacerdote. Duas mães haviam reclamado a maternidade de uma criança e procuraram os conselhos do rei. Naquela altura, seu tio lutava pelo direito de uma criança que nem fora concebida!

— A criança será minha! Eu serei a mãe!

Mas o destino de uma mulher era cruel. O futuro não estava em suas mãos. Outros decidiriam por ela. Para o tio, tudo era muito simples, mas ela não se conformava em servir de ventre para gerar um sucessor para os MacQuarie.

Érica inspirou ar fresco e suspirou. Suas emoções giravam em um redemoinho.

Não! Não permitiria que o tio ditasse o destino de seu filho! Nem que ele manipulasse sua vida, a vida da criança e a de Torin. Estava na hora de dar um basta em tudo aquilo!

Érica bateu na porta, apesar da impressão de que a mesma era uma ponte levadiça pronta para tragá-la.

— Quem é? — a voz estrondeou no silêncio.

— Érica. Quero falar com o senhor.

Coinneach MacQuarie abriu a porta, sem nenhuma demonstração de boas-vindas.

— O que aconteceu de tão importante que a fez interromper a paz e a tranqüilidade de um homem? — O tio fitou-a e recuou. — Por que essa expressão terrível?

— Tenho de dizer algumas coisas.

— Não gaste sua saliva à toa, menina! Se o seu belo marido já foi se queixar sobre a minha vontade, será tempo perdido. Já tomei minha decisão!

— Sua decisão!

— Isso mesmo, Érica. Minha decisão.

— Então permita dizer-lhe que eu também já tomei a minha!

— O quê?

— O que resolvi vai complicar suas intrigas e tramóias — Érica afirmou de cabeça erguida. — Como o senhor se acha com autoridade para dizer o que devo fazer com meu filho, terá de escutar algumas verdades. Do fundo de meu coração, meu maior desejo é ser a mãe de muitos filhos de meu marido. Porém...

— O quê? — Coinneach repetiu, com o rosto contraído.

— Dessa vez o senhor não vai impor sua vontade. — Érica inspirou fundo, sentindo os joelhos e as mãos trêmulos. — Serei forçada a fazer um sacrifício. O pior de todos, para uma mulher. — Fechou os olhos por um instante e tornou a abri-los. — Se insiste em ser tão cruel e egoísta, pensando em vingança só porque minha mãe amou um viking... o senhor não poderá roubar-me um filho! Eu jamais os terei!

— Mas que absurdo é esse?

— Há muitas maneiras de uma mulher não ter filhos. O assunto é de conhecimento de qualquer parteira.

— Isso é contra as leis de Deus! Não acredito que tomaria uma atitude dessas!

— O senhor pensa somente em si mesmo e em seu ódio... O senhor pretende ficar com meu filho e passar por cima da autoridade de meu pai como em um jogo sangrento... O senhor não se importa com os sentimentos de meu marido... Tio Coinneach, Deus é testemunha de que farei exatamente o que estou dizendo!

Ele ergueu uma das mãos, em um gesto que usava para intimidar e silenciar qualquer oposição.

— Não tenho a menor intenção de ser ameaçado por minha sobrinha. Sou o chefe do clã dos MacQuarie. Minha palavra é lei!

No passado, Érica teria ficado intimidada. No momento, a amargura a consumia.

— O senhor pode ser o líder dos MacQuarie, e sua palavra, uma lei nesta ilha. Mas até o mais poderoso dos chefes tem de curvar-se a um poder maior.

— Érica! — Coinneach gritou, vermelho de ódio.

O olhar de Érica brilhou sob a luz das velas. Um filho seu deveria promover a paz entre o clã e os vikings.

— Eu sempre soube que o senhor lamentava que Iona e eu fôssemos mulheres. O senhor nunca escondeu o fato. E também fui discriminada por minha descendência viking. Acha que eu iria submeter um filho meu a esse sofrimento? O senhor pode contar com Geordie. Algum dia ele será um chefe muito competente. Ele terá filhos e Iona também lhe presenteará com netos. O senhor não precisa de meu filho!

Érica sentiu um grande aperto no coração que a impediu de respirar. Sem poder conter-se mais, irrompeu em um mar de lágrimas.

Coinneach moveu-se com o desespero da sobrinha e tocou-lhe no ombro com carinho.

— Eri, não chore. É que... não posso aceitar a idéia de dividi-la com Ragnar. Eu amava sua mãe e ele a fez sofrer muito.

— Isso foi há muito tempo. Por meu intermédio, ele está tentando reparar os erros. — Érica afastou as lágrimas da face com as costas da mão. — Talvez ele também tenha motivos para estar com raiva do senhor. Não importa. Não permitirei que minha vida seja perturbada pelo que houve entre os senhores. Nunca mais! Se isso significar o meu banimento... — Ela deu de ombros.

Coinneach mostrava-se visivelmente perturbado. Jamais alguém lhe falara daquela maneira.

— Acha que eu a baniria?

— Eu só quero ser feliz, meu tio — Érica afirmou, em um fio de voz. — Quero me sentir amada. Isso é pedir demais? — Segurou a mão do tio. — Durante toda minha vida tive uma sensação de vazio dentro de mim. Com Torin, nada disso existe. Todas as manhãs acordo agradecida por mais um dia e por ele. Por que o senhor iria querer tirar de mim essa felicidade?

— Eu não...

— Mas é isso que fará se não me permitir viver da maneira como desejo e onde eu quiser. Também quero educar meu filho sem receio de seu ódio, meu tio. Tenho quatro homens em minha vida a quem amo com todo meu coração. Meu marido, meu pai, meu irmão e o senhor. Não posso ser forçada a escolher entre eles.

Coinneach abaixou a cabeça.

— Não terá de fazê-lo, Eri.

— Então não ficará com meu filho? Houve uma longa pausa, antes da resposta.

— Não. — Ele a tomou nos braços. — Érica, o que mais desejo é a sua felicidade. Perdoe-me, mas o ódio deixou-me cego. Sou um velho maníaco.

— Todos temos nossas manias! — Érica piscou para não chorar. — Eu gostaria que Geordie visitasse a Escandinávia. E também que Torin e eu viéssemos muitas vezes aqui. — Puxou-lhe a barba com suavidade. — E que o senhor também fosse nos visitar.

Coinneach arreganhou os dentes.

— E o que o velho Ragnar diria a isso?

— Não sei, mas estou curiosa para saber.

Tio e sobrinha desceram a escada de braços dados. Érica rezou para que a partida de Alba não fosse um fim, mas um recomeço.

Os dias que se seguiram foram repletos de reparações e esclarecimentos. Foi um tempo de paz. Um tempo para o amor.

Fitando um arco-íris brilhante por uma janela do castelo, Érica esperava que a amargura e o sofrimento houvessem ficado para trás.

— No que está pensando, meu amor? — Torin aproximou-se e tirou-lhe uma madeixa de cabelos dos olhos. Era um gesto que sempre a deixava animada.

— Nos últimos acontecimentos. — Érica virou-se devagar. — Acha mesmo que essa paz frágil vai perdurar? Meu tio tem um temperamento terrível. E pelo que sei, meu pai não fica muito atrás. Será que eles já aprenderam?

— Com certeza! — Torin segurou-lhe o rosto entre as mãos e fitou-a intensamente. — Estou tão orgulhoso de minha bela esposa... Permita-me uma pergunta. A ameaça de não ter filhos era verdadeira?

— Eu estava blefando. Rezei para que meu tio não descobrisse. Eu jamais tiraria a vida de inocentes. Filhos seus serão preciosos demais para mim. — Aquele fora o gesto mais ousado que já cometera em sua vida. Tudo estaria realmente terminado? As carnificinas e os ódios estariam enterrados?

— Ah, Torin, eu o amo tanto...

— Eu também a amo, meu tesouro. Isso faz um homem acreditar em finais felizes.

— Uma mulher também...

Érica espiou os campos pela janela. Eles nunca lhe pareceram tão magníficos e verdejantes.

— Veja, Torin! O arco-íris ainda está no céu, como uma coleção de fitas.

Torin sorriu.

— Dizem que no final dele há um pote de ouro. Vamos tentar encontrá-lo amanhã, quando partirmos para a Escandinávia?

Torin curvou a cabeça e beijou a esposa.

— Eu já encontrei tudo o que preciso a seu lado. E é de onde nunca mais pretendo sair.

Os dois tiveram a mesma certeza. Nunca tinham sido tão felizes.

A nau viking partiu de Alba levando a bordo um vasto carregamento de tecidos, ostras, enguias e uma grande quantidade de salmão.

Torin rumava para casa abraçado à esposa. Não queria que ela sentisse frio. Um vento gelado soprava do oceano.

— No que está pensando, minha querida? — ele perguntou, afastou-lhe fios de cabelos dos olhos e beijou-lhe a testa.

— Em como Ragnar ficará feliz com todas essas mercadorias trazidas de Alba. E em como estou contente pelo desfecho dos acontecimentos. Meu pai e eu temos muitas coisas para contar um ao outro.

Radiante por estar ao lado do marido, Érica encostou a cabeça no peito másculo. Como seria bom se pudessem ficar daquela maneira para sempre, olhando o oceano, livres de preocupações, imersos na alegria simples de compartilhar daquela afeição mútua! Esquecer as diferenças entre os povos e a traição de Herlaug, e lembrar apenas das coisas alegres da vida. Érica não desejava mais nada.

O sol refletia-se na água como labaredas de uma fogueira.

— Na Escandinávia temos o sol da meia-noite. São dias sem fim. O sol do verão não se põe, é eterno.... assim como o amor que lhe dedico, minha querida. Loki se encarregará de qualquer um que se atrever a sonhar tomá-la de mim!
